

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Escola Superior de Educação Física
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



Tese

**A CONSTRUÇÃO NEGRA DA MEMÓRIA SOCIAL DO HANDEBOL NO BRASIL:
reminiscências de agentes do campo esportivo maranhense do ginásio de
desportos prof. Ronald Carvalho (São Luís-MA/1970 a 1980)**

José Carlos Ribeiro

Pelotas, 2024

José Carlos Ribeiro

**A CONSTRUÇÃO NEGRA DA MEMÓRIA SOCIAL DO HANDEBOL NO BRASIL:
reminiscências de agentes do campo esportivo maranhense do ginásio de
desportos prof. Ronald Carvalho (São Luís-MA/1970 a 1980)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Rodrigues Curi Hallal

Pelotas, 2024

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

R484c Ribeiro, José Carlos

A construção negra da memória social do handebol no Brasil [recurso eletrônico] : reminiscências de agentes do campo esportivo maranhense do ginásio de desportos prof. Ronald Carvalho (São Luís-MA/1970 a 1980) / José Carlos Ribeiro ; Prof. Dr. Pedro Rodrigues Curi Hallal, orientador. — Pelotas, 2024.
243 f.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Negro. 2. Memória habitus. 3. História oral. 4. Handebol. 5. Ginásio desportivo. I. Hallal, Prof. Dr. Pedro Rodrigues Curi, orient. II. Título.

CDD 796

José Carlos Ribeiro

A CONSTRUÇÃO NEGRA DA MEMÓRIA SOCIAL DO HANDEBOL NO BRASIL:

reminiscências de agentes do campo esportivo maranhense do ginásio de desportos
prof. Ronald Carvalho (São Luís-MA/1970 a 1980)

Tese aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 9 de agosto de 2024.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Pedro Rodrigues Curi Hallal (Orientador)

Doutor em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo

Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta

Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof.^a D.ra Silvana Vilodre Goellner

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas

Dedico à Raimunda Primitiva Ribeiro, minha mãe,
legítima representante do protagonismo da mulher
negra no campo social maranhense.

Agradecimentos

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), pelo ensino gratuito e de qualidade ofertado neste período de aprimoramento da minha formação acadêmica.

Ao Instituto Federal do Maranhão (IFMA) e à Secretaria de Desporto e Lazer do Estado do Maranhão (SEDEL), pela liberação, conferindo tranquilidade ao trabalho. Ao meu orientador, Prof. Dr. Pedro Rodrigues Curi Hallal, pelo aceite em orientar, pelo acolhimento, pela pontualidade e confiança passadas, pelas orientações cirúrgicas e precisas nos constantes ajustes da pesquisa da tese acadêmica.

Aos colegas da UFPel, pelo acolhimento, pelos conhecimentos compartilhados e pelos laços construídos de amizades.

Aos colaboradores do estudo pelas inestimáveis contribuições para a construção desta tese, pelas entrevistas, pelas fontes documentais ofertadas através de acervos individuais pessoais.

Aos professores da banca examinadora, pelas importantes observações e sugestões fundamentais feitas durante a banca de qualificação que auxiliaram na construção da tese.

A todos os docentes, que de alguma maneira fizeram parte de minha trajetória durante o processo de doutorado, compartilhando momentos, experiências e saberes.

Ao Prof. Dr. Alexandre Carriconde Marques (*in memoriam*), pelo acolhimento.

À Raimunda Primitiva Ribeiro, esta Obra de Arte Divina Viva que Deus me deu como mãe, nesta reencarnação para cumprir minha missão! À Raimundo José Raimundo Maia, meu pai, por ter permitido vir a este mundo.

À Magdália Pereira Cruz, Teresinha Guedes, Mery Trabulsi Ericeira, Teresinha de Cesar pelas suas amizades.

In memoriam dos espíritos de Antônio da Hora, Dionísia Ribeiro, Bibiano e Porcina Ribeiro, Antônio Virgílio Pinheiro, Joana Raimunda Maia, Mercedes Rondon Pinheiro, José Guedes, Sadi Ericieira, Gilbert Zaqueu de Araújo, Júlia Zaqueu de Araújo e José Pinheiro Silva.

As memórias ancestrais dos corpos negros que construíram o handebol maranhense para as atuais e futuras gerações do campo esportivo do Maranhão, que pretendi reconstruir com este estudo.

Ciclos Cósmicos

Nós vivemos num ilimitado e misterioso, mas ordenado Universo, que evolui e reevolui em ciclos. Um ciclo é um período de tempo em que certos aspectos ou movimentos de corpos celestes se repetem; um período de anos ou eras; ou períodos recorrentes em que certos fenômenos ocorrem e se inter-relacionam com toda a vida.

Há ciclos de órbitas nos céus, ciclos das estações, ciclos do dia e da noite. Existem também, os ciclos das eras.

As mudanças ocorrem em pequena, média e ampla escala. Ciclos menores ou maiores podem ocorrer cada dez, mil, três mil, dez mil anos e assim por diante, repetindo-se continuamente dentro da eterna marcha do tempo. Na verdade, o Universo é infinitamente misterioso - tão misterioso, que o entendimento do homem atual ainda não pode compreendê-lo.

Após uma Era de aproximadamente três mil anos de relativa obscuridade, encontramos-nos agora no alvorecer de uma nova Era de Luz. Trata-se de uma mudança tão sem precedentes, que se torna difícil captar sua integral importância. É um momento decisivo que nenhum dos nossos antepassados teve o privilégio de experimentar.

Como somos afortunados, nós, que vivemos neste período de tempo, por podermos entender, ainda que parcialmente, o verdadeiro significado desta transformação, adquirir os meios - através do Johrei -, a fim de tornar esta transição mais fácil para cada um ao servirmos a Deus e à Humanidade.

Meishu-Sama - Os Novos Tempos

Resumo

RIBEIRO, José Carlos. **A CONSTRUÇÃO NEGRA DA MEMÓRIA SOCIAL DO HANDEBOL NO BRASIL:** reminiscências de agentes do campo esportivo maranhense do ginásio de desportos prof. Ronald Carvalho (São Luís-MA/1970 a 1980). Orientador: Pedro Rodrigues Curi Hallal. 2024.243 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.

A presente pesquisa buscou problematizar a memória de agentes negros que testemunharam o handebol no ginásio prof. Ronald Carvalho em São Luís (MA). Trata-se de uma pesquisa qualitativa com *corpora* ancorados nos pressupostos teóricos-metodológicos nos estudos da Memória e da História Oral. Para fazer parte da amostra, os agentes negros deviam ter experienciado e testemunhado o handebol no ginásio nos Jogos Escolares Maranhense (JEM) por uma escola ludovicense entre os anos de 1970 e 1980; ter experienciado algumas das funções como: técnico, atleta, árbitro, dirigente, torcedor e em escola diferente dos demais entrevistados. Foram realizadas entrevistas, que foram gravadas e transcritas, com nove indivíduos negros. Os produtos da pesquisa foram sistematizados em dois artigos acadêmicos. No primeiro artigo, procura-se, a partir da memória do interior do ginásio, identificar agentes negros em distintas funções, instituições escolares e interpretar os mecanismos de ação e produção do handebol no interior dos JEM na estruturação do campo esportivo dos jogos. Os resultados indicaram os motivos dos agentes negros selecionados para experienciar outros eventos esportivos local e nacional, suas “produções” e atender às demandas do handebol maranhense. O segundo artigo versa sobre o Curso Técnico em Educação Física da Escola Técnica Federal de São Luís (ETFMA) (1970-1980). Identificou-se um curso voltado para agentes sociais negros oriundos dos JEM, que desejavam atuar no campo esportivo profissional maranhense, mas sem capital simbólico, social e econômico exigidos nas Instituições Ensino Superior (IES) local e não local, descortinando assim, muito mais sobre o seu tempo. O terceiro artigo é produto de uma investigação acerca da memória experiencial de três mulheres negras atletas de handebol que vivenciaram a gênese da estruturação do esporte no Maranhão e no Brasil nas décadas de 1970 e 1980. Os resultados apontaram que as atletas se inseriram de modo semelhante no handebol, seus *habitus* cruzados na iniciação esportiva escolar, nas seleções estudantis e em clubes locais e nacionais, que enfrentaram tensões, afastamento da família e dos amigos, racismo e discriminações, adaptações aos treinos, salários irrisórios e grande sucesso esportivo. Ressalta-se que os agentes negros construíram um legado intergeracional para as atuais e futuras atletas negras, que o presente estudo procurou evidenciar. Conclui-se que a violência epistêmica e o sistemático memóricídio negro no campo científico e esportivo da sociedade brasileira aparecem como uma marca constituinte da memória social oficial do handebol no Maranhão. Frente a isso, a pesquisa em forma de luta é possível quando considera os objetivos e as prioridades de um grupo marginalizado pela sociedade. Enfim, intelectuais negros insurgentes de seu campo de atuação são convocados a combater o esquecimento, o silenciamento e o apagamento da memória negra, o memóricídio do povo negro.

Palavras-chave: negro; memória *habitus*; história oral; handebol; ginásio desportivo.

Abstract

RIBEIRO, José Carlos. **THE BLACK CONSTRUCTION OF THE SOCIAL MEMORY OF HANDBALL IN BRAZIL: reminiscence of agents from the Maranhão sports field at the sports gym Prof. Ronald Carvalho (São Luís-MA/1970 to 1980).**

Advisor: Pedro Rodrigues Curi Hallal. 2024. 243 f. Thesis (Doctorate in Physical Education) – Higher School of Physical Education, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2024.

This research sought to investigate the memory of black agents who witnessed handball at the Ronald da Silva Carvalho gym in São Luís (MA). This is a qualitative research with corpora anchored in the theoretical-methodological assumptions in the studies of Memory and Oral History. To be part of the sample, black agents must have experienced and witnessed handball in the gym at the Maranhense School Games (JEM) at a Ludovicense school between the 1970s and 1980s; having experienced some of the roles such as: coach, athlete, referee, manager, fans and in a different school from the other interviewees. Interviews were carried out, which were recorded and transcribed, with nine black individuals. The research products were systematized in three academic articles. In the first article, we seek, from the memory of the interior of the gymnasium, to identify black agents in different functions, school institutions and interpret the mechanisms of action and production of handball within the JEM in the structuring of the sports field of the games. The results indicate the reasons that led black agents to be selected to experience other local and national sporting events, their “productions” and events to meet the demands of handball in Maranhão. The second article The second article deals with the Physical Education Technician Course at the Federal Technical School of São Luís-MA/ETFMA (1970-1980). A course was identified aimed at black social agents from the Maranhão-JEM'S school games, who wished to work in the Maranhão professional sports field, but without the symbolic, social and economic capital required in local and non-local Higher Education Institutions-HEIs, revealing so much more about your time. The third article is the product of an investigation into the experiential memory of three black female handball athletes who experienced the genesis of the structuring of the sport in Maranhão and Brazil in the 1970s and 1980s. The results showed that the athletes were inserted in a similar way in handball, their habitus crossed in school sports initiation, in student teams and in local and national clubs, which faced tensions, separation from family and friends, racism and discrimination, adaptations to training, ridiculous salaries and great sporting success. It is noteworthy that black agents built an intergenerational legacy for current and future black athletes, which this study sought to highlight. It is concluded that epistemic violence and systematic black memoricide in the scientific and sporting field of Brazilian society appear as a constituent mark of the official social memory of handball in Maranhão. In view of this, research in the form of struggle is possible when it considers the objectives and priorities of a group marginalized by society. Finally, insurgent black intellectuals in their field of activity are called upon to combat the forgetting, silencing and erasure of black memory, the memorialicide of black people.

Keywords: black; memory *habitus*; oral history; handball; sports gym.

Lista de Figuras

Figura 1	Memória da tese.....	13
Figura 2	Placa em ferro do Ginásio de Desporto da ETFMA.....	25
Figura 3	Vista aérea da antiga ETFMA década de 1970.....	29
Figura 4	Vista aérea do atual IFMA São Luís Campus Monte Castelo.....	29
Figura 5	Visão panorâmica do jogo de handebol feminino do JEM, 1977	40
Figura 6	Síntese de indicadores sociais em 2019.....	77
Figura 7	Síntese de indicadores sociais em 2021.....	78
Figura 8	Mapa racial do Brasil.....	80
Figura 9	Mapa racial São Luís (MA).....	80
Figura 10	Mapa do índice de desigualdades socioespaciais São Luís (MA)	109
Figura 11	Localização do IFMA Campus Monte Castelo.....	110

Lista de Quadros

Quadro 1	Magistério em Educação Física- 1980/1º Turma.....	90
Quadro 2	Magistério em Educação Física- 1982/2º Turma.....	91
Quadro 3	Magistério em Educação Física- 1983/3º Turma.....	92
Quadro 4	Caracterização dos entrevistados da pesquisa.....	129

Lista de Abreviaturas e Siglas

APEFELMA	Associação dos Profissionais de Educação Física do Estado do Maranhão
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCN	Centro de Cultura Negra do Maranhão
CRD	Conselho Regional do Desporto
ESEF	Escola Superior de Educação Física
ETFMA	Escola Técnica Federal do Maranhão
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFMA	Instituto Federal do Maranhão
ITA	Instituto Tecnológico de Aprendizagem
JEB	Jogos Escolares Brasileiros
JEM	Jogos Escolares Maranhenses
JUB	Jogos Universitários Maranhenses
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
SMED	Secretaria Municipal de Educação e Desporto
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
USP	Universidade de São Paulo

Sumário

Apresentação.....	12
Projeto de Pesquisa	19
Relatório do trabalho de campo.....	126
Artigo 1.....	131
Artigo 2.....	155
Artigo 3.....	173
Considerações finais	192
Apêndices	205
Anexos	216

Apresentação

A construção de uma pesquisa acadêmica é uma investigação laboriosa e gera distintos desconfortos para o investigador. O estudo científico de tese de doutorado é desafiador pelo processo complexo que perpassa desde eleger a temática, até a verificação das hipóteses, se serão refutadas ou confirmadas, durante todo o percurso da pesquisa, pois abarca a construção de um conhecimento incomum, o destituir visões, construir percepções e o avançar do campo científico.

Ainda aqui, cabe lembrar que neste primeiro tópico do estudo, preferi pelo uso da primeira pessoa do singular, por abordar os elementos explicativos do processo de constituição e avizinhamento com o objeto do estudo. A contar do referencial teórico, escrevo na terceira pessoa do plural, uma vez que é parte integrante de um repositório de pontos de vistas, análises ancoradas nos conceitos de outros investigadores, afora dos indivíduos do estudo.

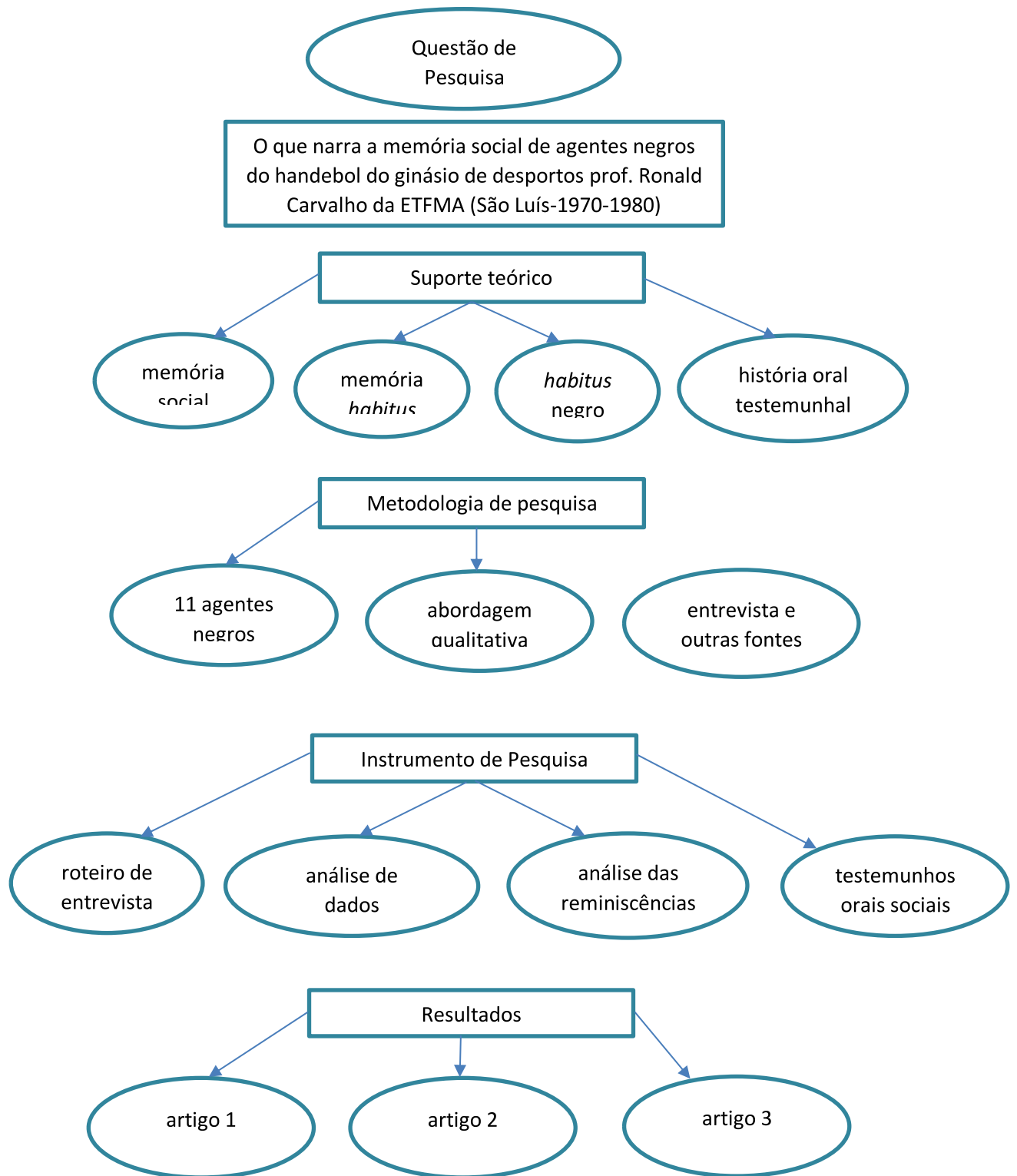
Isto posto, foi selecionado o tema do estudo, procurando atender aos requisitos acadêmicos, com a consistência que uma tese precisa ter. O campo de estudo investigado é o da Memória Social, com enfoque nas experiências sociais de agentes negros no âmbito do campo esportivo do ginásio desportivo Ronald da Silva de Carvalho, visando olhar as contribuições e os indivíduos envolvidos diretamente neste campo.

Examinando particularmente o campo da memória social, compreendo que ela transcorre pelas interferências diretas das experiências concretas das práxis dos indivíduos dentro do campo social. Então, a experiência negra no processo civilizador é capaz de transformar a configuração do campo esportivo, na construção do *habitus esportivo* do corpo negro no processo de formação e desenvolvimento humano, e até mesmo na construção do reconhecimento próprio do indivíduo de um determinado grupo.

Assim, as principais inquietações expostas a rememorar nesta investigação, afloram do silenciamento e do esquecimento, que na maioria das vezes, os grupos negros são excluídos historicamente da escrita do conhecimento, pela carência de estudo das memórias desses grupos, ou pela grande quantidade de estudos realizados nas instituições pesquisas no campo da memória social. A Figura 1 traz a

memória da investigação com o conhecimento acerca do referencial teórico tratado, questão de pesquisa, assim como metodologia e desenrolar dos resultados alcançados.

Figura 1 – Memória cotejadas



Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

Isto posto, apresento esta tese de doutorado, desenvolvida perante ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), sob orientação do Prof. Dr. Pedro Rodrigues Curi Hallal, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação Física, na linha de pesquisa de Estudos Socioculturais do Esporte e da Saúde.

O projeto de pesquisa foi qualificado em 22 de novembro de 2022 e alterado a partir das observações e colocações ponderadas pela banca durante a qualificação.

Assim, esta tese está organizada no formato de artigos científicos, adotando um dos padrões recomendados pelo regimento do PPGEF da UFPel. Neste sentido, sua estrutura compreende os seguintes capítulos: o projeto de pesquisa qualificado, o relatório de trabalho de campo, adiante as produções resultantes da coleta dos dados.

O primeiro artigo foi designado *Negras memórias do handebol no ginásio desportivo Ronald da Silva de Carvalho (1970-1980)*”, o segundo nomeado *Black memories of the technician course in physical education at the Federal Technical School of São Luís-MA/ETFMA (1970-1980)* e o terceiro intitulado *Memórias do Protagonismo de Mulheres Negras Atletas do Handebol Maranhense, Brasil (1970-1980)*.

Por fim, são apresentadas as considerações finais em que são pontuados os vestígios encontrados e debatidos no decorrer da tese, com o intuito de responder à questão elaborada para pesquisa. Além disso, são expostas as limitações da investigação e viabilidades para futuros estudos sobre o objeto de pesquisa.

Projeto de Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Escola Superior de Educação Física
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



Projeto de Pesquisa

**A CONSTRUÇÃO NEGRA DA MEMÓRIA SOCIAL DO HANDEBOL NO BRASIL:
reminiscências de agentes do campo esportivo maranhense do ginásio de
desportos prof. Ronald Carvalho (São Luís-MA/1970 a 1980)**

José Carlos Ribeiro

Pelotas, 2022

José Carlos Ribeiro

**A CONSTRUÇÃO NEGRA DA MEMÓRIA SOCIAL DO HANDEBOL NO BRASIL:
reminiscências de agentes do campo esportivo maranhense do ginásio de
desportos prof. Ronald Carvalho (São Luís-MA/1970 a 1980)**

Qualificação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Rodrigues Curi Hallal

Pelotas, 2022

José Carlos Ribeiro

A CONSTRUÇÃO NEGRA DA MEMÓRIA SOCIAL DO HANDEBOL NO BRASIL:
reminiscências de agentes do campo esportivo maranhense do ginásio de desportos
prof. Ronald Carvalho (São Luís-MA/1970 a 1980).

Qualificação apresentada, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Qualificação: 22 de novembro de 2022.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Pedro Rodrigues Curi Hallal (Orientador)
Doutor em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo
Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta
Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof. Dr. Inácio Crochemore Mohnsam da Silva (Suplente)
Doutor em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alan Goularte Knuth (Suplente)
Doutor em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas

Sumário

Apresentação.....	20
1 Memória individual - Do Quilombo Pretos do Pau-Pombo à Academia.....	23
1.2 Memória sócio-histórica do ginásio desportivo Ronald da Silva de Carvalho.....	24
1.3 Problematização.....	30
1.4 Questão da pesquisa.....	32
1.5 Objetivo geral.....	33
1.6 Objetivos específicos.....	33
1.7 A relevância e justificativa do estudo.....	34
1.8 Contexto da Pesquisa.....	36
2 Referencial teórico.....	41
2.1 Concepções teóricas da memória <i>habitus</i> dos agentes sociais negros.....	42
2.2 Memória <i>habitus</i> em Elias e Bourdieu.....	50
2.3 Memória experiencial negra no handebol.....	54
2.4 Lugar de memória negra do handebol: ginásio desportivo Ronald Carvalho.....	65
2.5 A (des)construção da memória <i>habitus</i> de classe e raça do negro em São Luís (MA).....	75
2.6 Estratégia transformadora da memória <i>habitus</i> do campo esportivo maranhense.....	83
3 Metodologia.....	94
3.1 Memória e história oral como caminhos metodológicos.....	94
3.2 Método qualitativo.....	97
3.3 A busca e organização da memória documental escrita.....	99
3.4 Coleta de dados das fontes orais.....	101
3.5 Recrutamento de indivíduos da pesquisa.....	106
3.6 Organização da tese em formato de artigos.....	111
4 Aspectos éticos.....	116
Referências.....	119

Apresentação

A presente qualificação de doutorado é requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Com a orientação do professor Dr. Pedro Rodrigues Curi Hallal, na linha de pesquisa dos Estudos Socioculturais do Esporte e da Saúde, que pertence à área de concentração Movimento Humano, Educação e Sociedade, e está sendo estruturada de acordo com o modelo previsto no regimento do PPGEF/UFPel.

Nesta qualificação é apresentado o projeto de pesquisa da tese, e algumas sugestões de temas que nortearão dois artigos com objetivo de contemplar diversos agentes sociais negros, fatos, mecanismos de ações, práxis, o *modus operandi*, estratégias e as produções que consolidaram o negro no campo esportivo do handebol maranhense e brasileiro, permitindo verificar a construção do *habitus esportivo* no interior do ginásio desportivo Ronald da Silva de Carvalho.

Nesse contexto, o presente projeto está subdividido em vários tópicos, a saber: introdução, trajetória pessoal, referencial teórico, objetivos da pesquisa, justificativa/relevância do estudo, contexto da pesquisa, método da pesquisa/procedimentos metodológicos, organização da tese em formato de artigos, os enfoques dos artigos e dos capítulos da tese, referências. Os enfoques, embora independentes, são conexos e convergem para a sociais mesma temática, memória social negra do handebol do Brasil, a partir da experiência concreta de agentes do campo esportivo do ginásio desportivo de Ronald Carvalho, da Escola Técnica Federal do Maranhão (ETFMA) de São Luís (MA).

A primeira proposta de artigo será: *Negras memórias do handebol no ginásio desportivo Ronald da Silva de Carvalho (1970-1980)*. Esta proposta visará reconstruir as experiências do handebol no Jogos Escolares Maranhenses (JEM), nos Jogos Escolares Brasileiros (JEB) e a chegada de técnicos paulistas.

A segunda será o artigo: *Black memories of the technician course in physical education at the Federal Technical School of São Luís-MA/ETFMA (1970-1980)*.

Em um terceiro momento, pós-qualificação, que será elaborado a partir do campo de estudo da memória, pretende-se produzir um terceiro artigo, sob o título: *Memórias do Protagonismo de Mulheres Negras Atletas do Handebol Maranhense*

(1970-1980). Este estudo busca investigar a memória experiencial de três mulheres negras atletas de handebol que testemunharam a gênese da estruturação do esporte no Maranhão e no Brasil nas décadas de 1970 e 1980.

Projeto de pesquisa

Nome: José Carlos Ribeiro

Orientador: Dr. Pedro Rodrigues Curi Hallal

Programa: Programa de Pós-graduação em Educação Física

Linha: Estudos Socioculturais do Esporte e da Saúde

Título: A CONSTRUÇÃO NEGRA DA MEMÓRIA SOCIAL DO HANDEBOL NO BRASIL: reminiscências de agentes do campo esportivo maranhense do ginásio de desportos prof. Ronald Carvalho (São Luís-MA/1970 a 1980).

Certificado de apresentação de apreciação ética (CAAE): 57920121.5.0000.5313

Número do Parecer: 5.682.666

1 Memória individual: do Quilombo Pretos do Pau-Pombo à academia

Neste tópico, exponho minha experiência pessoal e suas imbricações para a formulação do problema de pesquisa, a questão norteadora, os objetivos, a justificativa, a relevância e o contexto da investigação no campo de estudo.

Aprendi que a memória é a essência da história oral, em que os indivíduos narram as suas experiências concretas de vida a partir dos marcos sociais da memória individual e coletiva. Assim, a minha memória testemunhal (até aqui) está pautada no handebol. O marco inicial da minha relação com a memória social negra se deu sobre um *habitus* social de reconstrução sobre a convicção de quem sou eu e do lugar de onde eu venho. Falo isso porque ser filho de membros de uma comunidade remanescente de quilombo nem sempre foi motivo de vaidade.

Durante todo o percurso como agente esportivo negro, pobre e periférico sempre testemunhei um *habitus* de classe e raça capaz de me distanciar das minhas raízes, por entender que deveria aceitar, naturalizar e silenciar diante dos fatos para conseguir ascensão social. A percepção popular arraigada acerca dos corpos negros enquanto lugar de atraso atravessa os espaços sociais a partir de vários modos, seja pela imposição oficial ao esquecimento, apagamento e silenciamento da memória e identidade negra, inclusive a minha própria memória quilombola, quanto pela negação do protagonismo negro no campo social.

Logo o interesse pelas memórias negras do handebol é decorrente da minha primeira experiência vivida concretamente em 1976, aos 12 anos, como espectador desse esporte durante IV Jogos Escolares Maranhenses (JEM) no ginásio desportivo Ronald da Silva de Carvalho, em São Luís (MA). No ano seguinte, fui atleta de handebol escolar a partir dos V JEM de 1977 a 1982. Em 1987, ao ingressar na Universidade Federal do Maranhão, no Centro de Ciência da Saúde, para cursar a Licenciatura em Educação Física, onde encontrei uma nova realidade, não apenas vinculado ao lugar da universidade, mas pelas narrativas discordantes ouvidas pela primeira vez.

Ademais, em meus estudos da graduação em Educação Física, conclui com uma monografia sobre formas de ensino aprendizagem, intitulada *Métodos de ensino utilizado na aprendizagem do handebol por equipes escolares de São Luís (MA)*. Posteriormente, meu percurso como docente de Educação Física seguiu na rede

pública e privada da educação básica, superior, técnica e tecnológica sempre trabalhando com a disciplina e com o conteúdo handebol. Para mais, em meu estudo de mestrado em memória, linguagem e sociedade, cursado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) de 2016 a 2018 investiguei a memória da Associação dos Profissionais de Educação Física do Estado do Maranhão (APEFELMA) (1970-2000).

O estudo apontou fortes indícios para investigar as questões relacionadas às memórias negras das experiências concretas dos agentes sociais negros no ginásio desportivo Ronald da Silva Carvalho, um lugar de memória, um monumento sociocultural esportivo da comunidade negra praticante do handebol no centro urbano de São Luís (MA), durante os anos 1970 a 1980. Assim, pude vivenciar diversas experiências de pesquisa que me possibilitam desenvolvê-las em contato direto com a população negra, tendo a oportunidade de construir uma pesquisa acadêmica alinhada a um compromisso social.

1.2. Memória sócio-histórica do ginásio desportivo Ronald da Silva de Carvalho

A investigação e teorização acerca da memória sócio-histórica do handebol de um ginásio no contexto do campo esportivo maranhense pressupõe, antes de tudo, o entendimento acerca da historiografia deste monumento esportivo, assim como a reflexão crítica a respeito da maneira que entra no tempo presente e se materializa no campo esportivo maranhense.

Dessa forma o objeto empírico deste estudo são os testemunhos orais dos negros(as) do ginásio desportivo Ronald Carvalho (Figura 2) da antiga Escola Técnica Federal do Maranhão, em São Luís (MA) (1970-1980), a partir da memória social negra de experiências concretas no esporte pelos agentes do subcampo handebol maranhense e brasileiro.

Figura 2 – Placa em ferro do Ginásio de Desporto da ETFMA



Fonte: Acervo do autor (2022).

Tomando como base a memória escrita do ETFMA, edificada no início do século XX, através do Decreto n. 7.566, de 23 de setembro de 1909, foram constituídas nas capitais dos estados brasileiros as Escolas de Aprendizes Artífices (IFMA, 2022). As escolas foram feitas com o fim de prover às “classes economicamente desfavorecidas uma educação voltada para o trabalho”, fundada em São Luís (MA), em 16 de janeiro de 1910 (Brasil, 1909).

Aqui cabe uma pequena digressão das desigualdades socioeducacionais no Brasil sob olhar do sociólogo Bourdieu (1983), pois tanto no passado quanto no presente, são claras a permanência de sociedades marcadas profundamente pela injustiça e desigualdades sociais que perpassam questões de ordem socioeconômica, político-cultural e outros, que afetam a vida dos atores sociais, principalmente no tocante à educação.

A história do Brasil tem mostrado como as desigualdades sociais se reproduzem pelos séculos e nas últimas décadas, sobretudo, a partir da reprodução de classes. As elites, continuamente, desenvolveram instrumentos que lhes assegurassem a continuidade nas posições ascendentes de origem. O próprio movimento na estrutura social brasileira não foi capaz de reduzir em grande quantidade a desigualdade que o século XIX trouxe do passado escravista. É inegável

que negros e pobres tiveram fluxo geracional, entretanto, isso foi determinado na transição da área rural para a urbana, do que necessariamente historiou os ganhos consideráveis no tocante à hierarquia social (Fernandes, 2015).

O protótipo rural, construto da sociedade brasileira, tinha fortes traços de desigualdades, que se evidenciava no aglomerado de terras, nas influências políticas e econômicas e por trabalhadores despreparados, em sua grande maioria. Foi pontualmente, esse grupo desprivilegiado do Brasil rural que sofreu com os desdobramentos do veloz processo de industrialização e urbanização. Muitos de seus filhos foram morar nas cidades, mas sentiram na pele o peso da origem, seja por meio do preconceito racial, seja através do preconceito da falta de conhecimento técnico para se empregarem nos novos ramos fabris existentes (Fernandes, 2015).

A escravidão africana no Maranhão apresentou algumas singularidades. O quantitativo de africanos escravizados foi insignificante até 1750. A Companhia Geral do Comércio do Grão-Pará e Maranhão transportou 12 mil africanos para a capitania entre 1755 e 1778, já que detinha o domínio do tráfico da Coroa. Transportaram mais 100 mil africanos, principalmente da Angola, Guiné e Dahomey com o subsequente desenvolvimento das fazendas de algodão e arroz, induzido pela demanda europeia crescente por esses produtos (Assunção, 2010).

Dessa forma, perto da Independência, “o Maranhão era a província brasileira com maior percentual de escravizados (78 mil, ou 55% da população). Entretanto, após a crise de 1817, o algodão maranhense encontrou crescentes dificuldades no comércio mundial. Destarte, o tráfico transatlântico de escravos para a província se abateu antes de 1850. Tensões econômicas e políticas, a Guerra da Independência (1822-23) e a Balaiada (1838-41), na principal região produtora de algodão abalaram “o poder econômico dos senhores” (Assunção, 2010).

O Maranhão tinha péssima imagem entre os senhores alhures e escravos, de tal modo que a comercialização para o Maranhão seria uma forma de punição aos escravos inobedientes de outras regiões. Afinal, o processo de apropriação de terra ocorreu de forma diferente na escravatura maranhense. Proveio na posse de várias terras por ex-escravos antes e depois da abolição, as chamadas ‘terras de preto’, mais numerosas no Maranhão do que em qualquer outro estado (Assunção, 2010). No período atual, os negros seguem em desvantagens econômicas consideráveis, em

contraste com os brancos, já que a riqueza continua concentrada em prol de pequenos grupos (Fernandes, 2015).

Em função das transformações impostas pelo dispositivo constitucional federal que modificaram o plano educativo da nação, em 1937, a Escola de Aprendizizes Artífices do Maranhão passou a designação de Liceu Industrial de São Luís, localizada no bairro do Diamante no centro de São Luís (MA) (IFMA, 2022). No início da década de 1930, foi criado o Ministério da Educação e Saúde (MEC), que atrelou o ensino industrial, entretanto, permaneceu o ensino agrícola sob a tutela do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio (MAPA). Em 1936, foi apresentada a pedra fundante da edificação que abriga atualmente a sede do IFMA Campus São Luís-Monte Castelo, extinto CEFET-MA (IFMA, 2022).

Em 30 de janeiro de 1942, o Decreto-lei n. 4.073 determinou a Lei Orgânica do Ensino Industrial para fazer frente às novas transformações educacionais na área industrial em virtude do aumento do processo de troca das importações. Nesse cenário, concebem-se as Escolas Técnicas Industriais, através do Decreto-lei n. 4.127, de 25 de fevereiro do mesmo ano, inaugurou-se a rede de escolas técnicas federais. Dessa forma, o então Liceu Industrial de São Luís converte-se na Escola Técnica Federal de São Luís (IFMA, 2022).

Em seguida ao Golpe Militar de 1964, sob a interferência do capital internacional e da supremacia política e cultural dos Estados Unidos, o governo militar alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e estendeu o ensino profissional em ensino médio (na época, segundo grau), através do nome “profissionalização compulsória”. Assim todos os cursos teriam um caráter profissionalizante (IFMA, 2022). Nesse cenário, a Escola Técnica Federal de São Luís transforma-se em Escola Técnica Federal do Maranhão, por força da Portaria n. 239/65 e orientada pela Lei n. 4.795, de 20 de agosto de 1965.

Ao longo do século XX, o crescimento do sistema educacional foi bem moroso. Entre as décadas de 1960 e 1970, considerado o auge da industrialização, as escolas de nível secundário e a universidade aumentaram mais que o ensino básico. Dessa forma, boa parte da população despida economicamente e vinda do setor rural para o meio urbano não conseguiu se integrar ao sistema de ensino básico. O período compreendido entre as décadas de 60 e 80 do século XX delimita a mancha da ditadura militar em nosso país, entretanto, atesta uma conjuntura esportiva de grande

relevância no tocante a difusão da prática social do esporte e de um veículo de alargamento de paixões por meio do esporte, em face disso, importante na definição de um *habitus* esportivo do handebol brasileiro e maranhense.

Assim, com as tentativas de avanço nas teorias críticas da educação física, abortadas pelo golpe militar de 1964, que importou o modelo estadunidense de esporte competitivo para o Brasil, bem apropriado ao momento por valorizar o individualismo disciplinado e o devotamento à causa comum do país. Assim, o campo da EF brasileira se apoiava no modo de produção capitalista, e as instituições militares comandavam as práticas sistematizadas de movimentos físicos, vinculados aos pensamentos biomédico, militarista e nacionalista, orientado a “educar” o corpo para o combate e a produção com vista à segurança nacional, eugenia e aptidão física (Nogueira; Bosi, 2017).

Neste contexto, entre 1970 a 1976 começou e finalizou a construção da obra do ginásio. O “Prof. Ronald” nasceu em 15 de dezembro de 1915 e faleceu em 06 de novembro de 2000. Educador, advogado, diretor por mais de 20 anos da antiga ETFMA, posteriormente Centro Federal de Educação Tecnológica do Maranhão (CEFET-MA) e, hoje Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) São Luís Campus Monte Castelo, trabalhando por mais de 44 anos na instituição.

Grande nome da Educação Física e do esporte maranhense, jogou futebol, foi um renomado atleta de basquete desde 1939. Dirigente esportivo ligado ao Sampaio Corrêa Futebol Clube de São Luís (MA). Criou a Associação Atlética do curso de Direito em 1951, alicerce da Federação Atlética Maranhense de Esportes (FAME); “foi membro do Conselho Regional do Desporto (CRD) e do Tribunal da Justiça Desportiva (TJD-FMF)”; foi um dos criadores da Federação Maranhense de Basquetebol, em 1958 (Vaz, 2005).

Figura 3 – Vista aérea da antiga ETFMA década de 1970



Fonte: Acervo pessoal de Joaquim Pedro Aguiar (2024).

Figura 4 – Vista aérea da atual IFMA São Luís Campus Monte Castelo



Fonte: Monte Castelo (2024).

A Lei n. 7.863 de 1989, transformou o CEFET-MA, passando a ter a competência de ministrar cursos de graduação e de pós-graduação, já o IFMA foi criado em dezembro de 2008, inicialmente com cinco unidades na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Atualmente, o IFMA contabiliza 55 polos presenciais, entre *campi*, núcleos e unidades avançadas, centros de vocação tecnológica e polos de educação a distância (IFMA, 2022).

Diante, dessa síntese da abordagem sócio-histórica do ginásio, é possível perceber que as influências políticas e sociais impactaram tanto a historiografia da educação física do esporte escolar quanto as experiências sociais de agentes negros no campo esportivo. Por esse motivo, evocar a memória social vinculada a experiência concreta do indivíduo negro no handebol do ginásio Ronald Carvalho, pressupõe o enfrentamento das tensões político-sociais que se empreende no campo de estudo da memória.

Acreditamos que um dos principais desafios se encontra ancorado, de um lado, nas conjunturas materiais, infraestrutura e recursos humanos das instituições brasileiras, em especial a negação de diversos direitos, principalmente o direito a memória, o que dificulta a concretização de projetos e seus marcos regulatórios de reparação do esbulho contra o povo negro na sociedade brasileira.

Outro desafio emergente assentado nas perspectivas sócio-históricas que perpassam o espaço social desde a sua origem através de um *habitus* popular totalmente desvinculado da realidade dos indivíduos negros em sua pluralidade cultural, o que dificulta um viés emancipatório desses sujeitos negros. Nesse sentido, compreendemos que a luta pela superação dessa tensão passa pela produção do conhecimento científico nas instituições de ensino superior, sendo imperioso cada vez mais a necessidade de produção de novas reflexões e estratégias que influenciem os estudos sobre a memória comprometida com o protagonismo do povo negro no campo esportivo.

1.3 Problemática

Na capital maranhense, São Luís, situada na parte central do litoral do estado, há forte predomínio da população negra, fruto do grande contingente de negros escravizados trazidos à força do continente africano no século XVIII. Todavia, não há

registros historiográficos em São Luís, sobre esses agentes sociais, seus feitos, suas contribuições na construção e desenvolvimento do campo sociocultural do fenômeno esportivo, suas histórias, memórias, origens e trajetórias de vidas; porém, sobre a história dos brancos no município, sabe-se muito no tocante a presença e a cultura portuguesa, seus credos, suas contribuições ao município, entre outros aspectos.

Na cidade, a história dos brancos sempre foi conhecida, reconhecida e valorizada, ainda existe quem acredite, por exemplo, que não houve a presença marcante de agentes sociais negros maranhenses no handebol brasileiro e que o estado do Maranhão tem um percentual ínfimo de negros, estimulando o esquecimento e o silenciamento desses agentes na memória oficial. Para esclarecer, a população negra é uma das mais expressivas entre os habitantes maranhenses, com aproximadamente 70%.

Segundo os últimos dados da PNAD, o estado com maior parcela da população com negros em 2019 foi o Amazonas (81,9%), seguido do Maranhão (81,3%) e Amapá (80,9%) (IBGE, 2019). Já os dados do segundo trimestre de 2023, da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) do IBGE”, evidenciam que a população negra correspondia a 56,1% da população brasileira. Ainda no segundo semestre de 2023, o Amapá era o estado com maior proporção da população negra, com 82,1%”. Seguido pelos estados do MA (81,1%); PA (80,9%); AM (80,1%) e BA (80,2%) (IBGE, 2023). Esses dados já demonstram uma alternância entre os estados, o Amapá passa liderar o ranking, o Maranhão continua em segundo, apresentando uma pequena perda percentual, ao lado do Pará, e em seguida empatados a Bahia e o Amazonas.

Os negros foram sequestrados à força do continente africano e conduzidos ao Brasil para o trabalho escravo, em todo local foram colocados na hierarquia mais basilar da escala social, valorizados como objeto e não como seres humanos produtores de arte e cultura. As teorias racistas, que perduraram em toda dimensão do pensamento científico, durante longos 100 anos, desde meados do século XIX, fortaleceram e pioraram esse quadro vexatório de preconceito contra o povo negro. Somente aos poucos, desde a terceira década do século XX, esse cenário vem se alterando, com o surgimento de estudiosos e pesquisadores interessados na contribuição sociocultural do negro (Ferreti, 2008).

Dessa forma, não há como negar a especificidade de São Luís (MA), pois com tantos negros na genealogia da população ludovicense, durante toda historiografia, o grupo de negros ficou com espaço restrito para narrar suas experiências vividas concretamente, e que ao longo do tempo foram esquecidas e silenciadas, caindo na invisibilidade. Sem a memória o sujeito não tem identidade. A memória é condição *sine qua non* para a essência da continuidade historiografia de um povo.

Logo, o direito fundamental à memória corresponde à necessidade coletiva e individual de afirmação e conhecimento atuais do passado, previsto implicitamente no artigo 5º, parágrafo 2º da Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), “cuja existência e eficácia pode ser deduzida das normas de competência legislativa ou material, e das disposições contidas nos artigos 215, 216 e 225”. O direito à memória pode ser apreendido como o direito de um indivíduo (memória individual) ou povo (memória coletiva) de lembrar e/ou obter conhecimento de fatos sejam conhecidos ou não relativos à historiografia local ou universal (Brasil, 1988).

Assim, torna-se extremamente necessário, constantemente, repensar e reavaliar a memória e a história do indivíduo negro. Evidenciamos isso, pela relevância da memória negra no espaço social contemporâneo e das desigualdades sociais que enfrentam os territórios quilombolas ludovicense, iniciadas a partir da colonização e perpetuadas até o tempo presente, acreditamos que a pesquisa em memória social negra pode ser um construtor de mais justiça social. Isto posto, podemos insinuar que a memória se contrapõe ao projeto oficial de memoricídio do povo negro, o qual não queremos e lutaremos até o fim.

1.4. Questão da pesquisa

Dessa forma, o problema central da pesquisa consiste em responder às seguintes questões: o que narra a memória social individual e coletiva de agentes sociais negros do handebol no ginásio de desporto professor Ronald da Silva de Carvalho, da antiga ETFMA de São Luís (MA) (1970-1980)? O que falam os negros sobre sua história no esporte? Quais são as narrativas de segregação racial e de classe, e as estratégias de superação delas? Quais os grandes feitos, os eventos esportivos, os ídolos, os jogos memoráveis desses agentes sociais negros? Quem os conhece? O ginásio foi um lugar de memória negra do handebol? Quem são os negros

e as negras do handebol no período do ginásio? O que significa ser Negra no handebol brasileiro? Quais foram as contribuições e ações mais efetivas nas transformações das configurações do handebol maranhense, nacional e internacional? Quais foram às experiências vividas pelos agentes negros de handebol no ginásio?

Nesse sentido, pretende-se levantar como hipótese que o ginásio de desportos professor Ronald Carvalho da ETFMA foi um importante lugar de memória de ação de agentes sociais negros na criação de estratégias, de inovações, da memória *habitus* do campo social do esporte, que impulsionaram o handebol brasileiro, como um espaço de sociabilidade, de linguagem, de difusão do conhecimento, de tecnologia, de circulação de saberes e de práticas sociais do handebol local, com impactos nacional e internacional (NORA, 1993; ELIAS, 2002).

1.5 Objetivo geral

Problematizar as memórias de agentes esportivos negros(as) do handebol brasileiro do ginásio de desportos Professor Ronald Carvalho da ETFMA de São Luís – MA (1970-1980).

1.6 Objetivos específicos

- Produzir fonte primária a partir da memória oral de agentes esportivos negros(as), combatendo a imposição oficial do memoricídio do povo negro.
- Amplificar a voz, dar ouvidos e centralidade as narrativas das reminiscências socioesportivas de agentes negros do handebol maranhense.
- Reconstruir as memórias de agentes negros do handebol do ginásio de desportos Professor Ronald Carvalho.
- Compreender e identificar agentes negros, fatos, mecanismos de ações, o *modus operandi* e as produções que consolidaram o negro maranhense do handebol no campo esportivo local e brasileiro.
- Visibilizar as reminiscências das mulheres negras atletas na memória social do handebol maranhense e brasileiro.

1.7 A relevância e justificativa do estudo

A relevância social deste estudo está, justamente, no grande apelo dessa comunidade, de querer registrar suas memórias não registradas na história oficial de São Luís (MA), bem como apresentar sua importância ao campo acadêmico, por contribuir para as pesquisas historiográficas que consideram o processo de visibilidade por meio das narrativas das memórias e da oralidade, vistas como memórias subalternas.

Assim, a pesquisa se justifica pela necessidade de dar centralidade a voz e escuta a esses agentes sociais negros, em que os vestígios e evidências apontam para uma contribuição efetiva na constituição e transformação do campo esportivo brasileiro. Parte desses saberes se encontram com os agentes sociais negros do ginásio desportivo Ronald Carvalho, que se incluem nessa problemática. Ademais, até o momento, tanto o ginásio desportivo quanto seus agentes sociais negros continuam invisíveis na produção do conhecimento científico esportivo maranhense, contribuindo ainda mais para esquecimento, apagamento e silenciamento da memória social negra no campo do esporte.

São raros os estudos como o do professor Dr. Luís Carlos Rigo, da ESEF/UFPEL sobre a memória do esporte, desenvolvido em sua tese de doutorado em educação na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em 2001, sob o título *Memórias de um Futebol de Fronteira*. Desse modo, a memória do esporte, especificamente do handebol foi extraviada ao longo do tempo, sem falar que do olhar acadêmico, os estudos ofertados sobre a prática, na maioria das vezes, só abordam questões de ordem técnica, tática, biomecânica, fisiológica e psicológica, abandonando o exame das questões socioculturais a respeito do tema com lacunas que tentaremos preencher com este estudo.

Nesse contexto, a pesquisa científica limita-se, historicamente, ao estudo de pequenos e privilegiados grupos sociais de uma época, que influenciaram os grandes acontecimentos históricos de políticos, de líderes religiosos, de monarcas e de “heróis” nacionais. Restringindo, apenas a esses pequenos grupos de indivíduos, a cidadania detentora do direito de entrar para a história e, dessa forma, a imortalidade em nossa memória social. Essa abordagem de pesquisa constrói uma história do conhecimento com uma única narrativa a respeito dos acontecimentos e influência na construção de

uma memória oficial homogênea, excludente e de apagamento da visão de grupos sociais menos favorecidos (Massoni, 2017).

Apesar disso, durante os séculos XIX e XX, surge um movimento de transformação nessa abordagem, por meio da mudança do conceito de cultura, fortemente influenciado pelos vieses antropológicos, tendo o homem comum e seu “modo de vida cotidiano” expresso no comportamento ordinário, assim como indivíduos, grupos sociais e comunidades antes taxadas de “incultos”, até o momento esquecidos e negligenciados, passaram integrar o foco do estudo da academia. Esse entendimento contribui na construção de uma sociedade de indivíduos mais democrática, heterogênea e humana, em que estimula o diálogo e a diversidade de perspectivas e formas de vida (Massoni, 2017).

Isto posto, a preservação da memória social negra se impõe como uma agenda. entidades de pesquisa, privadas ou públicas, organizações não governamentais, instituições de fomento, indivíduos por iniciativa própria e outras agências sociais, além das atribuições que já se têm nesse campo, possuem a atribuição de contribuir com a salvaguarda e com o arquivamento de conhecimentos acerca da vida e da experiência negra.

Não é exorbitância afirmar que, em pouco tempo, será forçoso comprovar a existência de pessoas negras em alguns lugares da vida social do Brasil, bem como ter que empreender investigação minuciosa para comprovar que elas sempre integraram diferentes instantes da nossa história sociocultural. Como exemplo recente, a experiência apoiada pela FAPESP, alusiva ao projeto *As cores da cidadania: os clubes sociais negros em São Paulo (1897-1952)*, cujo propósito foi descobrir elementos de pesquisa sobre diversos trajetos da experiência associativa negra e seu ativismo antirracista em São Paulo, em fase rara investigada pela bibliografia.

Outras resoluções, direcionadas à preservação de memórias de ativistas negros e negras, vêm sendo evidenciadas. Projetos que se adicionam a outros e que concretizam a preservação da memória social em uma agenda do presente, cada instante mais imprescindível nos dias que vivemos (Silva, 2020). Dar centralidade a presença do agente social negro no campo esportivo é reconhecer a própria origem, costumes, *habitus*, memórias, vivências, experiências, oralidades, narrativas e silenciamentos.

Este estudo contribui para a memória social do movimento negro, pois mostra agentes sociais negros maranhenses na constituição do campo socioesportivo do país, que fortaleceu o desenvolvimento do subcampo handebol brasileiro, lutando e exercendo seu direito social para a prática e a cultura do esporte. Lutando e defendendo suas questões por melhores condições políticas, de gênero e de inserção do negro no esporte, por meio de mobilizações que desencadearam outros movimentos sociais por inscrições de nomes de agentes sociais esportivos negros dos espaços de práticas esportivas, ginásios esportivos, Sebastião Rubens Pereira (Tião) e Abimael Reis Muniz. Contribui também para a historiografia do handebol brasileiro, pelo fato de demonstrar a capacidade e as contribuições dos agentes na gênese da modalidade esportiva no Brasil. Assim como, a sua importância paradigmática na configuração do campo esportivo brasileiro desde sua origem.

Para o ensino do esporte, este estudo contribuirá para atuais e futuras gerações de profissionais de educação física negra e negro, para se reconhecerem como membro dessa classe socio esportiva, e para que se identifiquem com sua memória de luta e participação política na construção do campo esportivo brasileiro. Assim, nesta pesquisa, podemos identificar agentes, tempos, lugares e ações, percorrendo um estudo a partir de memórias orais, documentais e imagéticas que ao serem difundidas, contribuirão para reconstrução da memória social de um grupo em contraponto a história oficial, criando questões para futuras pesquisas.

1.8 Contexto da Pesquisa

O contexto da pesquisa foi o ginásio desportivo professor Ronald da Silva de Carvalho, constituída pelos agentes negros do handebol dos JEM. A seleção dos agentes foi estabelecida através dos seguintes critérios de inclusão:

- ter testemunhado o handebol no JEM por uma escola ludovicense entre os anos de 1970 a 1980;
- ter experienciado algumas das funções como: técnico, atleta, árbitro, dirigente, torcedor;
- ter testemunhado o handebol em escola diferente dos demais entrevistados.

Entre os possíveis colaboradores priorizamos aqueles dispostos realmente em narrar suas memórias e a oferecer informações significativas, conforme o “o bom entrevistador”, preconizado por (Alberti, 2003).

Isto posto, ao todo, foram escolhidos 11 entrevistados para constituir a rede de colaboradores desta investigação, sendo eles: José Maranhão Penha, 71 anos, professor de educação física, iniciou sua carreira como atleta escolar de atletismo e handebol da ETFMA em 1970, devido aos bons resultados nos JEM e por estar cursando o curso superior de educação física da UFMA, logo após o término do curso técnico da ETFMA foi contratado como professor e técnico de handebol da mesma instituição, onde permaneceu por 35 anos, até o início dos anos 2000. No momento da entrevista é professor e técnico de handebol do Liceu maranhense

José Henrique Azevedo, 66 anos, pedagogo e técnico de handebol em diversas escolas de São Luís (MA), atleta de handebol escolar do Colégio Zoé Cerveira em 1970, devido aos bons resultados nos JEM foi contratado como técnico de handebol da mesma instituição, onde permaneceu por vários anos. Atualmente é professor da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de São Luís (MA) e no momento da entrevista ocupava o cargo de coordenador de paradesporto da Secretaria de Estado de Desporto e Lazer do Maranhão (SEDEL). Um dos pioneiros do handebol DI (pessoas com deficiência intelectual). Octacampeão brasileiro de handebol DI pelo Jogos Brasileiro das Federações das APAES.

Alexandre Nonato Moraes, 66 anos, atleta de handebol escolar do Liceu maranhense da ETFMA, e do colégio Cardoso Amorim nos JEM em 1970, atleta da seleção maranhense de handebol nos JEB em 1977 (Natal- RN) e JUB em 1978 (Curitiba-PR). Jogou por equipes do Rio de Janeiro e São Paulo. Árbitro de handebol do JEM, da Federação Maranhense e da Confederação Brasileira de Handebol, onde permaneceu por vários anos. No momento da entrevista já estava aposentado.

Silvia Cristina Costa Leite (Silvia Blek), 65 anos, assistente social, atleta de handebol do Colégio Zoé Cerveira nos JEM em 1970, atleta da seleção maranhense de handebol nos JEB em 1977 (Natal- RN) e JUB em 1978 (Curitiba-PR) e do zonal norte de handebol realizado no ginásio Ronald Carvalho, da ETFMA em 1978, membro do movimento negro e criadora do Centro de Cultura Negra do Maranhão (CCN). No momento da entrevista ocupava um cargo no Centro Estadual de Referência da Mulher Negra do Maranhão.

Teresa Cristina Sobrinho Pereira, 58 anos, doméstica, atleta de handebol do Colégio Zoé Cerveira nos JEM em 1970, atleta da seleção maranhense de handebol nos JEB em 1977 (Natal-RN) e do zonal norte de handebol realizado no ginásio Ronald Carvalho, da ETFMA 1978. Abandonou precocemente a carreira de atleta em função de um grave acidente automobilístico. No momento da entrevista já estava aposentada.

Fernanda Sobrinho Pereira (Fernanda Guarulhos), 58 anos, professora de educação física, economista, pretende cursar fisioterapia, reside há mais de 20 anos em Guarulhos -SP, atleta de handebol escolar do Colégio Zoé Cerveira e do Colégio Dom Bosco nos JEM em 1970, atleta da seleção maranhense de handebol nos JEB em 1980 (Curitiba -PR) e no JUB jogou pelo estado do Pará (Belém-PA) e do zonal norte de handebol realizado no ginásio Ronald Carvalho, da ETFMA em 1978, jogou por equipes do Pará, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, participou de competições internacionais por clubes brasileiros; convocada duas vezes para a seleção brasileira; treinadora das categorias de bases das equipes de Guarulhos-SP e da seleção brasileira masculina, especialista em treinamento de goleiro; cuidadora e orientadora dos jovens atletas maranhenses e de outros estados que jogavam em São Paulo, formadora de muitos atletas brasileiros que jogam os campeonatos mundiais e ligas internacionais. No momento da entrevista continua trabalhando com técnica de handebol em Guarulhos-SP.

Miguel Amadeu Sobrinho Pereira, 59 anos, ensino médio, trabalha com serviços gerais, atleta de handebol escolar do Colégio Henrique de La Roque nos JEM em 1970. Atleta dos campeonatos da Federação Maranhense de Handebol. No momento da entrevista estava desempregado, fazendo serviços gerais.

Alexandre Magno Reis Muniz, 62 anos; historiador, membro do movimento negro, atleta de handebol da UNEB Luís Viana em 1970. Árbitro de handebol do JEM, da Federação Maranhense e da Confederação Brasileira de Handebol, onde permaneceu por vários anos. No momento da entrevista ocupava um cargo na diretoria da UNEGRO.

José Francisco Lima Vieira (Moleza), 60 anos, contador, servidor público estadual, atleta de handebol escolar do colégio Independência em 1970. Árbitro de handebol do JEM, da Federação Maranhense e da Confederação Brasileira de

Handebol, onde permaneceu por vários anos. Na ocasião da entrevista era funcionário do Tribunal de Contas do Estado do Maranhão.

Idalina Elizabeth Carvalho Silva (Dadá) (*In memoriam*), ensino médio, servidora pública estadual (recreadora do Departamento de Lazer) da SEDEL, atleta de handebol escolar da UNEB Luís Viana (ensino fundamental) e do Colégio Dom Bosco (ensino médio) nos JEM em 1970. Atleta da seleção maranhense de handebol nos JEB em 1980 (Curitiba -PR) e do zonal norte de handebol realizado no ginásio Ronald Carvalho, da ETFMA em 1978. Atleta dos campeonatos da Federação Maranhense de Handebol. Antes da entrevista faleceu vítima da covid-19, o projeto ainda não tinha sido aprovado (em fase de avaliação) pelo comitê de ética.

Rosângela de Jesus Santos Reis (Rosa Reis), 65 anos, cantora, compositora, instrumentista, dançarina, produtora e movimentadora cultural brasileira, atleta de handebol do Colégio Santa Teresa nos JEM em 1970, atleta da seleção maranhense de handebol nos JEB em 1977 (Natal- RN); JUB em 1978 (Curitiba-PR) e do zonal norte de handebol realizado no ginásio Ronald Carvalho, da ETFMA em 1978. No momento da entrevista continua como cantora e gestora do Laboratório de Expressão Artística (LABORATE). O grupo trabalha com pesquisa e afirmação da cultura afro no Maranhão em distintos segmentos artístico-culturais, como música, dança, teatro, artes plásticas, fotografia, literatura e capoeira, desde 1983. Não retornou ao convite feito pelo pesquisador, forçando uma readequação do projeto de pesquisa inicial.

Figura 5 – Visão panorâmica do jogo de handebol feminino do JEM, 1977



Fonte: O Estado do Maranhão (1978)

As atividades desenvolvidas ao longo de quatro anos foram apoiadas pelo PPGESEF/UFPel e acadêmicos (pesquisadores, pós-graduandos e graduandos) dessa universidade.

Importante ressaltar que estudo faz parte de uma pesquisa de doutorado em andamento, intitulado “*A Construção Negra da Memória Social do Handebol no Brasil: reminiscência de agentes do campo esportivo maranhense do ginásio de desportos professor Ronald Carvalho entre 1970 e 1980*), junto ao PPGESEF/UFPel. Vale ressaltar também que esta investigação foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, mediante o parecer consubstanciado número 5.682.666. Número de CAAE:57920121.5.0000.5313.

Desta forma, todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido e permitiram a divulgação de suas identidades. Na próxima seção, discorreremos sobre a fundamentação teórico-metodológica que ancora esta pesquisa e o processo de análise dos dados.

2 Referencial teórico

Apresentamos um diálogo com a literatura no campo de estudo da memória social, assim como os conceitos de memória *habitus* em *Norbert Elias* e *Pierre Bourdieu*, que se articulam com categorias como *corpo-território*, *território-memória* e *Corpo-memórias* de “uma tradição viva”. que se contrapõe ao olhar reducionista que cogitam os corpos da humanidade africana e ameríndia como simples portadores de memórias, narrativa e culturas inferiores, “o que os colocaria a serviço do homem civilizador (Antonacci, 2014; Hambâtébâ, 2008; Glissant, 2005). Os quais ancoramos este estudo. A partir dessa premissa, a intenção desta seção é expor os principais conceitos operacionais da teoria da memória, assim, como a sua apreensão com memória *habitus* para uma possível leitura e interpretação do subcampo esportivo handebol no ginásio desportivo Ronald Carvalho.

Parte-se do olhar da memória do esporte como uma construção social inclinada a incorporar configurações existentes do campo social (Elias, 2002). Ademais, o esporte é apreendido como uma atividade física, construída e determinada a partir de contexto socioculturais, em permanente desenvolvimento de transformação, e em ostensivo processo de mercantilização, profissionalização, popularização e espetacularização (Bueno; Marchi Júnior, 2019).

Na efetivação desta seção, o procedimento metodológico usado se ancora em uma revisão bibliográfica do campo teórico da memória, mais especificamente as obras de Norbert Elias e Pierre Bourdieu. Foram analisadas referências que dissertam e articulam algumas ideias e noções que permitem oferecer um campo teórico apto a garantir uma análise memorial do campo esportivo do handebol maranhense no ginásio desportivo. As produções dos autores possibilitam a análise sobre as diversas contingências de uso e apropriação das teorias e conceitos dos aspectos socioculturais da memória *habitus* para os pesquisadores que investigam o campo esportivo.

Desse modo, as noções dos teóricos alemão e francês permitem maior clareza ao aporte teórico escolhido e aos usos de outras noções e autores que se memora no processo de investigação do campo esportivo. Os textos escolhidos são relevantes para o campo de estudo da memória multidisciplinar, e por conter conceitos mais

usados nos estudos atinentes aos aspectos socioculturais do campo esportivo, permitindo assim a conexão entre reflexão teórica e trabalho empírico.

A escolha da noção memória *habitus* foi ancorada em dois parâmetros: noção precisa na teoria dos “campos sociais” de Bourdieu e “configuração” e “teias de interdependências” de Elias; e um conceito que têm instrumentalização explicativa no campo da memória social esportiva. Logo, será praticável expor ideias que buscam compreender e explicar como o campo esportivo é criado, replicado e modificado.

Adicionais livros, textos, artigos de comentadores servirão, também, como aporte teórico. A inclinação por alguns comentadores tem conexão sob o prestígio exercido por Elias e Bourdieu sobre os pensadores europeus, assim como outros cientistas de distintos países, ligados a outras disciplinas das ciências sociais e humanas da educação física e demais campos científicos. Logo, os autores preteridos são referência no campo científico graças ao apoderamento teórico das obras de Elias e Bourdieu. Desse modo, será possível compreender nuances fundamentais das visões teóricas, as noções e os olhares alusivos à memória do esporte sem que haja interpretações erradas que sejam capazes de falsear o sentido primeiro apontado pelos teóricos alemão e francês.

A seguir, será apresentada a noção de memória *habitus* escolhida, a qual está em conformidade com o método da história oral utilizada em estudos no campo de estudo da memória.

2.1 Concepções teóricas da memória e *habitus* dos agentes sociais negros

O caráter multifocal da memória permite tratar um grupo de agentes sociais negros do handebol brasileiro como fio condutor deste estudo. Para compreendê-la, nos baseamos nas teorias que alicerçam este projeto de pesquisa nas dimensões multimodal da memória (Fentress; Chris, 1992; Nora, 1993; Le Goff, 2003; Halbwachs, 2006; Pollak, 1989, 1992; Bourdieu, 1989, 2021; Elias, 2002; Setton, 2002, 2018; Williams, 2000, 2011; Thompson, 1998, 1981; Benjamim, 1994; Morin, 2005; Foucault, 2003; Hambâtébâ, 2008; Santos, 2000; Antonacci, 2014; Mebembe, 2018; Munaga, 2017; Nascimento, 2009; 2018; Goellner, 2024) e da História Oral (Thompson, 1998; Portelli, 1997, 2001; Alberti, 1989; 2005; Meihy; Seawright, 2021) os quais contribuem no sentido de se pensar a memória no campo social. No entendimento desses autores,

o relato de memória narrado pelos agentes sociais negros do handebol trata-se de uma memória social, por estarem relacionadas às experiências vivenciadas concretamente por cada um em seu grupo social determinado, atribuindo isso às recordações compartilhadas.

Os apontamentos de Nora (1993) colaboram na direção de ressaltar que os vestígios de memória vão sucumbindo de maneira acelerada em função do ritmo da vida atual. Caso elas desapareçam, os locais de memória farão com que elas não deixem de existir, tendo em vista, que para Nora (1993), a memória verídica incorpora-se no hábito, no gesto, nos ofícios transmitidos pelos saberes silencioso e corporal. A memória também pode ser entendida como a capacidade do indivíduo conservar e relembrar algumas informações, impressões do passado, inseridas à vida social, estabelecendo ligação entre o presente e o passado (Le Goff, 2003).

A memória pode ser coletiva e individual. Essa última é sempre um desdobramento da primeira, visto que todas as lembranças são construídas no âmbito do grupo que o indivíduo pertence. A gênese de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões que são atribuídos a nós, são inspirações do grupo a que pertencemos. Assim sendo, a memória coletiva é fundada na continuidade e olhada sempre no plural, na coletividade (Halbwachs, 2006). Nesse sentido, podemos inferir que as memórias coletiva e individual, tornam-se o alicerce da formulação de uma identidade, em que a continuidade é uma característica fundamental (Martini, 2013).

A memória individual, construída por meio de lembranças de um grupo, é considerada um ponto de vista sobre a memória coletiva, que deve ser analisado de acordo com o lugar do sujeito no interior do grupo e das relações estabelecidas com outros meios. Em suas produções, os autores compartilham a ideia de que as memórias são construções dos grupos sociais, que determinam o que deve ser memorável e os lugares onde essa memória será preservada (Halbwachs, 2006).

Alinhado com o entendimento acima, podemos inferir que a prática social do esquecimento é um problema da memória coletiva e do exercício do poder. Entre outras agendas importantes, a problemática é imperiosa para a vida negra, cercada de tanta violência e morte. Segundo a mais recente edição do Atlas da Violência, publicação anual do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) “a cada 10 assassinados no Brasil, oito são negros. Em 2021, 79% de todas as vítimas de homicídios no Brasil eram negras”. Dois indivíduos com os mesmos traços, idade,

sexo, estado civil, escolaridade, que residem no mesmo bairro, uma negra e a outra uma branca, a primeira tem 23% a mais de probabilidade de ser assassinada em relação à segunda.

Assim, para além dos canais indiretos, através dos quais o racismo estrutural processa para transmitir uma maior letalidade a população negra, existe o racismo que mata, processando diretamente na letalidade contra negros, através de um processo atávico de desumanização, que estampam um retrato estereotipado do negro como pobre, bandido e perigoso. “Historicamente, pessoas negras são as maiores vítimas de violência no Brasil, aspecto que, infelizmente, se discute ano após ano” (IPEA, 2023).

Esquecer e recordar são capacidades humanas e estão entre as primeiras formas de conviver e aprender socialmente, somos socializados em memórias dos outros, em comportamentos coletivos, mas para isso é necessária a transmissão intergeracional de conhecimento pelos indivíduos (Silva, 2020).

Segundo Sarlo (2007), a memória social é uma das possibilidades do funcionamento do poder, assim como a recordação coletiva não se refere apenas ao passado, pois é uma atividade do presente por meio de seleções. A memória é reconstruída como um instrumento de reavaliação, revisão, autoanálise e autoconhecimento, ou seja, vai além da relação do passado com o presente.

Historicamente, os grupos sociais que ocuparam lugares hegemônicos de poder no Brasil, condicionaram a memória coletiva, sabe-se que ela é predominantemente branca, masculina, urbana, atrelada a específicos cultos religiosos, a lugares das classes dominantes economicamente ou patronais. Também nos direciona aos agentes de massacres e apagamentos que são os “heróis nacionais”. Em vários episódios sem solução dos nossos conflitos, essa memória coletiva é excessivamente patriarcal, apaziguadora e heteronormativa (Silva, 2020).

O problema da violência simbólica contra a memória da vida negra é característico de sociedades marcadas pelo colonialismo e pela escravização, assim cabe ressaltar que os testemunhos de devastação humana são parte integrante da experiência da vida negra transnacional sob a experiência do colonialismo e da modernidade, são elementos necessários da crítica à possibilidade de existência negra nesses processos sociais.

A luta antirracista, desde a morte de *George Floyd*¹ mobiliza intensamente uma agenda política transnacional antirracista em 2020. Assim, esse fato incorpora na nossa memória mais recente, os movimentos e campanhas semelhantes, tais como *Jovens Negros Vivos*; a *Black Lives Matter*; coalizão negra por direitos ou atos públicos como #ParemDeNosMatar, como prática social do esquecimento, atinente à vida negra, decreta dupla morte, por um lado, a morte de corpos negros como uma triste e violenta realidade, por outro lado, o esquecimento da memória social na nossa contemporaneidade. Cristalino está, que outros corpos ferroados pela diferença em relação ao padrão dominante colonizador e moderno estão sob esse risco iminente, como negros, mulheres, pessoas com deficiências, homossexuais, transexuais, populações originárias e outros (Silva, 2020).

De outra maneira, a morte biológica não finda o processo de eliminação violenta da vida negra. Assegura-se que existe também uma morte da memória de indivíduos negros. O vilipendiar das lembranças da existência negra tem sido uma marca constante até o final da completa eliminação de arquivos históricos, narrativas e registros. Rememorem-se as calúnias públicas sobre a trajetória de vida da vereadora Marielle Franco² nas semanas subsequentes ao seu assassinato.

Segundo os dados oficiais há mortes de pessoas negras cada vez mais jovens, no Brasil, enquanto a sociedade apaga ininterruptamente a “nossa memória social negra”, o que é imperdoável, não temos nem sequer assegurado o direito a pessoas negras terem memória individual ou coletiva, e transferi-la para as atuais e futuras gerações. O genocídio do negro brasileiro, tristemente se atualizou como genocídio da população negra, não se significa mais de racismo mascarado, mas de extermínio consentido e autorizado pela sociedade. A memória coletiva, como direito, é igualmente destruída (Silva, 2020).

¹George Perry Floyd, Jr. (Fayetteville, 14 de outubro de 1973 – Minneapolis, 25 de maio de 2020) foi um afro-americano assassinado em Minneapolis, estrangulado pelo policial branco Derek Chauvin, que ajoelhou em seu pescoço durante uma abordagem por supostamente usar uma nota falsificada de vinte dólares em um supermercado. Após sua morte, protestos contra o racismo começaram a acontecer nos Estados Unidos e no mundo.

²Marielle Francisco da Silva, nasceu em 27 de julho de 1979- RJ, foi uma socióloga, ativista e política brasileira. Filiada ao PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), elegeu-se vereadora do Rio de Janeiro para a Legislatura 2017-2020, com a quinta maior votação. Defendia o feminismo, os direitos humanos, e criticava a intervenção federal no RJ e a Polícia Militar, denunciou vários casos de abuso de autoridade de policiais contra moradores de comunidades carentes. Foi assassinada a tiros com seu motorista, Anderson Pedro Mathias Gomes, no Estácio, Região Central do Rio de Janeiro, em 14 de março de 2018.

A batalha contra a prática social do esquecimento é uma luta contra essa duplicidade em curso da morte negra, seja através de valorização local das culturas, de reconhecimento e inserção de ações de pessoas negras na historiografia da modernidade, as invenções, inovações tecnológicas, soluções científicas ou participações em processos sociais e similares, ou ainda pelo combate contra a exploração de territórios tradicionais (terras de pretos, quilombos, terreiros).

A experiência social é um importante componente da memória coletiva, que vem sendo sistemática e metodicamente eliminada, apagada e silenciada, nas diferentes faixas etárias, classe social e gênero. Ao nível internacional, a guerra de narrativa e memória coletiva para o momento presente, tem originado acirrados e importantes debates sobre monumentos públicos, patrimônio cultural, documentos de civilizações e suas barbáries.

O esquecimento operado sobre a escravidão, a história, a memória e as heranças negras-africanas está muito longe de ser fruto de um mero acaso, é antes de tudo um projeto (Paz, 2019, p. 23). Em entrevista à Folha de São Paulo, Giselle Beiguelman (2019) expõe sobre “memóricídio”, como um empenho deliberado, organizado e planejado em operar o esquecimento, o silenciamento, o apagamento, a morte da memória, tanto da memória da violência simbólica colonial “como a morte da memória das heranças e patrimônios negros ou qual traço que possa simbolizar ou potencializar uma resistência a partir do passado”.

Essa lógica colonial que tenta negar aos povos africanos e seus descendentes o *status* de seres humanos, provocaria duas mortes, a corporal e a morte do saber, “dois assassinatos conceitualmente identificados, respectivamente, como necropolítica e epistemicídio (Pessanha, 2018).

Assim, transportando a ancestralidade como princípio norteador de mundo para os povos africanos e afro diaspóricos, o conceito de Memória, uno ao Orí, o mais conexo elo com as ancestralidades africanas, a MemORía, que pode ser compreendida como:

[...] um conceito-potência, que ao recorrer ao passado, ao reverenciá-lo, garante o futuro, gera o porvir, mas não numa concepção ocidental linear-causal de tempo e espaço. Este conceito é um esforço de tentar de tentar demonstrar como o passado, presente e futuro não existem desta maneira como temporalidade agonizantes, mas que estabelece entre si uma relação de sucessão não linear dos acontecimentos e de atribuição mútua de sentido. Não se trata, também, de pensar que a memória é o que resta do passado no presente, ou o que restará no futuro, pelo contrário, a ideia de memÓRia nos faz pensar como essa divisão passado, presente e futuro não existe nestes termos dentro de uma ontologia africana no Brasil encontrada nos candomblés brasileiros, por exemplo (Paz, Pessanha; Saraiva, 2019, p. 114).

Esta noção de memória pretende dialogar com os esforços dos povos e das comunidades negras na diáspora com a finalidade de potencializar as suas lutas na reconstrução do negro degenerado pela escravidão e pelo colonialismo. Restituir a lembrança, a memória e a história do ser africano e seus descendentes negros na diáspora, aos próprios negros. Se inserir no espaço de disputas políticas e embates antirracistas, visto que se constituiu na diáspora e com fundamentos nas filosofias africanas e afro-diaspóricas.

A ideia de MemÓRia como conceito e um esforço político nos lembra que esquecer e lembrar podem não ser escolha. MemÓRia como a possibilidade de agenciar um recordar negro do negro. É refletir a noção de memória através de uma cosmologia do olhar africano ou afro diaspórico que fala menos acerca de limites geográficos e mais sobre processos, distantes destacadamente das maneiras eurocêntricos, tantas possíveis analogias (Paz; Pessanha; Saraiva, 2019).

Deste modo, a noção de se ponderar ao passado e à memória em conexão com ancestralidade permitem reposicionar e repensar os estudos do campo da memória social, coletiva e individual, a maneiras de elos com o passado, tempo e mesmo a escrita da história. Já que o conceito de memÓRia é uma ideia de memória criada a partir de um cosmo sensação construída desde os repertórios socioculturais africanos e afro diaspórico, que reconhece outros referenciais, inclusivos, diversos, dinâmicos, solidários, recupera a ancestralidade negro-africana, conquistas, valores e epistemologias com possibilidade de retirar negras e negros do lugar do “não-ser” amnésico construído pelo “cativeiro colonial e pela escravidão negra”. A memória como um lembrar e narrar de si mesmo, apreendendo a escrita de si como estratégia de movimenta-se ancestralmente para além da dor, mas sem nega-las, sem oblitera-la das falas, das linhas escritas ou performadas (Paz; Pessanha; Saraiva, 2019).

MemORía como empenho em afirmar que não basta simplesmente inserir indivíduos e narrativas sobre sujeitos negros e negras que foram marginalizados ou excluídos nas histórias e narrativas de memórias oficiais, necessitamos de mudança “epistêmica que possa lutar no campo de mandiga e de batalha com o racismo epistêmico (Rufino; Simas, 2017). Isso passa, necessariamente, pela recuperação e reconhecimento de uma cosmologia negro-africano, na diáspora e na África, que “imagina-cria-inventa” e fala sobre um universo povoado de diferentes tipos de agências e subjetividades, nas quais humanos e não humanos em teias de interdependências, são portadores genéricos de uma força/energia vital que nos permite pensar pontos de vistas históricos antirracistas, ancestrais, de afro perspectivas e de encantamento. Esse olhar, está alinhado com Nascimento (1989) quando afirma que a história, a memória e o passado, aparecem como possibilidade de reconstrução do ser negro no Brasil, após seu estilhaçamento durante a colonização, a escravidão e o racismo da democracia racial.

É a partir das referências, sobre os estudos de memória como objeto multifocal, apresentadas como contribuição para a investigação, operacionalizada também da história oral que buscamos chegar às memórias dos agentes sociais negros da prática social do handebol no ginásio desportivo. Nesse percurso buscaremos compreender como o agente social ludovicenses interpretam os aspectos da sua participação no ginásio, e entender como as memórias desse evento esportivo integram o universo construído por esses indivíduos. As narrativas, que provavelmente virão à tona dos depoimentos desses atores sociais, poderão responder às indagações norteadoras deste estudo, já que os depoimentos manifestam fragmentos do passado e experiência de vida dos entrevistados.

Segundo Portelli (1997), que entende a História Oral como uma metodologia, na qual os relatos são documentos que se apresentam como responsabilidade de quem depõe e de quem executa a pesquisa. Assim como, os métodos e técnicas da História Oral, descritos por Alberti (1989, p. 1), que reconhece que “seus limites esbarram com categorias de diversas disciplinas das ciências humanas, como biografia, tradição oral, memória, linguagem falada, métodos qualitativos etc.”. Para Alberti (1989, p. 52), a História Oral é:

[...] um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, como forma de se aproximar do objeto de estudo.

Alberti (1989, p. 52) ainda estabelece conexão da História Oral com os estudos de instituições, grupos sociais, categoria profissional, entre outros, pois ela “privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu”, além de conferir, uma maior aproximação dos sentimentos dos agentes sociais que vivenciaram a participação no ginásio de desporto.

As especificidades decorrentes de seu emprego como método de ampliação do conhecimento e como fonte de consulta seria “o fato de a história oral apenas ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto”, e a “produção intencional de documentos históricos”.

Embora, Alberti (1989, p. 5) ressalta que a produção do documento não objetiva a recuperação do passado “tal como efetivamente ocorreu”, e sim “a versão do entrevistado”, ou seja, “privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu”. A autora nos chama a atenção que se deve levar em consideração a importância do acontecimento para o entrevistado no momento em que ocorreu e no momento em que é recordado.

Por tais características, Alberti (2005) situa a História Oral em meio ao desenvolvimento dos métodos qualitativos de investigação. A oralidade é uma forte ferramenta para dar visibilidade e garantir a resistência dos grupos sociais inferiorizados. Ao privilegiarmos, estaremos politicamente evidenciando a importância das memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à memória oficial. É sustentado na perspectiva de Pollak (1989) que compreendemos a função social da memória dos agentes sociais negros do handebol no ginásio desportivo Ronald Carvalho, que sendo subterrâneas, “prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momento de crise”. (Pollak, 1989, p. 4). A seguir, exporemos o conceito de memória *habitus* em Elias e Bourdieu utilizado neste estudo.

2.2 Memória *Habitus* em Elias e Bourdieu

O conceito de *habitus* tem sido objeto de estudo de muitos autores contemporâneos, mesmo tendo uma história longa no interior das ciências humanas e sociais. Trata-se de um vocábulo latino usado pela “tradição escolástica”, referente à noção grega de *hexis*. Para ambas significa “características do corpo e da alma adquiridas em um processo de aprendizagem”.

Alinhada com essa afirmação a pesquisadora Silvana Vilodre Goellner (2008) expõe:

[...] mais do que um dado natural, cuja materialidade nos presentifica no mundo, o corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas consoantes ao desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura, suas leis e seus códigos de conduta. Ao se mover, um corpo carrega muito mais que músculos, ossos e aparências. Suas gestualidades encarnam processos pedagógicos que incitam assujeitamentos e resistências. O corpo revela o tempo e a cultura nos quais foi educado e produzido; nele pulsam diferentes rituais e simbologias. O corpo materializa a existência e esta é plural, diversa e inclassificável (Goellner, 2008, p. 28).

Assim, o *habitus* escoltou o percurso de estudo de Bourdieu, muito mais do que o de Elias. Rememorando Roger Chartier argumenta, que em Norbert Elias, o conceito de *habitus* é secundário, e não submetido ao esmero da elaboração ou sistematização. Essa diligência, coube a obra de Bourdieu, sendo ela uma das categorias mais lembradas por comentadores e por ele próprio (Setton, 2018).

Nesse contexto, Elias (2002) entende que o *habitus* como a *autoimagem* e a *composição social do indivíduo*. Com a finalidade de exprimir a relação dialógica entre indivíduo e sociedade, registra:

Conceito como “estrutura social de personalidade” ou “estágio e padrão de auto regulação individual” figuram entre os que podem ser úteis nesse ponto. Em particular, o conceito de composição ou *habitus* social [...], tem papel fundamental nesse contexto. [...] Quando ele e o conceito muito similar de estrutura social de personalidade são compreendidos – e adequadamente aplicados – é mais fácil entender por que o velho hábito de usar os termos “indivíduo” e “sociedade”, como se representassem dois objetos distintos, é enganador (Elias, 2002, p. 150, grifo do original).

Já Bourdieu investiga “as relações dialéticas entre mundo material e simbólico” e o conceito de *habitus* foi um deles, uma forma de intensa de inculcação, “uma forma geradora das práticas, um esquema produtivo de classificação” que podemos encontrar em muitos domínios diferentes, mas que também remete às relações

dialéticas entre indivíduo e sociedade (Setton, 2018). Conforme Elias, são palavras de Bourdieu:

[...] Na realidade, as divisões da ciência social em psicologia social e sociologia se constituíram [...] em torno de um erro inicial de definição. A evidência da *indivíduo biológica* impede que se veja que a sociedade existe sob duas formas inseparáveis: por um lado, as instituições que podem revestir a forma de coisas física, monumentos, livros, instrumentos, etc.; por outro, *as disposições adquiridas, as maneiras duráveis de ser ou fazer que se encontram nos corpos* (e que eu chamo de *habitus*). O corpo socializado (aquilo que chamamos de indivíduo ou pessoa) não se opõe à sociedade: ele é uma de suas formas de existência (Bourdieu, 1983, p. 24, grifo do original).

O *habitus* age como um esquema gerador, que concede, através de um modelo único, uma multiplicidade de práticas. Assim sendo, o *habitus* como *habit-forming-force* (*força formadora do hábito*) imputa uma noção rígida com aplicação limitada. Elaborada por Bourdieu, a teoria da prática, estabelece uma poderosa síntese de uma “teoria da ação, centrada na interiorização precoce de um sistema de disposições”, sua eficácia e resistência dariam conta de todos os tipos de atividade. Nas palavras de Bourdieu:

Os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de *disposições* duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes [...] (Bourdieu, 2009, p. 87, grifos do autor)

Assim, Bourdieu introduz um novo conceito de *habitus*, a noção de *habitus clivado*, para explicar a sempre considerável desarmonia, entre “relações primeiras com o mundo social e a trajetória completa dos indivíduos”. Seu aparecimento vincula-se ao inevitável uso do conceito em trajetórias não lineares, em que os efeitos da socialização primária estão em disputa ou questionados pelo atravessamento de mundos sociais distantes.

O *habitus* transforma-se a partir das circunstâncias, inicialmente seria um *iceberg* do passado que adentraria no presente, mas aberto e sujeito as interações dinâmicas do ambiente. Certamente, um novo olhar sobre o conceito mais situado ao mundo contemporâneo, se um contínuo acervo de estratégias é reenviado a unidade de um princípio unificador, o *habitus* reconstruído imprimido pela multiplicidade e heterogeneidade, que se adequaria a uma variável do grau de consciência. Um diálogo entre disposição e ocasião se realizaria em cada indivíduo. Conforme as circunstâncias, desapareceria o automatismo do *habitus* (Setton, 2018).

Dessa forma, tanto Elias como Bourdieu qualificam a dinâmica das relações sociais como uma configuração e/ou campo, em que os agentes, em constante

interdependência, disputam formas de distinções nesse espaço de equilíbrio de forças e de tensões a sociedade é explorada como lugar de cumplicidade e aprendizagem entre indivíduos parceiros em disputa. Trata-se de articulação relacional íntima entre grupos em que a ação e a reação social estão conectadas.

A natureza cognitiva é outro aspecto que aproxima a noção de *habitus* entre Bourdieu e Elias. Para além do conhecimento e ideias, o *habitus* regulamenta um acervo de uma economia psíquica, ora instância de controle, ora um conjunto de disposições motoras e cognitivas, o *habitus* transcreve um montante de autocontroles impostos pelos próprios agentes, fruto da interdependência social. Cabe ressaltar que, como classe do pensamento, ora inconsciente, ora consciente, Norbert Elias cogitou o tempo como componente integrante do *habitus* social dos indivíduos (Setton, 2018). São afirmações de Elias:

Essa consciência sumamente elaborada e implacável do tempo, própria dos membros das sociedades mais diferenciadas e mais complexas, e que constitui um componente de seu *habitus* social, não é mais surpreendente, portanto, do que a capacidade que tinha os membros dos grupos de caçadores [...] (Elias, 2002, p. 116).

Tanto o sociólogo francês Bourdieu quanto o sociólogo alemão Elias, o mundo social é fortemente estruturado, reflete uma ordem que é fruto da correspondência entre seus diferentes agentes, através de um *habitus*. “Esse é um operador analítico que constrói a ordem e as instâncias de ajustamento”. Segundo Setton (2018), no tocante as semelhanças das percepções dos sociólogos, o costume é uma autoridade que se transmuta em lei de forma velada e oculta. A potência do costume arbitrariamente legitima o uso da força até quando a ela não é usada. Orientado por um sentido ou uma lógica de um jogo, seus partícipes não percebem que estão agindo de acordo com o previsto. Segundo Elias:

[...] as transformações da coerção exercida de fora para dentro pela instituição social do tempo num sistema de autodisciplina que abarque toda a existência do indivíduo, ilustra, explicitamente, a maneira como o processo civilizador contribui para formar os *habitus* sociais que são parte integrante de qualquer estrutura de personalidade [...] (Elias, 2002, p. 14).

Igualmente, Bourdieu e Elias refletem que os sistemas simbólicos (ciência, religião e linguagem) não são, simplesmente, ferramentas do conhecimento da vida social e/ou instrumentos que propiciam a comunicação de sentidos entre os indivíduos. Mais que isso, também podem realizar uma função ideológica a proporção

em que o mecanismo lógico de ordenação do “mundo pode se subordinar à criação de divisões e às hierarquizações sociais” (Elias, 2002; Bourdieu, 2012).

Isto posto, a noção de *habitus* e seu oculto e homeopático processo de construção mostra uma especificidade dos universos morais e simbólicos, quando elaborados e reelaborados pelos grupos e interiorizados pelos indivíduos, podem ser potenciais elementos de uma dominação simbólica e, em última instância, uma violência simbólica. Ou seja, uma violência sutil e branda, oculta e desconhecida de forma de poder, ajuizado pela manutenção de uma estrutura social arbitrária. Modo de pensar original que delata as articulações entre a produção cultural e dominação política em ambos sociólogos (Elias, 2002; Bourdieu, 2004; Setton, 2018).

Nessas ponderações, para os autores, a ação de se adaptar ao mundo por meio da renúncia aos desejos é sempre dolorida, tensa e conflituosa. Bourdieu e Elias fazem reflexão próximas das experiências de dor e sofrimento de se autocontrolar, de agir de acordo com as expectativas do mundo exterior, num movimento pré-reflexivo (Setton, 2018). Olhamos em Bourdieu um excerto expressivo:

[...] disposição é exposição. É porque o corpo é (em graus desiguais) exposto, posto em jogo, em perigo no mundo, confrontado com o risco da emoção, da ferida, do sofrimento, por vezes da morte, e, portanto, obrigado a levar a sério o mundo (e nada é mais sério que a emoção, que chega ao mais fundo dos dispositivos orgânicos) que se encontra em condições de adquirir disposições que são a própria abertura ao mundo, quer dizer às próprias estruturas do mundo social cuja forma incorporada elas são [...] (Bourdieu, 2004, p. 124).

E, agora em Elias:

[...] o controle mais complexo e estável da conduta passou a ser cada vez mais instilado no indivíduo desde seus primeiros anos, como uma espécie de automatismo, uma autocompulsão à qual ele não poderia resistir, mesmo que desejasse. As teias de ações tornaram-se tão complexas extensas, o esforço necessário para comporta-se “corretamente” dentro dela ficou tão grande que, além do autocontrole consciente do indivíduo, um cego aparelho automático de autocontrole foi firmemente estabelecido. Esse mecanismo visava a prevenir transgressões do comportamento socialmente aceitável mediante uma muralha de medos profundamente arraigados [...] (Elias, 2002, p. 196, grifo do autor).

Desse modo, o *habitus* é um acervo ou sistema de disposições culturais, construído ao longo da experiência de cada indivíduo, endividado e decorrente de um processo de socialização. E há conexões entre os sentidos dos processos civilizadores e socializadores entre os autores. Ambos são processos simultâneos de incorporações, mediação, aprendizado e transmissão de um conjunto de normas de

comportamento, ordenadoras das formas de pensar, sentir, agir, ser e sonhar dos indivíduos. Socialização e *habitus* são processos analíticos capazes de emergir interações indissociáveis entre indivíduo e sociedade. Desse modo, tais assertivas demonstram a aptidão cognitiva, comportamental e afetiva contido nos conceitos. São processos que individualizam e socializam os indivíduos, suas estruturas de personalidade ou *habitus* (Setton, 2018).

Em outras palavras, Bourdieu e Elias apontam como *habitus* o que a sociologia clássica designa como socialização, diferenciando as formas variadas de aprendizagem, dentre elas as primárias e as maneiras posteriores de socialização. *Habitus* para Bourdieu e Elias se inscreve na linha de conceitos intermediários que preenchem a mediação entre o objetivo e o subjetivo, entre o institucional e o individual. *Habitus* seria um retorno as experiências concretas socializadoras passadas em disposição para o presente (Setton, 2018). Com base em diversos autores das ciências sociais e humanas, a seguir, tentaremos promover uma reflexão da memória *habitus* como ato de nossas experiências na sociedade.

2.3 Memória experiencial negra no handebol

O modelo de socialização da atualidade compreende a particularidade de um processo de construção das memórias e das identidades a partir das mudanças estruturais e institucionais das agências tradicionais. Entretanto, observa-se a emergência de uma nova configuração cultural, em que o processo de construção das memórias *habitus* individuais e coletivas passam a ser intermediado pela concomitância de diferentes instâncias produtoras de referências identitárias e de valores culturais. Desse modo, podemos apontar a mídia, a escola e a família na contemporaneidade como autoridades socializadoras que coexistem numa relação intensa de interdependência, um foro que configuram hoje uma forma dinâmica e permanente de relação (Elias, 1970; Setton, 2002).

O processo de socialização das configurações do tempo presente pode ser considerado um lugar plural de múltiplas interações sociais. Podemos acreditar como um campo estruturado pelas dinâmicas interações entre agentes sociais e instituições diferentemente dispostas por meio de sua visibilidade e recursos disponíveis. Cabe ressaltar que a relação interdependência entre as instâncias e agentes da socialização

é uma maneira de garantir que as relações instituídas entre eles podem ser de adversários ou de aliados, de ruptura ou de continuidade, podem demarcar uma variada gama e heterogênea de experiências distintas de socialização.

Assim, pensar as relações entre mídia, escola e família com foco na noção de configuração é investigar essas instituições sociais a partir de uma relação dinâmica criada pelo conjunto de seus integrantes, recursos e trajetórias singulares. A nova configuração cultural entre as instâncias socializadoras do tempo presente forja a construção de um novo agente social (Setton, 2002).

A interpretação do conceito do *habitus* de Bourdieu permite pensar a relação, a mediação entre a subjetividade dos indivíduos e os condicionamentos sociais exteriores. Refere-se a um conceito de um sistema engendrado no passado, mas orientado para uma ação no presente, em constante reconstrução. *Habitus* não é sinônimo de destino é um sistema de orientação ora inconsciente ora consciente, que auxilia pensar as características da identidade e da memória social, de uma experiência socio biográfica. *Habitus* como memória cultural que predispõe os indivíduos a realizar escolhas.

Desse modo, a noção de *habitus* emerge da carência empírica de compreender os elos de afinidades entre o comportamento das estruturas e dos agentes e condicionamento sociais. *Habitus*, pode ser apreendido como:

[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as *experiências passadas*, funciona a cada momento como uma *matriz de percepções*, de apresentações e de ações- e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...] (Bourdieu, 1983, p. 65, grifos nossos).

Nessa citação, Bourdieu enfatiza as experiências passadas dos indivíduos trabalhando como fonte geradora de percepções, produto de trajetória anteriores. Entretanto, continua o referido autor: “*habitus* é também adaptação, ele realiza sem cessar um ajustamento ao mundo que só excepcionalmente assume a forma de uma conversão radical” (Bourdieu, 1983, p. 106).

Na mesma direção Willians (2007, p. 172) ressalta que o conceito de experiência pode ser entendido como “[...] o conhecimento reunido a partir de acontecimentos passados, seja pela observação consciente, seja pela consideração e pela reflexão.” Portanto, trata-se de uma prática experimentada, um ato prático, que produz novos saberes, novas aprendizagens sobre de um novo *habitus* individual e

coletivo. Ratificando que a construção da experiência se vincula a memória na produção de conhecimentos, saberes e valores éticos importantes no processo de socialização e civilizador dos indivíduos.

Para amplificar a reflexão acerca do vocábulo experiência, evidencia-se um trecho do texto *Alguma nota sobre la experiencia y sus lenguajes*, de Larrosa (2004), em que sugere a dueto experiência/sentido, sustentando que um determinado fato só se transforma em experiência quando o indivíduo lhe confere algum significado. Assim, a experiência é continuamente intransferível e pessoal, já que “la experiencia es lo que me pasa y lo que, al pasarme, me forma o me transforma, me constituye, me hace como soy, marca mi manera de ser, configura mi persona y mi personalidad” (Larrosa, 2004, p. 22).

Segundo Larrosa (2002), acha-se atribuído com a criação do sentido ou do sem-sentido do que nos sucede. É um saber passageiro, conectado à existência de um sujeito ou de uma coletividade humana singular. O autor pontua como a maneira como o indivíduo vai argumentando ao que vai lhe sucedendo ao longo da vida e na maneira como vamos atribuindo sentido “ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se versa da verdade do que as são os fatos, “mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece (Larrosa, 2002, p. 27).

Segundo Benjamin, filósofo alemão vinculado à Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, faz uma análise fértil sobre a intervenção da experiência sobre nossos esquecimentos e lembranças. No livro *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*, o autor destaca que o historiador precisa produzir uma experiência como prática do passado, revelando que a experiência está encravada na memória coletiva e individual. A experiência, para Benjamin (1994) é parte constituinte do comportamento humano e suas reflexões, representações, ideias e sentimentos sobre ele mesmo. Desse modo, não objetivamos pensar a ética fragmentada do conceito de experiência. Suas ideias sobre a importância da experiência humana é parte constitutiva para entender a ética. Cabe frisar que o autor apresenta contribuições importantes para pensar o cotidiano e enaltece o agir pensando e o pensar agindo.

As experiências fornecem uma coexistência de valores e saberes que coadjuvam a criar a memória coletiva. A memória reconstrói o *habitus* do passado em conexão com o presente. O senso prático é traço característico da memória no presente e no passado, na construção social e na transmissão intergeracional do

conhecimento. A experiência é um elemento constitutivo e unificador do grupo social, baseada em sua importância prática e nas memórias individuais e coletivas, lembranças e esquecimentos (Benjamin, 1994).

As experiências passadas cooperam na retenção de informações e fomentam uma convergência da memória na construção da identidade social e na maneira de pensar o passado, o presente no campo social que fazemos parte. Segundo Benjamin (1994, p. 123), experiência pode ser comunicada, “de modo benevolente ou ameaçador” suscetível de transformar nossa realidade e as maneiras de refletir. Desse modo, “[...] o pensamento atua na memória: ela se desloca e está em movimento” (Halbwachs, 2006, p. 64), pretendendo experiências novas que transformam as coexistências sociais.

Para Benjamin (1994, p. 210) “a memória é a mais épica de todas as faculdades”, confirmando a grandeza do esquecimento e da lembrança na construção da identidade sociocultural do grupo e do indivíduo, ao esclarecer que “[...] somente uma memória abrangente permite à poesia épica apropriar-se do curso das coisas, por um lado, e resignar-se, por outro lado com o desaparecimento dessas coisas, como o poder da morte.” Nesse sentido, a memória apresenta suas multimodalidades de ações de construção do processo de socialização e civilizador.

A troca das experiências é imprescindível para driblar a supressão da memória e dar impulso a novos conhecimentos e novos saberes ao grupo de indivíduos. Ao relatar a memória, são amplificadas as possibilidades de prolongar a memória do ouvinte. Configurando a memória como elemento basilar para transmissão do conhecimento das experiências passadas, que permite e cria oportunidade para evocar as experiências vivenciadas e subsidiar na construção de saberes novos formados no dia a dia.

A coexistência entre memória e a experiência edificam estruturas sociais que influencia de modo direto o dia a dia político e social da sociedade, ou seja, são combustíveis formatadores dos valores éticos e morais. Os costumes e as experiências dos variados grupos socioculturais que constituem a sociedade realçam o dinamismo social do *habitus* dos indivíduos, que em coexistência com a experiência, apresentam vivências que logram se narradas e transmitidas (Benjamin, 1994).

Nas reflexões de Hobsbawm (1995, p. 13), sobre sua experiência e memória, no prenúncio do século XX, relata que “[...] em vasta extensão do globo todas as

peessoas de determinada idade, independente de origem e histórias pessoais, passaram pelas mesmas experiências centrais.” Foram essas experiências que nos imprimem, de certa forma, da mesma maneira uma memória coletiva a partir de uma experiência social.

Os processos formativos de uma classe social requerem que a experiência vivenciada deu ao grupo social uma amplitude histórica. Nesse sentido, compreende que a memória se constrói de maneira ativa e consciente, com prática que se estabelece na coexistência humana, construindo experiências que formam cultura através das tradições, dos valores, ideias e instituições (Thompson, 1981).

As experiências vividas, que evidenciam a aptidão histórica do agente social e a construção de sua memória individual e coletiva, despontam de novos panoramas a serem investigados em sua multiplicidade de aspectos, como assinala:

Experiência – [...] por imperfeita que seja – é uma categoria indispensável ao historiador, já que compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento [...] ela é válida e efetiva dentro de determinados limites [...]. A experiência surge espontaneamente no ser social, mas não sem pensamento. Surge porque homens e mulheres são racionais e refletem sobre o que acontece a Eles e a seu mundo (Thompson, 1981, p. 199-200).

O *habitus* foi engendrado como princípio mediador, de correspondência entre práticas individuais e as condições sociais de existência, foi no próprio desajuste que ele se tornou explícito. O conceito de *habitus* assume um alcance universal, se tornando uma ferramenta conceitual, que permite avaliar a coerência das características mais diversas de indivíduos dispostos às mesmas condições de existência (Setton, 2002).

Dessa forma, “a teoria da prática adensada na teoria das noções de campo e *habitus* permite fugir da representação metafísica do tempo e da história como realidades nelas mesmas, exteriores e anteriores à prática” (Bourdieu, 2008, p. 113). As noções de *habitus* visa identificar a coexistência entre a sociedade e indivíduo com uma das questões basilares da produção deste sociólogo.

Habitus aparece como uma noção capaz de conchavar a aparente oposição entre as realidades individuais e exteriores. Tem capacidade de expressar o diálogo, a permuta recíproca e constante entre o mundo subjetivo das individualidades e mundo objetivo, compreendido como um conjunto de esquemas individuais,

socialmente construído por disposições estruturadas no social e estruturante da mente, adquiridas nas e através de experiências práticas nas específicas condições sociais de existências, orientadas constantemente para as ações e funções do agir do cotidiano. Cogitar a relação entre sociedade e indivíduo com fundamento no conceito acarreta assegurar que o pessoal, o individual e o subjetivo são concomitantes coletivos e sociais orquestrados. “O *habitus* é uma subjetividade socializada” (Bourdieu, 2008, p. 101).

A grosso modo, o *habitus* deve ser preconizado como um sistema de esquemas de percepção, apropriação e ação da experiência e posto em prática, considerando as conjunturas de um campo que o aguçam. Seguindo essa lógica os vínculos de interdependência entre o conceito e o campo é a circunstância para sua plena compreensão. A noção de campo traduz a concepção social e integra o corpo teórico dos estudos de Bourdieu. Campo seria um lugar de relações entre indivíduos e grupos com distintas posições sociais, jogo de poder e espaço de disputas. O ambiente social é constituído por vários campos, vários lugares dotados com autonomia relativa, mas regulamentado por regras próprias (Bourdieu, 2008, p. 102).

Diante do exposto, a teoria da praxiologia (ações e condutas humanas), ao evadir-se dos determinismos das práticas, conjectura uma relação dialética entre indivíduo e sociedade, uma interação dupla entre *habitus* individual e a estrutura de um campo, socialmente definido (*habitus* coletivo). Conforme esse olhar, as ações, aspirações ou escolhas, comportamentos individuais não provêm de planejamento ou cálculos, são antes resultados da relação entre as pressões e estímulos de um contexto e *habitus* (Setton, 2002). Sendo resultante do processo sócio-histórico, *habitus* não é destino, é um conjunto de disposição aberto, desafiado incessantemente por experiências novas e, dessa forma, afetado por elas incessantemente (Bourdieu, 2008, p. 108).

Nesse sentido, os conceitos de ilusão e estratégia são vultuosos. O primeiro conhecido também como interesse, se refere aqui como uma motivação intrínseco a todo indivíduo em determinado campo dotado de um *habitus*. Assim sendo:

[...] a existência de um campo especializado e relativamente autônomo é correlativa à existência de alvos que estão em jogo e de interesse específico: através dos investimentos indissolivelmente econômicos e psicológicos que eles suscitam entre os agentes dotados de um determinado *habitus*, o campo e aquilo que está em jogo nele produzem investimentos de tempo, de dinheiro, de trabalho etc. [...] Todo campo, enquanto produto histórico, gera o interesse, que é condição de seu funcionamento (Bourdieu, 2004, p. 126-128).

Entretanto, o conceito de estratégia busca captar as práticas inconscientes, no sentido evidentes e naturais como resultantes dos *habitus* concorrem a uma limitada demanda social. Segundo Bourdieu, grande parte das ações dos agentes sociais é resultante da convergência entre um *habitus* e um campo (conjuntura). Sendo assim, as estratégias despontam como ações práticas influenciadas pelos incentivos de uma definida conjuntura histórica. São inconscientes, já que se inclinam a se ajustar como um sentido prático às necessidades compulsórias de uma configuração social exclusiva (Setton, 2002).

O *habitus* auxilia compreender uma certa homogeneidade no gosto, nas tendências, “preferências de grupos e/ou indivíduo resultado de uma mesma trajetória social”. Permite compreender o princípio de parte das tendências práticas habitualmente olhadas de maneira difusa. Por outro lado, Bourdieu ressalta que o ajustamento imediato entre campo e *habitus* é só uma maneira possível de adaptação, entretanto seja a mais constante.

Podem-se avistar maneiras de amoldamento ou desamoldamento entre as estruturas subjetivas e objetivas. *Habitus* não deve ser decifrado só como significado de uma memória cristalizada e imutável; também é um conjunto de tendência edificado continuamente, aberto a novas experiências constantemente. Pode ser enxergada como um depósito de disposições incorporadas, colocadas em prática através das incitações conjunturais de um campo. É possível ser enxergado como um conjunto de tendências que inclina “à reflexão e a uma certa consciência das práticas, se é à medida que uma configuração de condições históricas consentir” (Setton, 2002).

Princípio de uma autonomia real em relação às determinações imediatas da “situação”, o *habitus* não é por isso uma espécie de essência a-histórica, cuja existência seria o seu desenvolvimento, enfim destino definido de uma vez por todas. Os ajustamentos que são incessantemente impostos pelas necessidades de adaptação às situações novas e imprevistas podem determinar transformações duráveis, mas em certos limites: entre outras razões porque o *habitus* define a

percepção da situação que o determina. Em suma, em relação ao mecanismo instantaneísta, somos levados a insistir sobre as capacidades “assimiladoras” do *habitus*; mas o *habitus* é também adaptação, ele realiza sem cessar ajustamento ao mundo que só excepcionalmente assume a forma de uma conversão radical (Bourdieu, 1983, p. 106).

Em essência a noção do conceito visa romper com os discursos unidimensional e determinista das práticas. Almeja recuperar o conceito ativo dos indivíduos como resultado do processo histórico de todo o campo social e de experiência construída no decurso de uma trajetória individual. Os *habitus* individuais, decorrentes da socialização, são formados em condições sociais particularizadas, por distintos conjuntos de tendências confeccionadas em condicionamento e trajetórias distintas, em espaços diferentes como o trabalho, a escola, a família, a mídia, a cultura de massa e/ou grupos de amigos (Setton, 2002).

Com fundamento no *habitus* como um conjunto de disposições dependente a uma trajetória social, o corpo teórico da praxiologia almeja pretender a plasticidade e historicidade das ações práticas. Essas extrapolam ao imediato presente, imputam em uma campanha prática de uma trajetória (um passado) e de um futuro insculpido no presente com condição de potencialidade objetiva. Nesse ponto, a noção de *habitus* não exprime um ordenamento social funcionando pautado pela lógica puramente da conservação e reprodução; pelo contrário, o ordenamento social constitui-se a partir de práticas e estratégias nas quais e pelas quais os indivíduos adaptam-se, respondem e concorrem no escrever da história.

A completa coerência e reprodução das estruturas, não é contemplada e nem amparada pelo panorama do *habitus*. O norte fundante do conceito é a relação dialética entre o acervo de memória individuais (inclinações) e uma conjuntura em processo de interação permanente com as estruturas. Logo, em um olhar historiográfico, a conexão entre passado, presente (trajetória) e futuro (o devir) são extensões que compõem as memórias *habitus* individuais e coletivas (Setton, 2002).

Diante do exposto, considera-se possível pensar o *habitus* dos agentes sociais negros do ginásio formulado e construído a partir de referências, distintos entre si. Enfim, *habitus* resultante de um processo concomitante e continuado de uma diversidade de ânimo e referentes não homogêneas, não coerentes necessariamente,

sendo construído pela interação de distintos ambientes sociais, em uma configuração distante de oferecer padrões fechados de condutas.

Desse modo, descerra a possibilidade de pensar o surgimento de um outro agente social negro no esporte, descerra-se espaço para refletir a constituição da memória social do agente negro do mundo contemporâneo a partir do *habitus* híbrido, construído socialmente não como uma revelação de um sentido prático incorporado e colocado em prática de forma “automática, mecânica”, mas como memória em ação, em movimento dinâmico de construção e reconstrução em permanente reavaliação.

Segundo Norbert Elias, o indivíduo é constituído por várias “camadas”, resultantes de experiência vividas ao longo de uma trajetória de vida:

Este *habitus*, a composição social dos indivíduos, como que constitui o solo de que brotam as características pessoais mediante as quais um indivíduo difere dos outros membros de sua sociedade. Dessa maneira, alguma coisa brota da linguagem comum que o indivíduo compartilha com outros e que é, certamente, um componente do *habitus* social – um estilo mais ou menos individual, algo que poderia ser chamado de grafia individual inconfundível que brota da escrita social [...] A ideia de que um indivíduo porte em si o *habitus* de um grupo e de que seja esse *habitus* o que ele individualiza em maior ou menor grau pode ser definida com um pouco mais de precisão. Em sociedades menos diferenciadas, como os grupos de caçadores-coletores da Idade da Pedra, talvez o *habitus* social tivesse uma camada única. Nas sociedades mais complexas, tem muitas. Algumas podem, por exemplo, ter as peculiaridades de um inglês de Liverpool ou de um europeu alemão da Floresta Negra. É do número de planos interligados de sua sociedade que depende o número de camadas entrelaçadas no *habitus* social de uma pessoa. Entre elas, uma certa camada costuma ter especial proeminência. Trata-se da camada característica da filiação a determinado grupo social de sobrevivência, como, por exemplo, uma tribo ou uma nação. Nos membros das sociedades no estágio desenvolvutivo dos Estados modernos, isto é designado pela expressão ‘caráter nacional’ (Elias, 1996, p. 150-151).

As interfaces das concepções de memória e *habitus*, abordadas neste projeto de pesquisa são similares no tocante às ligações teóricas entre sociedade e indivíduo. Embora, em Bourdieu, o *habitus* caracteriza-se, ao mesmo tempo, individual e social, refere-se tanto ao indivíduo quanto ao grupo. Sendo assim, o conceito de *habitus* pode ser compreendido atinente às práticas cotidianas, ao modo de vida concreto dos indivíduos, suas condições de classes em uma determinada sociedade, isto é, as estruturas mais amplas e a conduta dos indivíduos uma das condições objetivas das subjetivas (Medeiros, 2016).

Os *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas, dependendo das relações sociais e do lugar de pertencimento do indivíduo. Ao mesmo tempo, sendo social e individual, articulado as condições de existência do último e de

suas maneiras de percepção e ação no interior ou fora do grupo, onde as estruturas e a conduta dos indivíduos se fundem com as condições subjetivas e objetivas (Bourdieu, 1996).

Por sua vez, para Elias, rompe com o dualismo e articula a interação indivíduo-sociedade enfatizando o relevo da unidade; em que os *habitus* sociais estão relacionados às escolhas dos indivíduos conforme sua posição social, o que é dependente do seu destino pessoal, do grupo ou de nações. Ainda, o autor explica, que as tensões, oportunidades e ações dos indivíduos desencadearão outras sequências de ações, cuja direção e resultados provisórios não dependerão do indivíduo, mas da distribuição do poder e da estrutura das tensões em toda essa rede humana móvel (Elias, 2002).

Isto posto, pode-se afirmar que as concepções de Elias e Bourdieu são complementares, tendo o *habitus*, como ações humanas ou *práxis*, que se definem a partir do movimento, que tem seu princípio norteador no próprio ser humano, na sua ação, resultante da deliberada decisão humana, incorporada pelo ser. Partindo de Elias, as interações sociais produzem relações de interdependências entre os indivíduos que fazem parte de toda e qualquer sociedade, formando figurações (Medeiros, 2016).

Fundamentado nas concepções de memória, *habitus* e suas interfaces, articularemos os pressupostos explicitados com a instituição ginásio de desporto Ronald Carvalho e a experiência social de agentes negros do handebol, para compreensão das contribuições no processo de transformação do campo esportivo maranhense e brasileiro. Portanto, os negros ludovicenses mantém interação profunda e historiográfica com a sociogênese do handebol, que prevalece até os dias de hoje no Maranhão e no Brasil.

A inserção do negro no handebol maranhense se deu de acordo com as configurações das escolas públicas e privadas nos JEM. As primeiras são espaços educativos para atender as comunidades mais pobres da população, entre os quais predominam os assalariados, os residentes das periferias das urbes, onde estão, predominantemente, os grupos de negros. Resultantes do modelo histórico e socioeconômico excludentes, predominante na sociedade brasileira, “adequados às situações de dominações nos quais estavam inseridos, mesmos que correntes com alguns padrões das sociedades africanas” (Sousa, 2006, p. 105) como: família negra,

quilombo, irmandades, religiões de matriz africana, capoeira, bumba-boi, tambor de crioula-congadas etc.

Desse modo, as transformações do handebol vão além de se pensar somente no desenvolvimento da modalidade esportiva em si, na linearidade. É perceber, sobretudo, os vestígios e as nuances que perpassaram a própria trajetória dos agentes sociais negros do esporte, em interação com os outros subcampos, no campo social, experiência viva na memória social, que marca a presença das práticas socioculturais esportivas do grupo de negros no ginásio, olhada, também, pelo prisma das desigualdades *habitus de classe sociorraciais*, que produzem tensões e conflitos em distintas temporalidades.

As bases teóricas dos estudos da multidisciplinaridade da memória, como objeto e método de pesquisa, aqui explorados, vão contribuir na investigação das práticas sociais, dos modos de vida, da trajetória dos negros e negras que circularam no Ronald Carvalho nos anos de 1970 a 1980. As memórias são construções sociais de grupo e de coletividade, que prescrevem o que devem ser memoráveis e os lugares onde devem ser inscritas, esse é um entendimento compartilhado por diversos estudiosos do campo da memória (Halbwachs, 2006).

Sendo assim, ao investigar um lugar de memória negra, um monumento da cultura do esporte, a partir das memórias e trajetórias dos indivíduos negros ludovicenses, oferece uma abertura para o entendimento do processo de construção e transformação do campo esportivo do handebol maranhense e brasileiro. Constituído, em sua grande maioria, por grupos étnicos-raciais periféricos da cidade, a única fundada por franceses no Brasil, colonizada por holandeses e portugueses, e construída por negros africanos escravizados, que até hoje lutam para se libertar da escravidão imposta pela história e memória oficial.

Essa memória subterrânea é preservada através desses grupos que representam as várias formas de resistências das comunidades tradicionais em São Luís (MA). A seguir, tentaremos apresentar uma reflexão sobre o ginásio desportivo Ronald Carvalho como lugar de memória dos corpos negro no handebol brasileiro.

2.4 Lugar de memória negra do handebol: ginásio desportivo Ronald da Silva Carvalho

Ao pesquisar o campo da memória em transversalidade com o campo esportivo ginásio desportivo Ronald de Carvalho da antiga ETFMA, como um lugar de memória negra do handebol brasileiro, se faz necessário em um primeiro momento o debate preliminar sobre os conceitos do campo de estudo da memória para entendermos como se deu esse processo de transformação do *habitus* esportivo no contexto dessa instituição esportiva. Diante disso, Halbwachs (2006) debate em relação à memória individual e coletiva, ao nosso modo de viver o dia a dia, imbricado com o tempo, espaço e indivíduo. Segundo o autor:

A memória [...] é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto, toda memória é, por definição, *coletiva*. Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao tempo que muda às rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e de outros (Halbwachs, 2006, p. 160).

Assim, podemos inferir que não há memória coletiva na ausência da memória individual, sendo que a memória coletiva indica, ou se marca desde as memórias individuais, continua o sociólogo francês Halbwachs (2006, p. 69) que isso desenrola-se quando:

Se a memória coletiva tira força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes.

Ao se investigar a memória, os tempos e os lugares onde ela se ancora, a primeira impressão que se tem é a transferência de conhecimento e valores intergeracional, de um país para outro, de uma entidade para outra, isto é, sobrevive reiteradamente a noção de algo que já foi determinado em um passado distante ou próximo. Entretanto, no tempo presente, é dispensável que os grupos humanos herdem meramente do passado todos esses conhecimentos e saberes. É necessário

que avance a investigar certas práticas sociais como o esporte e os agentes que as movimentam.

A memória está em permanente movimento de transformação, ela não logra ser algo fixo e imutável, estabelecida para sempre na eternidade. Nosso estudo aborda justamente isso, a carência de imprimir um olhar mais profundo e amplo sobre as memórias individuais e coletivas presentes no campo esportivo do ginásio, inquirindo como essas memórias do handebol estão submersas, reproduzidas e ressignificadas ao longo das experiências socioesportivas dos agentes sociais negros experimentaram no Ronald Carvalho.

A imbricação do campo esportivo do ginásio como um lugar de memória, encontra em acordo na seguinte afirmação de Halbwachs:

Se, entre as casas, as ruas e os grupos de seus habitantes houvesse apenas uma relação muito accidental e de curta duração, os homens poderiam destruir suas casas, seu bairro, sua cidade, e reconstruir em cima, no mesmo local, uma outra cidade, segundo um plano diferente- mas as pedras se deixam transportar, não é muito fácil modificar as relações que se estabeleceram entre as pedras e os homens. Quando um grupo humano vive por muito tempo em um local adaptado a seus hábitos, não apenas a seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens materiais que os objetos exteriores representam para ele [...] (Halbwachs, 2006, p. 163).

Nesse contexto, podemos afirmar que o espaço social e físico do Ronald Carvalho é um lugar beneficiado de memórias íntimas e afetivas com os indivíduos que vivenciaram experiências no ginásio. Esse é um lugar de memória negra, onde permanecem lembranças arraigadas dos agentes sociais esportivos do handebol, conectadas por reminiscências ou lembranças.

Os materiais esportivos, os vestiários, as arquibancadas, a quadra, os banheiros, as torcidas e seus cantos, as escolas, os jogos, os atletas, os uniformes, os campeonatos, os torneios, os ídolos de cada geração, as brigas das torcidas e atletas, os principais jogos e as grandes finais dos eventos, as estratégias técnicas dos atletas, as táticas das equipes, as arbitragens polêmicas, as tensões do jogo do poder, cada lugar de memória desse espaço evoca histórias e memórias de diferentes situações robustas de sentimentos e de detalhes, que só tem importância, quando os indivíduos que por ali circularam se comunicam, ou se unem.

Dessa forma, o ginásio de desporto Ronald Carvalho, trazido para a cidade de São Luís pelo governo federal, no início de 1970, está na memória social e nos muitos

“lugares de memória” como um importante centro de referência sociocultural do esporte do Maranhão. As lembranças informam que por sua quadra e arquibancadas passaram filhos ilustres do estado maranhense, alguns conhecidos, desconhecidos e outros ainda não revelados; falam de um centro de excelência do desporto educacional maranhense; contam histórias de uma instituição escolar que cumpria com o papel de oferecer ensino e formação aos jovens negros carentes com o fim de prover às “classes economicamente desfavorecidas uma educação voltada para o trabalho” (Brasil, 1909).

Enquanto os esquecimentos ou silêncios retêm as possíveis contradições, os fatos são descritos, enaltecidos e narrados sem um aprofundamento na reflexão, que venha afiançar um conhecimento totalizante. A “história” do ginásio, contada pelo senso comum, encerra apenas os aspectos aparentes e imediatos da realidade.

Atualmente, as pesquisas acerca da memória coletiva afirmam que ela é parte inerente do ser humano e tem conexão direta com o lugar que contornam os indivíduos. Desse modo, Halbwachs (2006, p. 159) adverte:

[...] O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro-negro no qual se escreve e depois se apaga números e figuras. Como a imagem do quadro-negro poderia recordar o que nele traçamos, se o quadro-negro é indiferente aos números e se podemos reproduzir num mesmo quadro as figuras que bem entendemos? Não. Mas o local recebe a marca do grupo, e vice-versa. Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável.

Infere-se que a ocupação do espaço do ginásio Ronald Carvalho, por um determinado período, imprimiu sinais indelévels que se fixaram na memória coletiva do agrupamento de agentes sociais negros do subcampo do handebol. Analogamente, Halbwachs (2006) faz um comparativo interessante com a escritura anotada num quadro-negro. Tudo que é copiado nesse quadro-negro pode ser silenciado, apagado ou extinto, entretanto, os sinais atinentes à afinidade do conteúdo da escrita ali exposta, integra a memória coletiva mantendo-se de geração em geração. Dessa forma, podemos alegar que o lugar onde a memória coletiva se ancora constitui o cenário que junta valor a tudo que se refere à prática social, sendo uma configuração fundante da memória coletiva.

Podemos sugerir que a memória, onde brotou a história do grupo de agentes negros do ginásio de São Luís, revitaliza e confirma a prática social desportiva desse agrupamento, que por seu turno a alimenta, revisitando o passado para servir o presente e transformar o futuro. As vistas disso, na constante tentativa de se reconstruir a memória de um agrupamento, a partir de eventos, que procurem dar vida ao passado advêm a serem recheados de formas básicas de capitais, comuns à maioria dos campos: o econômico, o social, o cultural e o simbólico.

O primeiro é um indicador de posição econômica, pode ser compreendido como a posse de poder aquisitivo. Enquanto o capital social se refere à rede de relacionamentos que o indivíduo tem com os outros agentes do campo. As “relações pessoais” dentro da “rede”. O conjunto de recursos atuais ou potenciais ligados à posse de uma rede duradoura de relações; vinculação a um grupo de agentes dotados de elementos comuns “passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos”, estão fundidos por elos permanentes e úteis. Já o capital cultural, é entendido como o conhecimento que o indivíduo detém e que valoriza no interior do campo, aptos a gerar dividendos que produz lucros a seus possuidores. Este capital manifesta-se basicamente em três estados: incorporado, objetivado e institucionalizado. O capital simbólico compreendido como um modo particular que propicia reconhecimento e poder ao possuidor no interior de um campo particular. Esta espécie de capital assume configurações de valor e reconhecimento simbólico distinto conforme cada campo específico (Bourdieu, 1983; 1989; 1998).

Sobre as configurações entre presente e passado, ou entre lugar e memória coletiva, podemos inferir que essa interação se transmuta de acordo com o movimento da autenticidade de cada tempo, e sinaliza que a memória coletiva constitui um conhecimento adicional na construção ou reconstrução do sentido das práticas sociais, atestando-se o espaço ou o lugar como campo social onde se manifestam e se desenvolvem as memórias coletivas.

Ao apreciar a memória coletiva, concebem-se fundantes os movimentos sociais de conservação de heranças espaciais, em que o indivíduo dos agrupamentos humanos se une na persecução de um objetivo comum, procurando emergir o passado para ofertar aos sobreviventes da atualidade. A fim de que isso se concretize, “a memória coletiva só pode existir enquanto vivência, isto é, enquanto prática que se manifesta no cotidiano das pessoas como prática viva e dinâmica” (Nora, 1993, p. 3).

A esse respeito, cabe referenciar Nora em suas considerações sobre o que denomina de lugares de memória, em seu artigo publicado *Entre memória e história – A problemática dos lugares* (1993). Inicialmente, segundo Nora, os lugares de memória apresentam um triplice acepção: são lugares materiais onde fixam a memória social e pode ser apreendida pelos sentidos; são espaços funcionais que adquirem ou têm a função de alicerçar as memórias coletivas, e são espaços simbólicos da memória coletiva que expressa e se revela a identidade individual ou coletiva do grupo.

Diferente de ser um produto natural e espontâneo, os lugares de memória são uma edificação histórica, e a relevância que instigam vem de documentos e monumentos, que dá indícios dos processos sociais, das paixões, dos conflitos e do que é digno de atenção que, consciente ou inconscientemente, os colore de uma incumbência icônica (Nora, 1993). Nora disserta da necessidade moderna de elencar lugares onde colocar memórias, torna obrigatório a determinados objetos ou espaços a atribuição de memória e fixá-la ali, guardada para a qualquer instante ser acordada pelo homem.

Nora (1993, p. 15) esclarece que a memória moderna “é uma memória registradora, que delega ao arquivo o cuidado de se lembrar por ela e desacelera os sinais onde ela se deposita como a serpente sua pele morta”. São esses espaços ou lugares que fixam a memória e que mediam a relação dos indivíduos com seu passado no campo social, como se a memória não fosse uma faculdade suficiente para viabilizar diretamente a conexão entre presente e passado. Sendo necessário algum suporte material onde fixar a memória, as lembranças, dito isso “os lugares de memória são, antes de tudo, restos” (Nora, 1993, p. 12).

Em função disso, o autor afirma que os lugares de memória a distorcem e a tornam a história, sendo, “desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história” (Nora, 1993, p. 9). Entretanto, a materialização e a apreensão da memória é um movimento artificial de distanciamento do indivíduo de seu passado e de suas reais lembranças, que atrapalha o exercício essencial da sua função gerenciadora do passado e do processo evolutivo da memória, pois:

[...] a razão fundamental de ser de um lugar de memória é *parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para prender o máximo de sentido num mínimo de sinais*, é claro, e é isso que os torna apaixonante: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações [...] (Nora, 1993, p. 22, grifo nosso).

Não se pode prender a memória, já que o silenciamento, o esquecimento, as deformações e as distorções do passado são intrínsecas a sua natureza, e o indivíduo necessita do movimento memorial para seguir. Logo, a memória é “aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de sua de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de realizações” (Nora, 1993, p. 9).

São precisamente essas lacunas enfeitadas pela memória que a pormenorizam: “a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivo no eterno presente [...] porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confrontam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, cenas, censura ou projeções” (Nora, 1993, p. 9).

Retomando com Halbwachs (2006), a memória coletiva estrutura-se, internamente, como uma partitura musical, é vivenciada por meio de um sistema estruturado, nesse os fatores sociais dominam determinada localização e exercem papéis já pré-estabelecidos. Portanto, não há memória coletiva na participação dos indivíduos, dos grupos sociais que a solidificam, tornando ultra resistente às tentativas de silenciamentos e apagamentos.

Esses pressupostos concordam com as concepções da memória incorporada de Elias e Bourdieu. Em conformidade com os autores, parte-se do pressuposto que o corpo humano tem a capacidade de incorporar conhecimento, razão que o faz, ao mesmo tempo, social e individual. Desse modo, o *habitus* porta as capacidades incorporadas de “coletivização”. O indivíduo é um mantenedor de práticas sociais incorporadas no *habitus*, ele não pode ser compreendido por meio de modelos individualistas do homem. É o “[...] corpo socializado, investido na prática dos princípios organizadores socialmente construídos e adquiridos no curso de uma experiência social situada e datada” (Bourdieu, 2012, p. 167).

A memória “é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade de coerência de uma pessoa de um grupo em sua reconstrução de si” (Halbwachs, 2006, p. 163). A partir desse juízo, compreende-se que o campo da

memória de determinado grupo age como um mecanismo ideológico, carregando o desenvolvimento de um processo de representação psicossocial individual, e que reordena simbolicamente o lugar dos objetos ou indivíduos.

Diante das abordagens citadas neste item, podemos afirmar que o ginásio desportivo Ronald de Carvalho é um lugar de memória negra do handebol brasileiro, eternizadas e dinamizadas na grande circulação de indivíduos e lembranças ancoradas nele, deixadas por atores sociais que foram partes integrantes desse contingente social de negros desportistas. Nesse contexto, é importante salientar que o ginásio é capaz de emergir o passado vivido e experienciado socialmente, de recordar “antigas histórias” vistas de vários olhares diferentes, entretanto, com pontos congruentes que seriam as nossas memórias coletivas. Assim, podemos afirmar que o espaço social e físico do Ronald Carvalho é um lugar abundante de memórias íntimas e afetivas de indivíduos que vivenciaram experiências no ginásio.

As narrativas trazidas aqui serão carregadas de memórias, esquecimentos, silenciamentos e lembranças. O resgate dessas memórias será construído através do recorte do *habitus* social e racial dos agentes negros, sua vivência e experiência no *campo esportivo* do ginásio desportivo Ronald Carvalho. Segundo o sociólogo:

O campo das práticas esportivas é o lugar de lutas que, entre outras coisas, disputam o monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, amadorismo contra profissionalismo, esporte-prática contra esporte-espetáculo, esporte distintivo – de elite – e esporte popular – de massa – etc.; e este campo está ele também inserido no campo das lutas pela definição do corpo legítimo e do uso legítimo do corpo, lutas que além de oporem entre si, treinadores, dirigentes, professores de ginástica e outros comerciantes de bens e serviços esportivos, opõem também os moralistas e particularmente o clero, os médicos e particularmente os higienistas, os educadores no sentido mais amplo – conselheiros conjugais, dietistas, etc. –, os árbitros da elegância e do gosto – costureiros, etc. As lutas pelo monopólio da imposição da definição legítima desta classe particular de usos do corpo que são os hábitos esportivos (Bourdieu, 1983, p. 7).

Segundo Elias (1971) quando discutiu a “*La gênese du sport en tant que problema sociologique*” (Gênese do Esporte como um problema sociológico), afirmou que o conhecimento do esporte é fundamental para o conhecimento da sociedade. As teses de Elias concorrem, assim, para melhor esclarecer a sociogênese da esportivização, bem como a configuração do esporte moderno em sua singularidade.

A restrição do nível de violência consentida no jogo de corpo, a existência de equipagens que catalogam as práticas e normas escritas, autodeterminação e/ou

espetáculo do jogo atinente aos confrontos rituais ou guerreiros. Em resumo, a conjuntura do surgimento dos primeiros esportes modernos e das primeiras competições esportivas na Inglaterra se deve, principalmente, devido a sociedade ter acumulado e reunido as condições que, contempladas de um olhar psicogenético e sociogênico, eram indispensáveis para o desenvolvimento desses hábitos esportivos de caráter regulamentado fosse efetivamente possível (Medeiros; Godoy, 2009; Souza; Starepravo; Marchi Júnior, 2014).

Na Modernidade, vários jogos realizados em campo inspiraram a origem do handebol, como o haandbold, criado pelo professor dinamarquês Holger Nielsen, em 1848, e o hazena criado pelos tchecos. Existe relatos de que, nesse mesmo intervalo, jogos semelhantes eram experienciados no Uruguai e na Irlanda. Com a reconstrução da distração Torbal, o professor alemão Karl Schelenz concebeu o esporte handebol em 1919. No ano imediato, o handebol foi reconhecido pela direção da “Escola de Educação Física da Alemanha”. Em 1925 foi realizado primeiro jogo internacional de handebol, entre Áustria e Alemanha, no qual o time austríaco foi o vencedor. Em 1946, foi criada a Federação Internacional de Handebol (IHF), responsável por organizar os primeiros campeonatos mundiais de handebol de salão. No tempo presente, o handebol é jogado em mais de 180 países pelo mundo. Além do mais, a IHF tem um alcance de 209 federações associadas (Afonso, 2023).

O handebol, no formato como percebemos hoje, foi introduzido no campo esportivo brasileiro na década de 1950. O movimento de difusão do esporte iniciou através de um curso oferecido pela Associação dos Professores de Educação Física-APEF no município de Santos-SP em 1952, ministrado pelo professor francês Augusto Listello. Envolveu professores de todo Brasil, a modalidade se desenvolveu nos diversos municípios brasileiros, sendo a escola o lugar de disseminação principal do movimento.

A ascensão do handebol no campo esportivo escolar contribuiu para que ele fosse inserido em 1971 nos III JEB realizado em Belo Horizonte, cujo o coordenador geral dos jogos era o maranhense Ari Façanha de Sá, e nos JUB, a partir de 1972 (Hubner; Reis, 2005; Vaz, 2014; Andres; Goellner, 2022).

Para isso, ao discutir a memória em Elias, fugimos dos entraves propostos pela distinção entre uma memória individual, coletiva e histórica no modelo proposto por

Halbwachs (2006), e assim aproveitamos o caráter interdisciplinar da memória para considerar os indivíduos na essência da natureza. Para Elias:

A memória desempenha um papel decisivo nesse tipo de representação, que enxerga em conjunto àquilo que não se produz num mesmo momento. Ao falar dessa maneira numa capacidade de síntese, pretendo referir-me, em particular, àquela capacidade, característica do homem, de presentificar para si o que de fato não está no presente [...], e de ligá-lo com o que está efetivamente presente [...], essa evidentemente, é apenas uma das manifestações do papel humano de efetuar síntese, mas desempenha um papel essencial em todas as modalidades de determinação do tempo. Mais exatamente, seria inútil dizer que agora são quatro horas, se não estivéssemos simultaneamente cientes de que antes eram duas horas e, depois, serão seis. “Antes” e “depois” traduzem, aqui, a capacidade humana de abarcar numa só representação acontecimentos que não ocorreram ao mesmo tempo, e que tampouco são experimentados como simultâneos (Elias, 2002, p. 61-62).

A incorporação do social na configuração do *habitus* é intersecção entre o biológico e o psicológico, já que versa sobre o social no corpo, sem apontar um lugar exato no corpo, como no cérebro, muito menos na consciência, pois como explica Bourdieu, o *habitus* é o social consumado na natureza. No percurso da memória, o esquecimento toma acento, nesse mesmo social. Portanto, trata-se de uma memória que pode ser conhecida como memória (reconhecida) ou simplesmente, praticada, agida, e perpetuada sem que venha à tona o questionamento acerca de seu cunho social-simbólico e, portanto, acerca dos processos de formação, continuidade e descontinuidade. É no próprio processo interativo que vai se determinando o que será ou não tematizado, o que ganhará centralidade ou será relegado ao fundo da cena social. Assim, esquecer/lembrar estão conectados a esquemas sócio-históricos de valoração, também. (Nery, 2016).

Segundo Pollak (1989, 1989, p. 3), ao se “privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõe à “Memória oficial”, no caso a memória nacional”. Ao se contrapor a essa memória é rompido um “longo silêncio” acerca do passado, resistindo ao que a sociedade determina como discurso oficial.

Os sentidos do *silêncio* também têm um motivo e uma razão de ser e que talvez possam estar correlacionados com vários elementos: a própria interação com o pesquisador, o medo de ser punido por aquilo que sabe, de se expor a mal-entendidos etc., que cabe ao pesquisador observar e desvendar (Pollak, 1989).

Ainda, acerca do silêncio, o autor afirma que existe uma fronteira entre o dizível e o indizível e que ele faz a separação entre “uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada” e “uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou Estado desejam passar a limpo” (Pollak, 1989, p. 15). Nesse caso, deve-se atinar para aquilo que não está sendo falado, para o *indizível*. Buscar verificar os motivos que levaram os indivíduos a não relatarem tal episódio: desconhecimento, ocultamento, esquecimento e dentre outros motivos que tenham uma razão e uma explicação de ser.

Assim, a conexão entre memória e silêncio admite compreender que a memória é constituída de silêncio, silenciamento e esquecimento. Esse último pode ser de dois tipos: com sentido de apagado (esquecido) em que um novo significado se constitua, ou esquecem-se novos significados que já foram possíveis, “mas que foram estancados em um processo histórico-político silenciador” (Orlandi, 1999, p. 59).

Em relação ao silenciamento como meio de dominação, podemos estar em silêncio e estar significando. Ao nos calarmos isso tem um significado e o silêncio é tão significante que pode ser capaz de incomodar. Se nós percebemos silenciados, somos capazes de ficar em silêncio, ou colocar-nos em silêncio falando ao outro, aquilo que pode ser falado ou aquilo que se espera que se fale.

O silenciamento decorre quando, por medo, respeito ou educação, várias vezes a ação de falar é apenas utilizada para que os outros significados não apareçam. Ressaltamos que o silenciamento imposto como meio de dominação foi e ainda é utilizado de várias maneiras para silenciar os agentes negros em sua memória e história no Brasil (Orlandi, 1999, p. 59).

Para Bourdieu, a violência simbólica atuante na estrutura social, divide a sociedade em classes bem definidas, onde os pilares são a segregação e o preconceito. Caracterizando uma forma de dominação simbólica exercitada sobre os indivíduos e com adesão deles. A posição social que ocupa o indivíduo na sociedade, influencia o modo dele pensar, ver e agir em situações múltiplas. Em função do *habitus*, traduz julgamentos estéticos, morais, políticos e estilo de vida, além de ser um mecanismo de ação que cria e desenvolve estratégias coletivas e individuais (Bourdieu, 2012). A seguir, apresentamos uma reflexão acerca da memória *habitus de classe e raça* a partir da experiência social esportiva dos corpos negros maranhenses

2.5 A (des)construção da memória *habitus* de classe e raça do negro de São Luís (MA)

“Nós surgimos, de certo modo, a meio de uma conversa que já começou e na qual tentamos orientar-nos para fornecer-lhes o nosso contributo.” (Ricoeur, 1986, p. 58), A partir desse pressuposto de Ricoeur, podemos inferir que o indivíduo não nasce com componente da sociedade, mas com inclinação para sociabilidade, a incorporação, a interiorização, ou seja, a tomada de sentido da realidade inicia quando ele assume o sentido dos acontecimentos já vivenciados e experimentados por outros indivíduos. Torna-se necessário, que o referido estudo faça um exame dos *habitus de classe e raça* a partir das práticas sociais, dos modos de vida, das vivências, experiências e trajetórias de agente social negro no esporte maranhense apresentando algumas noções que atravessam o tema e ancoram o significado preciso dos dados coletados por meio da oralidade.

Nesse sentido, segundo Guimarães (2003, p. 96), “as raças são uma construção social e devem ser estudadas por ramo próprio da sociologia ou ciências sociais, que trata das identidades sociais”. Em consonância com exposto acima, para Hall (2003), o conceito de raça não é algo científico, o autor determina a raça como construção social e política. No tocante as características observáveis, da percepção da discriminação fenotípica, alguns estudiosos mencionam o seguinte:

[...] em sua acepção contemporânea, o termo ‘raça’ (ou o qualificativo ‘racial’) não mais denota a hereditariedade biossomática, mas a percepção das diferenças físicas, no fato de elas terem uma incidência sobre os estatutos dos grupos e dos indivíduos e das relações sociais. [...] Não é, então, a raça enquanto tal, mas as relações raciais que constituem um objeto para a sociologia (Phoutignat; Streiff-Fenart, 1998, p. 41).

Embora, não sendo de caráter científico, cabe ressaltar, que a noção de raça que baseia o racismo presente em nossa sociedade, já se serviu e/ou serve-se do vocábulo para distinguir grupos humanos. Ao postular sobre racismo Hall (2003, p. 69) afirma como uma “categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão”.

Desse modo, segundo as postulantes do Curso de Formação para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira (CEAO/UFBA): somente é racista aquele que, além

de acreditar na existência de raça, hierarquiza estas raças superiores e inferiores, ou seja, faz uma diferenciação baseada na relação de poder entre uma raça e outra.

Cabe aqui ressaltar que a ideia de “racismo reverso”, difundida por algumas pessoas na tentativa de boicote à luta de movimento negros, não possui fundamento. Isso porque o racismo é um processo político que influencia a organização da sociedade, e essa organização é mediada pelo poder.

Almeida (2019), em sua obra *Racismo Estrutural* escreve que existe um grande equívoco na ideia de racismo reverso “porque membros de grupos raciais minoritários podem até ser preconceituosos ou praticar discriminação, mas não podem impor desvantagens sociais a membros de outros grupos majoritários, seja direta, seja indiretamente”. (Almeida, 2019, p. 35). É verdade que indivíduos negros estão submetidos a semelhantes mecanismos de dominação de classe que atingem outros grupos de posição inferior, mas, para além disso, os negros sofrem uma desqualificação maior em função de sua condição racial (Ribeiro, 2010).

Segundo Almeida (2019) o racismo é uma maneira sistemática de discriminação a partir da raça, e se concretiza através de práticas sociais inconscientes ou conscientes que determinam em privilégios ou desvantagens para indivíduos, a derivar do grupo racial ao qual faz parte. Embora coexista relação entre as noções, o racismo se diferencia da discriminação racial e do preconceito racial. Este é um juízo fundado em estereótipos sobre os indivíduos que pertençam a um distinto grupo racializados, que resulte ou não em práticas discriminatórias. Julgar orientais “naturalmente” preparados para as ciências exatas, judeus como avarentos e negros como inconfiáveis e violentos são exemplos de preconceito. Enquanto, a discriminação racial é um atributo de tratamento diferenciado de membros de grupos racialmente identificados.

Dessa maneira, a discriminação tem com elemento fundante o poder, isto é, a eventualidade efetiva do uso da força, sem o qual não é possível conceder desvantagens ou vantagens por conta da raça (Almeida, 2019). Ainda, segundo o autor, os brasileiros coabitam diariamente com três concepções do termo racismo: o individualista, o institucional e o estrutural, que narra sucessivamente a coexistência entre subjetividade e racismo; Estado e racismo; e o ordenamento do aparato jurídico e político-econômico da sociedade. Infelizmente, na história presente, “pode-se afirmar que o Brasil é um país racista” (Almeida, 2019, p. 22).

Isso fica claro, por exemplo, no levantamento do IBGE que produziu o caderno técnico de *Estudos e Pesquisa de Informação Demográfica e Socioeconômica*, em 2019, número 41, que faz um exame das desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. Nessa investigação, foram empregados estudos concretizados pelo IBGE e registros administrativos de órgãos públicos. A síntese da pesquisa está anunciada abaixo. O catálogo examina as desigualdades sociais por raça e cor por meio de temáticas essenciais, como moradia e rendimento, educação, violência e representação política. Cabe ressaltar que o desenho aparta pardos e pretos, que em 2018 eram 55,8% da população brasileira, sendo 43,1% brancos, totalizando 99% da população (Figura 6).

Figura 6 – Síntese de indicadores sociais em 2019

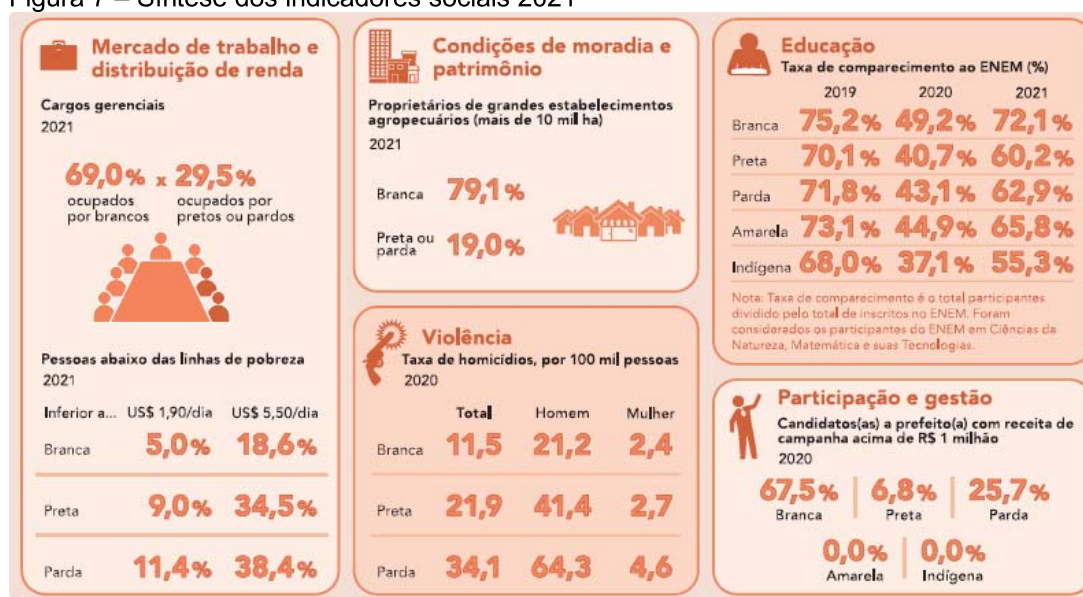


Fonte: IBGE (2018).

A Síntese de indicadores sociais (2021) tem ratificado o acesso desigual de diferentes grupos da população a serviços e bens básicos importantes ao bem-estar, embora sendo assegurados como direitos por leis e pela Constituição Federal de 1988. As políticas públicas direcionadas à ampliação do acesso desses grupos a serviços e bens não tem surtido efeitos para reverter as históricas desigualdades que perpetua a situação de grande vulnerabilidade socioeconômica.

Os maiores impactos são sobre os grupos de pretos (9,1%) e pardos (47,0%), que representam 56,1% da população brasileira, onde as melhores condições de vida desses grupos estão aquém dessa proporcionalidade (IBGE, 2021).

Figura 7 – Síntese dos indicadores sociais 2021



Fonte: IBGE (2021).

Ao examinarmos atentamente, há uma distinção no *habitus sociorracial* entre a população branca e negra em várias configurações. É o que apreendido por Almeida (2019) como racismo estrutural:

O racismo é estrutural. Comportamento individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas. A viabilidade da reprodução sistêmica de práticas racistas está na organização política, econômica e jurídica da sociedade. O racismo se expressa concretamente como desigualdades política, econômica e jurídica. Porém o uso do termo “estrutura” não significa dizer que o racismo seja uma condição incontornável e que ações e políticas institucionais antirracistas sejam inúteis; ou, ainda, que os indivíduos que cometam atos discriminatórios não devam ser pessoalmente responsabilizados (Almeida, 2019, p. 22).

Essa estrutura historicamente construída, faz com que grupos, racionalmente identificados, sejam discriminados sistematicamente. É uma estrutura reprodutora de desigualdade racial (Almeida, 2019).

Nesse sentido, contrariando o entendimento acima, Bourdieu (1989) esquivase da ambição totalizante, certifica o papel e a existência das estruturas sociais e busca recuperar da mesma forma o papel do agente social e das estruturas mentais que os estruturalistas negligenciaram. Por si só, as estruturas sociais não prescrevem a vida social como defendiam os estruturalistas.

O agente social, o aspecto individual, não é um simples resultado decisivo das determinações sociais. Incorporamos normas e regras sociais, porém, existe configurações de nossos atos que não são previsíveis. É semelhante a um jogo que conhecemos as regras e o seu significado, entretanto podemos improvisar. O conceito de *habitus* expressa a negação a toda uma sequência de alternativas nas quais a ciência social se confinou, “a da consciência (ou do indivíduo) e do inconsciente, a do finalismo e do mecanismo” (Bourdieu, 1989, p. 60).

Apesar de ser altamente polêmica no movimento negro, o próprio IBGE utiliza da denominação preto ou pardo. O termo negro é uma construção conceitual discursiva com atributos bem distintivo em nossa sociedade. Originalmente, designa cor, tendo no ocidente uma conotação social no que tange aos africanos e seus afrodescendentes na Europa e América com caráter preconceituoso e pejorativo. Sendo uma construção histórica, originada do iluminismo e cristandade medieval. Entretanto, os afrodescendentes ao se autodeclararem como negros, estão construindo uma percepção favorável de si mesmos, reconstruindo sua memória coletiva, em uma ação social de resistência cultural, diverso do significado pejorativo que foi construído pelo branco etnocêntrico (Guimarães, 2017).

O termo negro é uma designação de autoafirmação de uma memória sociocultural (Hall, 2003). Neste sentido, que a presente investigação faz o uso do termo “negro”. Sobre essa problemática de autodenominação de quem é negro no Brasil? “[...] num país que desenvolveu o desejo de branqueamento, não é fácil apresentar uma definição de quem é negro ou não”, pontua o antropólogo Munanga (2004) ao ser perguntado. Há indivíduos que são negros e não se orientam como tal. A problemática da identidade negra é algo a ser ressaltado e Munanga considera-o como decisão política.

Em 2015, a empresa brasileira de análise, planejamento e visualização de dados, a *Post Advertising Technology Agency* (PATA) elaborou um catálogo de distribuição racial interativo no Brasil que está disponibilizado na internet (Figuras 8 e 9). A partir desse gráfico, pode-se examinar a disposição geográfica, consistência demográfica e a matiz racial do povo brasileiro. Cada um dos pontos do gráfico representa um indivíduo, totalizando 190 milhões de pontos. O lugar e o pigmento dos pontos têm por base os dados do Censo IBGE (2010) e cada pigmentação da carta representa uma das alternativas de raça possível no citado censo.

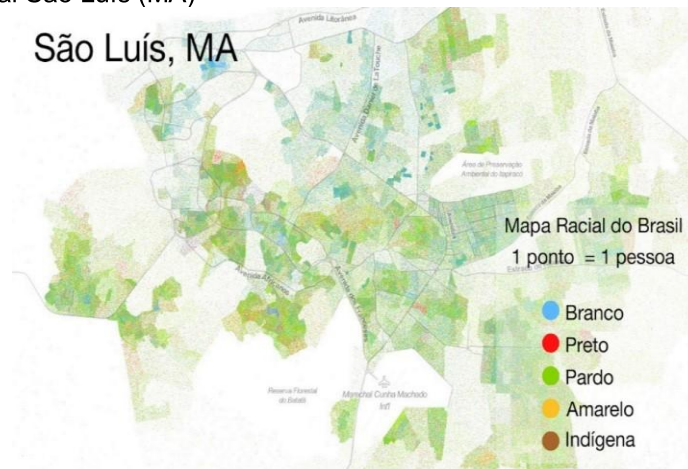
O catálogo foi orientado pelo Dustin Cable, ex-investigador do *Cooper Center for Public Service da University of Virginia*, e o responsável de um catálogo racial dos Estados Unidos.

Figura 8 – Mapa racial do Brasil



Fonte: Pata (2015).

Figura 9 – Mapa racial São Luís (MA)



Fonte: Pata (2015).

Em função da escala da representação gráfica, cada ponto memorização é inferior a um pixel na maior parte dos níveis de zoom acessíveis. As tonalidades são geradas por acumulados de pontos (e, por conseguinte de indivíduos).

Segundo o IBGE (2010), o resultado do conjunto de habitantes residentes no Maranhão que participou do censo foi de 6.574.789 pessoas. Desse número, 21,9% se declararam branca; 9,6% preta; amarela 1,1%; parda 66,9%; indígena 0,5%; e 0,0% não se declarou. Em São Luís (MA), 1.014.837 pessoas participaram do censo e

29,12% declaram-se branca; 12,97% preta; 1,09% amarela; 56,65% parda; e 0,17% indígena.

Cabe salientar que o censo não possui uma precisão de 100%. Considerando a população entrevistada, e a precisão de 99% relatada pelo censo, 69,62% da população de São Luís autodeclara-se negra (pretos e pardos). Esses dados podem estar mascarando a realidade do campo social, em que o indivíduo ao se autodeclarar branco ou pardo tem maiores chances de acesso aos capitais social e econômico. Assim, a possibilidade de existirem mais negros são grandes.

Já no Censo 2022, os dados divulgados pelo IBGE, a maioria dos maranhenses (66%) se declarou parda. Os dados estão conforme as contagens nacionais, no qual teve um crescimento de 11,9% no cômputo de indivíduos que se declaram parda, em associação a 2010. “É a primeira vez que os pardos passaram os brancos, se tornando o maior grupo racial do país pela primeira vez, com 45,3% da população” (IBGE, 2022). Só dois municípios maranhenses não apresentam maioria de pardos: Serrano do Maranhão, no geral preta (58,48%); e Jenipapo dos Vieiras, no geral indígena (45,83%). Entretanto, há uma suave queda no cômputo de pardos maranhenses, em função do crescimento de pessoas declaradas pretas ou indígenas (IBGE, 2022).

Segundo o IBGE, atualmente, no Maranhão, os pardos são 4,4 milhões, 66,4% da população. Em 2010 eram 66,9%. Enquanto os pretos eram 9,7% e atualmente são 12,6%; já os indígenas pularam de 0,5% para 0,8% na última década. Em seguida podemos verificar atualmente o cômputo em associação a raça/cor no Maranhão: “6.541 pessoas - amarela (0,1%); 54.682 pessoas - indígena (0,8%); 854.274 pessoas - preta (12,6%); 1.361.724 pessoas, branca (20,1%); 4.498.415 pessoas - parda (66,4%)” (IBGE, 2022).

O Maranhão tem uma população de 6.776.699 moradores, sendo 854.424 indivíduos autodeclarados pretos, o que representa 12,6% dos habitantes. De 2010 até o presente há uma variação de 34,2% na quantidade de sujeitos que se autodeclaram pretos. O estado só perde para Pernambuco que reúne a maior população que se considera preta no Brasil, com 909.557 indivíduos. Após os maranhenses, vem os cearenses e piauienses. “Os dados apontam que, entre as cinco regiões do Brasil, o Nordeste é o que concentra a maior população que se autodeclara preta, com 13%”. Em São Luís (MA), 1.037.775 pessoas participaram do

censo e (26,41%) declaram-se branca; (16,18%) preta; (0,11%) amarela; 57,16% parda; e 0,15% indígena (IBGE, 2022).

Para Munanga (2004, p. 52), os que militam politicamente nos movimentos negros organizados atribuem como negro qualquer indivíduo que tenha esse aspecto. É um atributo político que se assemelha da significância norte americana. Nos Estados Unidos, não há diferença entre mestiço, pardo, mulato etc., negro é qualquer indivíduo descendente de negro, mesmo que seus aspectos fenotípicos não sejam semelhantes da população negra.

Os movimentos negros são ações sociais que apresentaram, ao longo do tempo, diversas estratégias de combate pela superação do racismo e inclusão social na sociedade brasileira. Conforme Gomes (2011):

O movimento negro do tempo presente, como ação social, pode ser apreendido como um nova organização coletiva e política que, em conjunto com outros movimentos sociais, surgiu nos anos de 1970 no contexto brasileiro, ou seja uma coletividade onde se constrói identidades e se desenvolvem práticas sociais por meio dos quais se defendem interesses, se expressam vontades e institui-se identidades, imprimidas por interações, recíprocos processos de reconhecimento, com uma organização permutável e sujeito a mudanças. Em quanto movimento político, esses indivíduos constroem discursos, rearruma enunciados, menciona aspirações difusas ou as articula, permitindo aos sujeitos que fazem parte se identifiquem nesses novos significados. Expande-se espaço para reflexões antagônicas, constituir conflito, alteração no significado das práticas e das palavras, construindo novas ações e significados (Gomes, 2011, p. 135).

Contemporaneamente, existem vários movimentos distribuídos em nosso país que praticam ativismo da luta pelo povo negro. Em São Luís (MA) existem o Centro de Cultura Negra do Maranhão (CCN) AKOMABU blocos afro do CCN; Grupo de Dança Afro Malungos (GDAM) e a União de Negras e Negros pela Igualdade (UNEGRO), entidade criada em Salvador marcada por atuações em defesa dos direitos da população negra e transformações nas políticas sociais, todas contam com participação ativa dos antigos agentes sociais negros do handebol do ginásio Ronald Carvalho da antiga ETFMA.

A seguir apresentamos uma estratégia da memória educacional na tentativa de transformar *habitus de classe e raça* dos agentes negros do campo esportivo maranhenses.

2.6 Estratégia transformadora do *habitus* do campo esportivo maranhense

A criação do Curso de Formação de Professores de Educação Física no nível de segundo grau para o exercício do magistério de primeiro da ETFMA, foi idealizada pelo professor Laércio Elias Pereira em conjunto com os professores Lino Castellini Filho e Sidney F. Zimbres. Os professores viveram a experiência em anos anteriores na criação de cursos, como o de licenciatura curta no Instituto Tecnológico de Aprendizagem (ITA), tendo como base o modelo o curso de Educação Física da Universidade de São Paulo (USP) (Vaz; Araújo, 2014).

Para José Maranhão Penha, professor de handebol da ETFMA e da disciplina de handebol do citado curso, no início da formação pedagógica do curso de Técnico em Educação Física na ETFMA, considera que:

A formação do curso já se deu com Laércio, Trajano, e Lino, foram os mentores, lutaram por esse curso, lutaram bastante para implantarem esse curso, teve várias turmas pela manhã, tarde e noite, e no início do curso fui o professor de organização, administração esportiva e também de handebol, eu tinha aqui a relação de algumas turmas, pessoal que fez o curso era interessado. Muita gente, veio pessoal do interior do estado, na seleção entrou muita gente, àqueles caras que se interessavam e gostavam de esportes no interior, vinham adquirir conhecimento, se habilitar para poder desenvolver mais atividade física no interior do estado. Só quem indicava era o prefeito, mandava cozinheira, a empregada, parente, o sobrinho e os seus conhecidos, isso fez com que se perdesse a essência do objetivo do curso. Eu lembro que, teve uma época que a ETFMA fez um convênio com a secretaria de Educação do estado, daí começou a decadência do curso, a secretaria de educação fornecia a logística, material, água, luz, papel essas coisas, giz na época era no giz, bola, e ETFMA fornecia os professores, aí entrou em decadência, em seguida foi criada a divisão da Educação Física da secretaria de Educação do estado, coordenada por Lessy Batista Neves, a secretária era Leda Tajara, mas daí elas saíram, e o curso entrou em decadência, foi quando assumiu a maranhense professora de educação física formada pela UFMA Silvana Farias. Começou a ter algumas dificuldades de cumprir com que foi prometido, não tem papel, não tem isso, não tem bola, os professores eram da ETFMA então, esses estavam todos lá, a foram até fim. A grande curricular foi muito bem estruturada, foi similar ao da UFMA, tanto que a maioria os alunos que saía do curso de Educação Física da ETFMA, fazia universidade, foram os mesmos criadores, o currículo era o mesmo da UFMA, e os professores eram o Laércio, era a esposa do Laércio, o Pascoal, ambos eram da universidade e do curso da ETFMA, o currículo era o mesmo, a mesma didática, todo o curso completo, só que o curso ETFMA habilitava para ensinar até o Ensino Fundamental, hoje que é até a 8ª série na época, a habilitação era até isso.

Seguindo a meta de ofertar atividades educativas da ETFMA, os professores Lino Castellani Filho, primeiro coordenador do curso, Guaraci Martins Figueiredo e Leopoldo Gil Dúlcio Vaz, Laércio Elias Pereira, Antônio Maria Zacharias Bezerra de

Araújo (prof. Dimas), todos da ETFMA e da UFMA imbuíram-se com o objetivo de concretizar a ideia do curso de Educação Física na ETFMA (Vaz; Araújo, 2014).

Na fala do professor de educação física do IFMA, Vespasiano da Hora à secretaria de educação e CEFET-MA, na época, realizaram uma parceria:

Houve um convênio da secretaria do estado que era exatamente para qualificar minimamente os profissionais que já estavam no mercado, nas escolas, tanto do município, quanto ao do estado, trabalhando como profissionais de Educação Física, mas que não eram licenciados, eles precisariam ter o curso que os tirassem da ilegalidade, se capacitar. É preciso que o professor de Educação Física seja capacitado para trabalhar nas escolas. Mas o que fazer com as pessoas que já estão trabalhando na escola, devido à necessidade pela insuficiência de profissionais da área sem formação superior. Então a secretaria de estado da Educação por meio da divisão de educação física, só me falha a memória, coordenada na época por Lessy Batista Neves, assinaram, esse convênio entre o estado e CEFET/MA, conseguia tomar essa decisão, por ser uma autarquia na época, ficando à frente da coordenação desse curso o professor Trajano, pelo lado CEFET, então as aulas eram estruturadas, tinha inclusive vários esportes, como o handebol e entraram as lutas, o judô, a capoeira, foi a onde eu dei aula: judô, capoeira e voleibol, essas foram às três da minha responsabilidade e tiveram tantos outros professores dando aula lá, então o propósito era esse, qualificar os profissionais já existentes.

A formação pedagógica dos profissionais era uma bandeira de luta, afirmou Vespasiano da Hora:

Exatamente, porque pressionava, esses profissionais não podem estar trabalhando, têm que ter uma capacitação etc. Então esse convênio, por essa tensão, não é uma coisa puramente, vamos capacitar não, era pressionado, porque tinha o cunho de ilegalidade, mas que era perdoado pela coordenação, olha essas pessoas foram nomeadas, não tinha professores de Educação Física, eles fizeram o curso mínimo, que deu a condição de trabalharem, então vão buscar esse curso, focado para este público, O curso surtiu um efeito positivo, foi uma das coisas interessantes que eu considerei, porque aqueles profissionais iam permanecer lá não poderiam demitir, o máximo que, olha a lei não permite que vocês fiquem aqui, aproveitariam outras atividades, mas nós demitimos não, então qualifica o camarada unicamente para exercer a atividade.

No discurso, o curso ampliaria a função pedagógica da ETFMA, que por meio da formação em Educação Física, participa de resoluções dos problemas da área no Maranhão. Na UFMA, no curso de educação física, convivíamos com ausência de professores com mestrado e doutorado e a falta de alunos na graduação.

Desse modo, a instituição não formava nenhum professor a cada ano; uma tentativa frustrante foi a malsucedida implantação de curso de Educação Física na UEMA, a finalização do curso Técnico de Educação Física do ITA. No mesmo contexto, em um estudo realizado, em 1982, se constatou que só na Secretaria de

Educação do Estado do Maranhão havia um déficit 980 de professores de Educação Física (Vaz; Araújo, 2014). Em 2002, o professor Leopoldo Gil relatou à Secretaria do Estado de Esporte e Lazer (SEDEL) um déficit de professores de Educação Física em Maranhão, como justificativa para recriar o curso de Educação Física na UEMA, nesse cenário ruim de oferta de profissionais nesse campo esportivo. Leopoldo Gil reafirmou:

Ainda existe, está mais avançado, eram aproximadamente 2.300 professores contratados, como professores de Educação Física, dos quais aproximadamente 1.900 eram leigos, desses 400 professores, há 5 anos. Até hoje existe isso, a secretaria de Educação, quando entra nesse esquema de estatísticas da educação, você vai ter aproximadamente 2.000 professores contratados ou nomeados professor de Educação Física, sem qualquer vínculo com a Educação Física. Não tem formação em Educação Física até hoje, o estado alega pessoal leigo está ocupando, não se aposenta. Em Santa Helena-MA na baixada maranhense, tem 120 professores, 120 leigos e a escola do estado que tinha lá fechou, nenhum formado, 120 leigos. São cabos eleitorais, foram contratados. Em São Luís (MA), você quer ver uma coisa no Liceu Maranhense, levante o quadro de professores, metade não tem curso de Educação Física, os que têm, tem o curso da escola técnica, são habilitados até a 6ª série, Luís Reis de França Martins, são parte daqueles 107 professores que estão atuando, Gastão, todo esse pessoal velho que está aí, não tem curso de Educação Física.

Embora a ETFMA tivesse uma boa infraestrutura para oferecer o curso de Educação Física, a instituição não tinha os recursos financeiros necessários para a compra de equipamentos, remuneração de pessoal e aquisição de material didático para o funcionamento do curso. Sem isso, o curso não poderia funcionar na ETFMA. No esforço para a continuidade do curso foram necessárias algumas parcerias com a SEDEL, a SMED e o CND (Vaz; Araújo, 2014).

Para o professor Leopoldo Gil, o projeto das praças esportivas do CND foi fundamental na implantação do curso Técnico em Educação Física na ETFMA para capacitar os profissionais dos municípios contemplados pelo projeto:

primeiro curso de Técnico em Educação Física foi para o Conselho Nacional de Desportes – CND, este tinha um projeto de praças esportivas em diversos municípios do Brasil, para o Maranhão vieram 45 praças, só que obrigatoriamente, tinha que ter profissional de Educação Física para coordenar as atividades, e o Maranhão não tinha, então o CND acordou com a ETFMA para capacitar esse pessoal nas prefeituras do interior do estado, as 45 prefeituras iam indicar um profissional para vir fazer o curso com duração de 1 ano, 8h de aula por dia, manhã e tarde, para poder formar esse pessoal em 01 ano em técnico, a carga horária era de no mínimo 1800h, desse modo dava para fazer em 1 ano, 8h de atividades diárias, 10 horas aulas por dia, dava para cumprir as 1800h, só que as prefeituras do estado, assinaram o contratado com CND, apenas não tinha ninguém para vir.

Para Leopoldo Gil, o CND coexistia com a SEDEL, que era executora do projeto, já que o presidente do CND era o secretário da SEDEL, essa secretaria não só tomava conhecimento, como também indicava quem viria fazer o curso:

O presidente do Conselho Regional de Desportos (CRD) era o secretário de Esportes e Lazer. A SEDEL que era a executora, havia as vagas, tinha necessidade, então se fez uma seleção, as vagas queriam ir para o interior, então selecionava 44 daqui em São Luís, que já atuava em São Luís. As vagas do interior, das prefeituras, quem indicou que eram os parentes dos prefeitos, e aí o que aconteceu, as prefeituras tinham o interesse em receber o dinheiro para construir as praças em um ano, enquanto se construía o projeto nos municípios, se formava o profissional para tomar conta, então foram as pessoas ligadas ao município foram indicadas, formaram a primeira turma do CND, alguns formandos voltaram para o interior e os outros permaneceram aqui em São Luís (MA), porque as prefeituras deram fim no dinheiro, sem construir as praças, e as pessoas iam fazer o que no interior se não tinham onde realizar as atividades, aí esses formandos foram absorvidos pela SEDEL, esta estava com mão de obra toda qualificada de forma gratuita, como o estado percebeu que dava para fazer que ele tinha, 400 professores sem habilitação, a secretaria de educação procurou a ETFMA para formar uma segunda turma, pela secretaria de Educação e SEDEL, convênio ETFMA, duas turmas, uma para secretaria de Educação e uma para SEDEL, a da secretaria de educação funcionou pela manhã, e da SEDEL foi à noite, então foram duas turmas a da SEDEL e Educação. A SEDEL e a Educação deviam pagar pelo serviço e ainda ceder professores para ministrarem as aulas, não cumpriram com o acordo, isto é o curso aconteceu, só que eles não pagaram, mesmo assim, o contrato foi renovado, aí houve uma terceira turma uma pela manhã e outra noite. O primeiro coordenador foi o Lino, então a ETFMA contratou Lino e o Laércio. Lino concluiu o primeiro ano, foi embora para o mestrado, aí foi que o professor Manuel Trajano foi contratado pela ETFMA para a segunda turma, assumiu a coordenação do curso. Tanto o Trajano como a sua esposa Aparecida veio de São Paulo trazido pelo Moacir. Ambos foram contratados pela ETFMA e terminaram assumindo a coordenação, o Manuel Trajano assumiu a coordenação do Curso de Educação Física, o casal de professores foram da ETFMA.

O curso a coexistiu com o da UFMA, que seguiu o mesmo modelo preconizado pela instituição, sendo pioneiro no Maranhão, formou docentes de segundo grau para exercício do magistério de primeiro grau para uma demanda reprimida da época, principalmente aos dos JEM, que naquela época, já atingia a participação de mais de três mil alunos, se consolidado como maior evento no calendário esportivo maranhense (Vaz; Araújo, 2014).

O curso da ETFMA foi experiência pedagógica de *habitus* individual e coletiva, de um grupo de professores liderados por Lino Castellani Filho, Laércio Elias Pereira e Manoel Trajano que transformaram o *habitus* do campo esportivo do Maranhão, da forma de pensar, de agir e sentir na construção do currículo do curso para fazer frente às demandas da época. A primeira edição do curso funcionou durante dois anos, dividido em duas partes. A formação geral, com um ano de duração, e a formação

específica, cursada no outro ano restante. Na fase final, o docente escolhia a habilitação entre as oferecidas no curso (Vaz; Araújo, 2014).

A estrutura do curso era interdisciplinar, com sólida base científica, praticamente se orientava pela mesma estrutura curricular do curso do Departamento de Educação Física da UFMA. Com professores engajados, experientes e trajetórias socioeducacionais nos vastos quadros de renomadas intuições de ensino: ETFMA e UFMA. Essa foi uma estratégia dos agentes sociais para superar as lacunas na formação de professores de Educação Física no Maranhão, pela carência de número de alunos em salas de aula do curso de educação física da UFMA e da ausência de profissionais do campo da educação física no estado (Vaz; Araújo, 2014).

A partir de 1980, o curso da ETFMA começa a ganhar destaque no jogo estabelecido entre as instituições educacionais maranhenses, as “disputas” no campo começam a ficar evidentes ao se estabelecer comparações entre os cursos. Era uma prática pedagógica de uma experiência concreta para um grupo de agentes sociais negros, das camadas mais vulneráveis do campo social, com pouco capital econômico e educacional. Isso dificultava a aprovação no vestibular da época, ou ter que cursar educação física em outra cidade brasileira, no caso Belém, Campina Grande ou Rio de Janeiro, roteiros mais comuns de indivíduos detentores de capital social, econômico e educacional das camadas favorecidas do meio social maranhense.

Cabe ressaltar que a proposta pedagógica mudou e transformou o campo esportivo profissional maranhense. Os agentes sociais negros que cursaram, queriam realmente transformar o campo da Educação Física e do Esporte. Na fala do Leopoldo Gil isso fica claro:

O curso era realmente superior ao o curso da UFMA , porque só tínhamos alunos de Educação Física, não tínhamos alunos que fizeram vestibular par medicina, para farmácia, para bioquímica, tanto que os bons alunos que saíram desse curso técnico, e aí fizeram vestibular, foram aprovados, e se constituíram em das melhores turmas que UFMA já teve, foi justamente na época em que houve a desvinculação para transferência interna de curso dentro da universidade, isto é, o aluno ao concluir o período básico integrado dos cursos da área da saúde, não podia pedir transferência para outro curso desta área, como medicina, odontologia, farmácia e enfermagem. Não tinha mais segunda opção, se o candidato fez vestibular para Educação Física, era Educação Física e acabou, embora, havia muita gente que não conseguia ser aprovado para medicina, persistia fazendo vestibular para Educação Física, e logo após dava um jeito e transferia para outro curso, porque Educação Física, anteriormente, ainda era vinculada a área médica, temos como exemplo, o caso de Paulão, terminou Educação Física e foi fazer odontologia logo em seguida. Ele transferiu, e fez os dois cursos, concluiu um e depois foi concluir o outro.

Cabe enaltecer a participação dos professores paulistas de Educação Física, na constituição do curso, ficou evidente o compromisso político-pedagógico desse corpo docente, desde quando desembarcaram, que fizeram jus ao que foram fazer no Maranhão. Possuidores de um vasto capital cultural e técnico-científico naquela época, com formação superior no subcampo da Educação Física, nas melhores Instituições Superiores de Educação Física do Brasil, como a Escola Superior de Educação Física do Exército, Gama Filho e USP.

A primeira edição do Curso de Educação Física foi constituída em 1980 e durou oito meses, em tempo integral, com oito horas/aula por dia. Funcionou a base de recursos financeiros do governo federal, através do convênio SEDEL e CND. A turma com 40 alunos, metade dos alunos indicados pela SEDEL e a outra indicada pelo CND, as prefeituras do interior maranhense, no final, a indicação de todos os alunos foi sob a responsabilidade da SEDEL (Vaz; Araújo, 2014).

O CND avaliou negativamente a parceria durante o andamento do curso. Os prefeitos desviaram os recursos recebidos para financiar a construção dos Parques Esportivos do CND. Desse modo, o CND denunciou o convênio e suspendeu o pagamento por falta de prestação de contas da SEDEL. Esta assumiu o curso em sua totalidade e, posteriormente, incorporou todos os concludentes como funcionários da secretaria (Vaz; Araújo, 2014).

A primeira parcela do recurso financeiro foi liberada para a constituição do curso de Educação Física na ETFMA durante a gestão do secretário Elir Jesus Gomes junto a SEDEL. A segunda parte foi liberada durante a metade do curso, para a edificação dos núcleos esportivos; seriam 40 prefeituras beneficiadas, mas somente a metade indicou candidatos ao curso em São Luís (MA). Como o quantitativo era de 20 municípios, o dinheiro todo não foi liberado (Vaz; Araújo, 2014).

Ao caracterizar o curso, a nota explicativa orientava que professor de Educação Física no exercício no primeiro grau deveria possuir conhecimento geral e específico, condicionamento e habilidade motora, paciência, gostar de criança e vocação ao magistério do primeiro grau, quando as crianças de 7 a 12 anos iniciam na prática de Educação Física, recreativa, desportivas em diversas modalidades. O professor, no exercício do primeiro grau, exercia suas atividades em escolas (1ª a 6ª série) das redes de ensino municipal, estadual e particular, em classes especiais, em clubes e centros recreativos.

O objetivo do curso era propiciar ao estudante uma formação teórico-prática necessária ao desempenho satisfatório da profissão, ao habilitá-lo legalmente ao exercício de técnico de segundo grau em uma das habilitações oferecidas pela ETFMA. A proposta pedagógica curricular se estruturou em dois blocos: Formação Geral e Formação Específica. A especialização ou habilitação nos esportes era prevista no projeto e no currículo do curso. A estrutura curricular prevista para 1980 visou uma habilitação generalista, na qual a maioria das disciplinas era da formação ampla (ETFMA, 1990). As disciplinas da primeira turma do Magistério em Educação Física, em 1980, foram ordenadas por área, com 10 na formação geral (Quadro 1).

Quadro 1 – Magistério em Educação Física- 1980/1º Turma

Formação geral e disciplinas	Professores	Carga horária
Redação e Expressão	Rosário de Maria Cruz	60h
Estudos Regionais	Carlos Magno dos Anjos Veras	40h
Organização e administração da educação física e do desporto/História da Educação Física	José Maranhão Penha	60h
Fundamentos da educação	Ivone Nunes/ Ivanilde Castelo Branco	100h
Noções de Anatomia	Henrique Cardoso	100h
Noções de Fisiologia	Henrique Cardoso	60h
Noções de Primeiros Socorros	Henrique Cardoso	60h
Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau	Ivone Nunes/ Ivanilde Castelo Branco	60h
Estatística Aplicada	Daniel Melo	40h
Didática	Ivone Nunes	120h
Total		700h
Formação Especial		
Ginástica	Antônio José	80h
Natação	Oswaldo Telles	100h
Atletismo	Leopoldo Gil Vaz	100h
Jogos e Recreações	Maria Aparecida Dantas/Manoel Trajano Dantas Neto	120h
Ginastica Olímpica/Dança	Dejanete	80h
Handebol	José Maranhão Penha/Laércio Elias Pereira	80h
Voleibol	Guaracy Martins Figueredo	80h
Basquete	Reinaldo Cruz	80h
Judô	Vespasiano da Hora/Demóstenes Mantovani	60h
Futebol	Lino Castellane/Guaracy Martins Figueiredo	60h
Total		880h
Estágio Supervisionado	Duração mínima	720h
Coordenador	Manoel Trajano Dantas	

Fonte: Adaptado de Muniz e Penha (2023).

O curso era ministrado em regime de tempo integral aos portadores de Cursos de 2º Grau completo, hoje chamado de subsequente (ETFMA, 1990). Em 1982, na segunda edição do curso, o convênio foi concretizado diretamente entre a parte da SEDEL e secretaria municipal de São Luís (MA). Foram 80 alunos, em duas turmas, uma no turno matutino e outra no noturno, com a finalidade para a formação de técnicos desportivos e de recreação da SEDEL, e dos docentes das secretarias de educação estadual e municipal de São Luís (MA). A SEDEL jamais repassou recursos para a ETFMA. Essa teve que assumir todo o desenrolar e a conclusão do curso. Desse modo, foi finalizada a parceria entre ETFMA e SEDEL (Vaz; Araújo, 2014).

Foi mantida a mesma forma de organização curricular e com o aumento da carga horária de algumas disciplinas, na formação geral em 1982 (Quadro 2).

Quadro 2 – Magistério em Educação Física- 1982/ 2º Turma

Formação Geral	Carga Horária
Disciplinas	
Redação e Expressão	60h
Estudos Regionais	30h
Organização e administração da educação física e do desporto	60h
Fundamentos da educação	60h
Noções de Anatomia	90h
Noções de Fisiologia	60h
Noções de Primeiros Socorros	60h
Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau	60h
Estatística Aplicada a Educação Física	60h
Didática	120h
Total	700h
Formação Especial	
Ginástica	120h
Natação	90h
Atletismo	120h
Jogos e Recreações	90h
Ginastica Desportiva	30h
Handebol	90h
Voleibol	90h
Basquete	90h
Judô	60h
Futebol	60h
Rítmicas/Danças	60h
Total	1650h
Estágio Supervisionado	

Fonte: Adaptado de Muniz e Penha (2023).

Em 1983, fruto do convênio entre a ETFMA e a SEEDUC, foi ofertada a terceira turma, dessa vez, recriaram o Departamento de Educação Física, coordenado pela docente Silvana Farias. No novo convênio, a SEEDUC forneceria alguns professores e o material desportivo, e a ETFMA cederia professores de Educação Física, as instalações e os equipamentos desportivos. Como nas vezes anteriores, não foi repassado o recurso financeiro (Vaz; Araújo, 2014). O curso funcionou no período diurno, ocorreu uma modificação curricular no número de disciplinas na área de Educação Geral. Na formação especial houve um acréscimo no número de disciplinas na área de esporte, como desdobramento do *habitus* esportivo que teve seu ápice na década de 1980 no Brasil (Quadro 3).

Quadro 3 – Magistério em Educação Física- 1983/3º Turma

Formação geral e disciplina	Carga Horária
Disciplinas	
Redação e Expressão	60h
Estudos Regionais	30h
Organização e administração da educação física e do desporto	60h
Fundamentos da educação	60h
Noções de Anatomia	90h
Noções de Fisiologia	60h
Noções de Primeiros Socorros	60h
Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau	30h
Estatística Aplicada a Educação Física	60h
Didática	120h
Total	540h
Formação Especial	
Ginástica	120h
Natação	90h
Atletismo	120h
Jogos e Recreações	90h
Prática de Ensino	90h
Ginástica Desportiva	30h
Handebol	90h
Voleibol	90h
Basquete	90h
Judô	60h
Futebol	60h
Rítmicas/Danças	60h
Total	1.110h
Estágio Supervisionado	

Fonte: Adaptado pelo autor (Muniz; Penha, 2023).

Foram várias as ações e estratégias dos agentes sociais negros no ginásio desportivo da ETFMA, com contribuições importantes na transformação do *habitus* do campo esportivo maranhense, que formaram e consolidaram o surgimento do primeiro curso de formação de professores de Educação Física no nível de segundo grau para o exercício do magistério de primeiro grau da ETFMA, em parceria com o CND e a SEDEL.

Na próxima seção, apresentamos a descrição dos procedimentos metodológicos adotados na pesquisa.

3 Metodologia

3.1 Memória e história oral como caminhos metodológicos

Esta investigação tem como objeto de estudo a constituição do handebol enquanto campo esportivo de práticas no ginásio desportivo Ronald da Silva de Carvalho, da ETFMA. Procura-se reconstruir a experiência de agentes sociais negros no subcampo handebol, em um lapso temporal que remonta à origem desse esporte e da própria Educação Física no campo esportivo maranhense de 1970 a 1980.

A pesquisa, do ponto de vista metodológico, faz um exame sócio-histórico das memórias de um grupo de agentes sociais negros, coletadas por meio de entrevistas de História Oral (HO). No transcorrer de suas experiências concretas, estiveram e, alguns ainda estão envolvidos com a constituição e o desenvolvimento do handebol, enquanto esporte escolar, de rendimento e adaptado, no contexto das instituições que atuam ou atuaram na categoria.

A abordagem a ser utilizada na investigação é a história oral adequada para revelar informações que podem se ocultar nos registros documentais, em que a comprovação oral pode obter algo importante para a memória do cidadão comum e dos marginalizados nos estudos científicos. A memória é socializada por meio da linguagem e das narrativas. É a partir do diálogo que se torna possível compreender como o outro olha o mundo e os motivos de suas opiniões e valores, o que não é possível de apreender a partir dos métodos tradicionais de investigação fundamentadas nos documentos e na história oficial.

Desse modo, para compreendermos uma prática social historicamente marginalizada, requer métodos específicos de estudo, em que a HO ganha destaque. Embora tenha sido bastante difundida nos últimos tempos e em múltiplas áreas do conhecimento, a HO é antiga, foi construída em uma fase incipiente da pesquisa histórica, em que se utilizavam relatos orais, que sofriam duras críticas no campo acadêmico. A sua utilização na América e na Europa iniciou no século XIX, por meio de tentativas de uso das tradições orais, transmitidas ao longo de séculos, nas sociedades onde não existia documentação escrita, como na África pré-colonial, passando ao tempo presente a fazer parte da recuperação histórica. Frente a isso, foi

indispensável um movimento contestador do uso restrito da linguagem escrita como documento oficial para vir à tona a história oral.

No presente, a HO foi aceita e difundida, consolidando-se um método mais amplo da natureza historiográfica, concorrendo para materializar as experiências vividas pelos indivíduos e grupos excluídos das narrativas da memória oficial (Ferreira, 1994; Ferreira; Amado, 2005; Meihy, 2002).

A HO tem como objetivo fazer emergir as narrativas dos indivíduos que foram agentes e testemunhas do seu tempo na realidade do seu espaço social, permitindo relatar a sua memória histórica. Ao fazer o uso dessa metodologia na investigação da memória *habitus* do campo esportivo de negros maranhenses, permite-se a articulação das memórias orais, escritas e imagéticas. Nas investigações da esfera qualitativa, a HO escava a rede alterável de conexão social, o acréscimo das instituições sociais e dos diversos valores e conceitos sociais, buscando reconstruir a memória a partir da construção de fontes primárias para outros investigadores (Progianti; Amado, 2002).

Segundo Thompson (2002), a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas por meio da escuta dos indivíduos e dos registros de suas experiências e lembranças. A HO perpassa as estatísticas, comprova aquilo que é pessoal e particular, ela esclarece as motivações dos comportamentos sociais, sendo os relatos dos testemunhos essenciais. Através da HO são preenchidas as lacunas, ao mesmo tempo que são construídos os documentos históricos escritos.

A HO, ainda, é uma área de fronteira, não só entre as disciplinas, mas também entre mundo real e acadêmico, entre a memória legitimada cientificamente e as individuais e coletiva. Se existe um embate entre essas memórias, a HO está na linha de frente desse confronto. A multidisciplinaridade da oralidade sobre uma determinada personalidade ou acontecimento pode nortear a reflexão para um olhar político-sociológico do relato oral, divergindo das maneiras de dominação social, dando eco à voz das memórias de negros, crianças, pobres, mulheres, LGBTQIAP+³ e das demais minorias sociais (Massoni, 2017).

³LGBTQIA+ é o movimento sociopolítico que advoga a diversidade e persegue mais representatividade e direitos para essa população. A nomenclatura exalta o embate por mais igualdade e respeito à diversidade. As letras representam um coletivo de indivíduos.

Opta-se pela história oral testemunhal, já que a abordagem da HO compreende quatro formatos: a história oral de vida, a temática; a tradição oral e a testemunhal. A história oral testemunhal é o gênero narrativo que combina aspectos da *história oral de vida* (centrada no próprio indivíduo na história, desde a infância até o presente momento em que narra) e da *história oral temática* (aquelas que abordam prioritariamente acerca da participação dos entrevistados na temática investigada). Fala-se, pois, de interfaces e entrecruzamento.

Neste estudo, optamos pelos cruzamentos e as interfaces dos dois tipos de entrevistas, em algumas entrevistas priorizamos a história de vida. Enquanto em outros casos adotamos as entrevistas temáticas, caracterizadas por relatos circunscritos nas experiências vividas dos narradores, com teores dramáticos e consequências graves, faz desse gênero narrativo mais atuante e menos contemplativo.

Para além de registrar, comporta as análises pontuais de dilemas que incomodam e questionam o *status quo*. A síntese da memória individual e coletiva de pessoas e segmentos de grupos em realidade social de opressão ou de seu papel histórico não reconhecido, fundem-se entre abordagem de pontos de vista específicos com impacto no campo social. A história oral testemunhal tem potencial para as políticas de compensação e propõe, em alguns casos, ações direcionadas para implementações de políticas públicas reparadoras, renovadoras ou transicionais (Meihy; Seawright, 2020).

Nesse sentido, o direito à memória política de segmentos perseguidos, consolidou o gênero narrativo da história oral testemunhal, por ser direcionado à promoção do eco, a voz e a escuta de pessoas que padeceram graves violações de direitos humanos, ou sofreram deslocamento e debilidade de saúde. É um gênero narrativo de cunho político e, portanto, de chamamento histórico-social renovadores. Com o *habitus* predisposto de defender grupos em situação de desqualificação e vulnerabilidade social, evidenciando os indivíduos que padeceram por risco ou traumas e que demandam por condições qualificadas, para além das situações limite, de risco ou opressão (Meihy; Seawright, 2020).

Nessa direção, considera-se relevante tornar público o abuso, a violação de direitos humanos, as condições de silenciamento, o apagamento ou a inexistência de documentos escritos, como entraves para o bem-estar social de minorias. Os

silenciados ou a “voz dos vencidos”, a história oral testemunhal se prescreve aos ativismos, resultando e motivando ações de grupos identitários. *Habitus* social e racial, de gênero, são exemplos, de áreas de preferência de estudos. A ligação política com proposta ativista é inerente ao gênero narrativo da história oral testemunhal. Nesse aspecto, a procura de um novo espaço cidadão é meta fundamental e prática que norteia a base desse gênero narrativo, que unifica a experiência pessoal de eventuais vítimas com relação a dominação cultural e ideológica. Por exemplo, a política de cotas ou as ações afirmativas para negros que ingressam no campo acadêmico/estudantil ou profissional (Meihy; Seawright, 2020).

A história oral testemunhal atua na direção de emergir as assimetrias e propor soluções de transformação social, ao mesmo tempo, se faz imprescindível em caso de entrevista com indivíduos ou grupos que sofreram ataques, exclusões, apagamentos, nódoas que transcende a individualidade. A discussão acerca da *história oral testemunhal* é, sob todos os pontos de vista, oportuna, pois, irrestrita às versões da nossa “história incruenta”, possibilita retomadas dos compromissos políticos inerentes ao que é a história oral brasileira (Meihy; Seawright, 2020).

3.2 Método qualitativo

Acerca do campo de estudo da memória, cabe ressaltar, o caráter *subjetivo* da memória. Uma subjetividade que a aponta como *método qualitativo*, com fundamento no estudo do próprio indivíduo, em conexão com a sociedade, ao qual faz parte, considerando os sentimentos, os sentidos e a sensibilidade dos sujeitos envolvidos ao processo de pesquisa. Um método, que altera de forma peculiar as interfaces sujeito-objeto, à medida que, o investigador frente ao processo de pesquisa, com um objeto que surge à sua presença, tem um conhecimento que é próprio consequente de sua experiência social de vida, próprio de atribuir significado ao seu discurso e as suas ações, articulando e expressando seu pensamento à sua maneira (Dores, 1999).

Uma coexistência, que expõe em questão a possível neutralidade do pesquisador em relação ao objeto. Já que, apesar do investigador procurar dados concretos, reais e objetivos, os valores, sentimentos, sentidos, seus *habitus* de classe, raça/etnia, idade e gênero entram em aberta interação com o que é pesquisado, influenciando no seu discurso e comportamento. Cabendo ao investigador analisar e

observar essa interação revelada no decorrer do processo de investigação, como: durante as entrevistas, na análise dos documentos e das falas. A memória, como método qualitativo, é derivada da percepção humana e em estreita conexão com o poder dos indivíduos de reter e lembrar fatos e acontecimentos atinentes ao seu meio social (Dores, 1999). Desse modo, a memória é uma questão importante para a história oral. Cabe lembrar a esse respeito que:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações (Nora, 1993, p. 4).

Isto posto, é necessário esclarecer que o estudo com essa memória não alcançará em uma descrição verdadeira ou objetiva da realidade concreta. Da mesma forma, ressalta-se que a HO não almeja descortinar a verdade, a subjetividade das narrativas é o que mais caracteriza o valor original da HO. Isto é, o relevo da HO parece estar na possibilidade de perceber a realidade com a visão do outro, procurando apreender suas percepções e opiniões (Massoni, 2017).

Ao rememorar a sua trajetória, da forma mais completa possível, o depoente se esforça na construção de sua própria identidade, que é resultado de um processo de apropriação simbólica do real. Ao contar suas experiências e emitir suas opiniões, ao conferir sentido aos gestos, o ator se torna sujeito de seus próprios atos, percebendo seu papel singular na totalidade social em que está inserido (Guarinello, 1998, p. 61).

A HO tem sido um método fundamental no processo de democratização do conhecimento, sendo nesse sentido um erro considerá-la como uma simples técnica de coleta de dados, apenas. Nesse olhar, a investigação desses modos de viver marginalizados, com inclinações ao apagamento, compreende um compromisso ético e político, caracterizando a HO, para além de um método de pesquisa, mas configurando como uma perspectiva (Massoni, 2017).

A História Oral é um método científico que valoriza a razão como conhecimento sensível e intelectual, permite ao pesquisador e ao entrevistado a terem acesso à subjetividade como substância reveladora da objetividade. Frente a isso, a análise dos relatos orais ocorre por meio dos apontamentos de Portelli, para quem os relatos são: “um documento do presente, compartilhados em sua responsabilidade tanto pelo depoente quanto pelo pesquisador” (Portelli, 2001, p. 25).

Segundo Meihy (2002), as entrevistas são as âncoras de efetivação dos resultados com a garantia do método. A história oral para o autor é um recurso na construção de documentos, arquivos e estudos no tocante às experiências individuais, grupais e sociais. É uma apreensão de narrativas por meios eletrônicos, com finalidade de recolher testemunhos nas análises de processos sociais do presente.

Para Paul Thompson (1998), os relatos de memória são documentos depois de gravados e registrados por escrito. Meihy (2002, p. 14) complementa a afirmação que “enquanto a narrativa da memória não se consubstancia em um documento escrito, ela é mutável e sofre variações que vão dar ênfase e entonação a silêncios e disfarces”.

Nesse sentido, essa metodologia é entendida como uma ferramenta de coleta de dados e técnica de construção de documentos historiográficos, que nesse estudo, foi utilizada com equipamentos de audiovisual com os entrevistados. Esses recursos permitem revelar aquilo que fica nas entrelinhas, fazendo o pesquisador focar uma parte da totalidade, importante para a comunicação (Portelli, 2001). Os momentos não registrados pelos equipamentos audiovisuais são descritos no diário de campo.

3.3 Busca e organização da memória documental escrita

No primeiro momento, procuramos encontrar nos acervos e nas fontes históricas primárias os documentos necessários para o desenvolvimento da investigação. Nessa fase, buscamos informações advindas de troféus, medalhas, placas, súmulas e boletins de jogos, equipagens, jornais da época, revistas, memorandos, ofícios, portarias, decretos, reflexão de professores, cartazes, folders, pareceres técnicos, manuais do MEC, da ETFMA e fotos (usadas para ilustrar e refletir sobre a pesquisa), além de outros referenciais sobre o tema.

Assim, ao analisar a experiência social de agente negro na constituição do subcampo esportivo do handebol maranhense, interpretando fatos, mecanismos de ação, o *modus operandi* e as produções do ginásio e de seus agentes para a transformação do campo esportivo, a partir de prerrogativas de memória, pode ajudar a entender as configurações desse campo, ampliar visões, estabelecer diálogos e fomentar saídas para os principais desdobramentos encontrados. Além de oferecer respostas, a investigação das memórias pode ajudar a construí-las, reconstruí-las,

solidificá-las e preservá-las. Se há uma dificuldade em conhecer, observar e problematizar percurso a partir de fontes orais, é possível ter acesso às experiências sociais desse subcampo a partir do apoio das fontes escritas do ginásio e de seus agentes.

Os registros acima citados que circularam no subcampo são fontes de extrema relevância para estudos que buscam a experiência dos agentes. Mesmo considerando que haja poucos registros escritos, há possibilidades de encontrar a memória *habitus* a partir dos documentos escritos e dos relatos das entrevistas.

Esses documentos podem contar a experiência social percorrida e, assim, o conceito de “lugar de memória”, auxiliando na busca de estratégias para elegermos quais são e onde estão esses lugares de memória. Esses lugares são como um espaço fechado em sua identidade, mas também aberto a outras significações que surjam em sua extensão; não são necessariamente físicos e podemos dizer que são locais onde a memória de acontecimentos e ações, ou seja, de um tempo específico se encontra, e onde se concentra algo simbólico e identitário (Nora, 1993).

Considerando o handebol, os agentes e o ginásio, lugares de memória, no sentido usado por Nora (1993), esse conceito nos leva a pensar que os documentos construídos circunscritos ao ginásio desportivo Ronald Carvalho podem ser lugares de memória, pois são documentos jurídicos oficiais, transbordantes de memórias que carregam discursos políticos, simbólicos, sociais. Assim, é coerente investigá-lo como produto de memória.

Inicia-se, então, várias incursões ao ginásio desportivo Ronald Carvalho, situado na Avenida Getúlio Vargas, s/n, Bairro do Monte Castelo, São Luís (MA). Nesse local, encontrou-se o acervo da sala de troféus e várias fotografias. Ao mesmo tempo, teve-se acesso ao acervo pessoal do Professor de Educação Física e Técnico de Handebol da Instituição por várias gerações José Maranhão Penha. Ainda, estamos na busca do Diário Oficial da União (DOU), que consta o decreto n. 7.566, de 23 de setembro de 1909, que criou e regulamentou das escolas de aprendizes artífices ETFMA, CEFETMA e IFMA.

Outro acervo visitado foi a da Diretoria de Ensino (DDE) da ETFMA, onde se teve acesso aos documentos pertencentes ao curso de formação de professores de Técnico de Educação Física, promovido para atender a população em sua grande maioria de agentes negros.

A delimitação temporal, que estabelece a validade do estudo foi o início das atividades do handebol escolar para população maranhense. Dessa forma, o ano de 1976 foi selecionado por ser o início do período da realização dos JEM. O ano de 1980 foi a delimitação temporal final, marcada pela última realização dos jogos de handebol estudantil nos JEM no ginásio desportivo, que culminou com o final de um ciclo e o início de outro. Agora no ginásio Castelinho, parte integrante de um moderno complexo esportivo recém construído durante o governo João Castelo, em pleno processo de redemocratização política do Brasil. Nessa nova casa, o pesquisador teve o privilégio de participar nos anos de 1981 e 1982, onde finalizou seu percurso de atleta estudantil de handebol.

Em relação à organização, a coleta de documentos constituiu um grande acervo de fontes primárias impressas e escritas, sendo o maior acervo reunido para pesquisa sobre o ginásio, já que uma parte dos documentos institucionais estão desaparecidos. O professor José Maranhão Penha lembrou, durante sua entrevista, que o acervo institucional esportivo do IFMA Campus Monte Castelo passou para a posse do IFMA Campus Centro Histórico.

Agora, com o andamento das entrevistas, descobrimos outros documentos na guarda de ex-agentes do ginásio. As cópias dos documentos originais do arquivo da ETFMA estão sendo arquivados em pastas, junto aos que estão sendo gentilmente cedidos pelos professores. Esse acervo particular possuía muitas fotos, boletins e súmulas dos jogos de handebol no ginásio. Algumas medalhas estão na posse do pesquisador, já que possuía participação ativa nesse período. Os documentos possuem muitas informações importantes dos jogos, narradas em súmulas; carteiras de atletas; de técnicos e de dirigentes de acervos pessoais dos entrevistados.

3.4 Coleta de dados das fontes orais

Optamos, pelos seguintes procedimentos de tese: a edificação do objeto como primeira etapa, visita constante ao lugar de memória, o ginásio desportivo Ronald da Silva de Carvalho para realizar o reconhecimento do campo empírico e investigar a partir de diálogos informais com os colaboradores do estudo. Fazer o levantamento bibliográfico, fontes da pesquisa e interlocução com o objeto do estudo. As experiências concretas são examinadas através da memória social dos indivíduos,

vivenciadas no processo produtor e transformador da instituição desportiva ginásio e nos marcos sociais da memória experiencial desportiva social e profissional.

Quanto à disposição do estudo, faremos uma reflexão da memória, compreendida como experimento social, edificada no processo do campo esportivo, explorando o contexto historiográfico institucional do ginásio, por meio de relatos das experiências, análise da memória arquivada nas equipagens, medalhas, troféus, súmulas de jogo, fotografias, certificados e documentos históricos que caracterizam o handebol e suas interfaces no ginásio desportivo Ronald Carvalho referenciada nas entrevistas.

Os dados são coletados através da memória experiencial por meio de interfaces com a memória escrita e oral, através de testemunhos, entrevistas, depoimentos e documentos historiográficos do handebol no ginásio. Na coleta de dados fazemos o uso da escolha dos entrevistados; agendamento; elaboração de roteiro de entrevista; realização das entrevistas, gravação; estabelecimento do documento escrito; transcrição; textualização; interpretação; arquivamento, e devolução social, a fim de ouvir os agentes da pesquisa, buscando avistar como foi o período investigado, seguindo os passos metodológico sustentados por Alberti (2013).

Posteriormente, estes documentos orais serão encaminhados aos indivíduos partícipes da pesquisa, para leitura e possíveis consertos no texto. As entrevistas transcritas se convertem em documentos orais, que representam uma leitura do passado, atualizada através da linguagem falada (Alberti, 2013). Nesse sentido, a entrevista é um mecanismo de interação social, em que o entrevistador tem como foco recolher informação do entrevistado orientado por um roteiro, com tópicos de um tema central (Haguet, 1995). Os andamentos consecutivos são a elaboração e a aplicação da entrevista semiestruturada, gravação, transcrição de áudio e análise dos dados.

As entrevistas da pesquisa foram 'de vida e temática', objetivam entrecruzamentos e as interfaces das experiências de vida do entrevistado, "uma parte de sua vida: aquela estritamente vinculada ao tema estudado". Nas entrevistas temáticas as perguntas "terão o objetivo de esclarecer e conhecer a atuação, as ideias e a experiência do entrevistado, marcadas por seu envolvimento com o tema" (Alberti, 1989, p. 61). Cabe esclarecer que, nas análises das entrevistas, não é importante se o depoimento for verossímil ou não, importa o fato de terem sido lembrados, de terem

se perpetuado na memória, de estarem presentes em seus esquemas mentais, depois de tanto tempo passado, e ainda orientando seu modo de pensar (Ribeiro, 2018).

O recrutamento das fontes aqui indicadas tem a finalidade de ampliar as possibilidades de compreensão do objeto de pesquisa que não ocorreu de forma aleatória. Por sua vez, o conceito de *habitus* possibilita apreender que a experiência concreta dos agentes sociais negros não estava imune do conjunto de relações que constroem a memória social. Nesse sentido, a memória na forma como que compreendemos está alinhada à memória social, coletiva e de grupo (Halbwachs, 2006).

A seleção dos agentes negros foi estabelecida através dos seguintes critérios de inclusão:

- ter testemunhado o handebol no JEM por uma escola ludovicense entre os anos de 1970 a 1980;
- ter experienciado algumas das funções como: técnico, atleta, árbitro, dirigente, torcedores;
- ter testemunhado o handebol em escola diferente dos demais entrevistados.

Entre os possíveis colaboradores priorizamos aqueles dispostos realmente a narrar suas memórias e a oferecer informações significativas, conforme o “o bom entrevistador”, preconizado por (Alberti, 2003).

Os 11 agentes sociais negros entrevistados são indivíduos que experimentaram atuantes no ginásio desportivo Ronald da Silva de Carvalho, na maioria, ex-atletas, técnicos e árbitros que se constituíram em liderança formal do handebol maranhense. Como a memória desses agentes negros era desconhecida, na época da proposta da tese, na seleção dos entrevistados, pretende-se iniciar a reconstrução social dessas memórias, identificando os rumos que o subcampo handebol tomou no decorrer da sua existência e o que marcou efetivamente no ginásio. Muitos desses indivíduos se pressupõe ter relação ímpar com o campo esportivo do ginásio, devido às funções que ocuparam e o papel desempenhado como agentes esportivos.

As entrevistas são organizadas com questões amplas, pretendemos mapear o indivíduo no espaço esportivo, auxiliar as lembranças que ainda estão na memória dos entrevistados e permitir a reavaliação historiográfica sobre a importância dos

agentes sociais negros na transformação do campo profissional esportivo do handebol maranhense.

Neste sentido, a história oral prioriza as entrevistas no andamento da análise: não se restringe ao “situacionismo” que, oculta as narrativas com a desculpa da comprovação de uma teoria hierarquicamente superior à vida relatada; menos ainda utiliza as entrevistas como meros exemplos para confirmar a tese antecedente (Meihy; Seawright, 2021).

As questões são elaboradas seguindo as informações acerca do ginásio e da experiência do agente negro esportista, a partir da memória documental, escrita e oral, obtidos até a data de cada entrevista. As entrevistas gravadas e transcritas, feitas na pesquisa de campo duram entorno de 30 min a 1h e 30 min, de acordo com roteiro de questões entregues a cada um dos colaboradores e a disponibilidade por eles apresentada, alguns ainda ativo na profissão. A assinatura no final da entrevista justifica-se, é nesse momento que o depoente toma ciência do conteúdo a ser cedido e a relação com o investigador se concretizou.

No início da entrevista, informamos ao colaborador sobre a existência do TCL de cessão de direitos sobre o depoimento oral e a necessidade de sua assinatura. Por meio do manual de orientação do doutorado de Educação Física da ESEF/UFPEL construímos um modelo de termo utilizado nas entrevistas.

Antecipadamente, fizemos um levantamento da relação dos entrevistados com a temática e as singularidades ou particularidades de informações que eles podem oferecer. A narrativa do cotidiano da prática social do handebol no interior do ginásio é privilegiada como forma de se estabelecer um conjunto de informações organizadas cronologicamente, que servem de fundamento para se apreender como esse lugar de memória se desenvolveu e que relações com contextos maiores foram traçadas.

Algumas entrevistas serão concluídas após a qualificação deste projeto para checar e complementar as informações com agentes que já tinham sido entrevistados ou com os quais não foi possível contatar na primeira pesquisa de campo. Em função do momento pós-pandêmico, desde 2020, e a impossibilidade de encontros presenciais, optamos pela entrevista remota, via a plataforma *Google Meet*, de operação fácil e de eficácia satisfatória, adotada pela UFPel para ensino remoto, com a professora Fernanda Sobrinho Pereira (Fernando Tião e/ou Guarulhos) que reside em Guarulhos.

Sobre as entrevistas para a coleta dos depoimentos orais, utilizamos um roteiro de entrevista semiestruturada com finalidade de interagir com os entrevistados, buscando apreender como se deu o período investigado (Apêndice A). O roteiro foca nas seguintes temáticas: descrição da sua memória experiencial de inserção, permanência, ampliação de projetos e carreiras da participação do agente negro no handebol do campo esportivo maranhense e brasileiro. Os depoimentos orais são obtidos a partir de 6 de outubro a dezembro de 2022, através de entrevistas com 11 agentes negros esportivos integrantes do processo de formação e desenvolvimento do handebol maranhense.

Quanto ao contingente de agentes negros entrevistados, cabe evidenciar que um dos basilares traços da história oral, conforme autores como Thompson (1988); Meihy (1998), Montenegro (2010) e Portelli (2010), é que a definição do cômputo total de indivíduos da rede de entrevistados, seja fixada durante o procedimento de coleta de dados, pois frequentemente um entrevistado aponta outro e dessa maneira a rede expande-se até surgir os “pontos de saturação”, quando os relatos não trazem mais novidades para a investigação.

Afora os pontos de saturação dos depoimentos, pesquisadores como Portelli (2010) e Montenegro (2010) estimam a contar de cinco entrevistados, um aceitável indicador quantitativo para conduzir os estudos em história oral testemunhal com entrevistas temáticas e de vida, como é neste ato desta investigação. Como as seções “tamanho da amostra” e “número de indivíduos abordados”, uma vez que a Plataforma Brasil só admite números, preferimos por lá o presumível quantitativo de 10 entrevistados. Entretanto, o cômputo total deverá ficar entre 9 e 11 agentes negros, a depender da avaliação no percurso da coleta dos dados.

Inicialmente, elaboramos um roteiro de entrevista para os dois primeiros professores de handebol, com questões que pudesse dar suporte aos objetivos da pesquisa. Após suas entrevistas, verificamos a existência de outros indivíduos com experiência concreta no ginásio desportivo Ronald Carvalho, na mesma época do estudo. Dessa forma, para cada entrevistado foi elaborado um roteiro de entrevista com a mesma estrutura inicial, porém com questionamentos pertinentes a sua distinção no campo esportivo em tela.

Para permitir um registro fiel, após a anuência do entrevistado, as entrevistas foram gravadas, já que com a popularização e desenvolvimento dos *smartphones*, a

gravação em vídeo se tornou um recurso atrativo, capaz de amplificar a gama de informações já recolhida pelo documento escrito, ao imprimir expressões faciais, as variadas entonações de voz que o áudio apresenta, ficando ainda mais completa a experiência de utilizar o resultado da pesquisa em história oral. Diante da pandemia de 2020, a necessidade normalizou a utilização das plataformas *online* de videoconferência, permitindo ao investigador efetivar entrevistas onde o local físico do agente deixa de ser um fator limitador (Marta; Mendes, 2021).

Com autorização dos entrevistados, os depoimentos serão doados ao Centro de Memória do IFMA e da UFMA, podendo ser difundido ao mundo a partir da mídia *podcast*, plataforma de *streaming* ou pelo rádio convencional. Após a leitura das entrevistas, todas serão transcritas na íntegra, fazemos o confronto com a análise documental. Em seguida, identificamos as bases estruturantes da memória do campo esportivo, as estratégias, o *modus operandi* dos agentes sociais acerca da temática em foco, inspirado no olhar da noção de *habitus* de Norbert Elias e Pierre Bourdieu.

3.5 O recrutamento dos indivíduos da pesquisa

A técnica utilizada foi o chamamento dos indivíduos a partir da corrente de informantes, recrutamento ou Bola de Neve, ou *snowball sampling*, ou simplesmente *snowball*. Na referida técnica, identifica-se os participantes da investigação e o chamamento dos agentes sociais são legitimados por seus pares em função de sua relevância e liderança no handebol, sobrevém de acordo com a amostragem por correntes de informantes, em forma de rede. Esse agrupamento de amizade e conhecimento entre eles é compreendido como rede social, essa técnica trilha o percurso desta rede de relações (Biernacki; Waldorf, 1981; Goodman, 1961; Morris, 2004; Penrod *et al.*, 2003).

Cabe salientar que essa técnica é uma maneira amostral não probabilística usada em investigações sociais, em que participantes iniciais de uma pesquisa indicam novos partícipes, que, por sua vez, sinalizam novos partícipes e assim sucessivamente, até que seja concretizado o objetivo consignado, que é revelado como ponto de saturação. Este é alcançado a partir do momento quando novos entrevistados passam a reproduzir as mesmas informações já assinaladas em

entrevistas anteriores, sem acrescentar novos conteúdos relevantes ao estudo (World Health Association, 1994).

A forma mais confiável na aplicação de uma investigação em cadeias de referência é aquela que consegue obter o máximo de informação acerca de todos os elementos da rede (*complete network design*), ou usar uma amostra aleatória dos partícipes (*local network design*). Muitas vezes, não é viável para o investigador recolher o máximo de dados acerca de todos os participantes da rede e a técnica *snowball* pode ser utilizada, justamente por fazer uso de abordagem em cadeias (Albuquerque, 2009).

O chamamento em cadeia deve ser feito da seguinte forma; os primeiros participantes contactados na aplicação do estudo são chamadas “sementes”, que devem ter conhecimento acerca do fenómeno acontecido ou dos indivíduos com experiência vivida socialmente nesse fato. Essas mesmas sementes (agentes) sinalizará outro(s) indivíduo(s) de sua coexistência, ou que tenha conhecimento do fato, para que integre a amostra, também. Esses são os “filhos” das “sementes” ou “frutos”. Para que se consiga uma amostra considerável e significativa, deve-se escolher um número inicial de “semente” (agentes), que, de preferência, devem exercer certa liderança no campo a ser investigado, conhecer muitos agentes sociais negros do handebol que circularam no ginásio na década de 1970, e que eles tenham atuado em anos distintos, maneiras e funções no handebol (Albuquerque, 2009; Goodman, 1961).

A próxima etapa é solicitar desses indivíduos apontados, informações sobre outros agentes de interesse para a investigação, e que nesse momento são apontados por eles, para chamá-los, também. As “sementes” convocam a maioria possível de indivíduos; em outros, os próprios investigadores podem realizar essa convocação, a partir de agentes sociais que agem no próprio campo, como circulação e conhecimento em um determinado grupo, chamado de *outreach workers* (Albuquerque, 2009).

A primeira entrevista realizada foi com o agente social negro José Maranhão Penha, ex-aluno da ETFMA, professor de Educação Física e técnico de handebol da mesma instituição durante mais 30 anos, utilizei como fonte primária documental uma parte de sua entrevista que foi concedida a José Carlos Ribeiro na sua dissertação de mestrado no ano de 2018, intitulada *Memórias da Organização do Campo Esportivo*

Profissional Maranhense: Associação dos Profissionais de Educação Física, Esportes e Lazer do Estado do Maranhão – APEFELMA (1980-2000) que se encontra no acervo da biblioteca UESB.

Para as entrevistas, serão incluídos líderes negros e pioneiros da *práxis* do handebol do ginásio desportivo Ronald da Silva de Carvalho. Os legítimos representantes dos “mais antigos” ou “mais velhos”, foram eles os precursores da cultura desportiva. Senhores detentores dos saberes, os “livros” da experiência africana, os guardiões da memória, assim quando morre um ancião africano, se perde uma biblioteca (Hampate Bâ, 2010).

Assim, são considerados os indivíduos da investigação, os agentes sociais escolhidos: dois técnicos de handebol, professor de Educação Física da ETFMA José Maranhão Penha, 71 anos, morador de São Jose dos Índios, localidade rural de São José de Ribamar-MA e José Henrique de Azevedo, 66 anos, na juventude antigo morador do bairro da Coreia de Cima, atualmente reside em conjunto habitacional Jardim América. Para os representantes dos atletas foram ouvidos José Francisco Lima Vieira, 61 anos, na época morador do bairro da Fé em Deus, atualmente reside no conjunto habitacional do Maiobão; Alexandre Magno Reis Muniz, 62 anos, morador do bairro da Fé Deus; Alexandre Nonato Moraes, 66 anos, morador do bairro da Camboa/Diamante; Silvia Cristina Costa Leite (Silvia Black), 66 anos, moradora do centro histórico de São Luís (MA); os irmãos Pereira: Teresa Cristina Sobrinho Pereira, 62 anos; Miguel Amadeu Sobrinho Pereira, 57 anos, moradores da rua Candido do Ribeiro, centro histórico de São Luís (MA) e Fernanda Sobrinho Pereira (Fernanda Tião e/ou Guarulhos), 58 anos, hoje reside em Guarulhos-SP, há mais de 20 anos; Rosângela de Jesus Santos Reis (Rosa Reis), 65 anos, residente no centro histórico de São Luís (MA); Idalina Elizabeth Carvalho Silva (Dada), 60 anos, residia no bairro da Alemanha (*in memoriam*).

Todos com legados no handebol maranhense e brasileiro, carregados de memórias subterrâneas na história oficial registrada na cidade. Configuram-se como indivíduos da amostra ou frutos ou filhos, por ter sido gestados pelas sementes, e suas convocações terem sido realizadas a partir de sua identificação, liderança e notórios saber e competência no subcampo handebol da época (Albuquerque, 2009).

Os primeiros indivíduos (sementes) a serem entrevistados são o professores José Maranhão Penha e José Henrique de Azevedo. Após suas entrevistas gerou-se

os seguintes frutos; ex-atletas e árbitros do JEM e da seleção maranhense de handebol: José Francisco Lima Vieira; Alexandre Magno Reis Muniz; Alexandre Nonato Moraes; Teresa Cristina Sobrinho Pereira; Miguel Amadeu Sobrinho Pereira, Fernanda Sobrinho Pereira; Silvia Cristina Costa Leite (Silvia Blek); Rosângela Reis (Rosa Reis); Idalina Elizabeth Carvalho Silva - Dadá (*in memoriam*).

Cabe ressaltar que esse grupo de agentes sociais praticantes de handebol no ginásio desportivo da ETFMA, localizado no bairro do Monte Castelo, embora na época ser de moradores da elite da *polis ludovicense*, fica circunscrito ao maior quilombo urbano da América Latina, formado pelos bairros Diamante, Sítio do Meio, Camboa, Liberdade, Fé em Deus, Alemanha, Caratatiua, João Paulo, Bairro de Fátima, Retiro Natal todos habitados por negros periféricos vindo do interior do estado em função do êxodo rural (Figura 10 e 11).

Figura 10 – Mapa do índice de desigualdades socioespaciais de São Luís

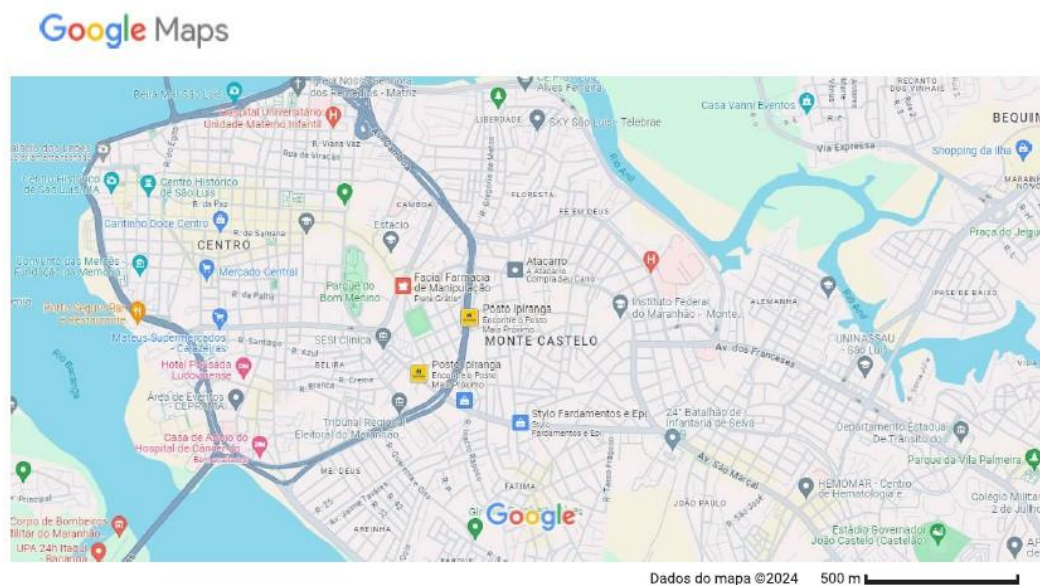


Fonte: IBGE (2000).

Figura 11 – Localização do IFMA São Luís Campus Monte Castelo

09/03/2024, 12:11

Google Maps



Fonte Google Maps (2024).

A partir da década de 1960, aumentou o processo de urbanização no país, e São Luís (MA) já possuía um aumento demográfico desde a década de 1950, já em 1970, esse crescimento já demonstrava seus reflexos de uma forma acelerada e sobreposta ao processo industrial vivido no século anterior. Devido ao crescimento acelerado e desordenado surgiram problemas na infraestrutura da cidade, posto que, não havia um preparo para acontecer essa migração da população para a urbe.

O crescimento populacional desordenado trouxe problemas de saúde, habitação, segurança e gerou o surgimento de ocupações irregulares, além de outras manifestações que depreciam o meio urbano e tornam a vida na cidade um caos, somado a isto, está a proximidade com outros três municípios que formam a Ilha Grande: Raposa, Paço do Lumiar e São José de Ribamar (Diniz, 2007).

As narrativas orais representadas pelos líderes dessa rede apontam a direção para a construção de uma historiografia ainda não sistematizada na escrita, conforme Portelli (1997) afirma que os relatos orais são documentos compartilhados do presente sob responsabilidade do entrevistador e do entrevistado. Para ele, os depoimentos coletados criam as situações prioritárias que os entrevistados desejam falar, minimizando o que a pesquisa se propõe a fazer previamente. Assim, esse procedimento favorece a construção das memórias compartilhadas por todos os indivíduos das configurações do handebol que aconteceu na cidade ludovicense.

3.6 Organização da tese em formato de artigos

A presente tese utiliza o formato de escrita por artigos, distinto como *PhD by published work ou multipaper*. Ao examinar pesquisas a partir do referido formato, foi perceptível que não existe um modelo único de exposição. Não obstante seja comum a todas as pesquisas fragmentos pré-textuais semelhantes aos de uma tese tradicional, contínuo de um resumo geral e de uma introdução que exponha de modo amplo a temática da investigação.

Evidencia-se o objetivo geral, que se fragmenta em objetivos específicos, os quais tornam-se os artigos da produção. Alguns pesquisadores usam os referidos resumos dos artigos para apresentá-los, e em ato contínuo, sinalizam a revista de submissão ou de publicação de cada um dos artigos. O corpus é finalizado com um encerramento geral que resgata o objetivo geral (Peacock, 2017). Para Costa (2014), os artigos da tese *multipaper* demonstram resultados parciais que, ligados, por fim, respondem ao problema de pesquisa maior.

Segundo Duke e Beck (1999) e Boote e Beile (2005), desde a década de 1970 o modelo clássico e tradicional de escrita de teses tem sido criticado por estudiosos americanos. A crítica maior reincide sobre a limitação de alcance dessas produções para um público mais amplo de diversificados leitores, bem como a propagação do conteúdo estudado no campo científico. Nesse sentido, o *corpus* pode ser construído por diferentes tipos de produções (estudos apresentados em congressos, artigos científicos e capítulos de livro) e que esse estilo de produção foca no processo de aprendizagem e pesquisa, em detrimento ao formato clássico e tradicional, que, geralmente centra-se no produto de aprendizagem e pesquisa (Badley, 2009).

Esses cientistas acenam que, o gênero dissertativo tradicional, a tese serve somente como um documento acadêmico usado de maneira limitada para consultas de doutorandos quando em fase de construção de seus projetos de pesquisa, ou do próprio estudo, ou pela banca examinadora de alguma defesa do doutorado. Além disso, esse formato de escrita se caracteriza pelo exame de um *sui generis*, tema disposto em uma introdução, abordagem teórica, explicação dos métodos e estratégia usadas, exposição de resultados e uma conclusão discursiva dos dados obtidos.

Assim, por exemplo a finalidade da escrita da tese de doutorado se limita a obter o título de doutor e à prova de que o postulante porta habilidades para tanto. Em

contra ponto a utilização do gênero tradicional dissertativo de teses de doutorado, Beile e Boote, (2005) e Duke e Beck (1999) indicam o modelo novo multipaper, que se estabelece como um grupo de artigos disponíveis para publicação. Essa terminologia pode ser traduzida para a língua portuguesa como diversos artigos, mas optamos por manter a palavra em inglês nesta tese.

Nesse estilo, os artigos podem portar teses autônomas, independentes ou olhares distintos quanto ao tratamento dos dados e, assim, torna-se plausível utilizar múltiplos olhares teórico metodológicos na coleta de dados. Dessa maneira, os artigos podem debater a distintas questões investigativas. Além de responder a diferentes questionamentos investigativos, esse estilo de escrita de tese, oportuniza ao pesquisador a formação acadêmica e prática da escrita científica de um dado campo da ciência em que o estudioso se desenvolverá na sua vida profissional como pesquisador.

Diversos estudos têm apontado teses no formato alternativo em algumas áreas do campo científico. Em diversas universidades dos Estados Unidos e da Europa, a tese em artigos já se consolidou principalmente nas áreas das Ciências Biológicas, Medicina, Geologia, Química, física, entre outros, e, na Educação, em crescimento (Duke; Beck, 1999; Paltidge, 2002, Boote; Beile, 2005). O formato chamado de escandinavo, também, foi adotado em programas de Pós-Graduação no Brasil com o objetivo de assegurar a produção e a publicação da pesquisa no interior do período de doutorado do discente.

O campo de Ciências da Saúde foi pioneiro na construção de teses com esse formato, adotando essa configuração como relatório final de pesquisa. A guisa de exemplo, o PPGEF da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Universidade Estadual de Maringá (UEM) permitem a apresentação de teses no referido formato e informa que, assim, o texto deverá conter uma introdução padrão e, em seguida, um acervo de artigos (PPGEF, 2017), tal fato ilustra bem este formato:

Pode haver benefícios consideráveis para as instituições, como aumentar a produtividade da pesquisa com acadêmicos em meio de carreira, transformando sua prática reconhecida no capital de uma universidade (doutoramento em crédito), enquanto ainda estão pesquisando e publicando (Peacock, 2017). É importante evidenciar que esse modelo multipaper tem sido usado em alguns trabalhos de doutorado já defendidos nos últimos cinco anos no PPGEF/ESEF/UFPel, a saber:

Correia (2018); Ribeiro(2020); Santoli (2021); Feter (2021); Schaun (2021); Mackedanz (2022); Tornquist (2023), e Cunha (2024). Considerando que a pesquisador defenderá a presente tese de doutorado no referido programa, modelo *PhD by published work* ou multipaper, passa a ser sensato. Afinal, o regimento interno do programa, aprovado pelo colegiado do PPGEF em 13 de março de 2019; aprovado pelo COCEPE em 1º de agosto de 2019, em seu artigo 56º:

[...] exige que o candidato à defesa tenha minimamente o projeto de pesquisa aprovado na qualificação, a comprovação (publicação ou aceite) de pelo menos um artigo científico em periódico do estrato B2 ou superior da área 21 CAPES, oriundo do projeto de tese, como primeiro autor e constando o orientador na estrutura autoral. Deverá apresentar também mais um produto oriundo do projeto de tese, nas normas de um periódico do estrato B2 ou superior da área 21 CAPES, como primeiro autor, constando o orientador na estrutura autoral. Publicado e/ou aceito para publicação um artigo (PPGEF/COCEPE, 2019).

Essa é uma opção promissora para a disseminação da pesquisa científica e para a formação do futuro investigador (DUKE; BECK, 1999; PALTRIDGE, 2002; BOOTE; BEILE, 2005). Em tese de produção científica, perseguíamos expandir uma pesquisa que articulasse distintos estudos e que possibilitasse uma propagação maior dos resultados trazidos, o que será permitido do pelo estilo multipaper. Para Teixeira (2010), a opção pelo estilo multipaper confere maior visibilidade a pesquisa, visto que os artigos serão publicados em periódicos de grande trânsito na sua área de estudo. Além do mais, contribui para uma formação mais ampla do doutorando para a investigação e possibilita colocá-lo em contato com diversos espectro de métodos e técnicas de investigação, posto que os artigos, inobstante de se constituírem fragmento de um estudo maior, faculta ou não ser autônomo em relação aos outros. Desse modo, cada artigo, compreendido como parte independente do estudo, em geral, é ponderado também como um trabalho próprio, com seus métodos e técnicas específicas, o que oportuniza uma maior pluralidade na formação do pesquisador. O formato multipaper contribui para a produção mais sistemática no tocante à verberação dos resultados.

Atestando os conceitos de Boote e Beile (2005) e Duke e Beck (1999) optamos pela escrita desta tese no estilo multipaper, principalmente por consistir em ser mais um desafio acadêmico, e por indicar expectativa de socialização dos resultados de maneira mais rápida, tornando mais acessível a pesquisa ao público, principal foco do pesquisador ao realizar um estudo.

Os artigos serão elaborados para serem encaminhados aos periódicos nacionais e internacionais, que propiciam experiência e agilidade para o investigador nos processos de edição, publicações e auxílio na edificação de projetos de pesquisa, promove a visibilidade do estudo para o campo científico-acadêmico ampliado. A escrita da tese em formato de artigos permite ao doutorando a aprender a redigir artigos, sustentado pelo orientador. O modelo de tese tradicional, que não viável, se caracteriza por dados, focos, métodos, teoria e análises únicas, mobilizadas a partir de um tema, apontam Duke e Beck (1999).

A estrutura adotada para a tese será constituída pelos seguintes tópicos: uma Apresentação geral; o projeto de pesquisa de qualificação da tese, apresenta a introdução, o capítulo 2 contemplando a trajetória pessoal, objetivos da pesquisa, relevância e justificativa do estudo, contexto da pesquisa, referencial teórico-bibliográfico; o capítulo 3 com a abordagem metodológica; a memória e história oral como caminhos metodológicos, método da pesquisa qualitativo, busca e organização da memória documental escrita, coleta de dados de fontes orais, recrutamento de indivíduos da pesquisa, organização da tese em formato de artigos, aspectos éticos. Referências.

No relatório do trabalho de campo apresento como objetivo descrever todas as fases percorridas durante a coleta e análise de dados da pesquisa e dois artigos prontos para submissão em periódicos. Os artigos serão estudos empíricos, que, se caracterizam por produzir dados ancorados no campo investigativo, através de distintas formas e procedimentos de registros. Cada artigo foi elaborado de forma independente, abordando os objetivos de cada estudo. Cada artigo apresenta a seguinte estrutura: introdução, referencial teórico-metodológico, discussão e análise dos dados, considerações finais e referências.

Os dois artigos serão editados conforme com as normas dos periódicos e serão encaminhados e submetidos para publicação. O primeiro artigo será submetido e publicado à Revista ODEERE do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (ISSN 2525-4715) é uma revista semestral da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). O segundo artigo será submetido para publicação na Revista Movimento (ISSN: 1982-8918), após ser aprovado pela banca avaliadora da defesa da tese.

Em alguns tópicos dos artigos, serão inevitáveis repetições de tópicos do estudo, como o referencial teórico-metodológico e o contexto, por serem autônomos, esclareço que uma pesquisa não depende da outra para sustentar seus argumentos. Farei algumas considerações finais, acerca da discussão sobre os resultados do estudo. Finalizamos com as limitações e implicações da tese, apêndices e anexos.

4 Aspectos éticos

Riscos: As possibilidades de riscos decorrentes desta pesquisa são mínimas, podendo apenas alguma pergunta incluída na entrevista causar certo constrangimento aos colaboradores. Embora, essa possibilidade possa ser praticamente nula, levando em consideração que a pesquisa não visa adentrar em questões íntimas, mas tão somente sua memória e lembranças de suas experiências e trajetória social de vida no handebol maranhense e brasileiro. Caso o investigador observe alguma situação diferente, agirá com as providências, buscando a imediata assistência, gratuita e integral aos colaboradores. Sem contar que, a qualquer momento os colaboradores terão livre arbítrio para deixar de responder qualquer questionamento ou até mesmo cessar o procedimento no instante em que quiserem.

Benefícios: A pesquisa almeja contribuir com a produção de conhecimento sobre a memória do handebol no Brasil, prática que acontece desde o começo do século XX. Além disso, o estudo demarca agentes sociais negros no esporte handebol negligenciados, invisíveis e silenciados na história oficial, ainda não conhecidas em âmbito acadêmico, pioneiras no handebol brasileiro, sendo eles agentes sociais paradigmáticos que fissuraram na história do esporte, em momentos não tão saudáveis para esses indivíduos com *habitus* de classe e raciais distintos da classe dominante do capital financeiro, simbólico, cultural e social, ainda eram vistos como indivíduos estranhos a esse campo esportivo.

Desse modo, os próprios entrevistados poderão se beneficiar do estudo à proporção em que será dada voz, ouvido e centralidade a eles e, por consequência, democratizando o acesso a essas memórias negras subterrâneas, que para além de um registro da memória do esporte, servirá para reflexões e debates sobre a participação dos agentes sociais negros no processo civilizador e no processo de socialização da humanidade.

Responsabilidades do pesquisador: O pesquisador responsabiliza-se por todos os procedimentos envolvidos na pesquisa. Mantendo o compromisso com o anonimato dos colaboradores, caso esses assim desejarem, bem como assumindo a responsabilidade com o cumprimento integral da Resolução CNS n. 466/2012 que

rege as pesquisas com seres humanos. O estudo só terá início mediante submissão e aprovação nos comitês reguladores Plataforma Brasil e comitê de ética da UFPel.

Critérios para suspender ou encerrar a pesquisa: A suspensão da pesquisa acontecerá mediante à recusa da participação dos entrevistados. Cada entrevistado poderá comunicar ao pesquisador verbalmente, sua não concordância com a realização da pesquisa.

Declaração de que os resultados da pesquisa serão tornados públicos: Os resultados da pesquisa serão divulgados, após o término do estudo, através de artigos publicados em revistas acadêmicas e participações em eventos na forma de comunicação oral. Há o compromisso de utilizar os materiais e os dados produzidos exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicação dos resultados sejam eles favoráveis ou não. Declaro, ainda, que não há conflitos de interesses entre o pesquisador e os colaboradores da pesquisa. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto em questão.

Declaração sobre o uso e destinação do material e/ou dados produzidos: Declaro que durante a realização da pesquisa os dados (gravações, informações cadastrais e consentimentos) ficarão sob a confiança do pesquisador responsável para poder realizar a análise dos dados. Após, eles serão arquivados em caixa lacrada na secretaria do PPGEF/UFPel por cinco anos, para que se assegure a validade do estudo.

Pretende-se finalizar a coleta de dados até janeiro de 2024 e a pesquisa até agosto de 2024. Os resultados serão veiculados em eventos e publicados em periódicos científicos, assim como serão divulgados entre as colaboradoras do subcampo handebol: Instituições de Movimentos Socioculturais; International Handball Federation; Confederação Brasileira de Handebol; Liga Brasil de Handebol Norte-Nordeste; Federações de Handebol Estaduais; Centros de Memória Esportivas; Mídias Esportivas, entre outras.

Orçamento: Todas as despesas ficarão sob responsabilidade da proponente desta pesquisa.

Material	Quantidade	Valor unitário	Valor
Papel A4	2 resmas de 500 unidades	R\$ 17,30	R\$ 34,60
Encadernações	10	R\$ 12,00	R\$ 120,00
Cartucho impressora	2 cartuchos pretos	R\$ 17,96	R\$ 35,92
Plano de internet	48 meses	R\$ 115,20	R\$ 5529,60
Equipamento para gravação das entrevistas	1	R\$ 679,00	R\$ 679,00
Total	-	-	R\$ 6343,12

Cronograma

Etapas	2020/2	2021	2022	2023	2024/1
Realização das Disciplinas	setembro a dezembro	janeiro a dezembro	janeiro a dezembro		
Escrita do projeto		janeiro a dezembro	janeiro a julho		
Envio ao Comitê de Ética		maio			
Qualificação			novembro		
Pesquisa (jornais, revistas e periódicos)		janeiro a dezembro	janeiro a dezembro	janeiro a dezembro	
Pesquisa (história oral)			agosto a dezembro	janeiro a dezembro	
Análise dos dados			agosto a dezembro	janeiro a dezembro	
Redação de artigos			maio a dezembro	janeiro a dezembro	janeiro a março
Redação da versão final					março a junho
Defesa da Tese					agosto

Referências

- AFONSO, L. **"Handebol"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/handebol.htm>. Acesso em: 22 dez. 2023.
- ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ALBUQUERQUE, E. M. **Avaliação da técnica de amostragem "respondente-driven sampling" na estimação de prevalências de doenças transmissíveis em populações organizadas em redes complexas**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências na área da Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009.
- ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- AMADO, J. **Uso e abuso da história oral**. 7. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.
- ANDRES, S. S.; GOELLNER, S. V. Seleção Brasileira de Handebol Feminino: da primeira convocação à conquista da vaga olímpica (1983-2000). **História Oral**, [S.L.], v. 24, n. 2, p. 53-68, set. 2021.
- ANTONACCI, M. **Memória ancoradas em corpos negros**. São Paulo: EDUC, 2014.
- ASSUNÇÃO, M. R. A memória do tempo de cativo no Maranhão. **Tempo**, [S.L.], v. 15, n. 29, p. 67-110, dez. 2010.
- BÂ, H. *et al.* **A tradição viva**. História geral da África, Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212.
- BADLEY, G. Publish and be doctor-rated: the phd by published work. **Quality Assurance In Education**, [S.L.], v. 17, n. 4, p. 331-342, set. 2009.
- BIERNACKI, P.; WALDORF, D. Snowball sampling: problems and techniques of chain referral sampling. **Sociol. Methods Res.** [S.L.], v. 2, n. 2, p. 141-163, nov. 1981.
- BEIGUELMA, G. **Da escravidão à ditadura, esquecimento é a marca do Brasil. Entrevista à Folha de São Paulo em 10 de agosto de 2019**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/08/da-escravidao-a-ditadura-esquecimento-e-marca-do-brasil-diz-professora.shtml> Acesso em: 22 dez. 2023.
- BENJAMIM, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. **Decreto n. 7.566, de 23 de setembro 1909**. Cria nas capitais dos Estados da Republica Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito. Diário Oficial da União - Seção 1 - 26/9/1909, p. 6975.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição Federal n. Constituição, de 05 de outubro de 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**.

BOOTE, D. N.; BEILE, P. Scholars Before Researchers: on the centrality of the dissertation literature review in research preparation. **Educational Researcher**, [S.L.], v. 34, n. 6, p. 3-15, ago. 2005.

BOURDIEU, P. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, P. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, P. **Como é possível ser esportivo?** Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. **Razões práticas sobre a teoria da ação**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2008.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas** 5. ed. brasileira. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BUENO, I. A. S; MARCHI JÚNIOR, Conceitos fundamentais para leitura do campo esportivo pela perspectiva teórica bourdieusiana. **Rev. Sociologia Plurais**, Curitiba v. 6, n. 1, p. 8-28, jan. 2020.

COSTA, W. N. G. Dissertações e teses Multipaper: uma breve revisão bibliográfica. **Anais [...]** VIII Seminário Sul-Mato-Grossense de Pesquisa em Educação Matemática / Trabalhos de Comunicação Oral - XV SESEMAT – 2021.

DINIZ, J. S. As condições e contradições no espaço urbano de São Luís (MA): traços periféricos. **Ciências Humanas em Revista**, São Luís, v. 5, n. 1, Núcleo de Humanidades, 2007, p. 167-180.

DORES, F. G. A memória como método de pesquisa. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 4, p. 113-131, dez. 1999.

DUKE, N. K.; BECK, S. W. Education should consider alternative forms for the dissertation. **Educational Researcher**, Washington, v. 28, n. 3, p. 31-36, 1999.

ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO MARANHÃO. **Departamento de Registro Acadêmico. Magistério em Educação Física de 1980 a 1987 e 1990**. São Luís, 1990.

ELIAS, N. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 1970.

ELIAS, N. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Edições 1985.

ELIAS, N. **A sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

ELIAS, N. **Teoria simbólica**. 2. ed. Oeiras: Celta Editora, 2002.

FENTRESS, J.; CHRIS, W. **Memória social: novas perspectivas sobre o passado**. Lisboa: Teorema, 1992.

FERNANDES, F. **O negro no mundo dos brancos**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

FERREIRA, M. M. **História oral e multidisciplinariedade**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

FERRETTI, S. **Contribuição Cultural do Negro na Sociedade Maranhense**. 2008.

FOUCAULT, M. **A vida dos homens infames**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2006.

GLISSANT, É. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GODOY, L; DE MEDEIROS, C. C. C. As Referências de Pierre Bourdieu e Norbert Elias na Revista Brasileira de Ciência do Esporte: mapeando tendências de apropriação e de produção de conhecimento na área da educação física (1979-2007). **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 199-214, jan. 2009.

GOELLNER, S. V. Corpos, gêneros e sexualidades: em defesa do direito das mulheres ao esporte. **Revista do centro de pesquisa e formação**, v. 13, p. 99-112, 2021.

GOMES, N. L. O Movimento Negro no Brasil: ausências, emergências e a produção de saberes. **Política e Sociedade**, Minas Gerais, v. 10, n. 18, nov. 2011.

GOODMAN, L. A. Amostragem bola de neve. **Os anais da estatística matemática**, [S.L], p. 148-170, mar. 1961.

GOODMAN, L. A. Snowball sampling. **Annals Mathematical Statistics**, v. 32, p. 148-170.

GUARINELLO, N. L. Memória coletiva e história científica. *In: Revista Brasileira de História*. ANPUH, 1994.

GUIMARÃES, A. S. A. Como trabalhar com "raça" em sociologia. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 29, p. 93-107, jan./jun. 2003.

GUIMARÃES, A. S. **Preconceito racial: modos, temas e tempos**. São Paulo: Cortez Editora, 2017.

HUBNER, E.; REIS, C. In: DACOSTA, L. P. (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Confef, 2005. p. 281-284.

LARROSA, J. Algunas notas sobre la experiencia y sus lenguajes. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (org.) **Trajetória e Perspectivas da formação de educadores**. São Paulo: UNESP, 2004, p. 19-34.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

HAGUETTE, J. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HAMPATÉ BÂ, A. **A tradição viva**. In: KI-ZERBO (Editor). História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010.

HALL, S. Os estudos culturais e o centro: algumas problemáticas e problemas. In: **Cultura, mídia, linguagem**. Routledge, 2003. p. 12-45.

HOBSBAWM, E. J. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados**: São Luís, 2022

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estudos e Pesquisa Informação Demográfica e Socioeconômica número 41**. Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. Rio de Janeiro, 2019.

IFMA – INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MARANHÃO. São Luís, 2022.

LE GOFF, J. **História e memória**. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

MARTA, F. E. F.; MENDES, P. O. **A História Oral como Instrumento de Pesquisa em Memória Coletiva na Cena Rock de Vitória da Conquista-BA**. Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Salvador – BA

MARTINI, S. R. de B. **Memórias dos atletas olímpicos dos clubes Sul-Rio-Grandenses (1960-1972)**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MARIANO, A. F. C. “A memória é a matéria essencial das entrevistas”: Entrevista com José Carlos Sebe Bom Meihy. **LUMINA**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Juiz de Fora, v. 4, n. 3, p. 213-226, dez. 2020.

MARCHI JÚNIOR, W; DE SOUZA, J; STAREPRAVO, F. A. A Sociologia Configuracional de Norbert Elias- potencialidades e contribuições para o estudo do esporte. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 429-445, abril/junho. 2014.

MASSONI, L. F. H. A História Oral e as Memórias dos Excluídos na Escrita do Conhecimento. **Revista Interdisciplinar de Ciência Aplicada**, Caxias do Sul, v. 2, n. 4, p. 36-41, out. 2017.

MBEMBE. A. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n. 1 edições, 2018.

MEDEIROS, S. S. M. **Memórias e identidade social da formação docente em Rio de Contas-BA, nas décadas de 1920 a 1960**: reminiscências das educadoras e educadores de cátedra à universidade. 2016. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2016.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

MEIHY, J. C. S. B.; SEAWRIGHT, L. **Memórias e narrativas: história oral aplicada**. São Paulo: Contexto, 2020.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2003.

MORRIS, M. **Network epidemiology**: a hanbook for survey desing and data collection. Oxford: Okford University, 2004.

MUNANGA, K. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 18, p. 51-66, abr. 2004.

NASCIMENTO, B. **Quilombo e intelectual**: possibilidade nos dias da destruição. *Diáspora Africana: Filhos da África*, 2018. p. 326-340.

NASCIMENTO, A. **Quilombismo**: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 197-218.

NERY, S. Memória e Odores: o debate entre biologia e sociologia em Norbert Elias como inspiração à compreensão dos usos sociais do olfato. **Arquivos do CMD**, [S.L.], v. 4, n. 1, 2016.

NOGUEIRA, J. A. D; BOSI, M. L. M. Saúde Coletiva e Educação Física: distanciamentos e interfaces. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 22, n. 6, p. 1913-1922, jun. 2017.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

ORLANDI, E. P. *et al.* Maio de 1968: os silêncios da memória. In: ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória**, 1999, p. 59-67.

PALTRIDGE, B. Thesis and dissertation writing: an examination of published advice and actual practice. **English for specific purposes**, v. 21, p. 125-143, 2002.

PATA. **Mapa Racial**. Disponível em: <https://patada.org/maparacial/Acesso> em 11 set. 2022.

PAZ, F. P.C. **Na Casa de Ajalá: comunidades negras, patrimônio e memória contracolonial no Cais do Valongo: a “Pequena África”**. 2019. 229 f., il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

PEACOCK, S. The PhD by publication. **International Journal of Doctoral Studies**, Santa Rosa, v. 12, p. 123-134, 2017.

PENROD, J. *et al.* A discussion of chain referral as a method of sampling hard-to-reach populations. **J. Transcult. Nurs.**, v.4, n. 2, p. 100-107, apr. 2003.

PESSANHA, E. A. M. **Necropolítica & epistemicídio: as faces ontológicas da morte no contexto do racismo**. 2018 Dissertação (Mestrado em Metafísica) - Universidade de Brasília- UnB, 2018.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, p. 13-49, abr. 1997.

PORTELLI, A. História oral como gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 22, p. 9-36, 2001.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da Etnicidade seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: UNESP, 1998.

PROGIANTI, J. M.; AMADO, M. C. Diálogos sobre a aplicação da história oral nos estudos de enfermagem. **Revista Enfermagem UERJ**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 57-61, jan./abr. 2002.

RIBEIRO, J. C. **Memórias da organização profissional do campo e habitus esportivo maranhense: Associação dos Profissionais de Educação Física, Esportes e Lazer do Estado do Maranhão – APEFELMA (1980- 2000)**. 2018. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2018.

RIBEIRO, J. M. S. F. **Herança Inter e Intergeracional: o negro na cidade de Pelotas**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, 2010.

RICOEUR, P. **Do texto a ação**. Porto: Editora Rés, 1986.

RIGO, L. C. **Memórias de um futebol de fronteira**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 2000.

SARLO, B. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SETTON, M. G. J. Socialização de habitus: um diálogo entre Norbert Elias e Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], v. 23, n. 1, p. 1-23, out. 2018.

SETTON, M. G. J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], n. 20, p. 60-70, ago. 2002.

SIRINELLI, J.; FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

SILVA, M. A. M. **Preservar a memória negra e lutar contra a dupla morte**. **Nexos Políticas Públicas**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/opiniaao/2020/Preservar-a-mem%C3%B3ria-negra-e-lutar-contr-a-dupla-morte>. Acesso em: 17 set. 2022.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Fogo no Mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SOUSA, M. A. Projeto "**Uma arqueologia da escravidão em Goiás**". Primeiro relatório de atividades. Goiânia: Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia. Universidade Católica de Goiás. 2006.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, P. História oral e contemporaneidade. **História Oral**, n. 5, p. 9-28, 2002.

VAZ, L. G. D.; ARAÚJO, D. M. **Querido professor Dimas: Antônio Maria Zacharias Bezerra de Araújo e a educação física maranhense: uma biografia autorizada**. São Luís: Colorgraf, 2014.

WILLIAMS, R. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade.** São Paulo: Boitempo, 2007.

WORLD HEALTH ASSOCIATION. Division of Mental Health. **Qualitative Research for Health Programmes.** Geneva, 1994.

Relatório do trabalho de campo

Relatório das atividades de campo

Após a qualificação do projeto de pesquisa, realizada em 25 de novembro de 2022, modificamos os itens teóricos recomendados, discorrendo tópicos mais consistentes acerca da perspectiva da memória experimental social negra do handebol no campo esportivo do ginásio desportivo, bem como as contribuições das ações dos agentes negros no contexto local e nacional, com uma leitura mais transdisciplinar da memória experimental no campo social.

Ademais, cabe ressaltar que esta investigação foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, mediante o parecer consubstanciado número 5.682.666. Número de CAAE:57920121.5.0000.5313. Desta forma, todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido e permitiram a divulgação de suas identidades.

O projeto foi qualificado com uma entrevista já realizada com o agente negro pioneiro do handebol no ginásio Ronald Carvalho. Durante a qualificação foi proposto ampliar o número de entrevistados do gênero feminino, e assim novas entrevistas foram construídas junto aos agentes negros que aceitaram participar da investigação, totalizando 11 participantes. O Quadro 4 traz as informações sobre os indivíduos entrevistados segundo sexo, escolaridade, formação inicial, formação, ocupação/atuação em 1970/1980, e atuação no momento da entrevista.

Quadro 4 – Caracterização dos entrevistados da pesquisa.

Nome	Formação	Escolaridade	1970/1980 Atuação	2023/2024 Atuação
José Maranhão Penha	Educação Física (Licenciatura)	Nível superior	Atleta/Técnico	Técnico do LICEU
José Henrique de Azevedo	Pedagogia (Licenciatura)	Nível superior	Atleta/Técnico	Técnico da APAE
José Francisco Lima Vieira	Contador (Bacharel)	Nível superior	Atleta/Árbitro	Servidor Público
Alexandre Magno Reis Muniz	Historiador (Licenciatura)	Nível Superior	Atleta/Árbitro	Servidor Público
Alexandre Nonato Moraes	Monitor de handebol	Ensino médio	Atleta/Árbitro	Aposentado
Teresa Cristina Sobrinho	Domestica	Ensino médio	Atleta	Aposentada
Miguel Amadeu Sobrinho Pereira	Serviço gerais	Ensino médio	Atleta	Serviço gerais
Fernanda Sobrinho Pereira	Educação Física (Licenciatura)	Nível superior	Atleta	Treinadora de handebol (Guarulhos-SP)
Silvia Cristina Costa Leite	Assistente Social	Nível superior	Atleta	Assistente Social
Rosângela Reis	Educação Artística (licenciatura)	Nível superior	Atleta	Cantora/Gestora Cultural
Idalina Elizabeth Carvalho Silva (Dada),	Técnica em Educação Física	Ensino médio	Atleta	Falecida

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Ao dispor dos dados, iniciamos a construção dos artigos que constitui o corpo desta coletânea.

O artigo 1, intitulado *“Negras memórias do handebol no ginásio desportivo Ronald da Silva Carvalho (1970-1980)”* objetivou reconstruir a memórias negra do handebol nos jogos escolares maranhenses (JEM) (1970), em São Luís (MA). Procuramos neste texto, a partir da memória negra do interior do ginásio, identificar personagens negros em distintas funções, intuições escolares e interpretar os mecanismos de ação e produção destes na construção e desenvolvimento do handebol no interior dos JEM para a consolidação do campo esportivo no Maranhão.

Neste texto utilizamos os dados coletados a partir da rede de colaboradores, para esta pesquisa constituída por cinco narradores. Foram feitas entrevistas com agentes negros do handebol no ginásio desportivo durante o JEM: José Maranhão Penha, 71 anos, ex-atleta, professor de Educação Física e técnico da equipe de handebol da ETFMA por 35 anos; José Henrique Azevedo, 68 anos, ex-atleta e técnico de handebol em diversas escolas; e Alexandre Nonato Moraes, 66 anos; Alexandre

Magno Oliveira Muniz, 62 anos; José Francisco Lima Vieira, 61 anos, ex-atletas e árbitros do JEM. O artigo foi publicado na Revista ODEERE do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (ISSN 2525-4715), como pré-requisito para a defesa da tese. O comprovante de publicação encontra-se no Anexo A.

O artigo 2, nomeado *“Black memories of the technician course in physical education at the Federal Technical School of São Luís-MA-MA/ETFMA (1970-1980)”* This article deals with the Technical Course in Physical Education at the Federal Technical School of São Luís-MA/ETFMA (1970-1980). It is inspired by the habitus concept present in the work of Pierre Bourdieu (2008) and Norbert Elias (2002). Its source of research was the documentary, imagery and oral memory of black social agents who experienced the pedagogical practice. A course was identified aimed at black social agents from the Maranhão-JEM'S school games, who wanted to work in the professional sports field of Maranhão, but without the symbolic, social and economic capital required in the local and non-local Higher Education Institutions-IES, revealing so much more about your time.

O corpus da memória escrita criado, incorporou fontes de natureza híbrida, como: planos de aula, grade curricular, folder informativo, cadernos de planejamento, fotografias, boletins, jornais. No cruzamento entre a memória escrita e a oral, os depoimentos constituíram as reflexões, já que é relevante dar voz, ouvido e centralidade aos relatos dos agentes sociais negros que, de alguma maneira vivenciaram o curso, concedendo visibilidade às suas interpretações distintas acerca da experiência e ratificando o pressuposto de que esquecimento, lembrança, apagamento, silenciamentos e reconstruções são predileções de cada indivíduo. Assim foi feita uma entrevista com José Maranhão Penha, 71 anos, ex-atleta, professor de Educação Física e técnico da equipe de handebol da ETFMA por 35 anos. A memória escrita interagiu com a entrevista, esse procedimento metodológico assegurou apreender que o colaborador entrevistado, acerca do vivido no curso empregam significados subjetivos sobre o mesmo.

Já o artigo 3, intitulado *“Memórias do Protagonismo de Mulheres Negras Atletas do Handebol Maranhense, Brasil (1970-1980)”* objetivou reconstruir a memória experiencial de três mulheres negras atletas de handebol que testemunharam a gênese da estruturação do esporte no Maranhão e no Brasil nas décadas de 1970 e

1980. Procuramos neste texto, apreender a inserção na iniciação esportiva, nas seleções do MA estudantil e universitária, nos clubes locais e nacionais, as tensões, afastamento da família e dos amigos, racismo e discriminações, adaptações aos treinos, salários irrisórios e grande sucesso esportivo.

Neste texto utilizamos os dados coletados através das narrativas orais de três atletas: Silvia Cristina Costa Leite, Teresa Cristina Sobrinho Pereira e Fernanda Sobrinho Pereira Silva, que testemunharam o handebol na época. O artigo foi submetido à revista Movimento Programa de Pós-Graduação em Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança Contemporaneidade (ISSN 0104-754X | e-ISSN 1982-8918) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como pré-requisito para a defesa da tese, sendo que as normas da mesma se encontram no Anexo C.

A rede de depoentes iniciou pela semente (ponto zero), com um relato exploratório do professor de educação física da ETFMA José Maranhão Penha, conhecido como Maranhão, uma referência do handebol maranhense desde a década de 1970, e reuniu outros oito agentes negros do esporte, uma faleceu e a outra não respondeu ao convite. Pela proximidade existente entre o entrevistador e os entrevistados optamos pela constituição de uma única rede de narradores da pesquisa na cidade de São Luís, com exceção de Fernanda Tião que reside em Guarulhos-SP.

Essa foi a entrevista mais difícil, com vários cancelamentos durante toda coleta de dados e a única entrevista feita remotamente, através de *WhatsApp* e gravada. Mesmo considerando as adversidades postas pela pandemia de covid-19, as entrevistas foram feitas presencialmente, com gravador de voz. Em ambos os casos, o resultado foi o relato transcrito e enviado, lido e aprovado pelo narrador. O entrevistado era quem escolhia o formato do encontro, virtual ou presencial.

O exame foi construído a partir do cotejamento dos dados empíricos com as referências bibliográficas e teóricas acerca da temática memória social da experiência de negros no handebol maranhense e brasileiro.

ARTIGO 1

**Negras memórias do handebol no ginásio desportivo Ronald da Silva Carvalho
(1970-1980)**

**Negras memórias do handebol no ginásio desportivo Ronald da Silva Carvalho
(1970-1980)**

**Black handball memories at the Ronald da Silva Carvalho sports gym (1970-
1980)**

**Memorias negras del balonmano en el gimnasio deportivo Ronald da Silva
Carvalho (1970-1980)**

RESUMO

Este artigo aborda as memórias do handebol nos jogos escolares maranhenses (JEM) (1970), em São Luís (MA). O corpus empírico do estudo foram as entrevistas. A pesquisa qualitativa foi realizada com aporte teórico-metodológico da Memória e da História Oral, com entrevista dos “lugares de memória” negras do campo esportivo e objetivou reconstruir as experiências do handebol no JEM. Os Jogos Escolares Brasileiros e a “invasão dos paulistas” em São Luís (MA) transformaram as configurações na obtenção do sucesso esportivo no campo esportivo brasileiro e internacional.

Palavras-chaves: Memória; História Oral; Handebol; Ginásio Desportivo Ronald Carvalho.

ABSTRACT

This article addresses the memories of handball in school games from Maranhão (JEM) (1970) in São Luís-Brazil. The focus of the study was the Ronald da Silva de Carvalho sports gym, from the Federal Technical School of Maranhão. Qualitative research was conducted, with theoretical-methodological support of Memory and Oral History, with interviews of black “places of memory” in the sports field, aimed to reconstructing the experiences of handball in the JEM. The Brazilian School Games and the invasion of São Paulo in São Luis-Brazil, transformed the configurations in obtaining sports success in the Brazilian and international sports field.

Keywords: Memory; Oral History; Handball; Ronald Carvalho Sports Gym.

RESUMEN

Este artículo aborda las memorias del balonmano en los juegos escolares de Maranhão (JEM) (1970) en São Luís (MA). El corpus empírico del estudio fue el gimnasio deportivo Ronald da Silva de Carvalho, de la Escuela Técnica Federal de Maranhão. Investigación cualitativa con apoyo teórico-metodológico de la Memoria y la Historia Oral, con entrevistas a “lugares de memoria” negros en el campo deportivo, tuvo como objetivo reconstruir las experiencias de balonmano en las JEM. Los Juegos Escolares Brasileños y la invasión de São Paulo en São Luis- MA, transformaron las configuraciones en la obtención del éxito deportivo en el campo deportivo brasileño e internacional.

Introdução

O handebol, no formato como percebemos hoje, foi introduzido no campo esportivo brasileiro na década de 1950. O movimento de difusão do esporte iniciou por meio de um curso oferecido pela Associação dos Professores de Educação Física (APEF) no município de Santos-SP em 1952, ministrado pelo professor francês Augusto Listello. Em seu relato Alexandre Nonato Moraes afirma que o curso envolveu professores de todo Brasil, sendo que apenas entre 02 a 06 de agosto de 1976 teve a oportunidade de fazer o curso com o Listello, aqui em São Luís (MA) (ALEXANDRE NONATO MORAES). A modalidade se desenvolveu nos diversos municípios brasileiros, sendo a escola o lugar de disseminação principal do esporte. A ascensão do handebol no campo esportivo escolar contribuiu para que ele fosse inserido em 1971 nos III Jogos Estudantis Brasileiros (JEB) realizado em Belo Horizonte - MG, cujo coordenador geral dos jogos foi o maranhense Ari Façanha de Sá, e nos Jogos Universitários Brasileiros (JUB), a partir de 1972 (ANDRES; GOELLNER, 2021; HUBNER; REIS, 2005; VAZ; ARAÚJO, 2014).

No campo esportivo estudantil, o handebol maranhense chega ao seu auge em 1972, com ida ao JEB - Maceió-AL, um aspecto inédito da participação nos jogos, já que o Maranhão não experienciou as três edições anteriores, acarretando uma certa desvantagem no campo esportivo estudantil. Sobre essa singularidade o Jornalista negro Jota Alves relatou,

O Maranhão não vai apenas comparecer aos IV Jogos Estudantis Brasileiros, por comparecer. Vai e pela primeira vez organizado, sem dúvidas e com um só pensamento se fazer digno da competição e conduzindo esperanças de uma boa classificação. E também é justo reconhecer, que também pela primeira vez já se sabe que roteiro a cumprir e como cumprir em seus mínimos detalhes. A organização é assim o ponto saliente a destacar nesta jornada. Os nossos cumprimentos a Divisão de Educação Física e ao seu titular Claudio Vaz (JOTA ALVES, 1972).

No campo esportivo estudantil maranhense, as primeiras competições de handebol escolar que evidenciamos nas fontes orais foram nos I e II Festival Esportivo da Juventude (FEJ) dos anos de 1971, 1972 e nos I Jogos Estudantis Maranhenses (JEM) em 1973, ambos organizados pelo Departamento de Educação Física, Desporto e Recreação -DEFER, vinculado à secretaria de Educação e Cultura do Maranhão (JOSÉ MARANHÃO PENHA).

A importância e o ineditismo do handebol nos JEM no ginásio desportivo Ronald da Silva de Carvalho, da Escola Técnica Federal do Maranhão (ETFMA) fizeram dessa ocasião um dos mais lembrados e revisitados locais da historiografia do esporte escolar maranhense. Esse momento pode ser rememorado e revisitado a partir dos vários “lugares de memória” que vivenciaram essa experiência, entre os quais evidenciamos: o prédio do ginásio e seus agentes esportivos negros (atletas, técnicos, árbitros, dirigentes, gestores, torcedores e simpatizantes do handebol, súmulas e boletins dos jogos, entre outros).

Podemos observar que esse lugar constitui a memória social negra do handebol brasileiro e maranhense. Ressaltamos a escassez e a raridade dos assentos – memórias, narrativas, documentos, publicações – que versam sobre a origem desse percurso, que conseguiria ampliar o *habitus* esportivo acerca da experiência do handebol estudantil no Brasil e no ginásio desportivo Ronald Carvalho, em São Luís (MA).

Na presença desse silenciamento, apagamento ou carência de fontes que narrem a práxis de agentes negros no handebol no Brasil, pouquíssimo é conhecido sobre a historiografia de negros e negras do handebol estudantil e, como implicação, a memória social do handebol é comprometida. Isto posto, com o fim de contribuir com algumas lacunas acerca da historiografia oral do handebol nos JEM, esta pesquisa tem o intuito de analisar e narrar a experiência de agentes negros e negras do handebol nos JEM realizado no ginásio desportivo Ronald de Carvalho, do início ao fim do ciclo dos jogos neste ginásio (1976 a 1980).

Métodos

O presente estudo se amparou no campo teórico-metodológico do estudo da Memória (BOURDIEU, 1983, 1989; HALBWACHS, 1990) tendo por suporte técnico a contribuição da História Oral (AMADO; FERREIRA, 1998; PORTELLI, 2010; SEAWRIGHT; MEIHY, 2021; THOMPSON, 1992), por inferir que este olhar possibilita narrar e analisar por meio das fontes orais, escritas e imagéticas, tons associados à constituição e estruturação do handebol JEM desse período.

Considerando as narrativas como fontes singulares dessa pesquisa, seguimos as etapas dos procedimentos preconizados no projeto “Garimpando Memórias”, a elaboração do roteiro, diligência de entrevistas, transcrição, copidesque, conferência

pelo agente entrevistado, rubrica da carta de outorga dos direitos autorais e publicação do texto on-line (ANDRES; GOELLNER, 2021).

A rede de colaboradores, para esta pesquisa foi constituída por 05 cinco narradores (BENJAMIN, 1994). Foram feitas entrevistas com agentes negros do handebol no ginásio desportivo que atuaram no JEM: José Maranhão Penha, 71 anos, ex-atleta, professor de Educação Física e técnico da equipe de handebol da ETFMA, por 35 anos; José Henrique Azevedo, 68 anos, ex-atleta e técnico de handebol em diversas escolas; e Alexandre Nonato Moraes, 66 anos; Alexandre Magno Oliveira Muniz, 62 anos; José Francisco Lima Vieira, 61 anos, ex-atletas e árbitros do JEM). As narrativas dos nossos entrevistados convergem para experiências que eles viveram e/ou em fatos que ouviram falar. Pois, o registro e a análise das memórias de agentes entrevistados têm a finalidade completar, comprovar e reprovar certos conhecimentos coletados sobre a entidade pesquisada (HALBWACHS, 1990).

Conforme o conhecimento da entidade por parte do pesquisador principal for maior, principalmente quando experienciou a cronologia dos acontecimentos da instituição, maior a recorrência a sua memória como principal substância de investigação, incorporando-a às pesquisas (entrevistas) empreendidas (HALBWACHS, 1990). Desse modo, o investigador passa a examinar não somente a reconstrução da memória da experiência, mas a reelaboração e reconhecimento de suas lembranças individuais.

Halbwachs evoca que, quando o investigador usa a sua memória como atestamento das entrevistas com outros indivíduos, a incidência de consideráveis familiaridades (memórias em comum) entre elas é inevitável para uma reconstrução da memória coletiva. Pois, o pesquisador transcorre a analisar não apenas a memória individual estanque, mas a memória coletiva, que evidencia, um grupo social, retratado pelos entrevistados (COSTA, 2014).

Assim, o compartilhamento de memórias orais, escritas e imagéticas (fotografias), construirmos uma narrativa dos principais ciclos integrantes da memória do handebol estudantil do ginásio desportivo. Assim, da análise do corpus empírico que sustentam esta pesquisa, verificou-se três pontos principais convertendo-se no que permitiram o início, desenvolvimento a transformação do handebol de negros e negras no JEM no seu começo: *habitus* esportivos maranhense, o advento dos JEB e o intercâmbio com técnicos paulistas.

Professor Ronald da Silva de Carvalho

O professor Maranhão relatou que o “Prof. Ronald” nasceu em 15 de dezembro de 1915 e faleceu em 06 de novembro de 2000. Educador, advogado, diretor por mais de 20 anos da antiga ETFMA, posteriormente Centro Federal de Educação Tecnológica do Maranhão (CEFET-MA) e, hoje Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) São Luís Campus Monte Castelo, trabalhando por mais de 44 anos na instituição (JOSÉ MARANHÃO PENHA). Grande nome da Educação Física e do Esporte maranhense, jogou futebol, foi um renomado atleta de basquete, que praticava o esporte desde 1939. Dirigente esportivo ligado ao Sampaio Corrêa Futebol Clube de São Luís (MA). Criou a Associação Atlética do curso de Direito em 1951, alicerce da Federação Atlética Maranhense de Esportes (FAME); “foi membro do Conselho Regional do Desporto (CRD) e do Tribunal da Justiça Desportiva (TJD-FMF)”; foi um dos criadores da Federação Maranhense de Basquetebol, em 1958 (VAZ, 2005). Isso demonstra em parte o currículo do “Prof. Ronald”, que foi um agente muito bem sucedido e reconhecido em seu espaço social, gozava de “capitais econômico, social, cultural, simbólico e esportivo” (BOURDIEU, 1983, 1989).

Confirmando a “memória em comum” dos jovens atletas Alexandre Magno, Francisco Vieira e a nossa como candidatos a aprendizes de handebol lembramos do primeiro contato com aquela personalidade esportiva negra, tendo como base a tez que era parecida a nossa, descendo as escadas do ginásio que leva seu nome com uma bola de basquete debaixo do braço canhoto, do mesmo lado do ginásio que ficamos quando adentramos pela primeira vez aquele espaço esportivo, já que este lado dá acesso ao ginásio de quem vem da direção geral e de outras dependências das ETFMA (ALEXANDRE MAGNO OLIVEIRA MUNIZ; JOSÉ FRANCISCO LIMA VIEIRA). Ele descia trajando uma camiseta regata toda branca e de um calção branco listrados com linhas grossas verticais alternadas nas cores preta, vermelha e verde, o calção era similar à da equipe de handebol da Instituição de ensino que ele era o diretor. Ele se dirigiu para uma sequência de cestas fixadas na parede final do ginásio e começou a fazer variados tipos de arremessos e bandejas com estivesse brincado, igual a uma criança diante de seus brinquedos. Foi o que percebi naquele momento que ficou impresso na nossa memória. Acreditamos que a memória incorporada do desportista professor Ronald da Silva de Carvalho está impregnada em cada canto do ginásio e cada lugar de memória dos agentes negros que ali passaram e passarão.

O guardião negro do ginásio desportivo Ronald da Silva de Carvalho: professor Joaquim

O Prof. Joaquim Viana (Tião), nasceu em Rosário-MA no dia 18 de agosto de 1924 e faleceu em 16 de dezembro de 2010. Professor por mais de 30 anos da antiga ETFMA. CEFET-MA; IFMA São Luís Campus Monte Castelo, trabalhando por mais de 40 anos na instituição. Grande nome da Educação Física e do Esporte ETFMA, jogou futebol, que praticava desde jovem. Dirigente esportivo, criou o Clube de Regatas Flamengo do Bairro do Monte Castelo em 1951, onde vários atletas negros de handebol jogavam também futebol, como Abmael Reis Muniz Filho, Alexandre Magno Oliveira Muniz, José Francisco Lima Vieira e o professor de handebol da ETFMA José Maranhão Penha entre outros (José Maranhão Penha, 10/11/ 2022). Esta pequena experiência biográfica aponta a práxis do “Prof. Joaquim”, como agente negro importante na Educação Física, do campo esportivo da ETFMA, e do esporte amador comunitário do Bairro do Monte Castelo, onde possuía capital social, econômico, cultural, simbólico e esportivo. Estes capitais incorporados eram de suas disposições duráveis, fruto de seu trabalho e experiência obtidas pelo agente negro em seu espaço social, ou também de conhecimento existente no âmbito familiar, isto é, as vivências das gerações anteriores transmitidas também pela oralidade (BOURDIEU, 1998).

O que chamava a atenção no professor Joaquim Viana enquanto circulava pelas dependências do ginásio, era a sua pele negra, semelhantes aos dos negros da nossa comunidade afrodescendente de Preto do Pau Pombo, em Santa Helena, na região da Baixada maranhense, local onde funcionavam as grandes fazendas de canavial a base de mão de obra do trabalho de negros escravizados. A mesma cútis das velhas Martinha, Erotides, Gregória, Bendito (Charuto), a primeira era filha e os demais foram netos do velho escravo Francisco Maia (Chico Maia), que herdou as terras onde residem os seus descendentes em nossa comunidade Quilombola, como pagamento pelos seus longos anos de trabalho escravo aos donos das terras, que se estendia do município de Alcantara até o estado do Pará-PA. O velho ‘Chico Maia’ fez uma promessa a ‘Todos os Santos’ de realizar todos os anos os ‘Festejos de Todos os Santos’, com muita comida durante uma semana com a finalidade de ‘não morrer sem antes ver seus filhos livres da escravidão’ (PRETOS DO PAU-POMBO).

Com a nova reestruturação e evolução das Escolas de Aprendizes Artífices, alguns cursos foram extintos como os da seção de trabalhos de couro: obras de correeiro; trabalhos de curtume e selaria; obras artísticas e manufatura de couro, onde o professor Joaquim Viana lecionava. Como conhecia bem o campo esportivo, ele veio trabalhar no Departamento de Ciências da Saúde, que era constituído pelos

professores de Educação Física, de Segurança do Trabalho e do Meio Ambiente. O professor Joaquim, atuou como gestor de toda infraestrutura dos equipamentos esportivo da ETFMA, dentre elas o ginásio de desporto Ronald da Silva de Carvalho. Ele era bem remunerado como professor, o que lhe fez sofrer discriminação racial por parte do gerente da Agencia da Caixa Econômica Federal de São Luís -MA, que se negou a pagar uma boa diferença salarial que lhe era devida pelo governo Federal, seu Joaquim percebeu logo que o problema era sua cutis preta, já que o gerente pagava normalmente os outros funcionários, enquanto achava trata-se um tremendo engano um “pretinho receber aquela quantia de dinheiro”, mas teve que pagar o pretinho (JOSÉ MARANHÃO PENHA).

Avistamos pela primeira vez o senhor Joaquim, no entra e sai da sua sala de onde gerenciava todo o ginásio durante o JEM 1977, no início da carreira com aprendizes de handebol. Passou os JEM 1978/1979 e só no início do ano de 1980 tivemos um contato mais próximo com ele, quando tentava ajudar-nos a encontrar as provas no arquivo, diante de diversos maços amarrados por fios de algodão, a pedido do técnico de handebol José Maranhão Penha, da instituição, na tentativa de ajudar a saber qual o motivo da reprovação no certame, e se poderia ter alguma possibilidade de aprovação diante de uma possível revisão de nota, segundo o técnico Maranhão o Joaquim era muito prestativo, principalmente quando o assunto era esporte na ETFMA, era um esportista nato (JOSÉ MARANHÃO PENHA). Acontece que tiramos 3,5 ficando sem a mínima possibilidade de revisão de nota. “Uma pena, você poderia contribuir muito com a nossa equipe, gostaria que jogasse em nosso time de handebol escolar” disse o professor Maranhão ao tomar conhecimento do resultado das provas (JOSÉ MARANHÃO PENHA). Na quela época, nós acreditávamos que poderíamos agregar valor à equipe dele, também e ao mesmo tempo estudar na ETFMA, um sonho para alguns estudantes negros e negras dos estratos socialmente desfavorecidos das periferias das urbes, que vivenciavam no corpo e na alma o processo de diferenciação social negativa, experienciado as duas faces da moeda. Digo, a “cara” e a “coroa” do chão da escola (BOURDIEU, 2008).

Já em 1991/92, como professor substituto de Educação Física do CEFET/MA, convivemos mais com o gestor Joaquim, era um negro educado, sincero, respeitador, disciplinado, higiênico e organizado. Essas lembranças coadunam com as do professor Maranhão, ao relatar que quando entrávamos na sala sob sua

responsabilidade, onde ficava os diferentes materiais esportivos, percebíamos a organização dos equipamentos, todos bem limpos, preparados para o uso imediato e dispostos em lugares específicos. Ele tinha o cuidado de estar constantemente renovando o estoque de material esportivo, demonstrando, como educador que era, todo seu apreço pelo processo de ensino- aprendizagem-treinamento da educação esportiva dos alunos atletas da antiga ETFMA (JOSÉ MARANHÃO PENHA).

Os Jogos Estudantis Maranhenses – JEM

Evidenciamos na memória coletiva dos professores Maranhão e José Henrique, que iniciativa era criar os jogos escolares. Assim, em 1971 foi realizado o I Festival Esportivo da Juventude - FEJ. Em 1972, o II FEJ, ato contínuo foi transformado em 1973 nos I Jogos Escolares Maranhenses - JEMs”. Após, nós participamos do III JEB, assim por bem achamos melhor mudar para JEM. Tudo planejado por Cláudio Vaz dos Santos, o Cláudio Alemão, então coordenador do Departamento de Educação Física, Desportos e Recreação do Estado-DEFER, ligado à Secretaria de Educação e Cultura (SEC), na época (JOSÉ MARANHÃO PENHA; JOSÉ HENRIQUE DE AZEVEDO).

Para Maranhão e José Henrique é importante rememorar uma breve experiência biográfica do criador do JEM, o Sr. Cláudio Antônio Vaz dos Santos, nascido no dia 24 de dezembro de 1935, em São Luís (MA). Economista, ex-atleta de basquetebol, voleibol, boxe, atletismo, natação, futebol de campo e de futsal. Fez parte da famosa “Geração de 53”, do esporte maranhense nas décadas de 50 e 60. Foi coordenador do DEFER de 1971 a 1978. Ainda em 1971, criou e realizou o I e II FEJ, transformando em seguida nos I JEM, em 1973. Estruturou o esporte e a Educação Física maranhenses; implantou escolinhas de esportes no Ginásio Costa Rodrigues, que funcionava das 5hs da manhã às 23 horas, com futebol de salão, basquete, voleibol, ginástica olímpica, capoeira, xadrez, judô, boxe, karatê, folclore e outras. No início de 1974, contratou diversos técnicos e professores, para reforçar as equipes maranhenses nos diversos jogos e campeonatos regionais e brasileiros. Nesse período, trouxe os professores Laércio Elias Pereira, e os atletas de handebol Vicente Calderoni Filho-Viché, e Edivaldo Pereira -Biguá (JOSÉ MARANHÃO PENHA; JOSÉ HENRIQUE DE AZEVEDO). Em 1979, foi para Brasília, coordenar a Unidade Esportiva do DF; em 1980, volta a São Luís para dirigir a Fundação Municipal de

Esportes (FUMESP); foi Coordenador de Desportos da Secretaria de Desportos e Lazer (SEDEL), nas gestões de Louis Philip Moses Camarão, “Phil Camarão”, Marly Abdala, já na época da SEDEL. Trabalhou, também, na Prefeitura Municipal de Caxias, na gestão do prefeito Paulo Marinho, por dois anos. Aposentado como fiscal de rendas, atuou como assessor parlamentar do Deputado Manoel Ribeiro. Foi secretário adjunto da Fundação Estadual de Esportes do Maranhão (FEEMA), transformada em seguida em Secretaria de Estado de Desporto e Lazer, durante a gestão do governador José Reinaldo Tavares, de 2002 a 2007 (VAZ; ARAÚJO, 2014).

Um aprendiz de handebol no ginásio desportivo Ronald da Silva de Carvalho

A obra de construção física iniciou em 1970 e a fundação do Ginásio de Desporto da ETFMA pelo professor Ronald da Silva de Carvalho ocorre em 1976. Neste ano começou a sediar os jogos de handebol dos JEM. Foi o primeiro da capital a ter as dimensões de quadra mais próximas das regras oficiais do esporte, 18 por 36. O ginásio era controlado pelo professor negro Joaquim Viana, que lecionara a disciplina de cultura do couro (JOSÉ MARANHÃO PENHA).

A nós, as reminiscências do Ginásio transbordam, pelas experiências vividas que tivemos, e que ainda tenho desse monumento do esporte maranhense. No ano de 1976 como alunos de Centro de Ensino do Maranhão (CEMA) fomos convidados a “gazeir” aula para assistir ao jogo entre CEMA versus Liceu Maranhense pela categoria juvenil feminino. Foi o nosso primeiro contato com o ginásio de desporto Ronald da Silva de Carvalho, espaço de socialização esportiva de jovens negros das periferias da capital. A imagem registrada em nossa memória daquela primeira experiência, representa bem o que era o JEM no início dos anos 1970. Um lugar completamente superlotado por adolescentes e jovens simpatizantes de um esporte que vinha obtendo muito sucesso esportivo e destaque no campo esportivo brasileiro. Em função disso “era muito difícil adentrar o ginásio para assistir os jogos de handebol durante o JEM” (ALEXANDRE MAGNO OLIVEIRA MUNIZ; JOSÉ FRANCISCO LIMA VIEIRA).

Empurra, empurra do começo ao fim do corredor lateral de acesso a entrada principal do ginásio, que logo no seu início a esquerda tinha um pequeno abismo onde muitas pessoas caíam durante o empurra-empurra. Eu mal conseguir subir as rampas de acesso da parte superior do ginásio, de tanta gente ao logo da sua extensão. Como

éramos debutantes, nunca tínhamos entrados em um ginásio de desporto ao lado dos meus doze anos de idade, e não tinha a estatura alta, tivemos que deitarmos na parte medial rampa para espiarmos a quadra de jogo, onde naquele momento ficou fotografado na memória uma imagem que foi determinante em nossas experiências como atletas de handebol, conseguimos visualizarmos apenas um jogador louro com uma equipagem com calção e camisa toda vermelha, falaram que aquele colégio era o Cardoso Amorim, que era famoso pelo seu handebol escolar e que neste ano fez a final do JEM na categoria juvenil masculino com o colégio Batista Daniel de La Touche. É possível notar que era uma outra potência no handebol escolar e no JEM como um todo, e que ficou com título, ao vencer a decisão.

Essa memória foi determinante na escolha do colégio Cardoso Amorim para estudar e começar a experiência esportiva no handebol, ao ganharmos uma bolsa de estudos do governo federal para alunos negros e carentes vindos das camadas menos favorecidas economicamente e de *habitus* esportivos coletivos. Vale lembrar que a bolsa de estudos foi concedida pelo então Senador maranhense Edson Lobão, da República Federal do Brasil, por meio de Maria Teresa Trabulsi, amiga da mãe do atleta, de quem era sua costureira, contribuindo para que um negro pudesse ter acesso ao processo ensino-aprendizagem melhorado. Ao chegar no colégio Cardoso Amorim, tivemos a oportunidade segurar nas mãos e vestir as camisas vermelhas dos jogadores como louro *Itaécio* que vira quando fui a primeira vez ao ginásio desportivo, e percebemos que ela tinha os punhos brancos intermediados com pequenos círculos nas cores azul e vermelho de tecido de boa qualidade.

Outro fato relevante que chamou atenção pontuado por Alexandre Magno, mais do que o resultado do jogo feminino que não lembramos, entre CEMA e Liceu Maranhense foi o cabelo da goleira negra da equipe do CEMA, alisado a base de pomada de soda cáustica com uma chapa quente que queima o rosto fazendo mal à saúde e endurece o cabelo (ALEXANDRE MAGNO OLIVEIRA MUNIZ), ficando semelhante a um capacete, semelhantes aos dos afrodescendentes residentes na rua José Sarney, Bairro do Retiro Natal, junto ao maior Quilombo Urbano Liberdade, o maior das Américas (ASSUNÇÃO, 2017).

Entre de 1977 a 1980 passamos a frequentar assiduamente, como atleta de handebol escolar do colégio Cardoso Amorim, aquele espaço de educação esportiva e depois em 1991, como professor substituto de Educação Física e técnico de

handebol, do então CEFET-MA; em seguida como professor efetivo do IFMA, aprovado em concurso público de provas e títulos em 2008. Para o professor Maranhão a memória e a história do Ginásio atravessam a historiografia do handebol maranhense, regional, brasileiro e dos JEM até 1980 (JOSÉ MARANHÃO PENHA). Podemos assegurar que era o lugar onde o professor de Educação Física e técnico de handebol da ETFMA, José Maranhão Penha ensinava e corrigia os primeiros passos de seus alunos atletas no esporte. Os relatos dos ex-atletas negros Alexandre Magno (UNEB Luís Viana) e Francisco Viera (Colégio Independência), confirmam uma memória em comum de grupo ao lembrarem dos jogos amistosos feitos aos sábados pela manhã, quando os alunos atletas só entravam se os nomes deles estivessem na lista oficial na portaria, usando calças compridas e meias (ALEXANDRE MAGNO OLIVEIRA MUNIZ; JOSÉ FRANCISCO LIMA VIEIRA).

As escolas pioneiras dos JEM

A memória de uma instituição esportiva se faz, também, a partir dos agentes que realizaram as ações esportivas iniciais. É importante registrar quais foram as primeiras escolas que criam a gênese do movimento de constituição do handebol, fundamental como alicerce deste esporte maranhense.

O professor José Henrique de Azevedo, no esforço de lembrar as escolas públicas periféricas ludovicenses, relata que eram constituídas em sua grande parte pela população negra e pobres de São Luís (MA), como os filhos de pedreiros, marceneiros, encanadores, lavadeiras, costureiras, vendedores ambulantes, diaristas, carroceiros, empregadas domésticas, açougueiros, entretanto estes dotados de *habitus* esportivo decorrente das diversas experiências motoras coletivas estimuladas em seu espaço social distinto de outras classes sociais (JOSÉ HENRIQUE DE AZEVEDO). As instituições de ensino foram Gonçalves Dias (Bairro da Bom Milagre, na Avenida Kennedy); CEMA (Bairro da Bom Milagre, na Avenida Kennedy); Ueb Ens. Fund Sá Valle (Rua da Companhia, 100 Anil, São Luís - MA); Ueb Ens. Fund Luís Viana e Colégio SESI (Avenida Dom José Delgado, s/n, Alemanha. São Luís - MA; Centro de Ensino Coelho Neto (Rua Jorge Damous-Vila Ivar Saldanha/Barreto, São Luís - MA); ETFMA (Avenida Getúlio Vargas, Nº 04, Monte Castelo), a detentora do ginásio desportivo Ronald da Silva de Carvalho (objeto empírico de nossa pesquisa), o que mais se aproximava das dimensões oficiais das regras do handebol, tornando-

se um espaço privilegiado de socialização esportiva e protagonismo de negras e negros no campo esportivo maranhense e brasileiro (JOSÉ MARANHÃO PENHA). O professor Alexander Muniz em seu depoimento esclarece que estas instituições públicas de ensino estão localizadas no entorno do maior Quilombo Urbano da América Latina, o Bairro da Liberdade, apenas o Liceu Maranhense ficava no centro de São Luís (MA), ao lado do ginásio Costa Rodrigues. Os professores de Educação Física e/ou técnicos esportivos das escolas eram funcionários públicos estaduais ou municipais (ALEXANDRE MAGNO OLIVEIRA MUNIZ).

No depoimento de Francisco Vieira, que estudou nas escolas privadas da classe média ludovicense, na época, afirma que as mesmas ficavam geralmente nos bairros próximos e/ou no centro histórico da capital, como os colégios extintos: São Lázaro (Rua Venceslau Brás, s/n, Bairro Diamante); CIPE (Rua Vespasiano Ramos, s/n, Bairro Diamante); Ateneu Teixeira Mendes (Avenida Silva Maia, s/n, Centro); Cardoso Amorim (Rua Santa Rita); Creuza Ramos (Rua Candido Ribeiro, s/n, Centro); Ivar Saldanha (Rua da Estrela, s/n, Centro); Evangelista Rodrigues (Rua da Saúde, s/n, Centro); Ronald Carvalho (Rua dos Afogados, s/n, Centro); os Colégios Humberto Ferreira; Independência; Zoé Cerveira, na Rua Oswaldo Cruz, s/n, Centro; Henrique de La Roque (Rua do Passeio, 249 - Centro); Colégio Brasil (Avenida São Sebastiao, 744, Cruzeiro do Anil); Colégio Pax (extinto) (Avenida 13 Anil III 10, Cohab Anil); Instituto Educacional Freitas Figueiredo-extinto- (Jardim de Fátima 20, Anil), constituídos por uma mescla de um pequeno grupo da população negra e branca pobre da capital, que conseguira uma árdua bolsa de estudos do governo federal para estar nesses colégios. Contavam com professores especializados contratados para distintos esportes, embora em sua maioria os coletivos, como futebol, futsal e handebol, e mesmo assim não possuíam equipamentos esportivos em suas infraestruturas físicas, fazendo realizar todo o trabalho de descoberta, formação, desenvolvimento esportivo em espaços públicos e/ou privados contratados para esta finalidade e obtendo um certo resultado no subcampo esportivo do handebol escolar (JOSÉ FRANCISCO LIMA VIEIRA).

As escolas privadas da alta classe ludovicense da época ficavam geralmente no centro histórico da capital maranhense, como os colégios: Instituto Tecnológico-ITA, se torna MENG-ambos extintos- (Av. Gomes de Castro - Centro); Rosa Castro-extinto (Avenida Gomes de

Castro, 132, Centro); Colégio Marista, hoje Instituto Tecnológico do Maranhão- IEMA- (Centro); Dom Bosco, mudou para o Renascença, bairro nobre ludovicense (Rua do Passeio, 288 - Centro); Colégio Santa Teresa (Rua do Egito, 71 - Centro); Conceição de Maria, hoje Escola Municipal Uneb Ens. Fund Bandeira Tribuzi (Rua das Hortas, 256 - Centro); São Luís-extinto, (Rua das Hortas, S/N - Centro); Centro Caixeiral (extinto), hoje a Faculdade de Direito da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA (Praça Benedito Leite, Centro); Colégio Batista Daniel de La Touche (Avenida São Marçal, 214- Joao Paulo); São Vicente de Paula (Avenida São Marçal, 204, Bairro do Joao Paulo); reconhecidos pela excelência no ensino-aprendizagem, verdadeiros centros de referência em educação, capazes de preparar os filhos da elites social e financeira para serem aprovados no vestibular dos cursos mais concorridos das universidades maranhenses (UFMA e UEMA) ou de outros estados do Brasil. Instituições possuidoras de boas infraestruturas físicas, pedagógicas e de equipamentos esportivos. Com ginásios, campos de futebol, quadras específicas para determinados esportes (basquete, voleibol, handebol, futsal) e equipamentos para esportes aquáticos (JOSÉ MARANHÃO PENHA). Assim, podemos inferir que tudo isso era para uma elite de alunos atletas possuidores de boa situação social, financeira e econômica, capazes de pagar elevadas mensalidades e/ou um pequeno grupo de alunos atletas negros pobres bolsistas vindos de outras escolas pelo seu protagonismo no esporte(handebol), mas sem a mesma condição de acompanhamento das demais atividades pedagógicas da sala de aula. Desse modo, capazes ter um corpo de professores/técnicos altamente qualificado na preparação de seus alunos atletas para obter ótimos resultados nos JEM.

Os pioneiros professores de handebol das escolas do JEM-1970/1980

A mesma observação feita no tocante às escolas são válidas para os professores. Muitos desses ocuparam lugares de relevância no handebol maranhense e brasileiro. Como indivíduos pioneiros deste movimento, o professor Maranhão esclarece em seus depoimentos, que primeiro corpo docente de professores que atuaram no JEM era assim constituído: José Pinheiro Silva (Cardoso Amorim), Rubens Nunes Saraiva - Rubilota (Gonçalves Dias, UEB. Fund. Luís Viana, Dom Bosco, Alberto Pinheiro, Santa Teresa), Evandro Sarney (Santa Teresa); Líster Castelo Branco (CEMA); Major Lopes (UEB. Ens. Fund Sá Valle); Manuel de Jesus

Moraes (Centro de Ensino Coelho Neto, Ronald de Carvalho, Pax, Centro Caixeiral); José Maranhão Penha (Escola Técnica Federal do Maranhão-ETFMA, Conceição de Maria, SENAI); Maxwell Serejo da Silva (Instituto São Lázaro, UEB. Ens. Fund Miguel Lins); Sepp Maier (Ateneu Teixeira Mendes); José Henrique Azevedo (Colégios: Brasil, Zoé Cerveira, Silva Martins, Henrique de La Roque, Cintra, Liceu, Bacelar Portella, Gonçalves Dias, São Lázaro, APAE, Instituto Educacional Freitas Figueiredo, Aplicação, Seleção, Master); Manuel Galdino Costa (Creuza Ramos); Abmael Reis Muniz (Ivar Saldanha); José Sá (Evangelista Rodrigues); Vicente Calderon Filho (Batista Daniel de La Touche, Meng), Carlos Eduardo Tinoco Silva (Instituto Tecnológico-ITA), Álvaro Ribeiro Perdigão Neto (Marista e Dom Bosco); Maxwell Serejo da Silva (São Vicente de Paula) Manoel Stelio (Dom Bosco e Marista), Francisco-Chicão (Rosa Castro); Milton (Independência e SESI), Antônio Gastão (Centro Caixeiral); Edivaldo Pereira Biguá (Zoé Cerveira); Fernando Rodrigues Sobrinho- Fernando Piloto (Dom Bosco); Leôncio Rodrigues Sobrinho – Lelé – (Gonçalves Dias); Luís Rei de França (Santa Teresa, Evangelista Rodrigues)(JOSÉ MARANHÃO PENHA).

Atletas negros/negras pioneiros dos JEM

Na versão narrada por Alexandre Magno em conformidade com Francisco Vieira, são apontados os seguintes nomes: Sebastião Rubens Pereira – Tião – (CEMA, Liceu, Batista, Marista), e as irmãs de Tião, Fernanda Sobrinho Pereira e Teresa Sobrinho Pereira (Zoé Cerveira, Dom Bosco); Rosa Reis (Santa Teresa); Cidalina – DADÁ - (UEB. Fund. Luís Viana, Dom Bosco); Ceres (Cardoso Amorim); Eudália (Marista); Alexandre - Boi Berrou- (Cardoso Amorim), Aceso (Cardoso Amorim); Abmael Reis Muniz Filho- Tamarino Negro (ETFMA); Alexandre Magno Reis Muniz Filho (UEB. Fund. Luís Viana, Ivar Saldanha), Luiz Aires Neto-Calhau (Instituto São Lázaro); José Franciso Vieira – Moleza (Independência); Sebastião Rubens Pereira – Tião – (CEMA, Liceu, Batista, Marista); Juvenal Marinho dos Passos-Juca Baleia, Pinheiro-Piolho, Serginho (Centro de Ensino Coelho Neto); Lambal (Colégio Brasil), Antônio Garcez (ETFMA), Elizeu Sousa Costa (UEB. Fund. Luís Viana; ETFMA), Fernando Sérgio Ribeiro de Souza- Fernando Cabeça (Zoé Cerveira, Batista), Washington Luís da Conceição Carvalho – Jarrão (Evangelista Rodrigues, Cardoso Amorim), Carlos Augusto Ribeiro Martins – Prof. Pelé – (Marista); Coca-Cola

(UEB. Fund. Luís Viana, ETFMA); Nilson Lima Dias; Jonoaldo; Robson (UEB. Fund. Luís Viana); João Damasceno Sá (UEB. Fund. Luís Viana, ETFMA), Givanildo (UEB. Fund. Luís Viana, Centro de Ensino Gonçalves Dias), José Carlos Ribeiro – Canhoto (Cardoso Amorim); José Claudio (ETFMA); Tuna; Dionísio-Pelé (SESI, Batista); Luís Rei de França (Evangelista Rodrigues); José Maranhão Penha (ETFMA); José Henrique de Azevedo – Mangueirão (Zoé Cerveira), Azeitona (Silva Martins); Eusébio; Adão; Alcides (UEB. Fund. Luís Viana, Centro de Ensino Gonçalves Dias). Pedro Dadá (UEB. Fund. Luís Viana), Ubaldo; Jaílson (UEB. Fund. Alberto Pinheiro; Centro de Ensino Bacelar Portela); Costa Neto (MENG), Jonoaldo. José Braga Cantanhede Filho, Sebastião Antônio Oliveira Marques (Colégio SESI); Joubert de Jesus Ferreira Fonseca; Luís Aires Neto; Robson de Jesus Correa Pinto (Colégio Creuza Ramos); Paulo Roberto Carneiro Rocha (Colégio Ivar Saldanha) (ALEXANDRE MAGNO REIS MUNIZ FILHO; JOSÉ FRANCISCO LIMA VIEIRA).

A maravilha negra do handebol nos JEM: “Sebastião Rubens Sobrinho Pereira – Tião”

De acordo com seu Amadeu João Silva Pereira, pai de Sebastião Rubens Sobrinho Pereira, o Tião, nasceu em São Luís, em 20 de janeiro de 1957 e faleceu em 9 de novembro de 2005 na mesma cidade. Tião, desde muito cedo no CEMA, chamou a atenção de técnicos e professores. Exímio no futebol e futsal, jogava bem voleibol, basquete e bom no atletismo, como relembram antigos parceiros do Bermudão - equipe esportiva maranhense, onde os atletas participavam de diversas competições em diferentes modalidades esportivas. Como atleta iniciou nos JEM logo no prenúncio dos anos 1970, integrando sequencialmente as equipes do CEMA, LICEU de onde foi contratado para jogar na equipe do Colégio Marista e Batista. Sua estreia na Seleção Maranhense de Handebol Juvenil foi no campeonato brasileiro em Niterói-RJ, em dezembro de 1973, nesta ocasião, a seleção obteve o quarto lugar. Nesse período o Maranhão chegava às finais do campeonato brasileiro ficando entre as quatro melhores equipes do país. Em 1974, Tião retorna à competição juvenil em Osasco-SP, obtendo o terceiro lugar. Ainda em 1974, Tião inicia na seleção maranhense adulta, conquistando mais uma vez o terceiro lugar. Já no campeonato brasileiro adulto de 1976 disputado em Niterói-RJ, o Maranhão foi campeão. O reconhecimento nacional veio quando Tião, foi condecorado o melhor jogador de

handebol do país, em seguida foi convocado para seleção brasileira, se destacou entre os melhores jogadores. Tião estava entre os três melhores jogadores de handebol do Brasil de todos os tempos, sem a menor dúvida (AROUCHE, 2005). O primeiro maranhense a participar da seleção brasileira de handebol, foi reconhecido internacionalmente como um grande armador central, embora dominasse quase todos os postos específicos do jogo de handebol, um jogador universal, como são denominados atualmente os jogadores com tais características (ALEXANDRE MAGNO OLIVEIRA MUNIZ).

Tião confidenciava a nós aprendizes de handebol e admiradores da sua memória incorporada de jogar o handebol, que após o treino e jogos da seleção brasileira, ele era convidado por alguns estudiosos a ficar sozinho em quadra realizando as técnicas de jogo do handebol, ao mesmo tempo que seus movimentos eram analisados por uma equipe de técnicos especializados. Daí, insinuamos que durante seu percurso esportivo, Tião foi, também, objeto de atenção de diversos pesquisadores do Canadá, Marrocos, Portugal, Bélgica, Itália, Romênia, Espanha, França, estes três últimos países faziam parte da elite do cenário internacional naquela época, os estudiosos queriam compreender a memória *habitus* da técnica corporal do negro maranhense, que permitiu a ele ser proeminente no handebol nas quadras por jogou.

Sobre esse aspecto, em seu importante ensaio, sobre as técnicas corporais, o antropólogo Marcel Mauss (2003), mostrou a “importância do corpo como veículo de práticas culturais.” Emprega o termo *habitus* para apreender a “interiorização das diferentes culturas nas técnicas corporais”. Esses *habitus* oscilam não simplesmente com os indivíduos em suas imitações, oscilam, “sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios”. É necessário olhar “as técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, lá onde geralmente se vê apenas a alma e suas faculdades de repetição” (MAUSS, 2003, p. 404). Percebe-se no entendimento do autor que a relação indivíduo e sociedade se estabelece pelo suporte corporal. Aqui, a noção de *habitus* se refere à incorporação pelos indivíduos de experiências coletivas, conecta o social ao individual pela prática corporal.

Compreendido como um agente negro da cultura esportiva corporal maranhense, Tião concretizava uma técnica corporal de grupo específico do jogo de handebol, de acordo com pontua Pierre Bourdieu, o *habitus* se imprime nas visões de

mundo, nos gostos e formas de sociabilidade. É uma fonte de percepção e de ação e referente àquilo que o indivíduo herda socialmente (BOURDIEU, 1983).

Tião relatava para nós aprendizes do handebol um pouco do *habitus* esportivo dos europeus, que segundo ele, os exércitos Húngaro e Romeno praticavam o handebol nas ruas asfaltadas de pinche com as bolas molhadas, que ficavam dentro de um tonel com água, e à medida que elas secavam eram substituídas pelas que estavam molhadas (ALEXANDRE MAGNO OLIVEIRA MUNIZ; JOSÉ FRANCISCO LIMA VIEIRA).

“*Copa Latina na França Brasil pode Brilhar*”. Esta manchete jornalística relata um pouco da experiência de “Tião” na Europa. Após 35 dias de treinos intensivos em São Paulo-SP, a delegação brasileira deixou o Brasil no dia 9 de abril de 1976 via Rio de Janeiro, para chegar a Paris. Compôs a chave “B” da Copa Latina de Handebol (Espanha, México, França, Bélgica, Brasil), disputou uma vaga para as finais via os seguintes jogos realizados em Canes: 10 de abril (Espanha x México e França x Bélgica); dia 11 (México x Bélgica e Espanha x Brasil); dia 12 (descanso para todas equipes); 13 de abril em Ville la Draguignan a 50 km de Canes (Brasil x Bélgica e México); dia 14 em Vallauris, 5 km de Canes (Espanha x Bélgica, França x Brasil) dia 15 de abril - descanso e dia 16 de abril, em Nice, 20km de Canes (Brasil x México e França x Espanha). Na chave “B” jogaram entre si Portugal, Marrocos, Romênia, Itália e Canadá. No dia 17 de abril, foram definidos a 9º e 10º lugares. A seguir as 7ª. e a 8ª. posições e os 3º e 4º lugares. Dia 18 aconteceu a definição do 5º e 6º colocados e depois o 1º e o 2º colocados. Este jogo, de acordo retrospectos anteriores, poderiam ser disputados entre a Romênia, Espanha ou França. No dia 20 de abril, foi o retorno dos nossos 14 atletas ao Brasil, que inicialmente eram 32 atletas convocados, sendo 13 de São Paulo-SP, 19 de Minas Gerais-MG, do Paraná 03 do Rio de Janeiro e 02 do Maranhão. Foram efetuados diversos cortes, restando apenas os 14 atletas para compor a equipe da seleção brasileira de handebol (COPA..., 1976).

Tomando como base as *performances* local e nacional desse jogador negro maranhense de handebol, certamente “Tião” se destacou com um dos melhores jogadores dessa competição. Esse *habitus* se repetia quando atuava como atleta nas competições que participava, e na França não seria diferente. Embora, tenha sofrido preconceito, discriminação e boicotes por parte de grupos de atletas da seleção que não o queria na seleção, compreendida como a manifestação aberta do racismo, uma

vez que um negro e nordestino ser um exímio jogador e o melhor atleta de handebol do Brasil da época. Conforme relatou Hamilton, um ex-companheiro de “Tião” na seleção, houve uma resistência a ele no grupo (ALEXANDRE MAGNO OLIVEIRA MUNIZ; JOSÉ FRANCISCO LIMA VIEIRA).

Diante de tudo isso, “Tião” com apenas 18 anos, adaptou-se ao time só de brancos altos e paulistas, convencidos de sua qualidade, superando dificuldades de adaptação e aceitação no grupo. Ele poderia ter se recolhido e se inibido, mas fez justamente o contrário, lutou pelo seu espaço social e *lugar de memória* na historiografia do handebol brasileiro e mundial, se soltando e se desenvolvendo a cada treino e competição. “Tião” deve ter encantando a todos os participantes da Copa Latina de Handebol na França em 1976, com sua memória incorporada de técnica corporal esportiva bastante refinada e apurada. Não foi por acaso que o jornalista da Gazeta Esportiva o intitulou de “*Tião Gatzu*”, em referência ao famoso jogador romeno, cujo o nome era próximo dessa grafia (COPA..., 1976).

Segundo Alexandre Magno, que era primo de Tião, relatou que ele faleceu aos 48 anos vítima cirrose hepática. Em reconhecimento ao seus feitos, como de sempre, os agentes negros do handebol maranhense lutaram até o fim, depois de muito embate com o gestor municipal durante os dias e até toda madrugada que antecedeu a inauguração de uma quadra coberta no dia seguinte no Parque do Bom Menino para nomeá-la de *Ginásio Tião* e obtivemos êxito pois trata-se de uma personalidade negra de grande vulto no campo esportivo local, nacional e internacional, embora tenham retirado a demarcação de handebol do *Ginásio Tião*. Em conversas informais o senhor Amadeu João Silva Pereira, pai de Tião, relatou que sempre se orgulhou do seu filho com o handebol (ALEXANDRE MAGNO OLIVEIRA MUNIZ).

Seleção maranhense estudantil masculina do JEM 1980

No dia 24 de dezembro de 1979, o jornal “O Estado do Maranhão” apresentou a seguinte manchete no caderno de esporte: “SEDEL convoca para o pré – JEB”. O matutino esclareceu que a Coordenação de Handebol da Secretária de Desporto e Lazer expôs a relação dos atletas relacionados para treinamento, com o fim de formar a seleção maranhense masculina de handebol, que participou do Campeonato Escolar Brasileiro (CEB) (Pré-JEB) realizado em 1980 em Curitiba-PR. Os atletas convocados foram os seguintes: George Ferreira da Silva, Edvanildo Soares Dinis

(Colégio Gonçalves Dias); Rossano da Silva Batista, Antônio Augusto do Amaral, Adauto de Sousa Lima Neto, Wang Chao Jen (Colégio Batista); Carlos David Pinho da Silva, José Ribamar Teixeira Vasconcelos, Márcio Tadeu de Araújo Almeida, Jádriel Borges Feitosa (Escola Técnica Federal do Maranhão-ETFMA); Carlos Gilvan Aranha Pereira, Kleber Alves de Andrade, Joaquim Antônio Penha Neto, Felício Cassas e Silva, Francisco José Teixeira Cardoso (Instituto Tecnológico-ITA); Sérgio Roberto Ribeiro Cruz, Délcio Guilhon Rosa, José Carlos Ribeiro, Antônio Werbeth Silva Reis, José Hermes Lins Laranjeira, Jorge Henrique Brito Barros (Colégio Cardoso Amorim); João Alberto Costa Faria, Fernando Tadeu Costa da Silva, Romero Henrique Carvalho Bertrand, Fábio Luís Zaqueu Monte, João Marques Bezerra Neto, Edval Hermenegildo Santos, Celso Franco Rabelo Jr. (Colégio Marista); Washington Luís Conceição Carvalho (Colégio Evangelista Rodrigues); Antônio Ricardo Costa Moraes, José Benedito Bittencourt Reis Pinho, José Ribamar Bittencourt Reis Pinho (Colégio Santa Teresa); José Braga Cantanhede Filho, Sebastião Antônio Oliveira Marques (Colégio SESI); Walteriande Nogueira Almeida, Eliseu Sousa Costa (Colégio Luís Viana); Joubert de Jesus Ferreira Fonseca, Luís Aires Neto (Colégio São Lázaro); Benedito Costa Filho (Colégio Ateneu Teixeira Mendes); José Roberto Carvalho Lobato (Colégio Brasil); Otávio Inácio Mathias Gomes (Colégio Zoé Cerveira); Edilson Ribeiro Lopes (Colégio Sá Valle); Robson de Jesus Correa Pinto (Colégio Creuza Ramos); Paulo Roberto Carneiro Rocha (Colégio Ivar Saldanha); Sérvulo A. Mendes Júnior (Dom Bosco). Seguindo a determinação do treinador Vicente Calderoni Filho, a data de apresentação dos atletas foi agendada para a próxima sexta-feira, às 20 horas no ginásio Costa Rodrigues, onde os treinos deveriam começar ainda este ano, possivelmente no sábado (SEDEL..., 1979).

Consideração finais

Ao reconstruir uma possível memória social negra do handebol nos jogos escolares maranhenses no ginásio de desporto Ronald de Carvalho (1970-1980), a partir da narrativa de agentes negros implicados e de diversos documentos, alcançamos também dados que evidenciam a historiografia desse campo esportivo no Brasil. De origem europeia, o handebol foi trazido ao Brasil na década de 1930 pelos imigrantes alemães, difundido em curso a professores de Educação Física nos anos de 1950 pelo francês Auguste Listello e afirmado na década de 1970, por meio

de sua inclusão nos JEB e JUB. Tanto a ligação desse esporte europeu quanto seu vínculo com o esporte escolar atravessam vivamente as transformações do handebol em interfaces com a experiência dos agentes negros e com efeito o JEM. Ademais, esses dois dados nos permitem compreender as experiências dos agentes negros na busca de sua excelência e reconhecimento no campo esportivo local, nacional e internacional. Por meio da memória escrita e das narrativas negras atingimos assim os objetivos da investigação. Foi dado ouvido e a voz aos negros com o fim de reconhecer a configuração da inserção desses agentes no subcampo do handebol. As memórias dos entrevistados foram sobre o patrono e o guardião do ginásio, reminiscência do aprendiz de handebol, as escolas, professores, árbitros, atletas negros pioneiros JEM, a maravilha negra do handebol escolar e convocação da seleção maranhense estudantil do último JEM de 1980 realizado no ginásio de desporto. Foi possível apontar que a constituição da primeira experiência negra no JEM foi motivada pela criação do JEB que, nessa altura, já estava na sua terceira edição. Em nível nacional os campeonatos brasileiros, a seleção maranhense com vários negros em seu elenco não teve grandes dificuldades em garantir boas colocações perante os demais estados participantes. Em nível internacional tivemos a participação com destaque do atleta negro maranhense “Tião” na Copa Latina na França em 1976. Nas memórias, as interfaces entre *habitus* de classe e de raça emergem, visivelmente latejante, percebidos na estrutura socioeconômico dos entrevistados. Ao longo das narrativas, alguns particularidade culturais do povo negro de gêneses africana como ofícios, artes, religiosidade se destacaram nas entrevistas. Nas memórias que se apresentam no espaço de sociabilidade esportiva, pôde-se perceber a importância que o ginásio teve na manutenção de um lugar de visibilidade do negro perante a sociedade branca. Ressalta-se que conforme as entrevistas, era comum negros se destacarem em várias funções dentro do ginásio, inclusive jogando com brancos nos JEM havendo relatos de segregação entre as equipes escolares de handebol. Alguns agentes negros de destaques no campo esportivo como técnicos, atletas, árbitros e gestores nominados sugeriram nas narrativas e pouco ou nada se conhece ainda acerca de suas memórias e experiências. Notamos eventos de racismo e injúria raciais em São Luís (MA) e no handebol e em função de relatos, é iniciada a ação efetiva de combate pelo Movimento Negro de São Luís. Cabe evidenciar que esses relatos formam matriz primária que atendem ao antirracismo. Este estudo é o

começo de uma contestação ao esquecimento e silenciamento da memória oficial. Há muito o que estudar sobre a memória de agentes negros no handebol maranhense.

Para o investigador, a pesquisa não finaliza com o presente artigo, já que reconhece a imposição da reconstrução social da memória que visibilize os invisibilizados do handebol do Brasil. Uma reflexão do provérbio africano da Nigéria de autoria ignorada, repassado pela oralidade até os dias atuais, pontua: Até que os leões aprendam a escrever os contos de caça, glorificarão sempre o caçador. E outro: Até que os leões inventem as suas próprias histórias, os caçadores serão sempre os heróis nos contos de caça. Na mesma linha os escritores, uruguaio, Eduardo Galeano e o africano Mia Couto advertem, reproduzindo um provérbio africano: “Até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias de caçadas continuarão sempre glorificando o caçador”.

As reflexões acerca do leão e do caçador africanos servem de "mote" para endossar narrativa desse artigo, por acreditarmos que pode ser pensado como um marco nas experiências de leões, os agentes negros do ginásio, pois, não basta acabar com a escravidão é necessário destruir as suas obras (NABUCO, 2000). Assim, também, os negros que procuram desconstruir a memória herdada desse processo. Intelectuais ativistas e acadêmicas negras(os), afro-brasileiras(os), acirraram os diálogos sobre o impacto da experiência negra no esporte na luta pela superação das distinções nesse campo. Percebemos pouca participação de intelectuais negras(os) inquietos com a memória e o legado dos negros no handebol. Poucos envolvidos em pesquisas que buscam reconstruir novas memórias individual e coletiva para protagonizarem contos de caça, compreendidos como práticas diversas de resistência.

Esse estudo é uma condenação ao silenciamento da memória historiográfica, um clamor contra o amordaçamento da memória não apenas sobre/dos negros, mas do Brasil e de sua configuração étnico-racial-cultural. Pois, aos leões do nosso grupo, foi preciso muito mais do que aprender a escrever para narrar a nossa memória. Concebemos aprender a construí-la dentro e por meio de códigos acadêmicos rígidos e, mesmo que não as criássemos, foi preciso procedimento criativo para além desses códigos tradicionais. É certo que o fato tem a ver com advento dos leões na Academia. Logo não fugimos de levar para os programas de pós-graduação os nossos problemas específicos; as nossas questões atinentes a nossa própria memória ancestral. Assim,

contribuirmos grandemente para uma transformação no traço do agente no imaginário acadêmico verificado não só na pesquisa do campo da memória. É um processo que envolve experiência de leões. Aqueles leões do passado, invisibilizados e silenciados, e os leões criativos atuais que, após apreender singulares memórias, linguagens, tecnologias e conhecimento acadêmico concretizam a reconstrução social da memória e do legado esportivo dos primeiros leões.

REFERÊNCIAS

AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (coord.). **Uso e abuso da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ANDRES, S. de S.; GOELLNER, S. V. Seleção Brasileira de Handebol Feminino: da primeira convocação à conquista da vaga Olímpica (1983-2000). **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 53-68, 2021. <https://doi.org/10.51880/ho.v24i2.1189>

AROUCHE, T. Morre Tião, o “Maravilha Negra”. **O Imparcial**, São Luís, 11 nov. 2005.

ASSUNÇÃO, A. V. L. L. **“Quilombo Urbano”, Liberdade, Camboa e Fé em Deus: Identidade, festas, mobilização política e visibilidade na cidade de São Luís, Maranhão**. 2017. 162 f. Dissertação (Mestrado em Cartografia Social e Política da Amazônia) – Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia, Universidade Estadual do Maranhão, 2017.

BENJAMIN, W. O narrador: consideração sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2008.

BOURDIEU, P. **Como é possível ser esportivo?** Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

COPA latina na França: Brasil pode brilhar. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 44, 5 abr. 1976.

COSTA, M. A. N. **A educação para e pelo lazer no Colégio Americano Batista: uma análise dos dispositivos de controle das emoções à luz da teoria elisiana (1960-1990)**. 2014. 290 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HUBNER, E.; REIS, C. Handebol. *In*: DACOSTA, L. P. (org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Confef, 2005. p. 281-284.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

NABUCO, J. **O abolicionismo**. São Paulo: Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro da Folha de São Paulo).

PORTELLI, A. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

SEAWHIGHT, L.; MEIHY, J. C. S. B. **Memórias e narrativas**. São Paulo: Contexto, 2021.

SEDEL convoca para o pré-JEB. **O Estado do Maranhão**, São Luís, p. 11, 24 dez. 1979.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VAZ, L. G. D.; ARAÚJO, D. M. **Querido professor Dimas**: Antônio Maria Zacharias Bezerra de Araújo e a educação física maranhense: uma biografia autorizada. São Luís: Colograf, 2014.

ARTIGO 2

**BLACK MEMORIES OF THE TECHNICIAN COURSE IN PHYSICAL EDUCATION
AT THE FEDERAL TECHNICAL SCHOOL OF SÃO LUÍS-MA/FTSMA (1970-1980)**

BLACK MEMORIES OF THE TECHNICIAN COURSE IN PHYSICAL EDUCATION AT THE FEDERAL TECHNICAL SCHOOL OF SÃO LUÍS-MA/FTSMA (1970-1980)

BLACK MEMORIES OF THE TECHNICIAN COURSE IN PHYSICAL EDUCATION AT THE
FEDERAL TECHNICAL SCHOOL OF SÃO LUÍS-MA/ETFMA (1970-1980)

MEMORIAS NEGRAS DEL CURSO DE TÉCNICO EN EDUCACIÓN FÍSICA EN LA ESCUELA
TÉCNICA FEDERAL DE SÃO LUÍS-MA/ETFMA (1970-1980)

Abstract

This article deals with the Technician Course in Physical Education at the Federal Technical School of São Luís-MA/ETFMA (1970-1980). It is inspired by the habitus concept present in the work of Pierre Bourdieu (2008) and Norbert Elias (2002). Its source of research was the documentary, imagery and oral memory of black social agents who experienced the pedagogical practice. A course was identified aimed at black social agents from the Maranhão-JEM'S school games, who wanted to work in the professional sports field of Maranhão, but without the symbolic, social and economic capital required in the local and non-local Higher Education Institutions-IES, revealing so much more about your time.

Keywords: memories; blacks in physical education; handball, gym Ronald Carvalho.

Resumen

Este artículo trata sobre el Curso Técnico en Educación Física en la Escuela Técnica Federal de São Luís-MA/FTSMA (1970-1980). Se inspira en el concepto de habitus presente en la obra de Pierre Bourdieu (2008) y Norbert Elias (2002). Su fuente de investigación fue la memoria documental, imaginaria y oral de agentes sociales negros que vivieron la práctica pedagógica. Se identificó un curso dirigido a agentes sociales negros de los juegos escolares de Maranhão-JEM'S, que querían actuar en el campo deportivo profesional de Maranhão, pero sin el capital simbólico, social y económico requerido en las Instituciones de Educación Superior locales y no locales- IES, revelando mucho más sobre su tiempo.

Palabras clave: memoria; negros en educación física; balonmano, gimnasio Ronald Carvalho.

Resumo

O presente artigo versa sobre o Curso de Técnico em Educação Física da Escola Técnica Federal de São Luís-MA/FTSMA (1970-1980). Inspira-se no conceito habitus presente na obra de Pierre Bourdieu (2008) e Norbert Elias (2002). Teve como fonte de pesquisa a memória documental, imagética e oral dos agentes sociais negros que vivenciaram a prática pedagógica. Identificou-se um curso voltado para agentes sociais negros oriundos dos jogos escolares maranhense-JEM'S, que desejavam atuar no campo esportivo profissional maranhense, mas sem capital simbólico, social e econômico exigidos nas Instituições Ensino Superior-IES local e não local, descortinando assim, muito mais sobre o seu tempo.

Palavras-chave: memória; negros na educação física; handebol, ginásio Ronald Carvalho.

Introduction

In the 1980s, the Federal Technical School of Maranhão (ETFMA) of São Luís - MA offered a technical-pedagogical training course called Technical Course in Physical Education. It aimed to expand the formation of instructors and teachers working in sports grounds and schools. Starting from this place/time/institution of pedagogical practice, this article deals, under a look of memory *habitus*, Physical Education Training based on individuals, content and methods in circulation in the Course.

The course, in this period, achieved expressiveness for Physical Education, building representations about the formation and teaching of this important curricular component. There were five classes, selected annually, with an average duration of two years. In this investigation we sought to know the minutiae of this course: the place of classes, organizing teachers, teachers invited to teach classes, the profile of the participating student, the pedagogical curricular organization, the supports and political-administrative-financial supports, the subjects of the curriculum selected in each edition of the course, among others. By the investigation of these components, it was possible to identify the project that built the pedagogical *habitus* Physical Education in São Luís, to know the organizing entities of the course and subsequent actions.

The study is part of a doctoral research program in Physical Education of the Superior School of Physical Education (ESEF) /Federal University of Pelotas (UFPEL), whose thesis is entitled BLACK SOCIAL MEMORY OF HANDEBALL IN BRAZIL: experience of social agents of the Maranhão sports field at the Ronald de Carvalho Sports Gym in São Luís-Ma, ongoing at ESEF/UFPEL. In this institutional place of research, sociocultural studies on leisure, sports and health are also fed by the richness of social memory studies.

The *corpus* from the documentary memory created incorporated sources of diverse nature, such as: lesson plans, curriculum, information folder, planning notebooks, photographs, newsletters, newspapers. In the action of crossing between documentary and oral memory, oral statements constituted the reflections, since it is relevant to give voice, hearing and centrality to the reports of black social agents who, in some way, experienced the course, granting visibility to their different interpretations about the experience and ratifying the assumption that forgetting, remembering, erasing, silencing

and reconstructions are predilections of each individual. The printed memory interacted with the interviews, this methodological procedure ensured that the interviewed collaborators, about what was experienced in this course, use subjective meanings about it. In this affective and rational choice, a distinct look at the materialized is constructed (Thompson; Frisch; Hamilton, 2002).

Transforming the examination of *corpus* from the research in a written text of Social Memory, the possibility of reconstructing and perceiving the *habitus sportivus* from this period of Physical Education in São Luís-MA, which was linked to the percepts of a sportive physical education, linked to medical and military institutions, already reiterated by historiography. It seemed noteworthy the inexpressive presence of professionals with higher education and the expressive presence of black social agents wanting to act professionally in the sports field, but without technical training. As discussed in this article, the construction of a *habitus* of Physical Education guided by principles and sports practices that guided the specific pedagogical model, with a sport profile, which emphasized a sports education, an aspect highlighted by the syllabus and by teachers and students who are members of the "contest". Another relevant aspect was the interdependence, propagated in the capital and in the cities of the municipalities of the countryside of Maranhão. This pedagogical construction of School Physical Education was carried out in different educational places, such as sports squares, recreational streets (leisure) and clubs. We also tried to show that the course was a time and space of movement of teachers and students of different social and racial *habitus*, that came from different places, and of practices of transmission and dissemination of ideas, concepts, practices and educational values still poorly explored by the social memory of Brazilian Physical Education of the last decades of the twentieth century.

The Three Editions of Physical Education Technician Course of ETFMA/CEFETMA

The creation of the Physical Education Teacher Course at the Second Grade level for the exercise of first grade teaching at the Federal Technical School of Maranhão (ETFMA), was designed by professor Laércio Elias Pereira, who together with teachers Lino

Castellini Filho and Sidney F. Zimbers, experienced in previous years in the creation of courses, as the short degree at the Technological Institute of Learning (TIL), based on the model of the Physical Education Course at the University of São Paulo (USP) (Vaz; Araújo, 2014).

According to José Maranhão Penha, handball teacher at ETFMA and handball discipline of the course under analysis, the pedagogical training of the physical education technician course at ETFMA began with Laércio, Lino and Manuel Trajano Dantas Neto, who were the mentors and fought hard to implement the course, which had several classes in the morning, afternoon and evening;

[...] and at the beginning of the course I was the teacher of the disciplines Organization, sports administration and handball. I had here the relationship of some classes, people who took the course were interested. A lot of people came. People from the interior of the state. A lot of people entered the selection, those guys who were interested in and liked sports in the countryside, came to acquire knowledge, to enable themselves to develop more physical activity in the interior of the state. The only one who used to indicate was the mayor, he sent the cook, the maid, relatives, his nephew and his acquaintances, and this caused the essence of the goal of the course to be lost. I remember that there was a time that the ETFMA made an agreement with the State Department of Education, then the decay of the course began, the Department of Education provided logistics, material, water, electricity, paper these things, chalk. At the time it was in chalk, ball, and ETFMA provided the teachers, then it fell into decay! Then the Physical Education Division of the State Department of Education was created, coordinated by Lessy Batista Neves. The secretary was Leda Tajara, but they left, and the course fell into decay. It was when the physical education teacher from Maranhão, graduated from UFMA, took it over, Silvana Farias. It began to have some difficulties in fulfilling what was promised, there is no paper, there is no this and that, there is no ball, the teachers were from ETFMA so, they were all there and went to the end. The curriculum was very well structured, it was similar to the UFMA, so that the majority of the students who left the Physical Education course at FTSM, did the PE course at UFMA. The course was the same as UFMA, and the teachers were Laercio, Laercio's wife, Pascoal, both were from ETFMA and UFMA, the curriculum and didactics were the same from UFMA, the entire complete course, but the ETFMA course enabled to teach until Elementary School today, which was the 8th grade at the time, the qualification was until that (José Maranhão Penha).

Seeking to fulfill the goal of offering educational activities of ETFMA, teachers Lino Castellani Filho - the first coordinator of the course, Guaraci Martins Figueiredo and Leopoldo Gil Dúlcio Vaz, Laércio Elias Pereira, Antônio Maria Zacharias Bezerra de Araújo (professor Dimas) all from ETFMA and UFMA, imbued themselves with this objective of concretizing the idea of the Physical Education Course at Technical School of Maranhão (Vaz; Araújo, 2014).

In the speech of the IFMA physical education teacher, Vespasiano da Hora, the Association of Physical Education, Sport and Leisure Professionals of Maranhão (APEFELMA), the Department of Education and Federal Center for technological education of Maranhão (CEFET-MA), at the time, held a partnership:

There was an agreement of the secretary of state that was exactly to minimally qualify professionals who were already in the market, in schools, both in the municipality and in the state, working as Physical Education professionals, but who were not licensed, they would need to have the course that would take them out of illegality, to train. Physical Education teachers need to be trained to work in schools. But what to do with people who are already working in school, due to the need and the insufficiency of professionals in the field without higher education? Then the secretary of state for Education through the division of Physical Education, if memory serves me correctly, coordinated at the time by Lessy Batista Neves, signed this agreement between the state and CEFET-MA, had the ability to make this decision, because it was an autarchy at the time, being in charge of the Coordination of this course professor Manuel Trajano, on the CEFET side, so the classes were structured, there were even several sports, such as handball and entered the fights, judo, capoeira, was where I taught: judo, capoeira and volleyball, those were the three of my responsibility and had so many other teachers teaching there, so the purpose was that, to qualify the existing professionals (Vespasiao da Hora).

The pedagogical training of professionals was a banner to fight for, said Vespasiano da Hora:

Exactly, because it was pressured, these professionals cannot be working, they must have training, etc. So this agreement, by this tension, is not a purely thing, let's empower, no! It was pressured, because it had the stamp of illegality, but that was forgiven by the coordination. Look, these people were appointed, there were no physical education teachers, they took the minimum course, which gave them the condition to work, so they will get this course, focused on this audience. The course had a positive effect, it was one of the interesting things that I considered, because those professionals were going to remain there, they could not dismiss them, the maximum that, look, the law does not allow you to stay here, you would enjoy other activities, but do we fire? No! It then qualifies the comrade solely to exercise the activity (Vespasiano da Hora).

In the speech, the course would expand the pedagogical function of the ETFMA, which through training in Physical Education, would participate in solving problems in the area in Maranhão. The field and sportive *habitus* in Maranhão were transforming, however, at the time, the training of professionals in PE and sports was experiencing many difficulties. At UFMA, in the physical education course, we lived with the absence of teachers with Masters and Doctorates and the lack of students in the undergraduate program. Thus, the institution did not train any teacher each year; a frustrating attempt was the unsuccessful implementation of Physical Education Course at UEMA, the completion of the technical course of Physical Education at ITA. In the same context, in a

study carried out in 1982, it was found that only in the Department of Education of the state of Maranhão there was a deficit of 980 Physical Education teachers in the school network (Vaz; Araújo, 2014).

In 2002, professor Leopoldo Gil reported to the Secretary of State for Sports and Leisure (SEDEL) the deficit of Physical Education teachers in the state of Maranhão, as justification for recreating the Physical Education Course at UEMA. In view of the lagging context regarding the supply of professionals in the Maranhão sports field, professor Leopoldo Gil reaffirmed:

It still exists, it's more advanced... There were approximately 2,300 contract teachers, such as Physical Education teachers, of whom approximately 1,900 were laymen, of these 400 teachers, 5 years ago. Until today there is this, the Department of Education, when it enters this scheme of Education Statistics, you will have approximately 2,000 teachers hired or appointed Physical Education teacher, without any link to Physical Education. They have no training in Physical Education until nowadays, the state claims lay personnel are occupying, not retiring. In Santa Helena-MA in the holm of Maranhão, it has 120 teachers..., 120 laity and the state school that had been there, it's closed... No graduates, 120 lay people... They're election cables, they've been hired. In São Luís-MA, do you want to see something at Liceu of Maranhão? Raise the staff of teachers, half of them do not have a Physical Education course, those who have, have the technical school course, they're qualified until the 6th grade, Luís Reis de França Martins, they're part of those 107 teachers who are working, Gastão, all these old people who are there, do not have a physical education course.

Although the ETFMA had a good infrastructure to offer the physical education course, there were not the necessary financial resources for the purchase of equipment, remuneration of personnel and acquisition of teaching materials for the operation of the course. In the effort to continue the course, some partnerships were needed with SEDEL and Education, both from the state of Maranhão, as well as the municipal Department of Education of São Luís - MA and the National Sports Council (CND) (Vaz; Araújo, 2014).

For professor Leopoldo Gil, the CND sports squares project was fundamental in the implementation of the Technical Course in Physical Education at ETFMA, in order to train the professionals of the municipalities contemplated by the project:

The first physical education technician course was for the National Sports Council – CND, this had a project of sports squares in several municipalities in Brazil, and to Maranhão came 45 squares, but mandatorily, they had to have a Physical Education professional to coordinate the activities, and Maranhão did not have, so the CND agreed with the ETFMA to train these personnel in the city hall of the interior of the state, the 45 city halls were going to indicate a professional to come and do the course lasting 1 year, 8 hour class per day, morning and afternoon, to be able to train these personnel in 1 year in technical, the workload was at least 1,800 hours, thus it was possible to do in 1 year, 8 hours of daily activities, 10 hours classes per day, it was possible to fulfill the 1,800 , hours only that the state city

halls, signed the contract with CND only, there was no one to come (Leopoldo Gil).

For Leopoldo Gil, the CND coexisted with SEDEL, which was executing the project, since the president of the CND was the secretary of SEDEL, this Department not only took notice, but also indicated who would come to take the course. The Physical Education Technician course followed the same model recommended by UFMA, being a pioneer in Maranhão, formed groups of teachers mostly from *black social and racial habitus*, a repressed demand of the time, mainly from former Black Athletes from the handball area who played at the Ronald Carvalho gymnasium during the Maranhão School Games (JEMs) (1970-1980), which at that time, already reached the participation of more than three thousand students, consolidating itself as the largest event in the Maranhão sports calendar (Vaz; Araújo, 2014).

That said, the ETFMA course was the pedagogical experience of *habitus* individual and collective, of a group of teachers led by professors Lino Castellani Filho, Laércio Elias Pereira and Manoel Trajano who transformed the *the habitus sports field* of Maranhão, in the way of thinking, acting and feeling in the construction of the course curriculum to face the demands of the time. The first edition of the course ran for two years, divided into two parts: General Training, lasting one year, and specific training, taken in the other remaining year. In the final phase, the teacher chose the qualification among those offered in the course (Vaz; Araújo, 2014).

The structure of the course was interdisciplinary, had a solid scientific basis, was practically guided by the same curricular structure of the course of the Department of Physical Education of UFMA. With engaged, experienced teachers and socio-educational trajectories in the vast frames of renowned teaching intuitions: ETFMA and UFMA, which leads us to believe that this was a strategy of the social agents of the sports field to overcome the gaps in the training of Physical Education teachers in Maranhão, due to the lack of number of students in classrooms of the UFMA Physical Education course and the absence of professionals in this field in the state (Vaz; Araújo, 2014).

From 1980, the Technical Course in Physical Education of the ETFMA began to gain prominence in the game established among the educational institutions of Maranhão, the "disputes" in the field began to become evident when establishing comparisons between the courses. It was a pedagogical practice of a concrete experience for a group

of black social agents, from the most vulnerable layers of the social field, with little economic and educational capital, which made it difficult to pass the entrance exam of the time or attend the Physical Education Course in another Brazilian city, in the case of Belém-PA, Campina Grande or Rio de Janeiro-RJ, the most common scripts of individuals with social, economic and educational capital from the favored layers of the social field of Maranhão.

It should be noted that the pedagogical proposal has changed and transformed the professional sports field in Maranhão. The black social agents who attended, really wanted to transform the field of Physical Education and Sports. In the words of Leopoldo Gil this is clear:

The course was really superior to the UFMA course , because we only had physical education students, we did not have students who took the entrance exam for Medicine, Pharmacy, Biochemistry, so much so that the good students who left this technical course, and then took the entrance exam, were approved, and constituted themselves in one of the best classes that UFMA ever had, it was precisely at the time when there was the unlinking for internal transfer of course within the university, that is, the student at the end of the integrated basic period of health courses, could not ask for transfer to another course from this area such as Medicine, Dentistry, Pharmacy and Nursing. There was no second option anymore, if the candidate took the entrance exam for Physical Education, it was Physical Education and that's it, although there were many people who could not be approved for Medicine, they persisted in taking the entrance exam for Physical Education, and soon after gave a way and transferred to another course, because Physical Education, previously, was still linked to the medical area, we have as an example, the case of Paulão, he finished Physical Education and went to do Dentistry right after. He transferred, and took the two courses, completed one and then went to complete the other [...].

The participation of teachers from São Paulo in Physical Education, in the Constitution of the course, should be praised. The political-pedagogical commitment of this faculty was evident, since when they landed here, doing justice to what they came to do in Maranhão. Possessors of a vast cultural and technical-scientific capital at that time, with higher education in the field of Physical Education, in the best Higher Institutions of Physical Education in Brazil, such as the Army Superior School in Physical Education, Gama Filho and USP.

When it was established in 1980, the physical education course lasted eight months, full-time, with eight hours/class per day. The financial resources base of the federal government worked, through the agreement SEDEL / CND / Secretariat of Education of the municipality of São Luís - MA. A class with 40 students, half of the students indicated by

SEDEL, and the other indicated by the CND the interior city halls of Maranhão, being in the end, the indication of all students under the responsibility of SEDEL (Vaz; Araújo, 2014).

The CND negatively evaluated the partnership during the course. "The mayors diverted the funds received to finance the construction of the CND Sports Parks". Thus, the CND denounced the agreement and suspended the payment due to SEDEL's lack of accountability. This took over the course in its entirety, and later incorporated all the conclusives as employees of the department (Vaz; Araújo, 2014).

During the administration of Secretary Elir Jesus Gomes, together with SEDEL, the first installment of the financial resource was released for the Constitution of the Physical Education Course at ETFMA. The second part is released *a posteriori*, during half of the course, for the construction of sports centers; there would be 40 municipalities benefited, but only half indicated candidates for the course in São Luís – MA. Of the 20 municipalities, not all the money was released (Vaz; Araújo, 2014).

Profile of the Physical Education Technician Course of ETFMA /CEFETMA

When characterizing the ETFMA Physical Education Technician Course, the explanatory note advised that Physical Education teacher in the exercise in the 1st grade should have general and specific knowledge, conditioning and motor skills, patience, liking children and vocation to teaching in the 1st grade, when "children from 7 to 12 years old begin to practice Physical Education, recreational, sports in various modalities". The Physical Education Teacher, in the exercise of the 1st grade, carried out his activities in 1st grade schools (from 1st to 6th grades) of Municipal, State and Private educational networks, in special classes, in recreational clubs and recreation centers. The objective of the course was to provide the student with a theoretical-practical training necessary for the satisfactory performance of the profession, by legally enabling them to exercise the profession of technician of 2nd degree in one of the qualifications offered by the ETFMA (Escola Técnica Federal do Maranhão, 1990).

The pedagogical curricular proposal of the ETFMA course was structured in two blocks: General Training and specific training. Specialization or qualification in sports was provided for in the course project and curriculum. The curricular structure foreseen for

1980 aimed at a generalist qualification, in which most of the subjects were of broad training (Technical Federal School of Maranhão, 1990).

The subjects of the initial curricular structure of the first class of teachers in Physical Education, in 1980, were ordered by area, with ten in the general training: writing and expression (60hs); Regional Studies (40hs); organization and administration of Physical Education and sports (60hs); Fundamentals of Education (100hs); Notions of Anatomy (100hs); Notions of Physiology (60hs); Notions of First Aid (60hs); Structure and Functioning of 60hs); Applied Statistics (40hs); Didactics (120hs) in a total of 700hs. In the area of special training were ten: Gymnastics (140hs); swimming (80hs); Athletics (100hs); Games and Recreation (120hs); Olympic Gymnastics (80hs); *Handball* (80hs); Volleyball (80hs); Basketball (80hs); Judo (60hs); Football (60), totaling 880hs; supervised internship. The course was taught on a full-time basis to holders of 2nd degree courses, now called subsequent (Technical Federal School of Maranhão, 1990).

In 1982, in the second edition of the course, the agreement was made directly between the parties of the SEDEL/Department of Education/departament of Education of the municipality of São Luís - MA. There were 80 students, in two classes, one in the morning shift and the other in the evening, with the purpose of training sports and Recreation technicians from SEDEL, and teachers from the state and municipal Education Departments of São Luís - MA. SEDEL has never appealed to the ETFMA. This had to take over all the development and completion of the course. Thus, the partnership between ETFMA/SEDEL ended (Vaz; Araújo, 2014).

The same form of curricular organization was maintained and the workload of some subjects was increased in general education in 1982: Writing and Expression (60hs); Regional Studies (30hs); Fundamentals of Education (60); Notions of Anatomy (90hs); Notions of Physiology (60hs); Notions of First Aid (60hs); Athletics (120hs); Organization and Administration of Physical Education and Sports (60hs), Games and Recreation (90hs); Didactics (120hs). In specific training: Basketball (90hs); Soccer (60hs); Sports Gymnastics (30hs); *Handball* (90hs); Swimming (90hs); Rhythmic (dances) (60hs); Volleyball (90hs); Judo (60hs); Statistics Applied To Physical Education (60hs); Gymnastics (120hs); Structure and Functioning of 1st Grade Education (60hs), totaling 1650hs and more supervised

internship. The prerequisite for taking the course continued to be to have second degree completed - General Education (Technical Federal School of Maranhão, 1990, not paged).

In 1983, as a result from the agreement between ETFMA / SEEDUC, the third class of teachers in Physical Education was offered. This time, the Department of Physical Education was recreated, having in its coordination the Physical Education teacher, Silvana Farias. In the new agreement, SEEDUC's counterpart was to provide some teachers and sports equipment, and in the case of ETFMA to cede its physical education teachers and sports facilities and equipment. As in the previous times, the financial resource was not transferred to ETFMA, although the institution provided all the service, and once again the school did not receive the money for the execution of the pedagogical project developed (Vaz; Araújo, 2014).

In 1983, the class of the course worked in the daytime, undergoing curricular modification in number of subjects offered in the areas of General Education (08 subjects): Writing and Expression (60hs); Regional Studies (30hs); Fundamentals of Education (60hs); Notions of Anatomy (90hs); Notions of Physiology (60hs); Notions of First Aid (60hs); Structure and Operation of 1st Grade Education (30hs); Didactics (120hs), with a total of 540 hours. In the special training there was an increase in the number of disciplines in the area of sport, as an outgrowth of the *habitus* sports that had its peak in the 1980s in Brazil: Organization and Administration of Physical Education and Sports (60hs); Gymnastics (120hs); Statistics Applied To Physical Education (60hs); Athletics (120hs); Games and Recreation (90hs) Teaching Practice (90hs); Basketball (90hs); Soccer (60hs); Sports Gymnastics (30hs); *Handball* (90hs); Volleyball (90hs); Swimming (90hs); Judo (60hs); Rhythmic Dances (60hs), totaling a workload of 1110hs, plus supervised internship. (Technical Federal School of Maranhão, 1990, not paged).

Contents and Knowledge in Transmission in the Physical Education Technician Course of ETFMA/CEFETMA

Several contents were transmitted in the course, leading to believe that in Brazil Physical Education in this period had a diverse *habitus* and themes that were recognized as important for the training and teaching of teachers. Some subjects offered were aimed at

the construction of lesson plans and teaching planning, and dealt with children's games and recreation, sports, dances and gymnastics. Others addressed topics related to writing and expression; Regional Studies; Fundamentals of Education; Notions of Anatomy; Notions of Physiology; Notions of First Aid; Structure and Functioning of 1st Grade Education, with supervised internship.

We identified a strong presence of sports content, both individual and collective (Basketball; Soccer; Sports Gymnastics; *Handball*; Swimming; Rhythmic (dances); Volleyball; Judo). We highlight an evidence for the modalities of court, more frequent than individual sports. The disciplines of sports practices were occupying more space during the three editions of the course, punctuating the different ways of approaching them in social, affective, technical, tactical issues, emphasizing the rules, highlighting the educational principles with guiding the teaching of the fundamentals and rules of the modality. Another concern of teachers was learning with pleasure. They hoped that teaching-learning in Physical Education would incorporate in students the desire to practice sports, even in the absence of the teacher. However, there was a divergence in the prescription of students about the age group of entry into sports initiation. For some teachers, the child should enter the sport at the age of 4-6, while others, only from the age of 10.

According to the curriculum reworked for each edition of the course, we can infer that the organizers sought to offer the target audience diversified knowledge and knowledge that incorporated details about the technical dimensions of each action and that were understood as pedagogical and scientifically systematized knowledge and knowledge. The references were linked to the role configured to physical education in the transformations of social and human coexistence. The data allow us to infer the formative intention of the choices, in tune with the guidelines of the organizers who believed they were the most knowledgeable. Thus, when choosing the contents to be taught and the regent teachers, they concretized a selection of educational rules and values among so many principles and other educational codes transmitted in the course, amplifying the understanding about Physical Education, although, for many teachers, education was presented as an action of transmission of content and values (Linhaes, 2006; Lima, 2012).

The investigation allows us to affirm that, in the training offered by the Physical Education Technician Course, there was a solid interaction between practices, contents

and individuals, in a constant process of transaction of ideas and pedagogical values. In the 1980s, physical education teachers demanded to interact socio-biological aspects, ensuring a configuration between contents and betting on a systemic formation of the “student or in a “psycho-socio-Morpho-physiological” training process, as they liked to name it” (Linhales, 2006; Lima, 2012). Both the written and oral memories, through the interviews, we understand the latent desire to strive to the maximum to do the right thing in the context of Physical Education in Maranhão.

Regarding the methodological procedures, we found that the interviews granted by the collaborating teachers José Maranhão Penha, Vespasiano da Hora and the student Alexandre Magno Reis Muniz were important in the construction of these narratives. Black social agents of this socially lived experience, transforming themselves, and the way they look to the past, agreeing with the aspirations they nurture about the present. Our focus was to qualify the narrative of this memory by analyzing and problematizing the sources.

Several themes worked in the context of the course seem to be perpetuated in the present time of School Physical Education: the way of organizing and planning the class, the absence of own material and space in schools, the protuberance of certain physical aspects for the practice of some sports, the recreational profile of classes, games as powerful pedagogical instruments. When we verify these permanences, we consider that it is a predisposition, an inclination, a tendency, which is configured in *sporting habitus*. Thus, such evidence reiterates the understanding that the memory of teacher training and teaching practices selected in São Luís-MA will be better understood with investigations that contemplate “the long duration and that are capable of indicating the meanings conferred on ruptures and continuities” (Lima; Linhales, 2014, p.1518). Reflecting in the present time about the formation of Physical Education Teachers, the authors question: “Are we, teachers and students of Physical Education”, “poorer in communicable experiences, and not richer”? (Benjamin, 1996, P.115).

After reporting in the text the historiographic memory that portrayed the main administrative activities carried out by the organizers of the course, with the primary purpose of constituting the physical education technician course of ETFMA, characterizing at this moment the apprehension of this praxis built by these black social agents of the

Maranhão sports field, we understand the *habitus* (Bourdieu, 2004, p.157) as the conception of social principles, which are created by individuals from actions and thoughts. According to the author, the *habitus* it should be understood as “[...] the provisions of the agents [...], in short, these tendencies can be apprehended as inclinations that individuals of a field have about its structure, this implies stating, that by understanding this structural configuration in force within the social field, they will determine which procedures will be implemented within the social field. This point of view of the author is fundamental to apprehend the theme on screen.

In other words, Bourdieu (2008) and Elias (2002) they point out how *habitus* what classical sociology designates as socialization, differentiating the varied forms of learning, among them the primary and the later ways of socialization. *Habitus* for Bourdieu and Elias, it falls within the line of intermediate concepts that fill the mediation between the objective and the subjective, between the institutional and the individual (Setton, 2018).

By understanding this understanding of memory *habitus* incorporated, we infer that the Maranhão sports agents realized how the Maranhão sports field was structured at the end of the last century and through this incorporation, they intended and planned what social practices would be exercised in order to concretize in the future the position of dominance of cultural capital within the social field that the ETFMA/CEFETMA were part of. In this way, we understand the idea and the construction of the Physical Education Technician Course, as a consequence of the *habitus* of the black social agents of the sports field in a certain phase of local historiography.

Given this view, we can cite Setton (2002), who presents an understanding of the notion of *habitus*, dialoguing directly with the above understanding. The author states that the *habitus* it can be understood as the actions, aspirations or choices, individual behaviors do not come from planning or calculations, they are rather results of the relationship between the pressures and stimuli of a context and *habitus*. Resulting from the socio-historical process, *habitus* it is not destiny, it is an open set of disposition, incessantly challenged by new experiences and, in this way, incessantly affected by them (Bourdieu, 2008). Which refers directly to what was explained in the previous paragraph.

When discussing through these authors, we show that the black social agents in Maranhão followed a logical orientation that governed the sports field of Brazilian Physical Education and, according to this organization, planned a strategy that would transform the educational field of Physical Education in Maranhão into one of the main agents of the sports field of Brazilian handball. This strategy was the construction of the physical education technician course at ETFMA, which would make the institution a powerful builder of educational, social (differential component present in the sports field researched) and symbolic capital. This would place the ETFMA and its black social agents in a distinctive position of dominance in the social space of Physical Education in Maranhão. Consecutively, the course organizers built the practices and actions (the memories *habitus* incorporated) for the purpose of transforming the *habitus* of an individual and collective memory of a group of blacks.

Final Remarks

Based on the concept of *habitus*, we can show that the physical education technician course can be understood as an important educational, cultural and social capital that black social agents obtained from ETFMA/CEFETMA in the 1980s, and these Capitals were manifested in various ways within the field of sports and Physical Education, an area in which social agents are inserted through the form of economic, sociocultural and symbolic capital, which allowed black social agents to distinguish themselves within the field of Physical Education and sports in Maranhão, Brazil and worldwide.

It is also important to remember that the organizers of the course carried out a series of practices and actions, in order to build the course, these administrative procedures being understood as a memory *habitus* of black sports social agents. Given what has been stated above, we can infer that this memory *habitus* individual and collective of different individuals and constituent groups of the sports practice field, obey the same *modus operandi*, in some cases.

Thus, we clarify that the concept of *habitus* Bourdieu and Elias, is a theoretical-methodological tool that allowed the presentation of the narrated thesis on the Physical Education Technician Course at the Ronald Carvalho Sports Gym of ETFMA/CEFETMA in the

1980s. Generally speaking, we can say that the notion of *habitus* as a theoretical-methodological instrument in the studies of social memory, it allows the construction of new investigations that reach countless existing issues within the memory of physical education, sports and handball.

Consecutively, numerous problems that arise in the field of memory study can be deciphered in line with the category *habitus* Pierre Bourdieu(2008) and Norbert Elias(2002), which was established in the last century as an important theoretical reference, offering conceptual principles for understanding the various issues present in the most different social fields, as in the scope of culture, politics, education in its transversality, and as in our case, in the study of Physical Education and modern sports in Maranhão.

The actions and strategies of the black social agents in the ETFMA sports gym were varied, with important contributions in the transformation of the *habitus* Maranhão sports field, which formed and consolidated the emergence of the first training course for Physical Education teachers at the second-degree level for the exercise of first-degree teaching at ETFMA, in partnership with CND and SEDEL (Ribeiro, 2018).

References

- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Magia e Técnica, Arte e Política, 1).
- BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. Tradução Cássia R. da Silveira, Denise M. Tradução Cassia R. da Silveira, Denise M. Pegorin. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas sobre a teoria da ação**. 9. ed. Tradução Mariza Correa. Campinas: Papirus, 2008.
- ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO MARANHÃO. Departamento de Registro Acadêmico. **Magistério em Educação Física de 1980 a 1987 e 1990**. São Luís: Escola Técnica Federal do Maranhão, 1990.
- LIMA, C. D. M. D. **Ensino e formação**: os mais modernos conceitos e métodos em circulação nas Jornadas Internacionais de Educação Física (Belo Horizonte, 1957-1962). 2012. 188 f. Dissertação (Mestrado em História da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

LIMA, C. D. M. D.; LINHALES, M. A. Sujeitos, saberes e práticas em circulação nas Jornadas Internacionais de Educação Física: tessituras e modelagens pedagógicas (Belo Horizonte, 1957-1962). **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 4, p. 1499-1521, out. /dez. de 2014.

Linnaeus, M. A. **A escola, o esporte e a energização do caráter: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935)**. 2006. Tese (Doutorado em História da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

ELIAS, Norbert. **Teoria simbólica**. 2. ed. Oeiras: Celta Editora, 2002.

RIBEIRO, J. C. **Memórias da organização profissional do campo e habitus esportivo Maranhense: Associação dos Profissionais de Educação Física, Esportes e Lazer do Estado do Maranhão - APEFELMA (1980 – 2000)**. 2018. 223 f. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedades) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2018.

SETTON, M.. G. J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, N. 20, p.60-70, Aug. 2002.

SETTON, M.. G. J. Socialização de habitus: um diálogo entre Norbert Elias e Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, N.1, p. 1-23, Oct. 2018.

THOMPSON, A.; FRISCH, M.; HAMILTON, P. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (org.). **Uso e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. pp. 65-92.

VAZ, L. G. D.; ARAÚJO, D. M. **Querido professor Dimas: Antônio Maria Zacharias Bezerra de Araújo e a Educação Física maranhense: uma biografia autorizada**. São Luís: Colograf, 2014.

ARTIGO 3

**Memórias do Protagonismo de Mulheres Negras Atletas do Handebol
Maranhense, Brasil (1970-1980)**

Memórias do Protagonismo de Mulheres Negras Atletas do Handebol Maranhense (1970-1980)

Memories of the Protagonismo of Black Women Handball Athletes in Maranhão (1970-1980)

Memorias del protagonismo de las deportistas de balonmano negras en Maranhão (1970-1980)

Resumo: O objetivo deste estudo é investigar a memória experiencial de três mulheres negras atletas de handebol que testemunharam a gênese da estruturação do esporte no Maranhão e no Brasil nas décadas de 1970 e 1980. O referencial teórico-metodológico utilizou os estudos da Memória e da História Oral. Como suporte empírico utilizou-se, prioritariamente as narrativas orais de três atletas: Silvia Cristina Costa Leite, Teresa Cristina Sobrinho Pereira e Fernanda Sobrinho Pereira Silva. Foi possível pontuar que as esportistas se inseriram de modo semelhante no handebol, seus *habitus* foram cruzados por facilidades na iniciação esportiva no Colégio Zoé Cerveira, nas seleções do MA estudantil e universitária e em clubes local e nacional. O estudo revelou também que as três entrevistadas, enfrentaram tensões, afastamento da família e dos amigos, racismo e discriminações, adaptações aos treinos, salários irrisórios e grande sucesso esportivo. Conclui-se que as atletas negras construíram um legado intergeracional para as atuais e futuras atletas negras, que o presente estudo procurou evidenciar.

Palavras-chave: Memória. História Oral. Atletas Negras. Handebol.

Abstract: The objective of this study is to investigate the experiential memory of three black female handball athletes who witnessed the genesis of the structuring of the sport in Maranhão and Brazil in the 1970s and 1980s. The theoretical-methodological framework used was Memory and Oral History, courted with the oral narratives of three athletes - Silvia Cristina Costa Leite, Teresa Cristina Sobrinho Pereira and Fernanda Sobrinho Pereira Silva. It was possible to verify that the athletes inserted themselves in handball in a similar way, their *habitus* was crossed by facilities in sports initiation at Colégio Zoé Cerveira, in the MA student and university teams and in local and national clubs. They faced tensions, separation from family and friends, racism and discrimination, adaptations to training, ridiculous salaries and great sporting success. We recognize that black athletes have built an intergenerational legacy for current and future black athletes in Brazil, which this study sought to highlight.

Keywords: Memory. Oral History. Black Athletes. Handball.

Resumen: El objetivo de este estudio es investigar la memoria experiencial de tres atletas negras de balonmano que presenciaron la génesis de la estructuración del deporte en Maranhão y Brasil en las décadas de 1970 y 1980. El marco teórico-metodológico utilizado fue Memoria e Historia Oral. , comparado con las narrativas orales de tres deportistas: Silvia Cristina Costa Leite, Teresa Cristina Sobrinho Pereira y Fernanda Sobrinho Pereira Silva. Se pudo verificar que los atletas se insertaron en el balonmano de manera similar, su *habitus* fue atravesado por instalaciones en la iniciación deportiva en el Colegio Zoé Cerveira, en los equipos estudiantiles y universitarios de maestría y en los clubes locales y nacionales. Además, se enfrentaron a tensiones, separación de familiares y amigos, racismo y discriminación,

adaptaciones en los entrenamientos, salarios ridículos y grandes éxitos deportivos. Reconocemos que los atletas negros han construido un legado intergeneracional para los atletas negros actuales y futuros, que este estudio buscó resaltar.

Palabras clave: Memoria. História oral. Atletas negros. Balonmano.

1 INTRODUÇÃO

O Maranhão tem uma população de 6.776.699 habitantes, sendo 854.424 indivíduos autodeclarados pretos, o que representa 12,6% da população. Em São Luís, 1.037.775 pessoas, equivalente a 26,41% declaram-se branca; 16,18% preta; 0,11% amarela; 57,16% parda; e 0,15% indígena. Considerando a população entrevistada pelo censo, 69,62% da população de São Luís autodeclara-se negra “pretos e pardos” (IBGE, 2022). Assim, o estado possui um relevante contingente da população negra brasileira, embora desconheça ao certo os dados sobre a experiência sócio-histórica desse contingente populacional em suas terras. Já em 1950, certifica-se que o estudo do negro maranhense se impõe como uma das mais imperiosas contribuições para se apreciar os fenômenos de nossa formação histórico-social (Nunes, 2018).

Assim, as reminiscências esportivas das mulheres evidenciam que a inserção, a permanência, a ampliação e a ascensão na prática esportiva foram marcadas por inúmeras resistências, sejam elas advindas do contexto sociocultural no qual estiveram inseridas, ou por determinação legal do Decreto-Lei n. 3.199 de 1941, que “proibia a prática de qualquer esporte considerado incompatível com as corretas e naturais condições e funções femininas”. Essa proibição vigorou por 30 anos, e apenas no final da década de 1970 foi modificada pela Deliberação n. 10 de 1979 do Conselho Nacional de Desportos (CND).

A proibição construiu significativos impedimentos à inserção da mulher no campo esportivo, especificamente para à prática do esporte performance, mesmo assim, as mulheres negras atletas perseveraram, também, contra outros componentes de diferenciação social, como gênero, classe, raça/etnia e geração, além da ausência de capital financeiro, problema de adaptação, precárias circunstâncias de treinamento, entre outros obstáculos.

Não obstante a essa situação, as mulheres negras atletas do handebol maranhense participaram de distintos eventos no campo esportivo local e nacional.

Importante esclarecer que este estudo faz parte de uma pesquisa de doutorado em andamento, intitulada *A Construção Social da Memória Negra do Handebol no Brasil pela experiência de agentes do campo esportivo maranhense do ginásio desportivo professor Ronald da Silva de Carvalho (São Luís-MA/1970 a 1980)*. Todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido e permitiram a divulgação de suas identidades.

Na ocasião, protagonizaram com perdedoras e vencedoras em vários eventos e competições. Delas, três atletas se destacaram: Silvia Cristina Costa Leite (Silvia Blek), Teresa Cristina Sobrinho Pereira (Teresa Tião) e Fernanda Sobrinho Pereira (Fernanda Guarulhos).

Entretanto, a carência de documentos nas instituições, e mesmo a ausência de investigações que se empreendem a dar visibilidade e amplificar as vozes das mulheres negras atletas no esporte, singularmente, no handebol, pode construir a falácia de que elas não protagonizaram no esporte. Contrariando as evidências do artigo “Negras memórias do handebol no ginásio desportivo Ronald Carvalho (1970-1980)” da Revista ODEERE, publicado em 31 de agosto de 2023.

Na ótica de assentar o testemunho das atletas, percebemos a exigência de reconstruir suas memórias, experiências, projetos, carreiras e percurso de vidas, especificamente, através de fontes orais, uma vez que, elas fazem parte da memória social do esporte do Brasil.

Frente ao campo socio esportivo, o objetivo principal deste estudo foi investigar a memória experiencial dessas três mulheres desbravadoras do handebol no país. As três atletas testemunharam a gênese da estruturação do handebol no campo esportivo maranhense e brasileiro.

Entretanto, para além do contexto local do ginásio de desportos Ronald Carvalho, entre as décadas de 1970 e 1980 as atletas representaram o Brasil nos Jogos sul-americanos, em Santiago no Chile, em um período de pouco capital financeiro no esporte, formando e desenvolvendo outras atletas negras que acabaram sendo campeãs mundiais na Servia em 2023.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Para a efetivação deste estudo, nos ancoramos nos pressupostos teóricos do

campo da Memória Social (Halbwachs, 1990), procurando expor relatos de evocação do passado e construir uma versão do já comprovado. Da mesma maneira, objetivamos explorar a visibilidade das atletas no handebol, assim como assentar uma versão sobre a transformação do campo esportivo local e nacional. Na construção deste artesanato memorial, evidenciamos, que o nível internacional alcançado pelo handebol feminino brasileiro atualmente foi iniciado em momentos passados pelas atletas, que atingiram boas performances em um período e uma conjuntura sócio-histórico determinada.

Considerando o apagamento, o esquecimento e o silenciamento na pesquisa científica acerca da memória social negra no fenômeno sociocultural esportivo handebol, buscamos no formato teórico-metodológico da Memória Social e História Oral testemunhal a tentativa de responder o questionamento supracitado, é adequado para o tema deste estudo, justamente por emergir na perspectiva dos que testemunharam as experiências (Alberti, 2013).

Este método qualitativo utiliza de entrevistas que aviste a versão dos indivíduos da investigação. Neste caso, mulheres negras atletas do handebol. A seleção dos agentes foi estabelecida através dos seguintes critérios de inclusão:

- a) cada entrevistado teria que ter testemunhado o handebol no JEM por uma escola ludovicense entre os anos de 1970 e 1980;
- b) ter experienciado algumas das funções como: técnico, atleta, árbitro, dirigente, torcedores;
- c) ter testemunhado o handebol em escola diferente dos demais entrevistados.

Entre os possíveis colaboradores priorizamos aqueles dispostos em narrar suas memórias e a oferecer informações significativas, conforme o “o bom entrevistador”, preconizado por Alberti (2013). Assim, ao todo, foram escolhidas três entrevistadas para constituir a rede de colaboradores desta investigação, sendo elas: Silvia Cristina Costa Leite (Silvia Blek), 65 anos, assistente social, atleta de handebol do Colégio Zoé Cerveira no JEM nos anos 1970, atleta da seleção maranhense de handebol JEB 1977, no JUB 1978 e do zonal norte de handebol realizado no ginásio Ronald Carvalho, da ETFMA em 1978, membro do movimento negro e criadora do Centro de Cultura Negra do Maranhão (CCN).

Teresa Cristina Sobrinho Pereira (Teresa Tião), 61 anos, doméstica, atleta de handebol do Colégio Zoé Cerveira no JEM em 1970, atleta da seleção maranhense

de handebol no JEB em 1977 e do zonal norte de handebol em 1978. Abandonou precocemente a carreira de atleta em função de um grave acidente automobilístico.

Fernanda Sobrinho Pereira (Fernanda Tião ou Guarulhos), 60 anos, professora de educação física, economista, pretende cursar fisioterapia, reside há mais de 20 anos em Guarulhos-SP, atleta de handebol escolar do Colégio Zoé Cerveira e do Colégio Dom Bosco no JEM em 1970, atleta da seleção maranhense de handebol no JEB em 1980 e no JUB, jogou pelo estado do Pará, e do zonal norte de handebol em 1978, jogou por equipes do Pará, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná; participou de competições internacionais por clubes brasileiros; convocada duas vezes para a seleção brasileira; treinadora das categorias de base das equipes de Guarulhos-SP e da seleção brasileira masculina, especialista em treinamento de goleiro; cuidadora e orientadora dos jovens atletas maranhenses e de outros estados; formadora de muitos atletas brasileiros que jogam os campeonatos mundiais e ligas internacionais.

Pretende-se refletir o lugar de memória (Nora, 1993) a partir da noção de *habitus* corporal (Bourdieu, 2002).

O olhar de Bourdieu (2002) se ancora na cosmovisão africana a respeito da personificação “corpo”. Segundo a cultura ocidental, o “corpo” pertence “à estrutura material e palpável constituída de carne e osso”. Enquanto que para os africanos, o corpo é um lugar de memória, que no tempo presente carrega gerações e tradições (Antonacci, 2014).

Segundo Nora (1993), os lugares de memória apresentam uma tripla acepção, são lugares materiais onde fixam a memória social e apreendem os sentidos; são funcionais que adquirem ou têm a função de alicerçar as memórias coletivas, e simbólicos que expressam e revelam a autoidentificação individual ou coletiva do grupo. Diferente de ser um produto natural e espontâneo, os lugares de memória são uma edificação histórica, e a relevância que instigam vem de documentos e monumentos, que dá indícios dos processos sociais, das paixões, dos conflitos e do que é digno de atenção que, consciente ou inconscientemente, os colore de uma incumbência icônica.

Os relatos orais foram apreendidos como documento autônomo, logo, as entrevistas se convertem em princípios de pesquisa, considerando que o indivíduo, no seu depoimento, constrói seus relatos a cargo da rememoração da própria memória, não menosprezando o fato de ser uma recordação de um acontecimento do

passado num momento do presente (Thompson, 2002).

As narrativas obtidas por meio da oralidade foram confrontadas e interpretadas na ótica do referencial teórico. Aqui, não se trata de buscar a verdade dos fatos ocorridos, mas sim as versões com que foram apreendidos e interpretados pelos protagonistas. Por fim, optou-se pelo uso dos procedimentos de transcrição indicado por Alberti (2013) para a construção do documento escrito.

Desse modo, inicialmente as entrevistas foram transcritas integralmente de maneira literal. Após a primeira fase, foram feitas algumas adaptações no texto para tornar mais legíveis. Mesmo assim, o documento final transcrito foi remetido aos entrevistados para apreciação e retorno ao autor.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

O handebol contemporâneo foi constituído no campo esportivo brasileiro em 1950. O esporte se desenvolveu em diversos municípios, sendo a escola o lugar privilegiado de disseminação. O crescimento da modalidade no campo esportivo escolar brasileiro contribuiu para sua inserção no *locus* estudantil maranhense, logo nas pioneiras competições estudantis como os I e II Festivais Esportivo da Juventude (FEJ) de 1971 e 1972 e no I JEM em 1973, todos geridos pelo Departamento de Educação Física, Desporto e Recreação (DEFER), no III JEB realizado em Belo Horizonte-MG, e em 1971 e 1972 no JUB.

Em seu relato, Silvia rememorou que a atribuição de realizar os jogos era da Secretaria de Educação e Cultura do Maranhão. Este campo esportivo tensionou as experiências sociais das atletas investigadas, principalmente, quanto ao protagonismo negro no esporte. Foi nestes lugares que ocorreram as primeiras inserções das atletas na formação esportiva do handebol, importante na transformação do *habitus* social ou de classe.

As atletas relataram que iniciaram no handebol no Colégio Zoé Cerveira, simultâneo as escolinhas da modalidade que aconteciam no ginásio Costa Rodrigues, no centro de São Luís (MA), duas vezes por semana e, no restante da semana treinavam no colégio Zoé Cerveira. Rememoram: “Era maravilhoso, mas foi um período muito bom. Só temos a agradecer a escola, aos nossos técnicos Horácio, Biguá e Mangueirão e aos colegas da época, pois lá aprendemos muito o que

sabemos e aplicamos atualmente” (Silvia Cristina Costa Leite, 2023).

O regime de treinamento do handebol escolar, adotado na instituição Zoé Cerveira era no modelo que permitia aos adolescentes uma formação esportiva em distintos esportes. Durante a iniciação esportiva experimentavam vários esportes, só depois escolhiam um para se especializar. Durante o processo ensino-aprendizagem-treinamento, aprendeu-se os fundamentos técnicos e táticos de ataque e defesa, participação em jogos amistosos, campeonatos e torneios dentro e fora da escola, rememoram as três atletas, consubstanciando uma memória negra coletiva (Teresa Cristina Sobrinho Pereira, 2023).

De acordo com os relatos das irmãs Teresa e Fernanda: “O handebol escolar nos deu estudo, nos deu a oportunidade de estudar em escolas com boa qualidade de ensino e nos empoderou a aprender a fazer as coisas de modo independente e a enfrentar as situações adversas da vida com vigor”. Foi uma experiência gratificante, valeu à pena aqueles momentos iniciais no esporte escolar.

Com relação à sua ida e de sua irmã para o Colégio Zoé Cerveira, Teresa lembrou que elas ganharam duas bolsas de estudo de Simone Macieira, para cursar na época o ginásio e o ensino médio em uma escolar particular com melhor ensino, pois as duas fizeram o antigo primário na UEB Ens. Fund Justo Jansem, escola pública municipal que ficava na mesma rua de sua residência.

Segundo Teresa:

O colégio Zoé Cerveira ficava e ainda fica no início na Rua Oswaldo Cruz, a principal rua de comércio de São Luís (MA), o prédio contava com uma boa infraestrutura de salas de aula e ensino de qualidade de instituição particular. A fachada da escola era toda em azulejo, típico dos casarões de São Luís (MA), intitulada a cidade dos azulejos. Tinha ainda uma pequena quadra poliesportiva, onde eram realizados os treinos de handebol três vezes por semana ao cair da tarde, das 17 até as 20 horas, já que o clima era muito quente a tarde (Teresa Cristina Sobrinho Pereira, 2023).

O Colégio Zoé Cerveira também foi ponto de partida da experiência da Silvia no handebol. Assim como as irmãs Sobrinho Pereira, ela começou em São Luís (MA), sua formação esportiva especializada em handebol para construir seu protagonismo negro no esporte brasileiro. Quando tinha 15 anos começou a frequentar os treinamentos dos professores Edivaldo Pereira (Biguá) e José Henrique de Azevedo (Mangueirão), permanecendo como aluna atleta escolar por vários anos até chegar à seleção maranhense escolar e adulta.

O esporte era oferecido aos alunos nas aulas de Educação Física, entretanto, em função da falta de material e de uma infraestrutura esportiva oficial, muitas estratégias foram se adaptando a realidade. Em seus relatos, as atletas lembraram que as dimensões da quadra foram reduzidas em função do espaço ser menor que as dimensões oficiais e os próprios alunos atletas criavam os materiais para a preparação física.

O handebol, por sua vez, foi instituído no Colégio Zoé Cerveira em razão do projeto político de desenvolvimento do esporte em São Luís, organizado pelo professor Laércio Elias Pereira que transformava os atletas da seleção maranhense adulta em monitores de ensino para desenvolver o handebol nas escolas. Segundo depoimento das atletas, o esporte foi introduzido na escola por iniciativa do técnico Miranda (Gafanhoto), em meados da década de 1970. A performance dos técnicos, com apoio da instituição, no desenvolvimento da modalidade, repercutiu e deu visibilidade ao colégio, que em 1975 conquistou dois vice-campeonatos do JEM tendo à frente o técnico Manguirão.

O JEM foi rememorado por Silvia, ao contar que seu envolvimento com handebol foi se fortalecendo a partir do instante em que foi selecionada pelo técnico Manguirão para participar dos jogos. Em função disso seu treinamento mirou mais ainda na preparação física e técnica para goleiras de handebol. Assim, a intensa preparação para evento esportivo rendeu resultados positivos para a equipe escolar. Tal preparação, segundo a atleta, permitiu a ela se destacar como uma das melhores goleiras da competição escolar, o que levou a ser selecionada para a seleção estudantil que iria disputar o JEB que ocorreram no Rio Grande do Norte, em julho de 1977. Ao mesmo tempo, os jogos foram rememorados com alegria por Teresa:

Foi maravilhoso. Era tudo mágico para mim. “Nós ficávamos ansiosos para participar do JEM, não parávamos de treinar de um ano para outro para participar daquela grande festa estudantil que paralisava São Luís (MA), do dia da abertura dos jogos no estádio Nhozinho Santos, as decisões do título, era muito bom (Teresa Cristina Sobrinho Pereira, 2023).

Em seu relato é possível identificar o impacto do sucesso esportivo da competição estudantil na capital, bem como o olhar da atleta em conexão ao tempo presente: “era bem distinto porque ainda não havia a tecnologia da internet e redes sociais, para fazer frente aquele movimento esportivo escolar” (Fernanda Sobrinho Pereira, 2024).

Para Fernanda, a interação de indivíduos no mesmo campo social, seja no âmbito da educação ou esportivo, “promove a formação e o desenvolvimento de equipes representativas do estado que poderiam transformar, significativamente, a inserção, a permanência e a ampliação de participação de futuras atletas no campo esportivo maranhense e brasileiro”, fundamental para reconstrução do protagonismo delas no decorrer da pós-abolição.

Assim, com o reconhecimento da importância dos JEM naquele período, o DEFER da Secretaria de Educação, coordenado por Claudio Vaz dos Santos, as instituições escolares se organizaram buscando o desenvolvimento do esporte escolar maranhense que transformaria o handebol.

Nos relatos das atletas encontramos indícios que impactavam negativamente o desenvolvimento do handebol nas escolas públicas durante seu período inicial de constituição no MA. Entre os desafios enfrentados estavam à ausência de capital financeiro para construção de equipamentos esportivos, comprar material de treinamento nas escolas e, também, das atletas negras, pois a maioria era pobre, condição que impedia a participação em competições estudantis por não ter dinheiro para comprar tênis e pagar a passagem de deslocamento para os ginásios.

Além das ações que buscavam ampliar a prática do handebol nas escolas, evidenciamos iniciativas de ordem competitiva, as quais foram levadas a termo desde os primeiros jogos no início de 1970. A exemplo dessa circunstância, citamos extratos do relato da atleta Fernanda, no que se refere à distribuição de bolsas de estudos para alunos/atletas, ela rememorou:

No Colégio Zoé Cerveira, eu lembro que quando era atleta lá, “já existiam a negociação de bolsas entre atletas e escolas [...]. O handebol era muito competitivo no JEM, os alunos/atletas destaques em suas escolas públicas e privadas medianas eram convidados a se transferir para as escolas de grande capital social e financeiro da cidade. Foi o que aconteceu conosco atletas negras e negros, eu e Fernando Cabeça, que éramos do Zoé Cerveira e Tião, que era do CEMA (Segundo o professor Laércio Elias Pereira umas das primeiras experiências televisivas de ensino no mundo), indo eu para o colégio Dom Bosco e eles para o colégio Batista respectivamente. Eu fui convidada para ir para o Dom Bosco pelo técnico negro Rubens Saraiva (Rubilota) e pelo técnico Fernando “Tralhoto”, mesmo temerosa de ficar reprovado, fui assim mesmo. O Tião ficou reprovado e teve que voltar para o Liceu, o ensino lá era mais exigente e não tinha um acompanhamento técnico-pedagógico para os alunos/atletas negros e negras bolsista no período, caso recorrente até hoje (Fernanda Sobrinho Pereira, 2023).

Do mesmo modo, Teresa rememorou:

Existia uma disputa acirrada pelos alunos atletas de destaque dos jogos, ofereciam bolsas incentivos, era um marco daquele tempo. A ex-atleta por meio da memória: “[...] os colégios queriam formar equipes vencedoras, não queriam correr risco de não vencer os jogos, assim não hesitavam em tirar vários atletas das outras equipes! O JEM era muito disputado, muito competitivo mesmo!” e rememorou ainda: “[...] tinha bastante disputa entre alunos/atletas, escolas, torcidas, entre os técnicos, que chegavam as vias de fato (Teresa Cristina Sobrinho Pereira, 2023).

Assim, Teresa conseguiu ficar longe dessa disputa de forças, já que ela teve que abandonar precocemente a carreira de atleta, em decorrência de um acidente automobilístico que fraturou sua pelve. Os colégios de menor capital econômico e social sofriam, formando alunos atletas para jogarem por outras equipes estudantis detentoras de poder econômico, social e cultural, relembrou Teresa insatisfeita com a situação, já que veio de uma escola pública municipal onde as dificuldades são enormes para fazer esporte. Isso demonstra, que as atletas de uma instituição com menos capital não narram a figura da bolsa de estudo do mesmo aporte saudosista, que os indivíduos que detinham poder social, econômico e cultural na quele período. Deste modo, constatamos que o mesmo episódio pode ser relatado de distintos modos, com diversas versões, conforme o lugar de fala do narrador no momento, a mesma memória e história com sentidos múltiplos (Thompson, 2002; Portelli, 2010).

Frente a estes relatos, podemos ratificar as notáveis ambições pelo desenvolvimento do handebol, tanto nas instituições de ensino quanto entre as atletas negras. Neste caso, por exemplo, ocorreu com a estruturação inicial da escolinha de handebol no ginásio Costa Rodrigues, quando o foco era centrado na busca por indivíduos que se interessassem, especialmente nas escolas, e que estivessem disponíveis para treinamentos no esporte. Evidenciamos que o DEFER escolheu o handebol por compreender que é uma prática esportiva coletiva de fácil ensino-aprendizagem e requer menos equipamentos e infraestrutura.

Assim, o esporte é um fenômeno sociocultural que contribui para que o atleta negro interaja no campo social, além de ser importante na socialização e estruturação dos indivíduos. Nesse aspecto, o sociólogo Bourdieu (2012) menciona que o domínio da prática desportiva abrange a definição legítima, e o direito exclusivo de exercício das funções da atividade, do amadorismo e do profissionalismo, da prática e do espetáculo desportivo, do desporto distintivo da elite e do direito ao desporto. É um lugar de luta. E esse campo também se insere no campo das lutas pela definição jurídica do corpo e pelo uso legal do corpo, e essa luta não opõe apenas treinadores,

dirigentes, professores de educação física, etc.

Ao se inserir na prática do handebol, seja ele estudantil ou não, desenvolvido em entidades escolares ou em outros espaços distintos, o agente negro ou negra tem a possibilidade de desenvolver seu potencial e seu protagonismo negro no esporte. Isto posto, evidenciamos as experiências socioesportivas iniciais das atletas negras ocorreram de modos semelhantes. Ambas se envolveram com o handebol no campo educacional e nas escolinhas de esportes do DEFER, cujo objetivos eram a formação para esporte educacional.

O preparo para os eventos esportivos, entretanto, exigiram das atletas disciplina, empenho e perseverança. Foi necessário, superar os desafios e as circunstâncias da vida individual, procurar maneiras de deslocamento para chegar aos espaços de treinamentos e jogos, adaptar estratégias, adequar acessórios e uniformes de jogo e procurar capital financeiro entre pais, parentes, amigos e nas empresas privadas para concretizar esse desejo.

Em continuidade das narrativas, entre 1970 e 1980, as competições ajudaram a constituir o campo esportivo, no estado do MA. Esses eventos foram os lugares de memórias de corpos de atletas negras que oportunizaram às mulheres atletas ascender outro campo social e transformar a direção de suas experiências sociais através da prática esportiva do handebol.

Silvia recordou-se da sua participação na equipe da seleção maranhense juvenil nos JEB de 1975, em Brasília-DF. Segundo a goleira, a equipe se empenhava nos treinamentos diariamente, para tornar possível um bom desempenho esportivo nos jogos escolares brasileiros. Foi somente em função desse empenho e disciplina nos treinamentos que obtivemos uma boa participação na competição estudantil daquele ano, lembrou a atleta.

Os campeonatos brasileiros refletiam o processo embrionário do handebol no MA. Em relato, a atleta comentou como era realizada competição: os estados da federação eram divididos em quatro grupos de chaves com cinco ou quatro equipes, onde só duas equipes passavam para fase seguinte, cruzando grupo A com B, e C com D, confrontando o primeiro com o segundo de cada grupo, onde os perdedores disputavam o terceiro lugar e apenas os vencedores faziam a final do campeonato. Para Silvia, essa forma de organização proporcionava tensão muito grande entre os competidores, já quem perdia não disputaria a final para conquistar a medalha de ouro

tão almejada pelos jovens atletas.

Nessas competições nacionais sobressaía, frequentemente, os estados mais fortes na modalidade. Era notório a superioridade das equipes da região sudeste e sul onde o handebol já era praticado há mais tempo. Segundo Silvia, apesar dos entraves, as equipes nordestinas continuaram perseguindo resultados positivos nos campeonatos e, na mesma proporção, o protagonismo individual para ser convocado para a seleção brasileira de handebol. Esse desejo se concretizou, quando as duas seleções maranhenses fizeram as duas finais tanto feminino quanto masculino no JEB, realizado em Brasília-DF, em 1975, infelizmente perderam as duas finais. Porém, em decorrência do ótimo desempenho dos atletas, além de conquistar a medalha de prata nos jogos, vários foram convocados para a seleção brasileira de handebol.

Do mesmo modo, Fernanda também teve a oportunidade de participar do CEB, realizado em Curitiba-PR, em 1980, como seletiva para participar do JEB do ano seguinte em Brasília-DF em 1981. A atleta lembrou, que na ocasião, a equipe feminina conquistou a vaga. Fernanda, em decorrência de sua boa performance no JEB, começou a receber convites para jogar em equipes de diversos estados, entre eles Rio de Janeiro, São Paulo e Pará.

A convocação oficial das atletas para o CEB (1980) e para o JEB (1981), ocorreram nos anos anteriores aos eventos esportivos. Cabe lembrar que, a partir de 1972, o MA começou a enviar delegações de atletas maranhenses para os JEB. A seleção de convocados para o JEB era constituída por atletas de distintas escolas privadas e públicas da capital maranhense. Silvia, Rosangela de Jesus Santos Reis (Rosa Reis), Rosangela Goulart, Idalina Elizabeth Carvalho Silva (Dada) e Fernanda fizeram parte desse grupo seletivo de atletas protagonistas no JEB, sendo, as mais jovens e talentosas da delegação maranhense. Entretanto, a despeito de suas performances atléticas, um impasse ocorria e colocava em dúvida suas participações nos eventos esportivo, os casos de racismo.

Em seu relato, Silvia rememorou que no seu primeiro JUB, realizado em Natal-RN, em 1977, era chamada de macaca pelos torcedores adversários, por ser negra e usar o cabelo estilo *Black Power*. Em seu relato, a atleta lembrou que em momento algum se abateu, muito pelo contrário, se sentia mais motivada em jogar bem, demonstrando ainda mais seu protagonismo em quadra com bela defesa. Para demonstrar sua atitude antirracista diante do episódio, ela foi ao Shopping e comprou

um boneco de macaco e o colocava sobre a trave durante todo processo de aquecimento como goleira, demonstrando, assim a sua estratégia para enfrentar o crime de racismo.

A partir de tal postura a atleta inverteu o processo e conquistou a admiração dos torcedores que passaram a aplaudi-la ao invés de continuar vaiar e xingá-la.

Depois disso construímos grandes amizades em todo Brasil, principalmente com a equipe feminina de handebol da UFSM do Rio Grande do Sul, que representava os gaúchos naqueles jogos. Eu já fui diversas a Santa Maria - RS para visitá-las e elas vieram a São Luís (MA) fazer o mesmo comigo. Meu Deus! Para mim essa amizade é muito valiosa. Eu nunca imaginei! (Silvia Cristina Costa Leite, 2023)

No caso acima, temos um típico caso onde o racismo e a discriminação estão postos no corpo, em estado incorporado, e nos *habitus* racista brasileiro como um conjunto de reproduções obtidas pelos processos educacionais informais e formais ao longo da historiografia brasileira; da socialização construída pelas entidades da sociedade (Estado, Escola, Igreja, Mercado e nas ruas) que formatam o senso comum. O *habitus* é o social materializado no corpo do indivíduo, o social incorporado, uma instituição, o grupo social ou indivíduo (Bourdieu, 2002).

Nessas circunstâncias a mulher negra está triplamente submetida a discriminação e ao racismo por trazer consigo a cor da pele negra, por ser mulher e pobre. Embora o episódio acima tenha ocorrido com a Silvia, a Teresa e Fernanda afirmaram que nunca presenciaram qualquer caso de racismo e discriminação durante suas carreiras, eram sempre bem cortejadas pelas colegas brancas e ricas das equipes, que sempre vinham buscar e trazê-las após os treinos e eventos sociais que iam em companhias delas. “A gente treinava bastante. A gente era competitiva. Meu Deus, foi maravilhoso!” Inclusive, seu relato revela que o desejo de participar de um evento do porte do JUB, servia de motivação nos treinamentos: “Procurei me dedicar mais ainda aos treinamentos, consegui os méritos e deixamos um bom legado para as novas gerações.

Torna-se importante evidenciarmos que Silvia participou, ainda sobre o comando técnico de Laércio Elias Pereira do JUB de 1978, realizado em Curitiba-PR, do zonal Norte de Seleções, realizado em São Luís, em 1978, sob a direção técnica de Vicente Calderoni Filho (Vicher) e Laércio Elias Pereira e do JUB de 1979, realizado em João Pessoa-PB, sob o comando técnico de Marcus.

Embora Fernanda tenha participado pela seleção maranhense de handebol no CEB de Curitiba-PR, em 1980 e do JEB de 1981, em Brasília-DF, sua experiência socioesportiva como mulher negra atleta prosseguiu em Belém-PA, onde passou a morar e vir esporadicamente a São Luís participar de torneios. Em relato, a atleta recordou-se que, naquela época participou pela seleção paraense universitária de handebol dos JUB de 1987, realizado em Belém-PA. No início de 1980, o Clube Santa Rosa estava estruturando uma equipe de handebol feminino e, em função disso, sua amiga Kátia, técnica da equipe, insistiu para que ela se integrasse o time, o que terminou acontecendo e trouxe boas lembranças para ela:

Eu já gostava muito de Belém/PA, vinha com frequência jogar os campeonatos paraenses e pelas equipes em competições nacionais, assim foi para eu me adaptar aos costumes. [...] “Eu tenho muito gratidão a Belém (PA) pelo acolhimento, aos amigos e tudo que ocorreu aqui também, serviu de base para tudo que viria a seguir na minha carreira com atleta e profissional de educação física (Fernanda Sobrinho Pereira, 2023).

O depoimento da atleta pontua a fácil adaptação a capital paraense e ainda faz referência aos aspectos da experiência de diversos atletas negros brasileiros, daqueles que se dedicam ao handebol no momento presente. Sobre esse assunto, evidenciamos o relato da atleta, que conciliava sua rotina diária entre os treinos e a vida profissional, mencionou que, ao residir em Belém-PA, trabalhava durante o dia e treinava à noite.

A atleta silencia, quando perguntamos sobre o valor do salário, se era bom, mesmo ela que joga de graça no MA. As condições relatadas acima, contribuíram para que Fernanda melhorasse sua performance esportiva, o que a levou a participar dos “Campeonatos Brasileiros de Handebol Adulto Feminino”, realizados nos grandes centros do handebol do Brasil, aumentando sua visibilidade no campo esportivo do handebol nacional.

Aumentando, assim os convites para jogar em São Paulo e no Rio de Janeiro onde ficavam as melhores equipes femininas de handebol do país. E foi justamente isso que aconteceu com Fernanda, que depois de várias temporadas no handebol paraense, se transferiu para o handebol da região sudeste do Brasil.

Desse modo, Fernanda relatou algumas distinções existentes na estrutura esportiva regional do handebol brasileiro, quando comparada a outras regiões do país, relatou que, ao chegar ao sudeste, se confrontou com um campo esportivo oposta àquele presente no norte-nordeste do Brasil. As estruturas de suportes as equipes

eram incomparáveis, diferenciando-se das técnicas de treinamentos avançados, aos uniformes usados pelas equipes. Para atleta, durante toda as competições e sua respectiva preparação, as regiões sudeste e sul, ficou evidente o maior desenvolvimento do handebol, seja em aspectos de patrocínio e incentivo financeiro, sejam de tecnologia de treinamento técnico-tático e do quantitativo de praticantes da modalidade.

Fernanda também lembrou que tecnicamente, as equipes dessas regiões estavam e estão acima das demais que participam dos brasileiros da modalidade. Assim, se mostrou consciente da conjuntura e, antes mesmo de ir para o sudeste, delineou uma meta individual: “Eu sabia das minhas qualidades e deficiências e do demais atletas locais [...], então, eu sempre pensava que se eu conseguisse um bom desempenho esportivo nos clubes, eu já estaria agradecida por tudo. E obtive. Joguei nas melhores equipes do RJ e SP”.

No relato da Fernanda, evidencia-se um sentimento vitorioso ao compreender que tinha obtido sua meta individual, a respeito, não só, a superação como atleta de handebol, mas como mulher negra nordestina protagonista naquilo que se propõe a fazer bem, e muito bem. Tal afirmação possibilita exaltar a atleta negra de handebol, que demarcou um objetivo para si competindo em um campo esportivo recheado de tensão.

Fernanda continuou relembando sensibilizada com sua conquista: “Vir jogar no grande centro dos clubes de handebol do RJ e de SP, me deixa orgulhosa quando eu lembro, porque foi necessário um grande esforço de superação. Foi maravilhoso, são lembranças maravilhosas. Foram treinamentos intensos, mesmo assim não me arrependo um pouco do que eu fiz”.

Os obstáculos de ficar longe dos familiares em uma metrópole são possíveis de serem percebidos, quando a atleta rememora como foi essa fase: “A gente morava sozinha, sem amigos, poucos colegas”. Entretanto, com todas as dificuldades enfrentadas não apenas na prática do handebol, mas no âmbito individual, a atleta se mostra agradecida com as oportunidades que vieram: “Só agradecimento. Se eu tivesse que refazer todo o percurso, faria novamente tudo, voltaria mesmo, eu voltaria”. Aqui eu me graduei em economia, educação física e vou cursar fisioterapia, tudo de graça na faculdade pela qual eu jogava e hoje trabalho com um bom salário.

Igualmente, ao lembrar sua participação nas competições da modalidade,

Fernanda relatou que um episódio marcante foi perceber a presença de grande público nos ginásios esportivos. Para ela, saber que estava representando um dos estados mais pobres do Brasil nos maiores eventos de handebol, tinha uma valoração e significado grande

A Silvia, Teresa e Fernanda substituíram as quadras por outros objetivos individuais, após encerarem suas carreiras por motivos distintos como atletas de handebol. A respeito disso a professora Katia Rubio, que investiga a vida de atleta em seu estudo acerca dos atletas olímpicos, evidencia que durante a fase do amadorismo estrito, as condições de treinamento e competição imprimiam um modo de vida cuja duração tinha tempo limitado. Não obstante, a autora se referir a conjuntura do esporte olímpico, podemos associar suas reflexões ao handebol feminino nacional, uma vez que, o handebol feminino brasileiro é semiprofissional, subsiste com parcos salários de prefeituras municipais que atuam como clubes esportivo e do Programa Bolsa Atleta de governos municipal, estadual e federal.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das entrevistas, articuladas com as noções de memória para construção da pesquisa, foi viável reconstruir a memória experiencial das três mulheres negra atletas desbravadoras do handebol que testemunharam de diferentes maneiras os períodos iniciais de estruturação do esporte no país.

Assim, apreendemos a magnitude de escutar as agentes protagonistas do handebol no campo esportivo local e nacional. Assim, dar escuta a memória, a narrativa oral como fonte de memória amplifica às vozes negras das entrevistadas. Desse modo, a pesquisa procurou transportar para as análises um tema controverso a “disputa pela memória”: o memóricídio das populações negras no Brasil, já que a presença negra é constantemente apagada pela mão invisível da colonialidade que impõe o esquecimento das experiências e resistência de ser negra e negro no Brasil”.

A importância da efetividade do direito à memória para a superação de um passado traumático e criação de um projeto futuro, comprometido com o respeito aos direitos humanos e com o fortalecimento das instituições democráticas. Assim, através das lembranças, destaca-se que cada atleta atribuiu um significado a sua experiência socio esportiva.

Dessa forma, a época e o contexto testemunhados pelas atletas interferiram nas suas experiências sociais no campo esportivo, igualmente a elas, habitualmente, protagonizaram a memória social do handebol brasileiro, por meios de seus feitos, experiências, projetos, carreiras e percursos de vida. Assim, assentamos seus testemunhos, rememorando as experiências sociais concretas como uma maneira de reconstruirmos uma versão da memória social do handebol brasileiro, evidenciando o lugar do handebol maranhense na historiografia do handebol brasileiro, com a inclusão de atletas negras. O estudo ressaltou, ainda, a relevância do handebol escolar na configuração do campo esportivo do handebol brasileiro.

Isto exposto, reconhecemos que as atletas construíram um legado intergeracional para as atuais e futuras de atletas negras, que o presente estudo procurou evidenciar. Conjectura-se, que através dessa versão da memória social, contribuir com outras pesquisas, além de preservar a memória esportiva do handebol brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros**. São Paulo: EDUC–Editora da PUC-SP, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRASIL. **Decreto-Lei n. 3199**, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país, Brasília-DF, 1941

BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. **Deliberação 7/65**, de 2 de agosto de 1965. Baixa instruções às entidades desportivas do país sobre a prática de desporto pelas mulheres Brasília – DF, 1965.

BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. **Deliberação 10/79**, de 31 de dezembro de 1979. Baixa instruções às entidades esportivas do país, para prática de desportos para as mulheres. Brasília-DF, 1979.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

NUNES, Herliton Rodrigues. **Memória dos negros na formação do Tambor de Mina em São Luís do Maranhão**. 2018. Dissertação (Mestrado em Memória, Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2018.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

THOMPSON, P. História oral e contemporaneidade. **História Oral**, [S.L.], v. 5, n. 1, p. 9-28, 24 jul. 2002.

5 Considerações finais

Nesta seção, procuramos retomar as questões norteadoras da investigação, fragmentada em cinco objetivos que levaram à construção dos artigos apresentados. A partir dos conceitos que ancoram o estudo, articulamos os resultados da pesquisa e delineamos a contribuição para os resultados da tese.

O esforço realizado nesta pesquisa procurou entender como a experiência de agentes negros do campo esportivo maranhense contribuiu para a transformação do handebol local e nacional. Nesse sentido, partimos da hipótese inicial ginásio de desporto professor Ronald da Silva de Carvalho da ETFMA foi um importante lugar de memória *habitus* de agentes sociais negros na construção de estratégias inovativas no campo esportivo, que impulsionaram o handebol maranhense e brasileiro, além de ser um espaço de sociabilidade, de linguagem, de difusão do conhecimento, de tecnologia, de circulação de saberes e de práticas sociais do handebol local, com impactos nacional e internacional (Nora, 1993; Elias, 2002). A expectativa era que, após passar por essa fase inicial, e os indivíduos adquirissem maior bagagem esportiva, e os conhecimentos e saberes adquiridos contribuam para sua formação e desenvolvimento no esporte.

De forma geral, destacamos que diante de uma grande quantidade de agentes negros na prática do handebol brasileiro, isso se tornasse como um fato relevante no âmbito das instituições de pesquisa brasileiras. Assim, não podemos afastar esse fato das influências colonizadoras em nosso país, muitas vezes silenciando o protagonismo negro no esporte, em função de uma demanda colonizadora. É possível identificar nas instituições de ensino superior uma (in)visibilidade de pesquisa de agentes negros no campo esportivo, refletindo a tentativa do memoricídio do corpo negro no espaço social.

Grande parte das instituições pesquisa trazem consigo a marca da imposição ao memoricídio do povo negro nas universidades. Desta forma, muitos programas de pesquisas existentes, atendendo a lógica da história oficial, tem o objetivo de manter o atual *habitus* de classe e racial, conforme o *status quo* vigente. Assim, um segmento que não se “enquadrar” neste espaço social fica (in)visibilizado, como, por exemplo, a população negra.

Considerando o exposto acima, retomamos as questões norteadoras do estudo, construídas a seguir: O que falam os negros sobre sua história no esporte? O que narram às memórias individuais e coletivas dos agentes sociais negros do handebol no ginásio de desporto professor Ronald da Silva de Carvalho, da antiga ETFMA de São Luís (MA) (1970-1980)? Quais são as narrativas dos *habitus* racial e de classe no esporte, e quais as estratégias de superação delas? Quais os grandes feitos, os eventos esportivos, os ídolos, os jogos memoráveis desses agentes sociais negros? Quem os conhece? O ginásio foi um lugar de memória negra do handebol? Quem são os negros e as negras do handebol no período do ginásio? O que significa ser Negra no handebol brasileiro? Quais foram as contribuições e ações mais efetivas nas transformações das configurações do handebol maranhense, nacional e internacional? Quais foram às experiências sociais dos agentes negros de handebol no ginásio?

A partir dessas questões, procuramos desenvolver nosso estudo guiado em um objetivo geral: investigar as memórias dos agentes sociais negros do handebol brasileiro no ginásio desportivo Ronald da Silva Carvalho da ETFMA de São Luís (MA) (1970-1980). Cinco específicos: a) produzir fontes primárias através da oralidade das memórias negras dos agentes sociais em contraponto a imposição ao esquecimento e silenciamento da memória oficial; b) amplificar a voz, dar ouvido e centralidade as narrativas das experiências sociais esportivas de agentes negros do handebol maranhense; c) reconstruir memória das experiências de agentes negros do handebol no ginásio desportivo Ronald da Silva de Carvalho; d) interpretar e identificar agentes negros, fatos, mecanismos de ações, *o modus operandi* e as produções que consolidaram o negro no handebol dentro campo esportivo maranhense e brasileiro; e) visibilizar as reminiscências das mulheres negras atletas na memória social do handebol maranhense e brasileiro.

Os objetivos do estudo nos guiaram para os caminhos necessários para a superação de “obstáculos encontrados” para reconstruir e compreender a memória da experiência social negra na construção do campo esportivo brasileiro. Os dados foram coletados através da aplicação de entrevistas realizadas junto aos agentes negros do handebol no ginásio, combinadas com outras memórias escritas e imagéticas.

Isso, produziu uma enorme quantidade de material empírico para ser investigado. Assim, para ordená-los e cumprir as normas do PPGEF para a defesa da tese, decidimos por construir três artigos originais. O primeiro artigo *Negras memórias*

do handebol no ginásio desportivo Ronald da Silva Carvalho (1970-1980) objetivou reconstruir as memórias negras do handebol nos JEM (1970), em São Luís (MA).

Neste texto, procuramos a partir da memória negra do interior do ginásio, identificar personagens negros em distintas funções, instituições escolares e interpretar os mecanismos de ação e produção destes na construção e desenvolvimento do handebol no interior dos JEM para a consolidação do campo esportivo no Maranhão. Com isso, aclarou os motivos que levaram os agentes negros a serem escolhidos para experienciar outros eventos esportivos local e nacional. Suas vastas “produções” de capital esportivo no campo foram decisivas neste processo, pois eles contribuíram para a efetividade dos eventos que buscavam atender às demandas do handebol maranhense. Os agentes negros empreenderam em distintas frentes do campo esportivo alterando a configuração do handebol como um todo. Obtendo um verdadeiro sucesso esportivo a nível local e nacional.

O segundo artigo *“Black memories of the technician course in physical education at the Federal Technical School of São Luís-MA-MA/ETFMA (1970-1980)”* *This article deals with the Technical Course in Physical Education at the Federal Technical School of São Luís-MA/ETFMA (1970-1980)*. Abordou o Curso de Técnico em Educação Física da Escola Técnica Federal de São Luís-MA/ETFMA (1970-1980). Identificou-se um curso voltado para agentes sociais negros oriundos dos jogos escolares maranhense-JEM’S, que desejavam atuar no campo esportivo profissional maranhense, mas sem capital simbólico, social e econômico exigidos nas Instituições Ensino Superior-IES local e não local, descortinando assim, muito mais sobre o seu tempo.

Já o terceiro artigo *Memórias do Protagonismo de Mulheres Negras Atletas do Handebol Maranhense, Brasil (1970-1980)* objetivou reconstruir a memória experiencial de três mulheres negras atletas de handebol que testemunharam a gênese da estruturação do esporte no Maranhão e no Brasil, nas décadas de 1970 e 1980. Neste texto, buscamos apreender a inserção na iniciação esportiva, nas seleções do MA estudantil e universitária, nos clubes locais e nacionais, as tensões, afastamento da família e dos amigos, racismo e discriminações, adaptações aos treinos, salários irrisórios e grande sucesso esportivo.

De modo geral, evidenciamos uma grande preocupação em transformar as configurações na obtenção do sucesso no campo esportivo brasileiro e internacional.

Para responder às demandas do subcampo handebol da melhor maneira possível, os agentes negros se empenharam ao máximo em organizar a sua práxis esportiva como técnico, atleta, árbitro, gestores, capacitações e intercâmbios de cooperação com outras instituições esportivas de outros estados da federação para construir o protagonismo negro maranhense no handebol.

Assim sendo, os resultados desta investigação foram expostos de maneira gradual, conforme o avanço do estudo. Assim, a construção da memória sócio-histórica do handebol maranhense no ginásio desportivo Ronald da Silva de Carvalho contou com colaboração de agentes negros que estavam entusiasmados em dedicar-se à organização, gestão e transformação desse subcampo esportivo, embora, esse fosse apenas um dos componentes de um conjunto determinado pelo contexto sócio-histórico para o campo esportivo, assim como para campos socioeconômicos existente na época. O mesmo aplica-se aos seus instantes de descontinuidade, já que as atividades de handebol no ginásio foram encerradas oficialmente no final do ano de 1980.

A partir da fala de indivíduos negros da investigação, ficaram evidenciados diferentes aspectos da experiência social negra no ginásio desportivo. Para a maioria dos agentes foi um período importante na historiografia do handebol maranhense que buscava se consolidar no campo esportivo nacional da modalidade. Isso parecia ser o vetor propulsor da decisão de fazer o intercâmbio com técnicos de outros estados e tal fato pode ser comprovado com “a vinda de técnico e atletas paulistas de handebol para fortalecer a equipe”, rememorou o técnico José Maranhão Penha (2023).

O técnico e seus respectivos atletas de handebol, vindos do estado de São Paulo (SP), expõem a fase exploradora do subcampo esportivo do handebol local, cujo os capitais social, educacional e político, os levaram a exercer um poder simbólico sobre políticos, gestores, diretores, professores, técnicos de diversas instituições, em um período que esses indivíduos eram raros no estado maranhense.

Esses indivíduos contribuíram para que o agente negro tivesse um desempenho e sucesso no campo socio esportivo e educacional para perseguir os fins que buscavam. De forma que o capital cultural incorporado no subcampo handebol através desses indivíduos, certamente, acornaram a experiência social dos agentes negros no movimento de transformação do campo esportivo local e nacional.

A experiência social negra compartilhada com os indivíduos paulistas, fica evidenciado, o que foi experimentado por aqueles agentes negros no campo científico e social, refletiu na *práxis* expressada nos seus *habitus* esportivos. Com certeza, a experiência social negra adquirida, relacionada ao seu capital cultural incorporado, construíram agentes negros de ação. Os impregnaram de *habitus* cujas convicções norteadoras assinalavam para interesses sociais e humanos. Cabe ressaltar que o agente negro sempre explicitou seu envolvimento político, engajando-se em prol da causa negra, nas manifestações sociais, reivindicando melhorias para a comunidade negra, que foram muito úteis na maioria das situações.

Os agentes negros foram um grupo negro que pretendia representar o handebol maranhense no campo esportivo brasileiro. Assim, a estratégia que prevaleceu entre eles foi a de se dedicar ao máximo a *práxis* da modalidade e trazer profissionais de outros estados para fortalecer o subcampo esportivo.

Na prática, os agentes negros vivenciaram o ensino-aprendizagem-treinamento como professores, técnicos, atletas, árbitros e dirigentes de equipes, clubes e federação estadual de handebol, ao incluir em suas atividades escolinhas da modalidade que serviram para formar e desenvolver novos atletas negros ou não, para as competições como o JEM e o JEB e campeonatos maranhenses e brasileiros, no ginásio esportivo estudantil Ronald Carvalho, por ser o único espaço com as dimensões oficiais de tamanho da quadra, reconhecida pela Federação Internacional de Handebol (IHF) do campo esportivo maranhense, na época. Assim, o ginásio de desportos professor Ronald Carvalho é considerado efetivamente o primeiro lugar de memória negra do handebol estudantil maranhense, durante quase toda a década de 1970.

O desempenho da experiência sócio-histórica dos agentes negros no ginásio evidencia-se no alcance dos fins de sua *práxis* que orientaram suas ações. Deram origem à organização do subcampo esportivo maranhense da modalidade, construíram o handebol no JEM em consonância com a rede de ensino, em um momento historiográfico importante do início desse subcampo, onde agentes negros pioneiros do esporte, professores, técnicos, instrutores da modalidade se encontravam para refletir, debater, conceituar e divulgar o handebol.

Na gênese da experiência negra no handebol no ginásio, o grupo negro não se limitou apenas a atividades de treinamento esportivo, agiram na gestão administrativa

do handebol. No meio da década de 1970, criaram a Federação Maranhense de Handebol e organizaram a gestão administrativa; os agentes passaram a constituir o corpo de instrutores de esporte do Departamento de Educação Física e Desporto do Estado do Maranhão (DEFER) e estruturaram o departamento, com várias ações, entre elas as escolinhas de handebol e os JEM. Cabe evidenciar, “que passadas várias décadas e muitas mudanças governamentais, ele ainda existe no calendário desportivo escolar, como maior evento da cultura esportiva estudantil maranhense”, como lembrou o professor Maranhão (2022).

Conseguiram concretizar os grandes eventos pioneiros deste campo esportivo, como os amistosos e copas interestaduais da modalidade, os zonais regionais escolares e adultos femininos, o I Campeonato Brasileiro de Handebol Juvenil Masculino, em 1979 na capital maranhense, onde foi pela primeira vez campeão nesta categoria e XXXII JUB, em 1980, os maranhenses ficaram na segunda colocação ao perder para a seleção do Rio de Janeiro.

A experiência social como memória coletiva de um grupo de negros, demonstrava seu desempenho na organização e gestão do subcampo esportivo para um novo esporte que começava a se inserir ao campo esportivo local e nacional. Em relação a essas experiências dos eventos esportivos, o professor José Henrique Azevedo, lembrou: “eu fui o técnico dos goleiros da seleção maranhense no campeonato juvenil realizado aqui em São Luís (MA)”, enquanto o professor Maranhão Penha fora o técnico da seleção universitária naquele JUB de 1980.

O projeto de ensino-aprendizagem-treinamento de handebol nas escolas públicas passou a ser uma prioridade dos agentes negros, assim garantiria maior participação e surgimentos de jovens atletas negros periféricos no campo esportivo da modalidade, caminho análogo percorrido por seus, agora técnicos, essa afirmação corrobora com a memória oral das atletas negras Silvia Blek e das Irmãs Teresa e Fernanda Sobrinho, quando lembram que elas iniciaram no handebol a partir do projeto de escolinha de handebol no ginásio Costa Rodrigues ofertado pelo departamento de esporte do DEFER. Durante os eventos de handebol, a participação foi da maioria de negros, baseado nas relações de confiança, afinidades e amizade nas escolas públicas. Desse modo, essa rede de contato assegurou a experiência social esportiva de quase uma década de handebol no JEM no ginásio Ronald de Carvalho.

Os agentes negros se alternavam em diferentes experiências de funções e participação no campo esportivo (atletas, técnicos, árbitros, dirigentes, torcedores) ao longo do tempo. Essa alternância da experiência de agente esportivo era que mantinha a memória negra transgeracional ativa, já que os indivíduos negros em sua práxis esportiva precisavam explorar as relações de amizade, confiança para garantir a constituição e transformações das novas gerações posteriores. Mesmo com embates no interior do grupo, se ligava aos divergentes em prol da união que caracterizou a formação do grupo negro.

Com tensionamento no campo socioesportivo, se construiu uma cooperação técnica entre os agentes negros e a ETFMA e, assim, em 1980, foi criado o curso de Técnicos de Educação Física da ETFMA com objetivo de capacitar indivíduos que não tinham acesso a formação superior, na sua maioria eram agentes negros pobres e periféricos do estado maranhense, do interior do subcampo JEM, para melhor estruturar e qualificar o esporte no estado, inserindo e qualificando, assim, os negros no campo esportivo profissional maranhense. Desse modo, aqueles agentes negros demonstraram o seu poder de mobilizar redes de conexões aproximadas dos que tinham poder simbólico e, assim obteve capital social na sua experiência concreta com o handebol no ginásio. Sobre esse episódio José Maranhão Penha relatou que foi liderado por eles, Leopoldo Dulci Vaz dos Santos, Laércio Elias Pereira, Lino Castellane e Manoel Trajano, ambos professores do Departamento de Ciências da Saúde da antiga ETFMA.

Dessa forma, o poder simbólico do handebol no campo esportivo maranhense foi obtido ao longo do seu processo de criação, no qual seus agentes negros são reconhecidos e estão entre os principais representantes deste movimento. Melhor dizendo, o handebol recebeu de seus agentes esportivos “o poder” de empoderar o grupo negro através da movimentação ou fazer existir por procuração. O reconhecimento dos agentes negros como representantes do handebol maranhense e brasileiro, se vinculou afora do capital cultural objetivado, incorporado, e institucionalizado, as suas práxis no campo social, movimentação e cargos ocupados por seus agentes sociais junto a instituições nacionais e estaduais que lhes proporcionaram autoridade social adquirida, produto de embates anteriores, travados a duras lutas pelos agentes negros no interior do campo esportivo. Ao longo do tempo, esses enfrentamentos no e pelo handebol no espaço social foram tantos que lhe

renderam mais poder simbólico, como no caso de racismo contra o professor Joaquim e a atleta Silvia Black.

O agente negro na década de 1970, porta voz do handebol maranhense, se constituiu como representante “substituto do grupo que existe somente através da delegação que age e fala através dele” (Bourdieu, 2004, p. 168). Existe um “grupo” se existirem indivíduos que afirmem que eles são um grupo, ao expressarem oficialmente e publicamente no lugar dele, e serem reconhecidos com legitimidade para atuar pelos indivíduos que se reconhecem como membros do grupo. Nesse sentido, a memória negra é um espaço minado pelas disputas de poderes, nos embates que definirão o que e como será lembrado, e também como aquilo que, não sendo lembrado, será esquecido: não somos apenas o que lembramos, somos também o que esquecemos (Oliveira, 2008).

Cabe considerar que no estudo do campo da memória social deve-se evidenciar que somos sempre reconhecidos pelo lugar que nos forma e de onde falamos. Ao falarmos da memória da experiência negra, estamos sujeitos a toda uma série de “subjetividade” e “interferência” e até mesmo reprodução de “verdades” repassadas pelo senso-comum acadêmico, incorrendo numa dificuldade do “distanciamento” sempre desejado na pesquisa. É preciso, assim, por vezes, fazer estranho o que nos é habitual e desnaturalizar o que foi naturalizado aos nossos olhos (Bourdieu, 2012).

Assim, à luz de Bourdieu (1998), o *habitus* é um mecanismo social, entendido como princípio ativo, irredutível às percepções passivas da unificação das práticas e das representações. Entretanto, o *habitus* como identidade prática somente se demonstra na inesgotável série de suas sucessivas manifestações, em que o único mecanismo de apreender consiste em tentar recuperá-lo na unidade de um relato totalizante. O caminho teórico estava voltado para a análise de entrevistas com os agentes sociais negros do handebol no ginásio para, a partir daí, aferir o *habitus*, por meio de uma narrativa totalizante, buscando dessa forma, a memória experiencial, compreendendo suas contribuições para o campo esportivo maranhense e nacional.

Assim, através do acervo de fontes orais como componente central do estudo, procuramos relacionar a partir da memória experiencial social de agentes negros protagonistas do handebol no ginásio do campo esportivo maranhense a tentativa de

compreender a contribuição desse grupo negro para a legitimação, consolidação e desenvolvimento do campo esportivo no Brasil.

Essa memória ficou impressa na materialidade de lugares distintos, onde se realça os grupos ativos na sociedade. Neste olhar, a memória se apresenta multifocal, plural, e se registra na multiplicidade de tempos sociais e espaços distintos nos quais se apropriam os grupos sociais (Lavabre, 1998). Procuramos encadear a experiência social negra, procurando identificar e compreender as ações, os traços e os fatos e que marcaram o grupo negro através da sua memória social, recolhendo a memória oral da comunidade negra que experienciaram o instante, indivíduos que contribuíram para que o grupo se constituísse uma comunidade engajada no espaço social.

Analisando sua implicação na estruturação do campo esportivo local e nacional, a pesquisa acerca dos agentes sociais negros nos levou a descoberta de que eles foram significativos para a modalidade, embora poucos investigados.

No andamento do estudo, buscamos, também, implicitamente, identificar “feitos”, isto é, os empreendimentos mais importantes nos quais os agentes estivessem envolvidos, no intuito de entender suas ideias e ações que buscavam consolidar e transformar o handebol no campo esportivo. De modo que sua “afinidade” em relação ao handebol, pode ser detectada em ações simples, mas que, clarificam as estratégias de legitimação e solidificação do esporte.

Essas ações de evidenciação da experiência social negra, nos constantes eventos que o grupo teve com os órgãos governamentais e privados, contribuíram para que esse esporte fosse associado ao grupo negro. Foi assim que os agentes negros tencionaram afora do campo esportivo como um agente social e dinamizador. Suas movimentações e ações ainda ressoam, não apenas nos espaços esportivos, como também nas memórias incorporadas, de quem experienciou o período.

Na perspectiva de Bourdieu (2004), o agente negro incorporou um *habitus*, um tipo de jogo social. Simultaneamente suas ações eram livres e coagidas. As coações e as exigências do jogo, mesmo que não estejam codificadas em regras, impõem-se àqueles e apenas àqueles que por terem o sentido, isto é, o senso da necessidade imanente do jogo, estão preparados para percebê-las e realizá-las.

Ao atinar para o campo esportivo sob a orientação de Hobsbawm (1995, p. 13) no aspecto de que “[...] quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época

em que vivem”, é ressaltado o quanto compreender as origens e os delineamentos da área torna-se importante para a compreensão da história. Assim sendo a:

[...] destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal a das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio (Hobsbawm, 1995, p. 13).

Logo, nos propomos construir uma memória da experiência social negra, que criou, mediou e se engajou nas teorias, na prática, na burocracia e na arregimentação de negros que, por sua vez, alavancaram a área e consolidaram o campo esportivo. Nesse sentido, a memória pode ser entendida como elemento de coesão e unidade de grupo, ou mesmo de um sentimento de reconhecimento individual e coletiva, à medida que a memória é também elemento relevante no sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou grupo em sua reconstrução de si (Pollak, 1992, p. 204).

Ainda, para o historiador e sociólogo em tela, os acontecimentos “vividos por tabela”, aqueles vividos pelo grupo ou pela coletividade, de outra forma, aquele que traz o sentimento de pertencimento, marcam o indivíduo também. Assim, aquele vivido unicamente por ele, evidenciando a possibilidade de que “ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado tão forte que é possível falar numa memória quase herdada”. A memória pode ser compreendida como um fenômeno passível de ser construída social e coletivamente, e longe de ser algo estanque na mente do indivíduo.

Nesse aspecto, o sociólogo Halbwachs (1990, p. 51), formulador do conceito de memória coletiva, para quem “de uma maneira ou outra, cada grupo social empenha-se em manter semelhante persuasão junto a seus membros”, evidenciando o papel do “afeto” que deve existir e ser partilhado por aqueles que se identificam com determinado grupo, ressalta que a memória individual é afetada, pois seria um ponto de vista sobre a memória coletiva.

Para Bourdieu (2006, p. 186), o mundo social dispõe de todo tipo de instituições de totalização e de unificação do eu. O mais evidente é o nome próprio, “um ponto fixo num mundo que se move”, que se constitui em uma maneira necessária de identificação, que se institui em uma identidade social constante e durável, que

assegura a identidade individual em todos os campos possíveis onde o agente intervém, ou seja, em todas as histórias de vida possíveis.

O nome “negro” se constitui, com certeza, em “um ponto fixo” no campo esportivo do Brasil, em especial o campo esportivo maranhense, pois reconhece um grupo comprometido com o empreendimento do handebol cujas experiências implicaram na transformação do campo esportivo afora do marco cronometrado do limite da investigação.

Quando começamos o estudo em 2020, tivemos acesso a alguns dos objetos que ficaram guardados em acervos individuais de pioneiros da modalidade. Desses, carinhosamente escondidos em um lugar de memória específico da casa, entre fotos, camisas antigas, e outros objetos memoriais, o professor José Maranhão Penha pegou um antigo troféu do JEM, que no passado ele conquistou com muito orgulho como membro do grupo de negros da época.

O troféu, pela entonação da lembrança celebrada por José Maranhão Penha, emergiu a memória individual e coletiva provocada em cada um, que em determinado tempo o que representou o nome handebol ao longo de sua vida, como reconhecendo o objeto de metal na sua experiência concreta e como ela ficou registrada em sua memória social. Assim, a memória é entendida como uma capacidade humana responsável pela conservação do passado, das experiências vividas. Dito isso, “remete-se em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (Le Goff, 2003, p. 419).

Thompson (1998) ao estudar as experiências da classe operária inglesa, elevou o conceito a nível científico. O autor evidenciou que a história não pode ser apenas apreendida e/ou escrita pela via de cima da classe dominante através dos documentos oficiais. Segundo ele é possível, e torna-se imperioso, que a historiografia tenha outras narrativas, não apenas aquelas ancoradas nos grandes feitos e grandes heróis.

Nesse sentido, qualquer população, comunidade e grupos sociais e humanos, como os negros, devem também, ter sua memória evidenciada e dada a ler. Foi nessa direção que procuramos expor as experiências dos agentes negros no handebol. Buscamos nas suas experiências sociais as que constituíram e contribuíram para a transformação do campo esportivo maranhense. Nessa busca, encontramos

elementos que foram incorporados a nossa memória individual e coletiva dos grupos da nossa geração e em todos os outros grupos desse campo esportivo.

Ao ouvir, estudar e rememorar a experiência concreta que estrutura a memória social no campo do esporte, percebemos o quão imperioso é compreender a relação entre experiência social no binômio negro e handebol. Evidenciar esta memória foi demonstrar a incorporação de *habitus* coerente com a compreensão da importância da reconstrução do passado para apreender a experiência negra concreta no campo esportivo maranhense e nacional.

As demandas, as ações, os fatos, os silenciamentos e os esquecimentos do passado do agente negro fazem emergir a composição do grupo e, principalmente, o “sentido do jogo”. Para Bourdieu (2006), pode-se reproduzir que a imagem do jogo é muito apropriada para emergir as “coisas sociais”. Assim, as táticas negras foram evidenciadas, tendo em vista a compreensão do impacto delas no campo esportivo local e nacional. Dessa forma, podemos insinuar que o subcampo esportivo handebol pode ser demonstrado antes e depois do agente negro.

A memória social da experiência negra concreta no handebol do ginásio da ETFMA, da aquele período, foram (re)construídas através dos fatos, ações, produções, eventos e o *modus operandi* de uma memória institucionalizada, materializada e incorporada nos corpos negros. Experimentada nos marcos sociais da memória em uma conjuntura sócio-histórico, resposta de um capital humano, social, cultural e econômico das configurações sociais regulamentadas por agrupamentos dominantes; Estruturas políticas constituídas inconscientes e conscientemente, o que caracterizaram a capacidade do agente negro de enfrentar e superar adversidades e transformar o *habitus* do handebol no campo esportivo maranhense e brasileiro com sua *práxis*.

Este estudo foi o início de um contraponto ao memoricídio oficial da pessoa negra no esporte. Ainda há muito que se pesquisar sobre a memória negra no esporte maranhense, que ao findar o texto, limitações do estudo vem átona, as quais, de imediato, apontam outros olhares para futuras investigações, como: a) ampliar para outros esportes; b) desenvolver estudos sobre as histórias de vida de negros, da formação a atuação de professores de Educação Física; c) como se deu a inserção, a permanência e a ampliação da participação negra no handebol maranhense? Quais as origens do grupo de jovens negros do handebol em São Luís (MA)? Quais os fatores

levaram o grupo negro a prática do handebol? Como é preservada a memória de atletas negros de handebol maranhenses? Investigar as negras memórias fotojornalistas do handebol maranhenses, entre outras.

Foram elaborados artigos e resumos no andamento processual de desenvolvimento desta investigação, que foram publicados em periódicos e anais de eventos, mas não foram incorporados a essa versão final da tese por uma opção metodológica. Com o intuito de ampliar a recepção e a difusão dos conhecimentos elaborados sobre o nosso objeto de estudo até o momento. Indicamos alguns eventos que apresentamos produtos da tese: *XIX Encuentro Nacional, XIV Internacional de Investigadores en Educación Física; V Encuentro Nacional de Extensión "bajo el título "Educación Física y Tiempos de Cambio: teorías, técnicas y tecnologías"- 18 a 21 de octubre de 2022 - Montevideo Uruguay (apresentação e publicação do resumo); XIV Encontro Regional Nordeste de História Oral – 08 a 11 de novembro de 2023. São Luís (MA), apresentação e publicação de artigo em anais; Simpósio Internacional de Ciência do Esporte, 10 a 12 de abril de 2024, Universidade Federal do Ceará (UFC)- Campus do Pici-Fortaleza-Ceará-Brasil (apresentação e publicação do trabalho em anais).*

Apêndices

Apêndice A – Carta Convite



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA



ESEF/UFPeI

Pelotas-RS, outubro de 2022

CARTA-CONVITE

Prezado senhor(a)

Venho por meio desta convida-lo(a) a participar com colaborador na pesquisa: **“A CONSTRUÇÃO NEGRA DA MEMÓRIA SOCIAL DO HANDEBOL NO BRASIL: reminiscências de agentes do campo esportivo maranhense do ginásio de desportos prof. Ronald Carvalho (São Luís-MA/1970 a 1980)”**., desenvolvida por mim como Tese de Conclusão de Doutorado, tendo como Orientador Prof. Dr. Pedro Rodrigues Curi Hallal (Doutor em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas).

A pesquisa está vinculada a **Universidade Federal de Pelotas (RS)**, em parceria com o **Centro de Preservação da Memória do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – MEMORIAL IFMA**, criado em 2016, constituindo se em um espaço de salvaguarda, organização e preservação de acervos ligados a memória do Instituto, tornando-se referência para o conhecimento de sua história. É um espaço destinado ao tripé ensino- pesquisa-extensão. Aberto a comunidade em geral e acadêmica, planejando, dessa forma uma inserção mais efetiva junto à sociedade, que assegure o reconhecimento a valorização da memória social.

Os documentos e os depoimentos cedidos a pesquisa são catalogados e passam a fazer parte do acervo das Instituições. Quando consultados e citados deverão ser respeitadas a sua integridade, da mesma forma a indicação da fonte de origem.

Neste estudo planeja-se investigar a memória do handebol brasileiro, tendo como referência as *ações e práxis* local, nacional e mundial. Além de permitir a escrita de diferentes versões para esta historiografia deste esporte. Questões acerca das

experiências pessoais vividas; como o handebol entrou e a importância na sua vida e o porquê; melhor época; fatos importantes; quem eram os praticantes (indivíduos, escolas, clubes, estados da federação), dentre outras. Para o desenvolvimento da pesquisa utilizarei aspectos teórico-metodológicos do campo de estudo da memória e da história oral. Assim, entrevistarei agentes sociais negros do campo esportivo que circularam no ginásio desportivo Professor Ronald Carvalho da Silva de Carvalho - ETFMA, com reconhecidos saberes e relevantes serviços prestados na construção da historiografia do handebol nacional e, desse modo podem colaborar para o avanço da pesquisa.

Nesse sentido, venho consultar sobre vossa disponibilidade para conceder-me uma entrevista acerca das questões brevemente suscitadas nesta carta-convite. Estão previstas no projeto de pesquisa entrevistas individuais, que serão gravadas e transcritas.

Agradeço desde já vossa atenção. Espero que possa contribuir com este estudo.

Cordialmente,
José Carlos Ribeiro

Apêndice B - Roteiro de entrevista da pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA



ROTEIRO DE ENTREVISTA DA PESQUISA

Preparação

- ✓ Data e hora da entrevista:
- ✓ Local da entrevista:
- ✓ Nome do entrevistado e profissão:
- ✓ Prestar esclarecimento sobre a pesquisa e seus objetivos: falar sobre o tempo; lugar; indivíduos, configurações, campo de trabalho desportivo; eventos; os desejos, as dificuldades, o medo; alegrias; tristezas; sonhos e outros;
- ✓ *O nosso diálogo será focado sua subjetividade de vivências e experiências da tua trajetória de vida no handebol e especificamente no ginásio desportivo Professor Ronald de Carvalho Silva*
- ✓ Solicitar permissão para gravação;
- ✓ Consultar se permite a identificação do participante na pesquisa;

PERFIL SOCIOBIOGRÁFICO DA/O ENTREVISTADO

FORMAÇÃO ACADÊMICA

1. Qual o nível máximo concluído?

- (...) Ensino fundamental
 - (...) Ensino médio
 - (...) Tecnológico
 - (...) Licenciatura
 - (...) Bacharelado
 - (...) Pós-graduação (especialização)
 - (...) Pós-graduação (mestrado e doutorado)
- Ano de conclusão do nível máximo:

2. Qual é a sua religião?

- (...) Afro-brasileira [especificar]:

- (...) Católica;
- (...) Messianica;
- (...) Espirita Kardecista;
- (...) Protestante **[especificar]**:
- (...) Nenhuma;
- (...) Outra **[especificar]**:

3.O/A sr/a já foi ou é militante do movimento social?

- (...) Sim;
- (...) Não;

4.Qual(is)? [múltipla escolha]

- (...) Movimento negro;
- (...) Movimento de mulheres;
- (...) Movimento feminista;
- (...) Movimento LGBT;
- (...) Movimento de direitos humanos;
- (...) Movimento ecumênico;
- (...) outro **[especificar]**:

COR OU RAÇA

Considerando a classificação do quesito cor estabelecida pelo *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)*, como você se define?

1.Qual é sua cor ou raça?

- (...) Amarela/o
- (...) Branca/o
- (...) Indígena
- (...) Parda/o
- (...) Preta/o
- (...) Outra
- (...) Prefiro não me classificar
- (...) Prefiro não responder

Se responder “outra”, especifique qual:

SEXO E GÊNERO

2.Qual seu sexo?

- (...) Feminino
- (...) Masculino
- (...) Travestir
- (...) Outro

Se responder “outro”, especifique qual:

3.Qual sua identidade de gênero?

- (...) Mulher cisgênera (1)
- (...) Homem cisgênero (1)
- (...) Mulher transexual/transgênera (2)
- (...) Homem transexual/transgênero (2)
- (...) Não binário (3)
- (...) Outro
- (...) Prefiro não me classificar
- (...) Prefiro não responder

Se responder “outro”, especifique qual:

ORIENTAÇÃO SEXUAL

1.Qual sua orientação sexual?

- (...) Heterossexual
- (...) Homossexual
- (...) Bissexual
- (...) Gay
- (...) Lésbica
- (...) Pansexual
- (...) Assexual
- (...) Outro
- (...) Prefiro não me classificar
- (...) Prefiro não responder

Se responder “outro”, especifique qual:

Nome:

Data de nascimento:

Idade:

Local de nascimento:

O sr/sra é: (a). Casado/o; (b). Divorciado/a, separado/a;(c). Solteiro/a;(d). Unido/a, mora junto;(e). Viúvo/a; (d). Outro[**especificar**]:

Endereço:

Tempo de relação com EF/ Handebol:

Ocupação atual:

Tem algo falar:

Tema Geradores:

- ✓ Origem ginásio desportivo Ronald da Silva de Carvalho;
- ✓ Início do handebol maranhense e sua inserção no ginásio Ronald da Silva de Carvalho;
- ✓ Jogos Escolares Maranhenses- JEM;
- ✓ Jogos Escolares Brasileiros- JEB;
- ✓ Jogos Universitários Brasileiros – JUB;
- ✓ Campeonatos maranhenses de handebol;
- ✓ Campeonatos brasileiros de handebol;
- ✓ Seleções maranhenses, regionais e amistosos;
- ✓ Arbitragem, atletas, dirigentes, jornalistas, professores ente outros;
- ✓ Preconceito racial, social, de gênero;
- ✓ Origem social dos agentes esportivos negros

1- Experiências

- ✓ Experiências pessoais;
- ✓ Como o handebol entrou na sua vida e porquê?
- ✓ Quais experiências e vivências no handebol (outras ações e práticas);
- ✓ Importância do handebol em sua vida;
- ✓ Melhor época;
- ✓ Fatos importantes (dificuldades e oportunidades);
- ✓ Fotos, documentos sobre esses fatos;
- ✓ Relação com os colegas, escolas, federação;
- ✓ Presenciou caso de preconceito racial, de classe; de gênero, homofobia?

2- Handebol e Singularidades

2.1 Gêneses/Origem

- Informação acerca das origens do handebol no Maranhão e sua prática no Ronald Carvalho?

2.2 – Espaço e indivíduos

- Em que lugares eram praticado o handebol em São Luís (MA)?

2.3 – Organização e gestão

- Quem eram os indivíduos da frente da prática?
- Quais eram as escolas e clubes de prática do handebol?

3- Singularidades do Entrevistado

- Conforme a experiência e trajetória do entrevistado, questionamentos poderão ser feitas.

4- Memória e handebol

- Comentários acerca da pesquisa, importância da memória, opinião sobre participar desta pesquisa;
- Perguntar acerca de outras fontes, empréstimos, fotos e doações?

Agradecimento;

Carta de autorização.

Apêndice C – Apresentação do entrevistador do projeto



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA



Prezado(a) Senhor(a)

APRESENTAÇÃO DO ENTREVISTADOR DO PROJETO

Em nome do Projeto **“A CONSTRUÇÃO NEGRA DA MEMÓRIA SOCIAL DO HANDEBOL NO BRASIL: reminiscências de agentes do campo esportivo maranhense do ginásio de desportos prof. Ronald Carvalho (São Luís-MA/1970 a 1980)”**, inicialmente, gostariam de agradecer a disponibilidade e atenção para com nosso pesquisador do referido projeto.

Planejamos que este projeto seja uma ação multidisciplinar na qual a memória e a história oral, através da escuta, eco a voz e da centralidade de agentes sociais negros, bem como do registro de suas lembranças, vivências e experiências, possam edifica-se como *práxis* investigativa capaz de trazer à Universidade e Instituto Federais tantos indivíduos interessados em participar da construção dessas memórias como aqueles que dela poderão usufruir para qualificar a pesquisa no tempo presente e a sua *práxis* pedagógica. Motivo pelo qual o senhor(a) é um de nosso(as) entrevistados (as).

Apresento o entrevistador José Carlos Ribeiro, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Educação Física- ESEF/UFPEL, esclarecendo que o mesmo está preparado para a tarefa que lhes cabe e informo ser o responsável por sua orientação. Dessa forma, coloco-me a disposição para qualquer dúvida e esclarecimento através dos telefones (98) 4001 6465; (98) 981517221; (55) 32844332 e 32844330; ppgef.ufpel@gmail.com

Na certeza de que seu depoimento será de suma importância para esse projeto, agradeço-lhe, sinceramente.

Prof. Dr. Pedro Rodrigues Curi Hallal
Coordenador do Projeto

Apêndice D – Termo de consentimento livre esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisadores: Pedro Curi Hallal - Orientador /José Carlos Ribeiro- Orientando

Instituição: Universidade Federal de Pelotas - UFPel

Endereço: Rua Luís de Camões, 625 **Bairro:** Tablada **CEP:** 96055-630 **UF:** RS

Município: Pelotas **Telefone:** (53)3273-2752 **E-mail:** cepesef.ufpel@gmail.com

Concordo em participar do estudo “**A CONSTRUÇÃO NEGRA DA MEMÓRIA SOCIAL DO HANDEBOL NO BRASIL: reminiscências de agentes do campo esportivo maranhense do ginásio de desportos prof. Ronald Carvalho (São Luís-MA/1970 a 1980)**”. Estou ciente de que estou sendo convidado a participar voluntariamente do mesmo.

PROCEDIMENTOS: Fui informado de que o objetivo geral será “investigar as memórias do handebol do ginásio desportivo Ronald da Silva Carvalho da ETFMA de São Luís- MA (1970 -1980)”, cujos resultados serão mantidos em sigilo e somente serão usadas para fins de pesquisa. Estou ciente de que a minha participação envolverá entrevista, destinada a recolher meu testemunho. E que este procedimento metodológico de pesquisa visa à coleta de dados e a técnica de produção de documentos historiográficos e memorial, permitindo a utilização de meios eletrônicos, equipamentos de áudio e vídeo com os entrevistados. Permito divulgar meu nome e/ou material;

RISCOS E POSSÍVEIS REAÇÕES: A pesquisa apresenta riscos mínimos de constrangimento aos participantes. Trata-se de um estudo com risco mínimo, ou seja, o mesmo risco que se tem em atividades rotineiras, como conversar, ler e caminhar. Possíveis desconfortos podem ser cansaço durante a entrevista;

BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa o entrevistado não terá nenhum benefício direto. No entanto, as ações realizadas neste estudo podem produzir benefícios, com o aumento da produção do conhecimento sobre a memória social do esporte. Além dos resultados serão incorporadas as memórias e a história do handebol brasileiro - maranhense e gaúcho, e ao Memorial do IFMA, e posteriormente a situações de ensino-aprendizagem-treinamento do handebol no estado do Maranhão.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA: Não está previsto nenhum tipo de pagamento pela participação na pesquisa e não terá nenhum custo com os procedimentos envolvidos. Como já me foi dito, minha participação neste estudo será voluntária e poderei interrompê-la ou abandonar a qualquer momento a pesquisa sem prejuízo a qualquer tempo.

DESPESAS: Eu não terei que pagar por nenhum dos procedimentos, nem receberei compensações financeiras.

CONFIDENCIALIDADE: Estou ciente que a minha identidade permanecerá confidencial durante todas as etapas do estudo. Os dados coletados durante a pesquisa serão tratados confidencialmente;

CONSENTIMENTO: Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. Os investigadores do estudo responderam e responderão, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Portanto, estou de acordo em participar do estudo. Este Formulário de Consentimento Pré-Informado será assinado por mim e arquivado na instituição responsável pela pesquisa.

Nome do participante/representante legal: _____
Identidade: _____

ASSINATURA: _____ DATA: ____ / ____ / ____

DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO INVESTIGADOR: Expliquei a natureza, objetivos, riscos e benefícios deste estudo. Coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. O participante compreendeu minha explicação e aceitou, sem imposições, assinar este consentimento. Tenho como compromisso utilizar os dados e o material coletado para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a essa pesquisa. Se o participante tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da ESEF/UFPel – Rua Luís de Camões, 625 – CEP: 96055-630 - Pelotas/RS; Telefone:(53)3273-2752.Ou procurar pelo **Pesquisador:** Professor Mestre José Carlos Ribeiro; **Instituição:** Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA Campus Avançado Rosário; AV. Vitorino Freire, S/N, ROSÁRIO-MA;CEP:65.150-000 ; **Endereço Residencial:** Rua Carlos Gomes ,138 **Bairro:** Vila Passos , **CEP: 65 025-210 UF: MA Município:** São Luís- MA **Telefone:** (98)4101-6465 / (98) 981517221(Whatsap) e aceitamos ligações a cobrar; **E-mail:** canhotoribeiro@ifma.edu.br

Assinatura do Pesquisador:

Anexos

Anexo A – Comprovante de publicação – Artigo 1



ODEERE

ISSN 2525-4715

Vol 8, Nº 2, 2023, 192-214

DOI: [10.22481/odeere.v8i2.13412](https://doi.org/10.22481/odeere.v8i2.13412)

Novas(os) Pesquisadoras(es) | New Researchers | Nuevos investigadores

Negras memórias do handebol no ginásio desportivo Ronald da Silva Carvalho (1970-1980)

José Carlos Ribeiro^{1*} , Pedro Rodrigues Curi Hallal¹ 

¹ Universidade Federal de Pelotas - Brasil.

*Autor de correspondência: canhotoribeiro@yahoo.com.br

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE:

Ginásio Desportivo
Ronald Carvalho
Handebol
História Oral
Memória

Este artigo aborda as memórias do handebol nos jogos escolares maranhenses (JEMs) (1970), em São Luís-MA. O corpus empírico do estudo foi o ginásio desportivo Ronald da Silva de Carvalho, da Escola Técnica Federal do Maranhão. A pesquisa qualitativa foi realizada com aporte teórico-metodológico da Memória e da História Oral, com entrevista dos "lugares de memória" negros do campo esportivo e objetivou reconstruir as experiências do handebol no JEMs. Os Jogos Escolares Brasileiros e a invasão dos paulistas em São Luís-MA transformaram as configurações na obtenção do sucesso esportivo no campo esportivo brasileiro e internacional.

ABSTRACT

KEYWORDS:

Handball
Memory
Oral History
Ronald Carvalho Sports
Gym

This article addresses the memories of handball in school games from Maranhão (JEMs) (1970) in São Luís-Brazil. The focus of the study was the Ronald da Silva de Carvalho sports gym, from the Federal Technical School of Maranhão. Qualitative research was conducted, with theoretical-methodological support of Memory and Oral History, with interviews of black "places of memory" in the sports field, aimed to reconstructing the experiences of handball in the JEMs. The Brazilian School Games and the invasion of São Paulo in São Luís-Brazil, transformed the configurations in obtaining sports success in the Brazilian and international sports field.

RESUMEN

PALABRAS-CLAVE:

Balonmano
Gimnasio Deportivo
Ronald Carvalho
Historia oral
Memoria

Este artículo aborda las memorias del balonmano en los juegos escolares de Maranhão (JEMs) (1970) en São Luís-MA. El corpus empírico del estudio fue el gimnasio deportivo Ronald da Silva de Carvalho, de la Escuela Técnica Federal de Maranhão. Investigación cualitativa con apoyo teórico-metodológico de la Memoria y la Historia Oral, con entrevistas a "lugares de memoria" negros en el campo deportivo, tuvo como objetivo reconstruir las experiencias de balonmano en las JEM. Los Juegos Escolares Brasileños y la invasión de São Paulo en São Luís-MA, transformaron las configuraciones en la obtención del éxito deportivo en el campo deportivo brasileño e internacional.

SUBMETIDO: 11 de agosto de 2023 | ACEITO: 31 de agosto de 2023 | PUBLICADO: 31 de agosto de 2023

© ODEERE 2023. Este artigo é distribuído sob uma Licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Anexo B – Comprovante de publicação – Artigo 2



CONTINUOUS FLOW

e-ISSN: 2595-4881

BLACK MEMORIES OF THE TECHNICIAN COURSE IN PHYSICAL EDUCATION AT THE FEDERAL TECHNICAL SCHOOL OF SÃO LUÍS-MA/ETFMA (1970-1980)

MEMORIAS NEGRAS DEL CURSO DE TÉCNICO EN EDUCACIÓN FÍSICA EN LA ESCUELA
TÉCNICA FEDERAL DE SÃO LUÍS-MA/ETFMA (1970-1980)

MEMÓRIAS NEGRAS DO CURSO DE TÉCNICO EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESCOLA TÉCNICA
FEDERAL DE SÃO LUÍS-MA/ETFMA (1970-1980)

José Carlos Ribeiro ¹

Manuscript received on: August 11, 2023.

Approved on: March 13, 2024.

Published on: May 1, 2024.

Abstract

This article deals with the Technical Course in Physical Education at the Federal Technical School of São Luís-MA/ETFMA (1970-1980). It is inspired by the habitus concept present in the work of Pierre Bourdieu (2008) and Norbert Elias (2002). Its source of research was the documentary, imagery and oral memory of black social agents who experienced the pedagogical practice. A course was identified aimed at black social agents from the Maranhão-JEM'S school games, who wanted to work in the professional sports field of Maranhão, but without the symbolic, social and economic capital required in the local and non-local Higher Education Institutions-IES, revealing so much more about your time.

Keywords: Memorie; Blacks in physical education; Bandball; Gym Ronald Carvalho.

Resumen

Este artículo trata sobre el Curso Técnico en Educación Física en la Escuela Técnica Federal de São Luís-MA/ETFMA (1970-1980). Se inspira en el concepto de habitus presente en la obra de Pierre Bourdieu (2008) y Norbert Elias (2002). Su fuente de investigación fue la memoria documental, imaginaria y oral de agentes sociales negros que vivieron la práctica pedagógica. Se identificó un curso dirigido a agentes sociales negros de los juegos escolares de Maranhão-JEM'S, que querían actuar en el campo deportivo profesional de Maranhão, pero sin el capital simbólico, social y económico requerido en las Instituciones de Educación Superior locales y no locales- IES, revelando mucho más sobre su tiempo.

Palabras clave: Memoria; Negros en educación física; Balonmano; Gimnasio Ronald Carvalho.

Resumo

O presente artigo versa sobre o Curso de Técnico em Educação Física da Escola Técnica Federal de São Luís-MA/ETFMA (1970-1980). Inspira-se no conceito habitus presente na obra de Pierre

¹ Master in Memory: Language and Society from the State University of Southwest Bahia. Professor at the Federal Institute of Maranhão. Member of the Center for Study and Research in Environmental Management and Education.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-1332-0529> Contact: canhotoribeiro@yahoo.com.br

Anexo C – Revista movimento – Diretrizes para autores

08/04/2024, 02:21

Submissões | Movimento

[Início](#) / [Submissões](#)

Submissões

O cadastro no sistema e posterior acesso, por meio de login e senha, são obrigatórios para a submissão de trabalhos, bem como para acompanhar o processo editorial em curso. [Acesso](#) em uma conta existente ou [Registrar](#) uma nova conta.

Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

- ✓ O texto está adequado **ao escopo da revista Movimento**, isto é, aborda temas relacionados à Educação Física, no que tange aos seus aspectos pedagógicos, históricos, políticos e culturais; problematiza o fenômeno e o tema investigado tendo como fundamentos teóricos, metodológicos, analíticos e interpretativos aqueles oriundos das Ciências Humanas e Sociais.
- ✓ A presente submissão não fere nenhuma das 4 delimitações previstas na **seção 2 das diretrizes**: 1. no máximo, dois trabalhos da mesma autoria ou coautoria por ano; 2. avalia simultaneamente até 2 artigos do mesmo autor/coautor; 3. não aceita submissões de manuscritos que tratem da validação de instrumentos; e 4. não aceita submissões de manuscritos no formato de perguntas-e-respostas provenientes de entrevista com uma dada personalidade destacada da área.
- ✓ Todos os(as) autores(as) envolvidos(as) assinaram o **documento DECLARAÇÕES E ESPECIFICAÇÕES DE AUTORIA**, no qual constam registros formais de acordos, de especificações, de direitos e de responsabilidades relativas à produção e à publicação do manuscrito.
- ✓ A estruturação e a formatação do texto que está sendo submetido foram realizadas **a partir do TEMPLATE DISPONÍVEL** e consideram os elementos obrigatórios descritos nas normas no que diz respeito à composição do texto, à apresentação das referências e à inserção de ilustrações, tabelas e quadros (se for o caso).
- ✓ Na composição do manuscrito que está sendo submetido, a autoria teve o cuidado de suprimir todas as informações que possibilitem a sua identificação, questão essa fundamental para preservar o seu anonimato e, assim, assegurar o procedimento de avaliação cega. Esse cuidado foi tomado tanto em relação "ao texto" como às "propriedades do arquivo".

08/04/2024, 02:21

Submissões | Movimento



A autoria está ciente de que uma vez aceito o trabalho será solicitado, através de e-mail enviado pela Editoria Executiva, o comprovante de pagamento da taxa de publicação. Após a confirmação do pagamento, o manuscrito seguirá para o processo de edição, revisão e formatação.

Diretrizes para Autores

1 ACESSO LIVRE, ESCOPO, SEÇÕES E COMPROMISSOS COM A CIÊNCIA ABERTA

Antes de submeter um trabalho para a revista Movimento é de grande relevância que a autoria observe as informações/delimitações do escopo e das seções do periódico.

1.1 Periódico de acesso livre

A revista Movimento oferece **acesso livre e imediato ao seu conteúdo**, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento. Tal acesso está associado a um crescimento da leitura e citação dos trabalhos dos(as) autores(as). Para maiores informações sobre esta abordagem, visite o [Public Knowledge Project](#), que desenvolveu este sistema para melhorar a qualidade acadêmica e pública da pesquisa e que distribui o *Open Journal Systems (OJS)*, assim como outros *softwares* de apoio ao sistema de publicação de acesso público a fontes acadêmicas.

1.2 Escopo

A revista Movimento é uma publicação de acesso aberto da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que tem por objetivo divulgar a produção científica nacional e internacional, **sobre temas relacionados à Educação Física, no que tange aos seus aspectos pedagógicos, históricos, políticos e culturais.**

Nessa perspectiva, o periódico recebe, avalia e publica manuscritos que problematizem os fenômenos e os temas investigados, **tendo como fundamentos teóricos, metodológicos, analíticos e interpretativos aqueles oriundos das Ciências Humanas e Sociais.**

O periódico aceita manuscritos originais nos idiomas português, espanhol, inglês e francês.

1.3 Seções

A revista Movimento é composta pelas seguintes seções:

Em Foco: seção dedicada à mobilização de debates em torno de temas internacionalmente relevantes induzidos pela Comissão Editorial ou formalmente propostos por pesquisadores(as) consolidados(as) na área. Uma vez definida/aprovada a proposta de seção, o(a) editor(a) convidado(a) será designado(a) como responsável pela organização do processo de avaliação dos manuscritos de acordo

com os critérios e os regramentos estabelecidos pela revista Movimento. Cada seção terá, no máximo, 8 manuscritos de autores(as) vinculados(as) majoritariamente a instituições estrangeiras. Os textos deverão ser publicados em inglês e, simultaneamente, em português ou em um dos outros dois idiomas aceitos pela Movimento: espanhol e francês.

Temas polêmicos: seção pela qual a revista Movimento se propõe a manter um diálogo constante com a comunidade científica na qual está integrada, oportunizando a atualização de debates *do momento* e induzindo reflexões afetas à sua área de conhecimento específica. A Comissão Editorial se reserva o direito de convidar autores(as) para publicarem nessa seção, assim como se propõe a estimular a participação de outros(as) que, porventura, queiram adentrar nos debates. Assim como na seção Em Foco, esses artigos passarão pelo crivo da própria Comissão Editorial.

Artigos originais: trabalhos resultantes de pesquisa científica apresentando dados originais e achados que tenham relação com aspectos experimentais e/ou observacionais de característica filosófica, histórica, sociocultural e pedagógica, que inclua análise descritiva e/ou inferências sustentadas em dados próprios. Sua estrutura deve atender a um formato reconhecido na área de conhecimento específica (Educação Física na interface com as Ciências Humanas e Sociais) e deve conter seções e subseções que guardem relação com os seguintes itens: Introdução; Bases Teóricas; Decisões Metodológicas; Análise; Discussão; Conclusão.

Ensaio: seção destinada a artigos de revisão e/ou reflexão teórico-conceitual sobre um determinado tema escritos a partir da experiência autoral do(a) ensaísta. Os textos devem problematizar as compreensões já consolidadas no campo científico e apontar interpretações ainda não vislumbradas, sem necessariamente recorrer à revisão de literatura ou à produção de empiria.

Observação: As seções “Em Foco” e “Temas Polêmicos” terão sua publicação conforme decisão da Comissão Editorial.

1.4 Compromissos com a Ciência Aberta

A revista Movimento manifesta seu alinhamento com o *modus operandi* da ciência aberta que está expresso em três pilares:

- na atualização das políticas editoriais realizadas em 2020 constantes nesta seção de Instruções aos/às Autores/as;
- nos processos de gestão de manuscritos com a introdução da seção "Notas Editoriais" ao final de cada artigo, informando e detalhando o tipo de Licença de Uso (Creative Commons), a declaração de não haver Conflito de Interesses, a Contribuição de cada autor/a no artigo, o financiamento recebido ou não, a existência e descrição de parâmetros adotados na questão de ética na pesquisa, a responsabilidade editorial especificando os/as editores/as envolvidos no fluxo editorial de cada artigo;

- na disseminação e no marketing: divulgação da produção e atividades da revista Movimento nas redes sociais já instituídas e em pleno funcionamento no Instagram, Facebook e Twitter, com o objetivo de interagir com a comunidade acadêmica e, principalmente, não acadêmica.

A adoção de demais práticas da ciência aberta (preprints, abertura de pareceres, e de dados brutos de pesquisa) está no horizonte e será tratado pelo Comitê Editorial e em sintonia com demais periódicos da área de Educação Física.

2 TRAVAS E LIMITES À SUBMISSÃO E PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS

- A revista Movimento **publicará, no máximo, 2 trabalhos da mesma autoria ou coautoria por ano**. Portanto, antes de iniciar o processo de submissão é importante verificar essa situação entre os(as) autores(as) envolvidos(as).

- Desde 14 de abril de 2018 a revista Movimento **avalia simultaneamente até 2 artigos do(a) mesmo(a) autor(a) e coautor(a)**. Caso esse limite seja extrapolado, a(s) nova(s) submissão(ões) será(ão) arquivada(s) sem apreciação de mérito. Assim, é importante que o(a) autor(a) que realiza a submissão confira com os(as) demais envolvidos(as) a situação de cada um(a) deles(as).

- Desde 6 de julho de 2019 a revista Movimento **não aceita submissões de manuscritos que tratem da validação de instrumentos**.

- Desde 30 de junho de 2020 a revista Movimento **não aceita mais submissões de manuscritos no formato de perguntas-e-respostas provenientes de entrevista com uma dada personalidade destacada da área**.

3 ORIENTAÇÕES E DECLARAÇÕES DE RESPONSABILIDADES DA AUTORIA

Nesta seção consta um conjunto de definições e parâmetros que orienta o trabalho na revista Movimento e que deve ser observado pela autoria dos manuscritos submetidos.

3.1 Originalidade, ineditismo, exclusividade e responsabilidade

A revista Movimento publica trabalhos originais e avalia aqueles que não estejam em processo de avaliação simultaneamente em outra revista.

Caso o artigo seja um produto (desdobramento, continuação, aprofundamento) de outro produto publicado em meio impresso ou eletrônico (por exemplo, uma tese/dissertação disponível num repositório, texto publicado em anais de congresso ou um capítulo de livro), a autoria deverá indicar a referência dessa publicação para o conhecimento da editoria. Essa indicação ocorrerá no documento

“Declarações e especificações da autoria”, explicitado no item 3.6 abaixo. Mesmo diante dessa informação, ao receber as submissões, antes de iniciar o processo de avaliação por pares, a Editoria da revista Movimento fará a verificação de similaridade do manuscrito em relação a outros produtos publicados.

A autoria assume a responsabilidade por opiniões/conceitos emitidos em artigos assinados e matéria transcrita. Se for o caso de utilização, na composição do manuscrito, de ilustrações cujos direitos autorais pertencem a terceiros, a autoria assume a responsabilidade pela autorização de uso.

Em caso de constatação ou de questionamentos acerca da inobservância desses aspectos, a autoria será solicitada a fornecer informações para o exame e encaminhamento da Comissão Editorial.

3.2 Licença de direitos autorais (CC BY 4.0)

A revista Movimento adota a licença *Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)* para os trabalhos aprovados e publicados. Isso significa que os/as autores/as:

- mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação; e
- têm o direito de compartilhar (copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato) e adaptar (remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial).

Mais informações em: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

3.3 Transparência na Atividade Científica

Preocupada com parâmetros de transparência científica, a revista estabelece como procedimento obrigatório que a autoria do artigo que está sendo submetido declare a existência ou não de conflito de interesses. Mesmo julgando não haver conflito de interesses, a autoria deverá declarar essa informação.

Nesse mesmo sentido, a revista estabelece como procedimento obrigatório que a autoria aponte a(s) fonte(s) de financiamento da pesquisa, caso esta tenha recebido recursos de órgãos de fomento. Deve-se incluir informações de qualquer auxílio financeiro recebido. Por exemplo, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a partir da Portaria 206/2018, coloca como obrigatória a referência a ela, para os casos em que tenha financiado integral ou parcialmente a pesquisa. [Clique aqui para acessar a referida portaria.](#)

Por fim, também estabelece como procedimento obrigatório que a contribuição de cada um dos autores seja declarada e especificada. Para tanto, sugerimos a Taxonomia de Funções do Colaborador (*Contributor Roles Taxonomy - CRediT*), que traz orientações de 14 funções, que podem ser usadas para representar os papéis normalmente desempenhados pelos colaboradores da produção científica acadêmica. Essa taxonomia está disponível em: <https://casrai.org/credit/>

As declarações e especificações mencionadas acima serão registradas no documento “Declarações e especificações da autoria” explicitado no item 3.6 abaixo.

3.4 Integridade e ética em pesquisas com seres humanos

A revista Movimento adota como parâmetros de Integridade na Atividade Científica o Guia de Integridade em Pesquisa Científica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (disponível em: <http://www.ufrgs.br/propesq1/propesq/wp-content/uploads/2020/06/guia-para-integridade-em-pesquisa-cientifica.pdf>), as resoluções 466/12 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (disponíveis em: <http://www.ufrgs.br/cep/resolucoes>), quando se tratarem de pesquisas realizadas com seres humanos, e os princípios contidos nos Códigos de Ética do *Committee on Publication Ethics* (COPE, disponível em: <http://www.publicationethics.org/>).

Para as pesquisas realizadas em território brasileiro, a autoria deverá indicar o número registrado na Plataforma Brasil e a instituição de vínculo do CEP e, para as pesquisas realizadas em outros países, a autoria deverá indicar o registro equivalente no país de origem do artigo. Caso a pesquisa não tenha sido apreciada e aprovada em CEP, a autoria deverá declarar que todos os procedimentos éticos que constam nas referidas resoluções foram integralmente contemplados. Essa declaração será registrada no documento “Declarações e especificações da autoria”, explicitado no item 3.6 abaixo.

3.5 Taxa de publicação (após aprovação do trabalho)

A Revista Movimento cobra uma taxa de publicação para cobrir parte dos seus custos operacionais, devido ao declínio do financiamento público no Brasil:

- **R\$ 500,00 (quinhentos reais)** para pagamento realizado dentro da América Latina;
- **US\$ 150.00 (cento e cinquenta dólares)** para pagamento realizado fora da América Latina.

Uma vez aprovado o manuscrito, o/a autor/a receberá um e-mail com instruções sobre o pagamento (item 6.1, fase 3). Assim que o pagamento da taxa for confirmado, o manuscrito seguirá para a próxima etapa do fluxo editorial.

3.6 Declarações e especificações da autoria

Em face das definições e procedimentos apontados nas subseções acima (3.1 a 3.5), a autoria deverá, obrigatoriamente, assinar e submeter juntamente com o artigo o documento DECLARAÇÕES E ESPECIFICAÇÕES DA AUTORIA. [Para fazer o download desse documento, preenchê-lo e assiná-lo, CLIQUE AQUI.](#) É obrigatória a assinatura de todos(as) os(as) autores(as) do trabalho, podendo isso ocorrer através de assinatura digital.

Na perspectiva da integridade e transparência na atividade científica, em caso de aprovação do trabalho, as informações constantes na referida declaração (aquelas que se aplicam ao artigo submetido e

avaliado) serão incorporadas na versão final do manuscrito a ser publicado, numa seção intitulada "notas editoriais".

4 ESTRUTURAÇÃO E FORMATAÇÃO DOS MANUSCRITOS

Nesta seção são apresentadas informações sobre elementos obrigatórios de estruturação e de formatação dos manuscritos que serão submetidos. Os trabalhos que não atenderem a essa estrutura serão devolvidos aos(as) autores(as), sem avaliação de mérito, conforme o procedimento descrito na subseção 6.1 abaixo (fase 1).

4.1 Estruturação e tamanho do manuscrito

É obrigatório o uso do TEMPLATE (arquivo padrão) para a estruturação e formatação do artigo. [CLIQUE AQUI](#) para fazer o *download* desse arquivo padrão.

Os artigos deverão ser redigidos em Arial 12, espaço 1,5 e **não devem exceder 6.000 palavras**, incluindo os títulos, resumos, palavras-chave em 3 idiomas (utilize Ferramentas; contar palavras). **As referências bibliográficas não contam no tamanho do artigo.** Utilizar *itálico* somente para palavras estrangeiras e nas expressões *et al.* e *In:*.

O título do manuscrito deve ser simples, conciso e claro. Recomenda-se evitar título com mais de 15 palavras, ponto final, vírgulas, abreviações, aspas, tons irônicos. Considerando que a revista Movimento tem uma amplitude internacional, essas estratégias podem dificultar na recuperação do artigo pelos motores de busca das bases de dados e no entendimento pelos leitores não nativos.

A critério da Comissão Editorial, os trabalhos de autores(as) convidados(as) para as seções *Em Foco* e *Temas Polêmicos* poderão exceder o número de palavras indicado acima.

4.2 Composição do texto propriamente dito

A revista Movimento utiliza as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) referentes à apresentação de artigos em publicações periódicas (NBR 6022/2003), referências (NBR 6023/2018), resumo (NBR 6028/2018), apresentação de citações em documentos (NBR 10520/2002) e numeração progressiva das seções de um documento (6024/2003), bem como a norma de apresentação tabular do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Assim, a composição dos textos deve estar de acordo com esse conjunto de normas.

4.2.1 Ilustrações (fotografias, desenhos, gráficos, etc.).

As ilustrações devem ser inseridas no corpo do texto, numeradas consecutivamente em algarismos arábicos e citadas como FIGURA, com título na parte superior e fonte na parte inferior, conforme exemplos [disponíveis no TEMPLATE](#). As ilustrações devem permitir uma perfeita reprodução e devem

atender ao padrão do artigo no quesito fonte e tamanho da fonte. As ilustrações devem estar com resolução entre 200 e 300 dpi.

As ilustrações cujos direitos autorais pertençam a terceiros, para integrar o manuscrito submetido, devem ser expressamente autorizadas por estes, obedecendo aos dispositivos da [Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998](#). A autoria deve estar ciente das sanções previstas nessa lei em caso de violações.

Além de constarem no corpo do texto, as ilustrações, especificamente as fotografias e desenhos gráficos, devem ser enviados no processo de submissão como documento "Ilustrações" (selecionar essa opção na caixa de opções).

4.2.2 Tabelas e quadros

As tabelas e quadros devem constar no corpo do texto, ser numeradas consecutivamente com algarismos arábicos e encabeçadas por seu título e devem atender ao padrão do artigo no quesito fonte e tamanho da fonte, conforme exemplos [disponíveis no TEMPLATE](#). **Devem se restringir ao mínimo necessário e deve ser citada a fonte.** Na edição final do artigo os(as) revisores(as) poderão aconselhar alterações na quantidade e tamanho das tabelas a fim de se manter o padrão da revista. **As tabelas e quadros não podem ser inseridos no formato de imagem em hipótese nenhuma, pois o seu conteúdo faz parte da contagem de palavras.**

4.3 Referências

As referências são os documentos citados no texto conforme a NBR 6023/2018. Ao final do manuscrito deve constar a lista de referências ordenada alfabeticamente, alinhada à margem esquerda e colocada ao final do artigo, citando as fontes utilizadas, sob o título **REFERÊNCIAS**, este alinhado ao centro. **A autoria deve apresentar sobrenome e prenome completo.** Para melhor compreensão e visualização, [CLIQUE AQUI PARA ACESSAR ORIENTAÇÕES E EXEMPLOS DE REFERÊNCIAS de diversos tipos de materiais](#).

4.4 Ausência de identificação da autoria

Na composição do texto/arquivo para submissão, a autoria deve suprimir todas as informações que possibilitem a sua identificação, questão essa fundamental para preservar o seu anonimato e, assim, assegurar o procedimento de avaliação cega. Nesse sentido, orientamos para que:

1. o texto submetido não contenha elementos que identifiquem a autoria (por exemplo: o título de um projeto, de uma pesquisa, de uma instituição, de um grupo de estudo/pesquisa ou laboratório, número do registro do parecer do Comitê de Ética ou referência bibliográfica).
2. o arquivo não contenha dados de membros da autoria nas suas propriedades. No caso da utilização do *software* Microsoft Word, apresentamos um tutorial para suprimir tais informações. [Clique aqui para acessar esse tutorial de limpeza dos metadados nas propriedades do arquivo](#).

5 SUBMISSÃO DO TRABALHO NA PLATAFORMA ELETRÔNICA

Os artigos devem ser enviados exclusivamente em formato digital através da plataforma eletrônica disponível no seguinte endereço: [Enviar Submissão](#).

Para iniciar um processo de submissão o(a) autor(a) que realiza o processo deverá ter um cadastro na Plataforma da revista Movimento. Caso já tenha, basta acessá-lo (com seu login e senha) para iniciar o registro, clicando no botão "Nova submissão".

Para aqueles(as) autores(as) que não têm um cadastro será necessário realizá-lo, clicando no link "[Cadastro](#)". Os passos e orientações para efetivar o novo cadastro são:

1. Recomendamos iniciar o processo autorizando o vínculo do cadastro na [plataforma ORCID](#) com o a conta que está sendo criada na plataforma da revista Movimento. Para isso, clicar no botão "Criar ou Associar o seu ORCID", realizar seu login na plataforma ORCID e autorizar o acesso. A partir disso, alguns dados já serão preenchidos automaticamente no novo cadastro que está sendo criado.
2. Preencher os campos de "Nome Próprio" e "Sobrenome". Fazendo isso por extenso apenas com a letra inicial maiúscula.
3. Preencher o campo "Instituição/Afiliação". Esse registro deve ser realizado na seguinte ordem de composição: Nome da Universidade, Nome da unidade/departamento da instituição, Cidade, Estado. [Exemplo: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), Porto Alegre, RS]. Não colocar ponto final depois do dado sobre o Estado, nem o país. Esse campo é considerado obrigatório.
4. Preencher o campo "país", utilizando a lista gerada pelo sistema.
5. Preencher o campo "e-mail" de contato. É importante registrar um endereço atualizado e conferir os caracteres digitados, pois esse é o principal meio de comunicação nos processos editoriais.
6. Registrar um nome de "usuário" (login) e uma senha.
7. Por fim, são apresentadas duas opções para registro de concordância. É importante que seja realizada a leitura da declaração de privacidade e que nos seja possível enviar notícias ou informações sobre novas publicações.
8. Concluir o processo, clicando no botão "Cadastrar".

Após o acesso ao cadastro pelo(a) autor(a) e o clique no link "Nova submissão", será iniciado um processo de 5 passos. Para os registros nesses passos apresentamos uma série de orientações, várias delas obrigatórias. São elas:

5.1 Passo 1: Indicar seção, idioma, aceitar condições, assinar declaração de direitos autorais

O início da submissão ocorrerá pela indicação e registro do idioma (podendo ser "português", "inglês", "espanhol" ou "francês") e da seção ("artigos originais" ou "ensaios" para o fluxo contínuo e aberto).

Na sequência, o(a) autor(a) que faz o cadastro da submissão, em nome dos(das) demais colaboradores(as) (se for o caso), deverá afirmar a conformidade da submissão em relação aos itens abaixo (Condições para submissão).

1. O texto está adequado ao escopo da revista Movimento, isto é, aborda temas relacionados à Educação Física, no que tange aos seus aspectos pedagógicos, históricos, políticos e culturais;

- problematiza o fenômeno e o tema investigado tendo como fundamentos teóricos, metodológicos, analíticos e interpretativos aqueles oriundos das Ciências Humanas e Sociais.
2. A presente submissão não fere nenhuma das 4 delimitações previstas na seção 2 das diretrizes: 1. no máximo, dois trabalhos da mesma autoria ou coautoria por ano; 2. avalia simultaneamente até 2 artigos do mesmo autor/coautor; 3. não aceita submissões de manuscritos que tratem da validação de instrumentos; e 4. não aceita submissões de manuscritos baseados no formato de entrevista.
 3. Todos os(as) autores(as) envolvidos(as) assinaram o [documento DECLARAÇÕES E ESPECIFICAÇÕES DE AUTORIA](#), no qual constam registros formais de acordos, de especificações, de direitos e de responsabilidades relativas à produção e à publicação do manuscrito.
 4. A estruturação e a formatação do texto que está sendo submetido [foram realizadas a partir do TEMPLATE DISPONÍVEL](#) e consideram os elementos obrigatórios descritos nas normas no que diz respeito à composição do texto, à apresentação das referências e à inserção de ilustrações, tabelas e quadros (se for o caso).
 5. Na composição do manuscrito que está sendo submetido, a autoria teve o cuidado de suprimir todas as informações que possibilitem a sua identificação, questão essa fundamental para preservar o seu anonimato e, assim, assegurar o procedimento de avaliação cega. Esse cuidado foi tomado tanto em relação “ao texto” como às “propriedades do arquivo”.
 6. A autoria está ciente de que uma vez aceito o trabalho será solicitado, através de e-mail enviado pela Editoria Executiva, o comprovante de pagamento da taxa de publicação.

Observados os requisitos da submissão, o/a autor/a que realiza a submissão, caso entenda necessário, poderá apresentar comentários ao(à) editor(a) que coordenará/conduzirá o processo avaliativo.

Após observados os itens acima, em nome dos(as) demais colaboradores(as) (se for o caso), o(a) autor(a) que faz o cadastro deverá registrar/reafirmar sua concordância numa declaração de direitos autorais, o que ocorrerá em face da adoção da licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](#). Também deverá registrar sua concordância em ter os dados coletados e armazenados de acordo com a declaração de privacidade.

5.2 Passo 2: Transferência do manuscrito

O segundo passo da submissão envolve **a transferência (*upload*) do arquivo que será avaliado por pares** (aquele que atenda ao conjunto de elementos descritos nas seções anteriores destas diretrizes, [seguindo o template](#), e não contenha elementos de identificação da autoria).

Inicialmente deverá clicar no link “Enviar arquivos”. Abrirá uma página para carregar esses arquivos.

- O primeiro arquivo a ser anexado é o do artigo, selecionando a opção “Texto do artigo”.

Observar/registrar os metadados do arquivo e clicar em “Enviar novo arquivo”.

- Abrirá uma nova página de envio de arquivo. Nessa página deve ser, obrigatoriamente, anexado o documento “Declarações e especificações de autoria”, devidamente assinado por todos os/as colaboradores/as, no formato PDF. [Clique aqui para fazer o download](#) do documento a ser preenchido e assinado. Observar/registrar os metadados do arquivo e clicar em “Enviar novo arquivo” (se necessário) ou “Finalizar” caso seja o último arquivo.

- Caso a composição do manuscrito envolva a presença de ilustrações (fotografias, gráficos de imagens, esquemas ou outras ilustrações), além de constarem no arquivo do texto e declaração, devem ser

anexadas cada uma delas. Selecionar a opção “Ilustrações” e seguir o processo de *upload*.

Observar/registrar os metadados do arquivo e clicar em “Enviar novo arquivo” (se necessário) ou em “Finalizar” caso seja o último arquivo.

- Se houver arquivos relacionados a materiais e processos da pesquisa que a autoria considerar importante apresentar no fluxo de avaliação (Exemplo: tabelas, quadros, bancos de dados, instrumentos de pesquisa, documento de aprovação em Comitês de Ética, autorização de uso de imagem, etc.), selecionar a opção “Outros” e seguir o processo de *upload*. Observar/registrar os metadados do arquivo e clicar em “Finalizar”.

5.3 Passo 3: Inserir metadados

No terceiro passo da submissão, o(a) autor(a) que realiza o cadastro deverá registrar um conjunto de metadados que identificam o trabalho e, depois, a autoria. No caso dos metadados do trabalho:

- Inserir os títulos do trabalho em 3 idiomas (podendo ser “português”, “inglês”, “espanhol” ou “francês”). O título do manuscrito deve ser simples, conciso e claro. Recomenda-se evitar título com mais de 15 palavras, ponto final, vírgulas, abreviações, aspas, tons irônicos. O texto do título deve ser registrado em CAIXA ALTA. Nesse registro dos títulos em 3 idiomas, observar que existem diferentes campos para inserir as informações: “prefixo”, o “título principal” e o “subtítulo”.
- Inserir o resumo informativo do trabalho em 3 idiomas (podendo ser “português”, “inglês”, “espanhol” ou “francês”). Apresentar ao leitor os objetivos, metodologia, resultados e conclusões do artigo, de tal forma que possa dispensar a consulta ao original. Deve ser constituído de uma sequência de frases concisas e objetivas, **não ultrapassando 150 palavras**.

Na sequência, se for o caso, devem ser registrados os dados de todos(as) os(as) coautores(as), levando em consideração as seguintes orientações. Clicar em “Incluir coautor”:

- Preencher os campos “Nome” e “Sobrenome”, fazendo isso **por extenso apenas com a letra inicial maiúscula**. Não é necessário preencher essas informações em 3 idiomas.
- Não preencher o campo de “Pronome de tratamento” (**deixar em branco**);
- Inserir “e-mail” de contato. É importante registrar **um endereço atualizado** e conferir os caracteres digitados, pois esse é o principal meio de comunicação nos processos editoriais;
- Inserir país, utilizando a lista gerada pelo sistema. **Campo considerado obrigatório**.
- Inserir link ORCID gerado pela plataforma, disponível no endereço: <https://orcid.org/my-orcid>. **O preenchimento desse campo é obrigatório**. Portanto, todos(as) os(as) autores(as) que serão incluídos(as) devem realizar registros na referida plataforma e, a partir disso, terem seus IDs (*links*) para o preenchimento do campo.
- Registrar a “Instituição” que se refere a afiliação do(a) autor(a). Esse registro **deve ser realizado, obrigatoriamente, na seguinte ordem de composição**: Nome da Universidade, Nome da unidade/departamento da instituição, Cidade, Estado. [Exemplo: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), Porto Alegre, RS]. Não colocar ponto final depois do dado sobre o Estado, nem o país. **Esse campo é considerado obrigatório**.

- Preencher o campo "Resumo da Biografia" com dados da trajetória acadêmica e profissional do(a) autor(a). É de grande relevância que essas informações estejam disponíveis e atualizadas, pois elas serão visualizadas no momento que os(as) leitores(as) acessam o trabalho.
- No cadastrado de coautores, o(a) autor(a) que realiza a submissão poderá indicar outro(a) colaborador(a) para ser o "contato principal de correspondência". O padrão do sistema automaticamente indica o(a) autor(a) que realiza a submissão como "contato principal".
- É importante deixar "ativa" (marcado) a opção "Incluir este autor em lista de navegação", pois isso possibilita que ele(a) seja listado no momento de visualização do trabalho pelos(as) leitores(as).
- Deixar marcada a opção "Enviar e-mail para solicitar a autorização ORCID do(a) contribuidor(a)". Dessa forma, o sistema enviará uma mensagem para o(a) coautor(a), solicitando a autorização do vínculo do cadastro na plataforma ORCID com o cadastro do artigo na plataforma de Periódicos da UFRGS.

Esses itens acima devem ser considerados (especialmente aqueles indicados como obrigatórios) para todos(as) os(as) coautores(as). Para incluir um(a) novo(a) coautor(a), clique no botão "Incluir coautor".

Após o registro dos(as) coautores(as) será necessário preencher informações adicionais:

- Inserir palavras-chave do trabalho em 3 idiomas (podendo ser "português", "inglês", "espanhol" ou "francês"), estas constituídas de **até 4 termos** que identifiquem o assunto do artigo, separadas por ponto. Para isso, recomenda-se utilizar os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Disponível em: <https://decs.bvsalud.org/>. **Este campo é de registro obrigatório.**
- Se for o caso, inserir dados de apoio de "Agências de fomento", isto é, de organizações que contribuíram ou ofereceram apoio financeiro para o trabalho.
- Inserir a lista completa de referências do trabalho, em ordem alfabética, de acordo com a NBR 6023/2018 da ABNT. **Este campo é de registro obrigatório.**

Concluídos os registros dos dados do trabalho, da autoria e das informações complementares, clicar no botão SALVAR E CONTINUAR para avançar no processo de submissão.

5.4 Passo 4: Confirmação

Neste momento serão apresentadas duas opções para o(a) autor(a) que realiza a submissão:

- poderá voltar para ajustar informações já fornecidas, navegando pelo menu superior (dos 3 passos anteriores);
- finalizar a submissão, enviando-a para a editoria responsável pela fase de habilitação (ver item 6.1 abaixo).

Quando o(a) autor(a) que realiza a submissão entender que todos os dados estão adequados, deve clicar "Finalizar Submissão".

5.5 Passo 5: Próximos passos

08/04/2024, 02:21

Submissões | Movimento

Finalizada a submissão, uma mensagem de confirmação será enviada para o e-mail do(a) autor(a) que realizou o processo. Ao mesmo tempo, a equipe editorial será comunicada, para que possa iniciar os procedimentos de avaliação. Esses procedimentos estão detalhadamente descritos abaixo (item 6).

Após realizada essa operação, a autoria pode acompanhar a situação da submissão acessando o sistema.

Qualquer dúvida, entrar em contato através do e-mail: editoriaexecutivamovimento@ufrgs.br.

6 PROCEDIMENTOS E CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO E PUBLICAÇÃO DOS TRABALHOS SUBMETIDOS

Serão selecionados para publicação na revista Movimento aqueles trabalhos que, diante do processo avaliativo descrito abaixo, manifestarem qualidade e relevância em nível consoante ao do periódico.

6.1 Processo avaliativo

O processo avaliativo dos trabalhos submetidos à revista Movimento compreende 3 fases:

Fase 1 – Avaliação da submissão (habilitação)

Ao observar a submissão de um trabalho a Comissão Editorial desenvolve uma primeira fase de apreciação do manuscrito, o que envolve verificar:

- se o(a) mesmo(a) autor(a) e coautor(a) não tem até 2 artigos em avaliação. Caso esse limite seja extrapolado, a(s) nova(s) submissão(ões) será(ão) arquivada(s) sem apreciação de mérito.
- se o trabalho não trata de validação de instrumentos ou está baseado em formato de entrevistas, pois a revista não está aceitando esses manuscritos.
- se há correspondência da proposta de publicação com o escopo do periódico, cujas informações estão disponíveis na seção "[FOCO E ESCOPO](#)". A Comissão Editorial se reserva o direito de decidir sobre o enquadramento ou não do trabalho no escopo do periódico.
- se elementos obrigatórios da estruturação e da formatação estão atendidos, tendo em vista as orientações disponíveis na seção 4 destas diretrizes e [no arquivo de TEMPLATE](#).
- a ausência de elementos que identifiquem a autoria, seja no texto ou nas propriedades do arquivo, conforme orientações num tutorial que pode ser acessado [clikando aqui](#).
- se foi realizado o envio [das DECLARAÇÕES E ESPECIFICAÇÕES DA AUTORIA](#), cujo arquivo-modelo pode ser baixado [clikando aqui](#). A declaração deve ser assinada por todos(as) os(as) autores(as).

- se foi realizado o envio das ilustrações (fotografias, gráficos de imagens, esquemas ou outras ilustrações) que constam no texto do artigo.

Caso sejam observados problemas quanto a esses itens, os(as) autores(as) serão informados(as) sobre a impossibilidade de continuidade da avaliação. Nesse momento a Editoria Executiva solicitará os ajustes ou complementos necessários, estipulando um prazo para entrega.

Fase 2 – Avaliação pelos pares (mérito científico):

A submissão que passa pela fase 1 **estará habilitada e apta** a seguir no processo avaliativo. Nesse processo, as etapas são as seguintes:

- Designação de um(a) editor(a) de seção que assume, em conjunto com a Comissão Editorial, a responsabilidade de coordenação do fluxo de avaliação.
- Verificação da similaridade do manuscrito submetido com outros produtos publicados e disponíveis, fazendo isso através de *softwares* antiplágio.
- Designação de, no mínimo, 2 avaliadores(as) (*peer review*) para emitirem pareceres, solicitando-lhes que respondam no prazo máximo de 3 semanas.
- Revisão dos manuscritos pelos(os) avaliadores(as) designados, que deverão considerar os 6 aspectos balizadores pontuados abaixo:
 1. **Originalidade/ineditismo/pertinência:** se o tema e os propósitos do trabalho abordam questões relevantes para a área de estudo, com ineditismo e pertinência. Se contextualiza uma lacuna de conhecimentos e produz resultados que representam avanços. Se contribui para novas reflexões ou questionamentos na área.
 2. **Coerência:** se o trabalho apresenta uma argumentação lógica, concatenada com o referencial teórico-metodológico adotado. Se apresenta claramente os objetivos e desenvolve esforços coerentes no sentido de atingi-los. Se chega a conclusões condizentes com o processo argumentativo e com os propósitos.
 3. **Consistência:** se o manuscrito denota capacidade de convencimento em nível equivalente às produções já existentes sobre o tema. Se os enunciados são suficientemente fundamentados a ponto de confrontar argumentações contrárias e se sustentarem.
 4. **Objetivação/força de convencimento:** se o trabalho consegue apreender elementos constitutivos do fenômeno estudado. Se as análises trazidas são suficientes para captar, apresentar e convencer sobre a verossimilhança dos resultados a respeito do fenômeno.
 5. **Registro linguístico e normas técnicas:** se o registro textual demonstra domínio da língua escrita formal. Se as determinações de normas técnicas adotadas pela revista estão contempladas.
 6. **Ética de pesquisa e publicação:** se a pesquisa segue os padrões consensuais de ética de pesquisa nas investigações em interface com as Ciências Sociais e Humanas. Se a publicação atende às diretrizes básicas para a integridade na atividade científica.
- Diante dos pareceres emitidos, em caso de divergências, imprecisões ou incompletudes, os(as) editores(as) de seção podem designar outros(as) avaliadores(as) com o intuito de reunir mais informações sobre o trabalho, tendo em vista os aspectos norteadores adotados. Esses(as) novos(as)

colaboradores(as) também terão o prazo de 3 semanas para se manifestarem. Com base nas recomendações e pareceres dos(as) avaliadores(as) envolvidos(as), o(a) editor(a) responsável apresenta uma proposta de decisão à Comissão Editorial, que, por sua vez, delibera sobre a situação do trabalho. As situações possíveis são:

- **Aprovar o trabalho para a publicação.**
- **Solicitar correções, modificações ou complementações aos autores.**
- **Rejeitar o trabalho para a publicação.**

- Caso a deliberação seja a de solicitação de correções, modificações ou complementações, não significa que o trabalho está aceito, mas que novas rodadas de avaliação poderão ser solicitadas. A autoria será comunicada da decisão de correções, modificações ou complementações e terá o prazo de 15 dias para a manifestação e postagem da nova versão do trabalho juntamente com suas argumentações a respeito das demandas, caso entenda necessário. Isso ocorrendo, o manuscrito seguirá para uma nova rodada de avaliação, na qual os(as) pareceristas envolvidos(as), preferencialmente aqueles(as) que apontaram demandas, serão novamente consultados(as). Para isso, eles(as) terão o prazo de 3 semanas para verificar o atendimento das questões indicadas. Nessas novas rodadas, caso seja necessário, o(a) editor(a) de seção poderá ainda designar outro(a) parecerista, que também terá 3 semanas de prazo para exarar um parecer consolidado.

- Uma vez concluídas todas as rodadas, **com base no conjunto das recomendações e pareceres dos(as) avaliadores(as) envolvidos(as)**, o(a) editor(a) de seção apresenta uma proposta de decisão à Comissão Editorial, que, por sua vez, delibera sobre a situação final da submissão, que poderá ser de aceitar ou de rejeitar.

Fase 3 – Avaliação final de normas, metadados e descritores

O trabalho aprovado para publicação segue para a fase de edição, na qual ele será preparado para a publicação, o que envolve as seguintes etapas:

- A taxa de publicação deverá ser paga pelo(a) autor(a) conforme indicado no item 3.5. A Editorial Executiva enviará um e-mail com instruções sobre como efetuar o pagamento. Uma vez confirmado o pagamento, o manuscrito seguirá para as próximas etapas.
- Revisão das normas bibliográficas (citações, referências, formatação de textos, ilustrações, quadros e tabelas). Nessa fase, a Comissão Editorial se reserva o direito de proceder à revisão gramatical dos textos e fazer correções, desde que não alterem o conteúdo.
- Revisão dos descritores do artigo e dos metadados, prezando pela correspondência entre as informações que constam no arquivo do texto e as registradas na plataforma SEER.
- Após essas duas revisões, os textos são encaminhados aos(as) autores(as) para leituras e possíveis correções, até que uma versão final seja aprovada. Diante das solicitações, os(as) autores(as) têm o

08/04/2024, 02:21

Submissões | Movimento

prazo de 15 dias para se manifestarem e postarem a versão final do trabalho na plataforma. Na sequência, os artigos serão encaminhados para a diagramação e publicação.

- Não havendo manifestação dos(as) autores(as) no prazo estipulado, os artigos serão arquivados.

6.2 A revista Movimento estimula a publicação de versões em língua inglesa

A revista Movimento manifesta interesse e estimula os autores e autoras a publicarem os artigos aprovados em português/espanhol também na versão em língua inglesa. O objetivo principal é a maior visibilidade e trânsito da produção científica da área da Educação Física em outros países; e por ser esta uma exigência das bases internacionais, nas quais a Movimento está indexada.

Salientamos que a versão a ser traduzida para o inglês deve ser a última, ou seja, aquela aprovada pela Comissão Editorial na versão em português/espanhol e considerada pronta para ser publicada. Adicionalmente, destacamos que as despesas decorrentes desta tradução correrão por conta da autoria, e que a versão em língua inglesa apresentada deverá atender o mesmo padrão de qualidade da versão em língua portuguesa/espanhola, do contrário, a Movimento se reserva o direito de publicar somente a versão em língua portuguesa/espanhola previamente aprovada. Recomendamos as empresas que constam abaixo.

SUGESTÕES DE SERVIÇOS

VERSO TRADUTORES.

A/C de Roberto Cataldo

roberto@verso.com.br (51)99238-0009

PUBLICASE COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

<https://www.publicase.com.br/artigo-cientifico/traducao-revisao-critica-e-estrategica>

ENAGO

<https://www.enago.com.br/servico-de-revisao.htm>

SCIENTIFIC LANGUAGE

<http://www.scientific.com.br>

SIM TRADUÇÕES E SIMULTÂNEAS

<https://simsimultaneas.com.br/#services>

TERRALÍNGUA

<https://www.terralingua.com.br/?ln=pt>

Artigos Originais

08/04/2024, 02:21

Submissões | Movimento

Seção dedicada a trabalhos resultantes de pesquisa científica apresentando dados originais e achados que tenham relação com aspectos experimentais e/ou observacionais de característica filosófica, histórica, sociocultural e pedagógica, que inclua análise descritiva e/ou inferências sustentadas em dados próprios. Sua estrutura deve atender a um formato reconhecido na área de conhecimento específica (Educação Física na interface com as Ciências Humanas e Sociais) e deve conter seções e subseções que guardem relação com os seguintes itens: Introdução; Bases Teóricas; Decisões Metodológicas; Análise; Discussão; Conclusão.

Ensaaios

Seção destinada a textos artigos de revisão e/ou reflexão teórico-conceitual sobre um determinado tema escritos a partir da experiência autoral do(a) ensaísta que problematize as compreensões já consolidadas no campo científico e aponte interpretações ainda não vislumbradas, sem necessariamente recorrer à revisão de literatura ou à produção de empiria.

Declaração de Direito Autoral

A revista Movimento adota a licença *Creative Commons* **Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)** para os trabalhos aprovados e publicados. Isso significa que os/as autores/as: mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação; e têm o direito de compartilhar (copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato) e adaptar (remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial).

Política de Privacidade

Os nomes e endereços de e-mail neste site serão usados exclusivamente para os propósitos da revista, não estando disponíveis para outros fins. Todos os direitos reservados. Qualquer parte desta publicação poderá ser reproduzida para fins acadêmicos desde que citada a fonte.

Edição Atual





Informações

Para Leitores

08/04/2024, 02:21

Submissões | Movimento

[Para Autores](#)[Para Bibliotecários](#)[Open Journal Systems](#)**Idioma**[English](#)[Español \(España\)](#)[Português \(Brasil\)](#)**FATOR DE IMPACTO:****Fator de impacto (FI) no Journal of Citation Reports (JCR) 2022:** 0.6**Fator de impacto (FI) 5 Year:** 0.5**SCOPUS:****SCImago Journal Rank (SJR) 2022:** 0.233**GOOGLE SCHOLAR:****Índice h5:** 20**Mediana h5:** 27**CONCEITO QUALIS-CAPES:**[Clique aqui para consultar](#) na Plataforma Sucupira da CAPES.[Enviar Submissão](#)**Mais lidos**

A ANÁLISE DE CONTEÚDO COMO FORMA DE TRATAMENTO DOS DADOS NUMA PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

 853

O "ESPORTE NA ESCOLA" E O "ESPORTE DA ESCOLA": DA NEGAÇÃO RADICAL PARA UMA RELAÇÃO DE TENSÃO PERMANENTE - UM DIÁLOGO COM VALTER BRACHT

 740

GUIA PARA ESTUDOS DE REVISÃO SISTEMÁTICA: UMA OPÇÃO METODOLÓGICA PARA AS CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

08/04/2024, 02:21

Submissões | Movimento

👁 566

O Modo de Produção: Categoria do Materialismo Histórico

👁 403

A PSICOCINÉTICA DE JEAN LE BOULCH E O CONHECIMENTO DO CORPO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

👁 355

Platform &
workflow by
OJS / PKP

Anexo D -. Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa

UFPEL - ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PELOTAS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MEMÓRIAS DO HANDEBOL NO GINÁSIO DESPORTIVO RONALD DA SILVA CARVALHO DA ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO MARANHÃO ETFM (1970-1980)

Pesquisador: Pedro Rodrigues Curi Hallal

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 57920121.5.0000.5313

Instituição Proponente: Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.682.666

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, cujo problema central consiste em responder às seguintes questões: qual foi a trajetória do handebol no ginásio de desporto professor Ronald de Carvalho da ETF/MA e a quais demandas essa trajetória respondeu? Quais foram as suas contribuições e ações mais efetivas no campo esportivo maranhense, brasileiro, mundial e olímpico?

Para a coleta de dados não probabilísticos, serão realizadas vinte entrevistas com ex atletas, professores, técnicos e dirigentes que atuaram com handebol no ginásio nos anos de 1970 a 1980, destinadas a recolher depoimentos dos mesmos sobre a trajetória da modalidade desportiva no ginásio. Esta metodologia vista como ferramenta de coleta de dados e técnica de produção de documentos históricos, neste estudo, permitirá a utilização de equipamentos de áudio e vídeo com os entrevistados. No momento das entrevistas serão apresentados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Autorização de Uso da Imagem e Depoimentos, conforme a Resolução nº 466, de 2012 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012). Quanto à guarda dos dados coletados nas entrevistas serão gravados e somente o pesquisador terá acesso à gravação e ficará sob sua custódia o armazenamento da mesma. O período de guarda de ambos os arquivos, o áudio digital quanto da transcrição digital e impressa será de cinco anos após finalização do estudo, com o término desse período o material será

Endereço: Luis de Camões, 625 prédio da direção da ESEF sala do CEP ESEF s/n ao lado da sala da recepção
Bairro: Tablada **CEP:** 96.055-630
UF: RS **Município:** PELOTAS
Telefone: (53)3284-4332 **E-mail:** etica.esef@ufpel.edu.br

**UFPEL - ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PELOTAS**



Continuação do Parecer: 5.682.666

destruído e/ou doados ao Centro de Memória da IFMA/UFMA, com a devida autorização dos entrevistados. O projeto será encaminhado para aprovação ao Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL e será iniciado quando houver liberação por parte deste órgão. As entrevistas serão realizadas nas residências dos entrevistados, conforme agenda pré-estabelecida pelos colaboradores. Na coleta dos dados, todos os cuidados serão tomados para a COVID – 19, uso de ambientes arejados, mantendo o distanciamento, utilização de álcool gel, máscara e outros.

Objetivo da Pesquisa:

Investigar as memórias do handebol do ginásio desportivo Ronald da Silva Carvalho da ETFMA de São Luís - MA (1970 -1980).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A pesquisa apresenta riscos mínimos de constrangimento aos participantes. Possíveis desconfortos podem ser cansaço durante a entrevista. A participação neste estudo será voluntária e poderá ser interrompida, retomada em outro momento ou abandonada a qualquer tempo.

Benefícios:

Os resultados serão incorporados ao conhecimento científico, a memória e a história do handebol maranhense e ao Centro de Memória do IFMA, e posteriormente a situações de ensino-aprendizagem/treinamento do handebol no estado do Maranhão).

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa qualitativa referente a um projeto de tese de doutorado. Apresenta metodologia clara e compatível com o objetivo do trabalho.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos adequados

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Foram realizadas todas as adequações solicitadas. Projeto aprovado sem pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Prezado(a) Pesquisador(a)

Endereço: Luis de Camões, 625 prédio da direção da ESEF sala do CEP ESEF s/n ao lado da sala da recepção
Bairro: Tablada **CEP:** 96.055-630
UF: RS **Município:** PELOTAS
Telefone: (53)3284-4332 **E-mail:** etica.esef@ufpel.edu.br

**UFPEL - ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PELOTAS**



Continuação do Parecer: 5.682.666

O CEP considera o protocolo de pesquisa adequado, conforme parecer APROVADO, emitido pelo(a) relator(a). Solicita-se que o(a) pesquisador(a) responsável retorne com o RELATÓRIO FINAL ao término do estudo, considerando o cronograma estabelecido e atendendo à Resolução CNS nº510/2016.

Att,

Elizabete Helbig

Coordenadora do CEP/ESEF/UFPEL

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1803629.pdf	25/08/2022 11:15:38		Aceito
Outros	cartarespostaapendencias25082022.pdf	25/08/2022 11:15:18	Pedro Rodrigues Curi Hallal	Aceito
Outros	Roteiro_de_Entrevista_20220812.pdf	18/08/2022 14:28:32	Pedro Rodrigues Curi Hallal	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE09042022.pdf	26/05/2022 11:18:16	Pedro Rodrigues Curi Hallal	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetocomadequacoes.pdf	26/05/2022 11:17:50	Pedro Rodrigues Curi Hallal	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_e_declaracao_sei.pdf	26/05/2022 11:17:08	Pedro Rodrigues Curi Hallal	Aceito
Outros	cartarespostaapendencias.pdf	26/05/2022 11:16:45	Pedro Rodrigues Curi Hallal	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Luis de Camões, 625 prédio da direção da ESEF sala do CEP ESEF s/n ao lado da sala da recepção
Bairro: Tablada **CEP:** 96.055-630
UF: RS **Município:** PELOTAS
Telefone: (53)3284-4332 **E-mail:** etica.esef@ufpel.edu.br

UFPEL - ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PELOTAS



Continuação do Parecer: 5.682.666

PELOTAS, 04 de Outubro de 2022

Assinado por:
ELIZABETE HELBIG
(Coordenador(a))

Endereço: Luis de Camões, 625 prédio da direção da ESEF sala do CEP ESEF s/n ao lado da sala da recepção
Bairro: Tablada **CEP:** 96.055-630
UF: RS **Município:** PELOTAS
Telefone: (53)3284-4332 **E-mail:** etica.esef@ufpel.edu.br